



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**NAZARÉ CARVALHO E A CIRCULAÇÃO DE PRÁTICAS EDUCATIVAS NA
TV SERGIPANA (1971-1979)**

RÍSIA RODRIGUES SILVA MONTEIRO

**SÃO CRISTÓVÃO (SE)
2016**

RÍSIA RODRIGUES SILVA MONTEIRO

**NAZARÉ CARVALHO E A CIRCULAÇÃO DE PRÁTICAS EDUCATIVAS NA
TV SERGIPANA (1971-1979)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação, Linha de Pesquisa: “História, Sociedade e Pensamento Educacional”.

Orientador: Prof. Dr. Joaquim Tavares da Conceição

**SÃO CRISTÓVÃO (SE)
2016**

À minha mãe, Oneide, que sempre soube falar lindamente
Ao meu pai, Manoel Silva (*in memorian*), porque além de falar bem sabia ouvir

À minha avó Maria de Nazaré (*in memorian*), pelo amor aos livros e à escrita
À minha avó Maria Francisca (*in memorian*), pela alegria, doçura e afeto

À “tia Nazaré” e
Aos “sobrinhos da tia Nazaré”

A todos que me ajudaram a escrever esta história.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é sempre bom. É lembrar mais uma vez o quanto fomos ajudados pelo outro.

Inicialmente quero agradecer ao Prof. Dr. Jorge Carvalho do Nascimento, meu orientador num primeiro momento, pela generosidade em me apresentar e sugerir objeto de pesquisa tão rico. Foi dele a percepção da necessidade de estudos sobre a circulação e historicidade de práticas educativas nos meios televisivos sergipanos e, sobretudo, da atuação de Nazaré Carvalho nos programas dedicados ao público infantojuvenil. A ele, à Prof.^a Dr.^a Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas e à Prof.^a Dr.^a Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento devo muito do meu retorno à academia. Obrigada pelo incentivo, orientações para leituras, por me receberem tão bem nos grupos de estudo e pela atenção sempre dispensada.

Em seguida meus agradecimentos vão para quem me guiou durante a pesquisa, o meu orientador Prof. Dr. Joaquim Tavares da Conceição. Acadêmico criterioso, competente, estudioso, exigente, e também compreensivo e gentil, sempre disposto a ouvir, ponderar, orientar e ajudar. Quem mergulha no campo da pesquisa sabe o valor que o (a) orientador (a) assume nas nossas vidas de aprendizes. Os meus acertos credito a ele principalmente.

Agradeço a todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe (PPGED). Muito obrigada à Prof.^a Dr.^a Verônica dos Reis Mariano Souza, firme nos ensinamentos e doce no jeito de ser; obrigada à Prof.^a Dr.^a Josefa Eliana de Souza, por ter participado da minha banca de qualificação e ter sugerido ajustes importantes.

Obrigada a todos os meus colegas de mestrado. Aprendi muito com todos vocês. Turma animada e focada nos estudos, porque academia é lugar de pesquisas, conhecimento e descobertas, mas isso não inviabiliza a alegria. Como esquecer os debates sobre as leituras feitas, o bom astral e as costumeiras comemorações por tudo?!

Minha profunda gratidão à comunicadora Nazaré Carvalho, que foi de extrema gentileza e atenção durante os nossos vários encontros. Obrigada à Terezinha e Marcos Fellipe, a mãe de vocês é incrível! **A todos os 68 entrevistados nesta pesquisa, sinceros agradecimentos.** Agradeço à dona Idalina Campos, através dela pude conhecer os passos de Luiz Carlos Campos (*in memoriam*), pioneiro na estruturação da TV Sergipe. Obrigada a Dida Araújo, jornalista competente e sensível, que entende que preservar a memória da imprensa sergipana é preservar também a história de Sergipe, e que essa pode ser uma tarefa de todos nós. Seu trabalho, e de toda a sua equipe, sobre os primeiros 35 anos da TV Sergipe foi fundamental para minha pesquisa.

Obrigada aos parceiros de trabalho. Obrigada ao Prof. Dr. Paulo Rafael Monteiro, Adênia Andrade, Maryele Santos e Rosilene Pimentel, amigos da Faculdade Estácio de Sergipe. E por fim, e não menos importante, agradeço à minha família, sem a qual esse percurso seria difícil. Sou grata ao meu companheiro de caminhada Adiberto de Souza e aos meus filhos Artur e Lucas, sempre tão compreensivos, suportando bravamente as minhas ausências e a minha célebre resposta para tudo: “só depois que eu concluir o mestrado”.

Obrigada às amigas e amigos que nunca medem esforços para ajudar e vibram com nossas conquistas. Carmen Pimentel, você é incrível, obrigada pelas leituras, sugestões e correções. Obrigada, Maria Dantas; Socorro Lima; Nayara Oliveira; Márcia Terezinha Cruz; Prof.^a Dr.^a Terezinha Oliva; Neuza Sales, professora e amiga; Ariadna Guimarães, Iara Lins, Nadja Piautinga, meu trio preferido; Rita Mara Gero Boriero e Suzete Porto Vidal, que fazem parte da minha história; Keila Tavares; Luciano Correia, pela inspiração; Alda Maria Santos, Aldaci de Souza, dona Maria de Souza, seu Adalberto de Souza (*in memorian*); Manoel Silva Júnior; Sílvia de Oliveira (*in memorian*); Lina Rodrigues, a melhor irmã que alguém pode ter; Ana Paula Costa e Tiago Vicente, irmãos escolhidos; Ana Valéria Mendonça; mestres Raymundo Luiz, Luiz Eduardo Costa, Jairo Alves e Ronaldo Moreira; Gilvan Fontes; Victor Amaral, Vilder Santos; Prof. José Sebastião dos Santos e equipe da Faculdade Pio Décimo; Clara Correia e equipe do Colégio Dom José Thomaz; Edwilma Santos; Luana Luduvic; Samira Caduda; Brenda Arysia; Karineia Helena; Lígia Fontes; Lígia Oliveira, Ari Villaça, sempre tão solícito; Kimberly Witzel Pichot, Kitty Witzel, família Witzel; Cosntanza Cialdea; Paulla Azevedo; Wagner Melo; Ikaro Barreto; família Narandas, “*noutamalelane amuzaga wa Moçambique*” (“obrigada a minha família de Moçambique”, em echuabo); amigos do Jornal da Cidade, TV Atalaia, TV Sergipe, Rádio Cultura, Rádio Jornal...

Aqui não cabem todos os nomes que eu gostaria de citar; mas creiam, vocês todos que fazem parte dessa conquista cabem no meu coração. Muito obrigada.

RESUMO

Esta dissertação é uma abordagem histórica em que se investigou a atuação da comunicadora Nazaré Carvalho em programas televisivos dedicados ao público infantojuvenil veiculados por emissoras de televisão sergipana, no período de 1971 a 1979. A apresentadora, na década de 1970, era detentora de significativos índices de audiência nas televisões locais, através da apresentação dos programas Clube Júnior (TV Sergipe – de 1971 a 1974) e Nosso Mundo Infantil (TV Atalaia – a partir de 1975), nos quais colocava em circulação diversas práticas educativas. Buscou-se com este estudo entender a contribuição da apresentadora para a transmissão de práticas educativas para crianças e adolescentes da década de 1970 no estado. Trata-se de uma pesquisa documental que utiliza como fontes principais jornais, fotografias, vídeos e registros orais. As memórias, com suas singularidades, semelhanças e contradições, assumiram papel importante na reconstrução da trajetória e atuação profissional de Nazaré Carvalho, a “tia Nazaré”, como era conhecida, principalmente diante da precariedade dos arquivos das televisões locais, em especial a escassez de material relativo à fase de implantação das TVs e dos programas outrora veiculados. A abordagem é feita numa perspectiva da história cultural, levando em conta as apropriações e representações postas em circulação nos programas apresentados pela jornalista e radialista Nazaré Carvalho. Bourdieu, Chartier, Le Goff, Kossoy, Bosi, Thompson, Halbwachs e Pollak são tomados como principais referenciais. A pesquisa considerou três aspectos principais. O primeiro trata da chegada da televisão no Brasil e em Sergipe. O segundo aborda a trajetória de vida de Nazaré Carvalho e sua inserção no campo da comunicação. O terceiro dá conta dos conteúdos veiculados pela apresentadora nos programas infantis. As emissoras de TVs sergipanas, logo nos seus primeiros programas infantis, ao passo que procuravam entreter e garantir audiência acabaram também por inculcar diversos conteúdos educativos.

Palavras-chave: Educação. Nazaré Carvalho. Programação Infantojuvenil. Sergipe. Televisão.

ABSTRACT

This dissertation is an historic approach that seeks to investigate the performance of the communicator Nazaré Carvalho on TV shows dedicated to the infant juvenile audience aired by sergipan's tv broadcasters during the period from 1971 to 1979. The TV holster, on the decade of 1970, was the owner of significative rates of the audience on local TVs, trough the presentation of the Junior Club Show (TV Sergipe – from 1971 to 1974) and Our Children's World Show (TV Atalaia – from 1975), on which putted in circulation lots of educational practice. This study pretends to attempt the contribution of the TV holster for the transmission of educational practice for children and teenagers from the decade of 1970 on the state. This documental research uses as sources mains books, news papers, photographs, videos e oral registers. The memories, with the singularities, resemblance and contradictions, took over the important paper on the reconstruction of the trajectory and professional actuation of Nazaré Carvalho, the “aunt Nazaré”, as she was known, mostly in front of the precariousness of the local TVs files, in special the scarcity of the material regarding to the implantation of the TVs and shows aired. The approach is done by the cultural historical perspective, taking in consideration the appropriations and representations put in circulation on the shows holsted by the journalist and announcer Nazaré Carvalho. Bourdieu, Chartier, Le Goff, Kossoy, Bosi, Thompson, Halbwachs e Pollak are taken as the mains referential. The research considered three main aspects. The first one it's about the arrival of the television on Brazil and Sergipe. The second one approach the trajectory of the Nazaré Carvalho's life and her beginning on the communication field. The third one display the aired contents for the holster on the children's show. The broadcasters of sergipanas's TV, right on its firsts children's shows, while seeking entertain and ensure audience ended also engrain several educational contents.

Keywords: Education. Nazaré Carvalho. Children's Programming. Sergipe. Television.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Primeira publicidade sobre a televisão no Brasil veiculada na Revista <i>Seleção Reader's Digest</i> Jan.1944.....	37
Figura 2: Primeiras logomarcas da TV Tupi Difusora de São Paulo.....	41
Figura 3: Chamada para próxima atração -TV Tupi.....	42
Figura 4: Vinheta de encerramento da programação da TV Tupi.....	42
Figura 5: Vinhetas da TV Excelsior décadas de 1960 e 1970.....	43
Figura 6: Televisores disponibilizados para o público interessado – São Paulo (1960).....	45
Figura 7: Fotos publicitárias no Brasil sobre televisores da década de 1950.....	45
Figura 8: Publicidade da Sorveteria, Restaurante e Churrascaria Yara (1969).....	49
Figura 9: Publicidades de cinemas em jornais de Sergipe na década de 1960.....	50
Figura 10: Registro do 1º Seminário de Educação da Universidade Federal de Sergipe (UFS) na Gazeta de Sergipe (1969).....	57
Figura 11: Anúncio das Lojas Diamante.....	61
Figura 12: Anúncio da Eletrolar	61
Figura 13: Anúncio da Movelaria Brasileira.....	61
Figura 14: Apresentação na Praça Olímpio Campos de como funcionaria a TV Sergipe (196?).....	63
Figura 15: Estande de venda de ações da TV Sergipe na Praça Olímpio Campos (196?).....	64
Figura 16: Erotildes Vieira, uma das “acionistas” da fase de implantação da TV Sergipe (200?) rememorando a compra de ação.....	65
Figura 17: Ação de titularidade da Rádio e Televisão de Sergipe S.A. (200?).....	65
Figura 18: Crítica com humor sobre a demora para chegada dos equipamentos da TV Sergipe ou a anedótica tentativa de compra de aparelhos receptores em São Paulo (1971)...	67
Figura 19: Jornal registra a chegada de equipamentos da TV Sergipe (1971).....	68
Figura 20: Solenidade de inauguração da TV Sergipe (1971).....	69
Figura 21: “Tia Nazaré” em visita ao Colégio Pequeno Escolar (1972).....	74
Figura 22: O apresentador Rosendo Ribeiro recebendo crianças no programa “Cantina da Alegria”- TV (197?).....	77
Figura 23: Maria Nazaré de Carvalho (1950).....	78
Figura 24: Fotografia do cadastro de admissão de Maria Nazaré de Carvalho na Rádio Cultura de Sergipe (1967).....	82

Figura 25: Fotografia do Dossiê Escolar da aluna Maria Nazaré de Carvalho no Colégio Dom José Thomaz (1971).....	85
Figura 26: Divulgação da estreia de Nazaré Carvalho na Rádio Atalaia AM (1971).....	86
Figura 27: Nazaré Carvalho durante evento em clube de Aracaju	88
Figura 28: Nazaré posa para produção de vinhetas – TV Sergipe (197?).....	90
Figura 29: Nazaré Carvalho e Jairo Alves no palco do “Carrossel Infantil” (196?).....	93
Figura 30: Nazaré Carvalho apresenta concurso de Carnaval na TV Sergipe (197?).....	96
Figura 31: Nazaré Carvalho durante a apresentação do concurso Rainha da Laranja – Boquim/SE (1975).....	97
Figura 32: Nazaré Carvalho apresenta uma candidata ao título de Rainha da Laranja de Boquim (1975).....	98
Figura 33: Nazaré Carvalho jurada de programa de auditório na TV Sergipe (197?).....	100
Figura 34: Nazaré Carvalho posa para vinheta do “Clube Júnior” (197?)	108
Figura 35: Jornal da Cidade anuncia o retorno de Nazaré Carvalho à televisão (1975).....	110
Figura 36: Inauguração da TV Atalaia (1975).....	111
Figura 37: O palhaço Cacareco no programa “Nosso Mundo Infantil” (1976).....	113
Figura 38: Festa no “Nosso Mundo Infantil” - TV Atalaia (197?).....	115
Figura 39: Crianças durante apresentação no “Nosso Mundo Infantil” (197?).....	118
Figura 40: Manda Chuva e sua Turma do Beco.....	125
Figura 41: Zé Colmeia e Catatau.....	125
Figura 42: O astuto Pica-Pau	127
Figura 43: Ficção em dois tempos: Flinstones e Jetsons.....	128
Figura 44: O Gato Corajoso e o Rato Minuto.....	129
Figura 45: Escola Santa Joana D’Arc no “Nosso Mundo Infantil”/TV Atalaia (1976) Cena 1.....	135
Figura 46: Escola Santa Joana D’Arc no “Nosso Mundo Infantil”/TV Atalaia (1976) Cena 2.....	136
Figura 47: Escola Santa Joana D’Arc no “Nosso Mundo Infantil”/TV Atalaia (1976) Cena 3.....	137
Figura 48: Troféu Gincana Cultural Programa “Nosso Mundo Infantil” TV Atalaia Vencedor Colégio Frei Anselmo.....	141
Figura 49: Sorteio de uma Monark Tigrão no “Clube Júnior” – Outubro de 1973.....	146
Figura 50: “Tia Nazaré” entrevista a Miss Sergipe Mirim (197?).....	147

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Mapeamento de pesquisas relacionadas com o objeto deste estudo identificadas no Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).....	15
Quadro 2- Mapeamento da abordagem sobre gênero e mulheres no Congresso Brasileiro de História da Educação (CBHE) - 2000 a 2011.....	17
Quadro 3- Mapeamento de artigos relacionados com o objeto desta pesquisa identificados nos anais do Congresso Brasileiro de História da Educação (CBHE) - 2002 a 2015.....	17
Quadro 4- Entrevistados grupo 1- Apresentadora, amigos, familiares, ex-colegas de profissão e outros.....	25
Quadro 5- Entrevistados grupo 2- Ex-participantes e ex-telespectadores dos programas infantis.....	28
Quadro 6- Emissoras comerciais de TV em operação no Brasil licenciadas até 1976.....	46

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	A CHEGADA NO BRASIL DA “MAIS SUBVERSIVA MÁQUINA DE INFLUIR”.....	34
2.1	EDUCAÇÃO, INFÂNCIA E TELEVISÃO.....	34
2.2	O PRENÚNCIO DA IMPLANTAÇÃO DA TV NO BRASIL.....	36
2.3	A “CAIXA MÁGICA” CHEGA AO BRASIL.....	39
2.4	E PARA AS CRIANÇAS, O QUE TINHA NA “CAIXA”?.....	41
2.5	A LENTA POPULARIZAÇÃO DA TV NO BRASIL.....	44
2.6	ARACAJU DOS ANOS 70.....	48
2.7	SERGIPE ENTRA NA ERA DA TELEVISÃO.....	59
2.8	PRIMEIROS REGISTROS DE PROGRAMAÇÃO INFANTIL NA TV SERGIPANA	75
3	A TRAJETÓRIA DE VIDA DE NAZARÉ CARVALHO – DE MARIA NAZARÉ A “TIA NAZARÉ”.....	78
3.1	FAMÍLIA, FORMAÇÃO ESCOLAR E TRABALHO.....	78
3.2	NAZARÉ CARVALHO NO RÁDIO – “BOA TARDE, MADAME”!.....	81
3.3	NAZARÉ CARVALHO NA TV.....	89
3.4	OS PROGRAMAS INFANTIS DE AUDITÓRIO: A ESCOLA NO RÁDIO.....	92
3.5	O LUGAR DAS MULHERES NA IMPRENSA SERGIPANA NA DÉCADA DE 70	95
4	OS PROGRAMAS “CLUBE JÚNIOR” E “NOSSO MUNDO INFANTIL” EDUCAÇÃO E ENTRETENIMENTO.....	107
4.1	“CLUBE JÚNIOR”.....	107
4.2	INAUGURAÇÃO DA TV ATALAIA E A VOLTA DA “TIA NAZARÉ”.....	110
4.3	PROGRAMAÇÃO INFANTIL NO NOVO CANAL- “NOSSO MUNDO INFANTIL”	112
4.4	MÚSICA NO AR “CRIANÇA FELIZ, FELIZ A CANTAR”.....	118
4.5	DESENHOS- “MANDA CHUVA, O CHEFE, CHEGOU”.....	124
4.6	SHOW DE TALENTOS E A ESCOLA NA TV E AS GINCANAS	131
4.6.1	As gincanas Culturais- Quem Sabe Responde.....	139
4.7	CRIANÇA BRINCA, SE DIVERTE E “VENDE”.....	145
4.8	E QUEM GANHOU COM TUDO ISSO?.....	148

5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	151
----------	----------------------------------	------------

	REFERÊNCIAS.....	157
--	-------------------------	------------

1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação é o resultado da pesquisa que investigou práticas educativas postas em circulação em emissoras de televisão sergipanas, tomando como objeto a atuação da comunicadora Nazaré Carvalho¹ nos programas televisivos dedicados ao público infantojuvenil exibidos na década de 1970.

Apresentando os programas Clube Júnior (TV Sergipe - 1971 a 1974) e Nosso Mundo Infantil (TV Atalaia - a partir de 1975²), Maria Nazaré de Carvalho foi detentora de significativos índices de audiência nas televisões locais, encantando, divertindo e fazendo uso de diversas práticas educativas. Desse modo, sabendo-se que a educação se dá em outros níveis, que não apenas o escolar, este estudo investigou a circulação de práticas educativas em programas televisivos apresentados por Nazaré Carvalho. O trabalho foi norteado pelas seguintes questões iniciais: o que teria levado as TVs sergipanas, logo na fase de suas respectivas implantações, a investirem nos programas infantis? Como esses programas eram produzidos e realizados? Além do fator entretenimento, eram pensadas questões educativas? Teria Nazaré Carvalho, a “tia Nazaré”, como era conhecida, a intenção de educar? E quais foram as práticas educativas utilizadas pela comunicadora? A partir desses questionamentos, a investigação se propôs a explorar a hipótese de que Nazaré Carvalho difundiu, por meio de programas televisivos, práticas educativas.

O recorte temporal desta pesquisa está demarcado entre os anos de 1971 a 1979 e leva em conta as apropriações e representações postas em circulação nos programas apresentados pela comunicadora Nazaré Carvalho. Apropriações aqui tomadas no entendimento de Chartier (1990, p. 26), as quais têm “por objetivo uma história social das interpretações, remetidas para as suas determinações fundamentais (que são sociais, institucionais, culturais) e inscritas nas práticas que as produzem” dispensando atenção especial às condições e aos processos de construção do sentido. Também é do mesmo autor o conceito de representações que essa investigação faz uso. “As representações não são simples imagens verdadeiras ou falsas, de uma realidade que lhes seria externa; elas possuem uma energia própria que leva a crer que o mundo ou o passado é, efetivamente, o que dizem que é” (CHARTIER, 2009, p.51-52).

¹ O nome de registro de nascimento da apresentadora é Maria Nazaré de Carvalho. Profissionalmente ela adotou o nome Nazaré Carvalho. Pelas crianças, principalmente, passou a ser chamada de “tia Nazaré” ou “titia Nazaré”.

² No Departamento de Recursos Humanos da TV Atalaia, consta que Nazaré, registrada com o número 110, foi admitida em 01.04.1974 e desligada em 03.11.1992. Inicialmente, como anunciadora e locutora apresentadora. A partir de 1981 assumiu também a função de locutora noticiaria de televisão.

O ano de 1971 foi escolhido como marco inicial, haja vista seu significado na trajetória de Nazaré Carvalho como apresentadora de televisão. Nesse ano, foi levado ao ar, na TV Sergipe, o primeiro programa infantil da televisão sergipana: o “Clube Júnior”. O programa permaneceu na grade da emissora até 1974, quando Nazaré Carvalho deixou a TV Sergipe. A apresentadora foi convidada para fazer parte da TV Atalaia, emissora que foi inaugurada em 1975. O marco final, o ano de 1979, deve-se ao fato de, nesse período, Nazaré Carvalho ter consolidado sua carreira de apresentadora de programas infantis em Sergipe.

Na revisão bibliográfica geral, constatou-se a carência de estudos sobre a veiculação de conteúdos educativos na televisão local e/ou a respeito da atuação da comunicadora Nazaré Carvalho. Na historiografia educacional sergipana, não foi identificada nenhuma pesquisa interessada na circulação e historicidade de práticas educativas nos meios televisivos sergipanos e, sobretudo, da atuação de Nazaré Carvalho como educadora em programas televisivos dedicados ao público infantojuvenil. Corroborando essa afirmativa, Nascimento (2003), em seu livro *Historiografia Educacional Sergipana: uma crítica aos estudos de História da Educação*, apresenta um levantamento das pesquisas historiográficas em Educação realizadas no estado, no período de 1916 a 2002. As temáticas abordadas são diversificadas³, mas nenhum trabalho inclui a investigação ou historicidade de práticas educativas veiculadas por meio da TV sergipana.

No Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe, foram identificadas três dissertações que incluem a televisão em suas abordagens. Todas lançam o olhar sobre a inclusão da TV, mais precisamente do vídeo, como ferramenta educativa nas escolas⁴. Nessas, contudo, é tratada a educação “com” a utilização da televisão e não “na” televisão, que foi a proposta desta pesquisa.

A revisão bibliográfica também investigou a produção do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Sergipe (UFS), uma vez que Nazaré Carvalho foi uma das primeiras radialistas e jornalistas do estado. No curso de Radiojornalismo, foi identificado o projeto radiofônico experimental “Linhas de Expressão” (2007)⁵. No trabalho, foi feita uma retrospectiva do rádio no estado, e Nazaré é citada como locutora. A presente pesquisa obteve

³ Os estudos elencados por Nascimento tratam de ensino público, programas de política educacional, salas de leitura, alfabetização, organização de redes municipais, ocupação de espaços políticos no aparelho do Estado, Movimento de Educação de Base, cotidiano escolar, estudos biográficos, movimento sindical, movimento estudantil universitário, história das instituições, ensino de disciplinas específicas, entre outros. Mais detalhes consultar Nascimento (2003).

⁴ São elas: “A experiência do vídeo escola em Aracaju”, de Ronaldo Linhares Nunes (1997); “Curso de TV na escola e os desafios de hoje – sua materialização em Sergipe”, de Andrea Karla Ferreira Nunes (2003), e “Educação Ambiental: uma análise dos vídeos do Programa TV Escola”, de Fábio Costa Figueirôa (2004).

⁵ O Projeto Experimental Linhas de Expressão foi coordenado pelo professor Sebastião de Sá, do curso de Radiojornalismo da Universidade Federal de Sergipe (UFS), (2007).

ainda informações a respeito do trabalho de conclusão de curso do aluno Anderson Muniz de Santana (1999), intitulado “O surgimento da TV em Sergipe⁶”. Nele, segundo o próprio autor, foi abordada a trajetória de Nazaré Carvalho no rádio e na televisão sergipana. No entanto, a referida monografia não foi localizada nos arquivos do Departamento de Comunicação da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

Como apresentadora dos primeiros programas infantis na televisão sergipana, a única referência bibliográfica que menciona Nazaré Carvalho, identificada nesta pesquisa, foi feita pelo jornalista Osmário Santos:

[Nazaré Carvalho] foi da equipe fundadora da TV Sergipe. [...] Com a inauguração da emissora, assumiu Luís Carlos Campos a direção artística. Acreditando no talento de Nazaré, ele deu condições para que ela fosse fazer cursos em Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo. No retorno, com uma outra visão sobre televisão, recebeu de Luís Carlos o convite para fazer o programa infantil “Clube Júnior” [...]. Também foi fundadora da TV Atalaia, quando foi fazer o programa “O Mundo Infantil”⁷ (SANTOS, 2002, p. 649).

Em nível nacional, também não se constatou a existência de pesquisas no campo da História da Educação que tenham privilegiado o estudo da atuação de educadores na TV e/ou a circulação de práticas educativas nesse veículo de comunicação. Das 146 dissertações e teses geradas nos programas de Pós-Graduação em Educação, no período de 1972 a 1988, analisadas por Bontempi Júnior (1995), nenhuma se ocupou da educação na televisão⁸. Segundo o pesquisador, a escolha ou “esquecimento” de determinados temas para pesquisa tem suas motivações. Lembra Bontempi Júnior:

A liberdade de escolha do historiador não é absoluta nem atemporal, e mesmo o estabelecimento de critérios universais não escapa à historicidade. Se, por exemplo, uma disciplina estabelece em uma determinada época, rígidos critérios “científicos” para cercar as escolhas, numa época posterior, de acordo com outras convenções, essa margem de liberdade pode vir a ser mais larga ou mais estreita (BONTEMPI JÚNIOR, 1995, p.15).

Avançando um pouco mais no tempo, de 2011 a 2012, no Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), foram identificadas 25 dissertações e teses que, mesmo não tratando da atuação de uma comunicadora

⁶ A referida produção consta no Currículo Lattes do autor como trabalho de conclusão de curso de Radialismo e Televisão da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Anderson Muniz de Santana informou que a monografia foi apresentada em formato impresso e vídeo (VHS). O autor não conservou uma cópia do trabalho.

⁷ O nome correto do programa é Nosso Mundo Infantil.

⁸ Na abrangência da História da Educação Bontempi destaca que sistemas de ensino/políticas educacionais e pensamento educacional foram os temas mais visitados, seguidos por ensino superior/universidade e Educação popular. Constam ainda no levantamento estudos sobre Educação e trabalho, profissionais da Educação, temas pedagógicos, instituições escolares, entre outros. Mais detalhes ver Bontempi Júnior (1995).

como educadora infantil na televisão, abordam temáticas e objetos relacionados a este estudo. Adotou-se, portanto, nesta pesquisa, a flexibilização de fronteiras com outras áreas do conhecimento. Das 25 dissertações, foram selecionadas 12 (listadas no quadro 1 a seguir) com as quais se dialogou, de alguma forma, ao longo da pesquisa. Elas versam sobre televisão, desenhos animados, ética na TV, educação informal para consumo, gincanas escolares, desenhos infantis, cultura lúdica infantil, entretenimento, educação musical e representações sobre a educadora infantil. Das 12 pesquisas escolhidas para diálogo, oito são da área da Educação, três de Música e uma da Comunicação e Cultura. Afinal, como lembra Brandão (1999), p. 183): “Não se progride hoje em quase nenhum campo científico sem a interlocução com áreas circunvizinhas” (p. 183). A interdisciplinaridade é positiva desde que os fundamentos dos campos com os quais se pretende discutir sejam apropriados pelo pesquisador.

Quadro 1 - Mapeamento de pesquisas relacionadas com o objeto deste estudo identificadas no Banco de Teses e Dissertações da Capes

Nº	Autor	Título/ano	Programa/ Área	Instituição
01	Elizabeth Lannes Bernandes	Crianças, televisão e brincadeiras: uma das histórias possíveis. 2011	Doutorado em Educação	Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
02	Raquel Firmino Magalhães Barbosa	Influências brincantes: um estudo sobre a cultura lúdica infantil e o desenho animado. 2011	Mestrado em Educação	Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT)
03	Liliam Keidinez Bachete da Conceição Rabassi	Brincadeiras cantadas: uma intervenção pedagógica para a construção da estrutura rítmica binária. 2011	Mestrado em Educação	Universidade Estadual de Maringá (UEM)
04	Elias Souza dos Santos	Educação musical escolar em Sergipe: uma análise das práticas da disciplina canto orfeônico na Escola Normal de Aracaju (1934-1971). 2012	Mestrado em Educação	Universidade de São Paulo (USP)
05	Dianni Pereira de Oliveira	Desenhos animados e desenhos infantis: relações de experiência e memória. 2012	Mestrado em Educação	Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)
06	Kátia Cristina Fernandes Farias	As concepções das crianças sobre uma boa professora de Educação Infantil. 2012	Mestrado em Educação	Universidade Federal do Ceará (UFC)
07	Affonso Henriques da Silva Real Nunes	A Educação informal para o consumo infantil e juvenil na televisão e na mídia. 2011	Doutorado em Educação	Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)
08	Carolina Chaves Gomes	O ensino de música na Educação Infantil da cidade de Natal: concepções e práticas docentes. 2011	Mestrado em Música	Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

...continuação

Nº	Autor	Título/ano	Programa/ Área	Instituição
09	Mirtes Lia Pereira Barbosa	Cuide da Saúde: aprendendo a ser saudável com agendas e gincanas Escolares. 2012	Doutorado em Educação	Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRS)
10	Rosa Maria Ribeiro	Música na Educação Infantil: um mapeamento das práticas pedagógicas musicais na rede municipal de ensino de Belo Horizonte. 2012.	Mestrado em Música	Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
11	Marco Aurélio Cardoso de Souza	As cantigas de roda na Creche Jardim Felicidade - cenário vivo para o exercício do olhar: um estudo autoetnográfico. 2011	Mestrado em Música	Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
12	Cristiane Giglio Lamas	Desenho animado: entretenimento, ideologia e cultura de massa. 2012	Mestrado em Comunicação e Cultura	Universidade de Sorocaba (UNISO)

Fonte: Elaborado pela pesquisadora a partir de levantamento (CAPES).

Para além do diálogo com pesquisas identificadas como pertinentes a este estudo no Banco de Teses e Dissertações da Capes, esta investigação buscou também os anais dos congressos realizados pela Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE) no período de 2002⁹ a 2015. Foram lidos todos os resumos de comunicações individuais com títulos relacionados com o objeto desta pesquisa. Em seguida, foi realizada a leitura completa dos artigos referentes aos resumos considerados pertinentes a esta investigação. Entre as comunicações das sete edições do Congresso Brasileiro de História da Educação (CBHE) pesquisadas, apenas um artigo abordou a temática “circulação de práticas educativas em programas infantis televisivos”. O trabalho em questão, intitulado “Nazaré Carvalho e a Educação infantojuvenil na TV Sergipana (1971-1976)”, foi o resultado parcial desta pesquisa apresentado no CBHE realizado em agosto de 2015, em Maringá-PR, de Rísia Rodrigues Silva Monteiro e Joaquim Tavares da Conceição – Universidade Federal de Sergipe (UFS).

A despeito da carência da apresentação de estudos sobre o objeto desta pesquisa nos congressos da SBHE, outros trabalhos relacionados com essa investigação foram identificados. No levantamento feito, destaca-se o artigo “Gênero e Mulheres nos Congressos Brasileiros de História da Educação”, de 2013, de Iran de Maria Leitão Nunes, da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), que revela, com base nos anais dos seis CBHE realizados até 2011, que as temáticas “mulher” e “gênero” estavam presentes em diversas abordagens como indica o quadro 2 apresentado a seguir.

⁹ Embora o primeiro CBHE tenha sido realizado em 2000, não foram disponibilizados no site da SBHE os arquivos com as comunicações apresentadas na primeira edição.

Quadro 2 - Mapeamento da abordagem sobre gênero e mulheres no CBHE - 2000 a 2011

CBHE	Ano	Local	Eixo
I	2000	RJ	Gênero e Etnia
II	2002	RN	Relações de Gênero e Educação Brasileira
III	2004	PR	Gênero e Etnia e Educação escolar
IV	2006	GO	Gênero e Etnia na História da Educação Brasileira
V	2008	SE	Movimentos Sociais, Geração, Gênero e Etnia na História da Educação
VI	2011	MT	Não houve GT de gênero

Fonte: CBHE (2013).

Apenas o VI CBHE não trouxe o tema “gênero” incluído entre os eixos de trabalhos apresentados. Nos demais, o estudo de gênero esteve presente, seja como tema exclusivo (II CBHE), seja incluso em outros eixos. Entre as abordagens, constaram 150 estudos que versaram sobre: mulheres (49), professoras (29), instituições femininas de ensino (21), história de vida de professoras (25) e outros (26) sobre sexualidade, corpo e imprensa feminina no âmbito da educação (NUNES, 2013). Nos anais do CBHE, também foram identificados outros artigos relacionados com a temática desta investigação que tratam de infância, Educação Infantil, rádio e Educação na modernidade, indústria cultural e fotografia como fonte. Esses trabalhos trouxeram ainda contribuições significativas quanto à abordagem histórico-cultural, categorias e referenciais teóricos, trato com as fontes, identidade, entre outras. No quadro a seguir (quadro 3), estão relacionados os 32 artigos que, de alguma forma, contribuíram na construção dessa pesquisa. Mesmo quando não citados textualmente deram importante suporte a essa investigação.

Quadro 3 - Mapeamento de artigos relacionados com o objeto desta pesquisa identificados nos Anais do CBHE - 2002 a 2015

Nº	Autor	Título/ano Congresso	Instituição
01	Cândida Gomide Paixão	O uso da fotografia como fonte para o estudo da História da infância. 2002	Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
02	Gladys de França Vieira/ Marlúcia Menezes de Paiva	O papel da professora-locutora das escolas radiofônicas da arquidiocese de Natal (1958-1960). 2002	Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)
03	Berta Weil Ferreira/ Lenira Weil Ferreira	História das Mulheres: o processo de identidades. 2002	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS)
04	Diva do Couto Gontijo Muniz	Gênero e Educação: corpos e comportamentos modelados em formas civilizadas e forjas generalizadas. 2002	Universidade de Brasília (UnB)

...continuação

Nº	Autor	Título/ano Congresso	Instituição
05	Cristina Almeida Valença	Educação feminina na escola Normal: entre normas e práticas. Aracaju 1900-1932. 2002	Universidade Federal da Bahia (UFBA)
06	Ilane Ferreira Cavalcante/Maria Arisnete Câmara de Moraes	Amor e sexualidade na Revista Realidade nas décadas de 1960 e 1970.2002	Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)
07	Flávio Couto e Silva Oliveira	A infância na pauta da República: moralidade, civismo e eugenia nas canções escolares em Minas Gerais na 1ª metade do século XX. 2004	Não consta a instituição de origem
08	Stela Cabral de Andrade/Cyntia Greive Veiga	A condição de ser mulher civilizada na Revista a Mãe de Família. 2004	Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
09	Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas	Professoras sergipanas em busca de ascensão profissional: por entre táticas e estratégias (1960-1980). 2004	Universidade Federal de Sergipe (UFS)
10	Michelle Pereira Silva/Geraldo Inácio Filho	Modernidade e educação feminina: as construções históricas de uma educação negada. 2004	Universidade Federal de Uberlândia (UFU)
11	Vera Lúcia Gomes Jardim	A formação de professores para as práticas musicais do Jardim de Infância- Prescrições, orientações e o ensino da música nas escolas normais de SP na 1ª República. 2006	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)
12	Bernadete de Loudes Streisky Strang	Intelectuais na imprensa: contrastes, ideologias e significações nas crônicas de educação de Cecília Meireles. 2006	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ)
13	Sônia Pinto Albuquerque Melo/ Anamaria Gonçalves Bueno Freitas	Instituto de Educação Rui Barbosa- IERB: Feminização do magistério em Sergipe (1911- 1969). 2008	Universidade Federal de Sergipe (UFS)
14	Nádia G. Gonçalves	Para além da reprodução: possibilidades e contribuições de Bourdieu para a história da Educação. 2008	Universidade Federal do Paraná (UFPR)
15	Milena Aragão/ Lúcio Kreutz	Educação Infantil e cotidiano: representações, práticas educativas e formação docente. 2011	Universidade de Caxias do Sul (UCS)
16	Ieda Maria Leal Vilela	Ofenísia Soares Freire: professora, escritora e jornalista sergipana – uma intelectual da Educação (1941-1966). 2011	Universidade Federal de Sergipe (UFS)
17	Rosemeire Messa de Souza Nogueira	A educação Infantil no Brasil (1870-1920). 2011	Universidade Federal de Grande Dourados (UFGD)
18	Valéria Pall Oriane	As mulheres e o magistério: algumas contribuições para história da Educação. 2011	Universidade Estadual Paulista (UNESP) Marília
19	Vera Maria dos Santos/ Simone Silveira Amorim	O lugar do feminino no ensino de primeiras letras nos séculos XVIII e XIX. 2011	Universidade Federal de Sergipe (UFS) / Universidade Tiradentes (UNIT)

...continuação

Nº	Autor	Título/ano Congresso	Instituição
20	Maria Helena Cicci Romero	A inserção do rádio educativo na modernidade brasileira: a universidade do ar em questão. 2011	Universidade Federal de Uberlândia (UFU)
21	Rosângela Silva Oliveira/Nilton Ferreira Bittencourt Júnior	A fotografia como fonte de pesquisa em História da Educação: usos, dimensão visual e material, níveis e técnicas de análise. 2011	Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)/ Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET) MG
22	Teresinha de Jesus Araújo Magalhães	Memória, história oral e narrativa: o encontro do possível na multiplicidade de pontos de vista. 2013	Universidade Federal do Piauí (UFPI)
23	Katya Mitsuko Zukim Braghini	A entrada do ideário anticomunista na Escola Superior de Guerra na produção de material pedagógico e livros voltados à disciplina de Educação Moral e Cívica (1961- 1973). 2013	Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
24	Luani de Liz Souza/ Juçara Eller Coelho	Fotografias escolares: uma leitura da <i>Hexis</i> corporal da juventude na educação profissional. 2013	Universidade do Estado de Santa Catarina (UDSC) e Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC)
25	Iran de Maria Leitão Nunes	Gênero e mulheres nos Congressos Brasileiros de História da Educação. 2013	Universidade Federal do Maranhão (UFMA)
26	Luisa Marques de Paula	Um intelectual e sua trajetória: contribuições do estudo sobre Aureliano Pires, seus escritos e suas memórias para a história da Educação de Minas Gerais- (1878- 1936). 2013	Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
27	Alexandra Elizabeth Ferreira Gonçalves Prado	O movimento das ideias pedagógicas na educação infantil brasileira e sua apropriação (1964-1996). 2015	Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)
28	Ellen Rose Fernandes Figueiredo	A educação da 1ª infância: Escola Infantil Pública em Belo Horizonte (1908-1930). 2015	Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
29	Edileuza Aparecida Lima/ Rosane Michelli de Castro/Jeniffer de Arruda	História da Educação Infantil no Brasil e Brincadeira: aspectos da constituição de um campo de estudos entre as décadas de 1990 e 2010. 2015	Universidade Estadual Paulista (UNESP) Marília/ Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC) Marília
30	Claudemir Dantes da Silva	Educação Infantil, família e civilidade. 2015	Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)
31	José Genivaldo Martires	A representação Feminina na trajetória intelectual da professora Maria Lígia Madureira Pina. 2015	Universidade Federal de Sergipe (UFS)
32	Rísia Rodrigues Silva Monteiro/Joaquim Tavares da Conceição	Nazaré Carvalho e a Educação Infantil na TV Sergipana (1971- 1976). 2015	Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Fonte: Elaborado pela pesquisadora a partir de levantamento (SBHE).

Ainda em busca do Estado da Arte, foram identificados outros artigos, dissertações e monografias que abordam a História da televisão no Brasil, do rádio em Sergipe e de programas televisivos infantis. Entre esses estudos destacam-se: “50 anos de televisão: um inventário da programação infantil”, artigo de Lara Maria, de 2000; “A cor do milagre: o advento da TV em cores no Brasil do Regime Militar”, dissertação de Octavio Tostes, de 2013; “O rádio em Aracaju”, trabalho de conclusão de curso de Comunicação Social de João Luiz Lima Filho, de 1991; “O X da questão: TV Xuxa e o desgaste dos programas infantis de auditório”, trabalho de conclusão do curso de Comunicação Social de Alexandra Cristina da Silva, de 2007, e “Programas educativos de televisão para crianças brasileiras: critérios de planejamento propostos a partir das análises de Vila Sésamo e Rá Tim Bum”, dissertação de Adriana Maricato de Souza, de 2000. Constatou-se nessa garimpagem que, na História da televisão brasileira, a exemplo do que ocorre com a História da TV em Sergipe, há lacunas de registros¹⁰. Também foram realizadas outras leituras reflexivas. No Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) da UFS, diversas pesquisas serviram de referenciais. Dentre elas destacamos: “Entre bordados, cadernos e orações: a educação de meninas e as práticas no orfanato de São Cristóvão e na Escola da Imaculada Conceição”, dissertação de Josineide Siqueira de Santana, de 2011, principalmente no tocante ao tratamento dado aos depoimentos orais; “A pedagogia de internar: uma abordagem das práticas culturais do internato da Escola Agrotécnica Federal de São Cristóvão (SE) (1934-1967)”, dissertação de Joaquim Tavares da Conceição, de 2007, especialmente em relação aos procedimentos metodológicos e diálogo com o referencial teórico; “Escrever-te-ei... tu também me escreverás? A escrita epistolar católica como prática docente: um olhar sobre Chiara Lubich e suas estratégias de formação”, tese de doutorado de Maria José Dantas, de 2014, e “República, Política e Direito - Representações do trabalho docente e a trajetória de Carvalho Neto (1918-1921)”, dissertação de Maria do Socorro Lima, de 2008, estas duas últimas em relação à abordagem de trajetórias de vida.

Embora essa pesquisa não se proponha a aprofundar o papel de Nazaré Carvalho na política sergipana, no que tange à atuação da comunicadora como vereadora de Aracaju no período de 1977 a 2000, buscou-se as contribuições das obras *História Memória & Cidadania - Câmara Municipal de Aracaju de 1964 a 2004*, de Isa Eleonora Barreto Silva (2004) e *Camaristas: contribuição a História da Câmara Municipal de Aracaju (1855-2012)* de Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento e Jorge Carvalho do Nascimento (2012).

¹⁰ Principalmente antes da chegada do videotape ao país, em 1960. Em Sergipe, segundo Nestor Amazonas, ex-funcionário da TV Sergipe, a emissora possuía videotape desde sua inauguração, mas só passou a utilizar o equipamento no jornalismo a partir de 1974. Matéria veiculada no Jornal da Cidade de 1972 informava que a TV Sergipe estava comprando um moderno videotape.

Meu interesse pela pesquisa sobre a História da Educação Infantil na televisão sergipana teve também motivação pessoal. Esse tema “esquecido” pela historiografia educacional de Sergipe tem relação direta com a minha infância e com a minha formação pessoal e profissional. Sou radialista e jornalista, atuo na área, e sou filha de um jornalista e radialista que foi contemporâneo de Nazaré Carvalho. Frequentei, quando criança, a Rádio Cultura, primeira emissora onde Nazaré Carvalho trabalhou, e acompanhei meu pai, Manoel Silva¹¹, nas apresentações de programas. Teria eu cruzado pelos corredores da Rádio Cultura com a jovem locutora Nazaré Carvalho, que pouco depois na TV se transformaria na “tia Nazaré”?

Desses possíveis “encontros” não lembro, mas minha mãe conta que certa vez cheguei em casa radiante dizendo ter visto Nazaré Carvalho. A “tia” era bonita, muito alegre, atenciosa e gostava de crianças. Essa foi a impressão que relatei à minha mãe. Até que ponto essas memórias são minhas, da minha mãe ou são coletivas eu não poderia precisar. Da época, guardo algumas lembranças curiosas: a imagem da caixa¹² de correspondências para os locutores, que ficava próxima a entrada da emissora pela Rua Simão Dias, sempre transbordando de cartas, e da outra entrada da rádio, por um alpendre lateral ao prédio, pela Rua Propriá¹³, onde eu e meus irmãos corríamos e brincávamos depois de sair dos programas do meu pai.

Lembro também de um “deslumbrante”¹⁴ piano que ficava dentro do estúdio. A impressão que eu tinha era de que as pessoas do rádio eram muito alegres e festivas. Todos os “tios”, de belas vozes, eram sempre muito simpáticos. Era um mundo mágico para uma criança: meu pai falava dali daquela sala e todo mundo ouvia. Eu sabia que era assim! Aquela quantidade enorme de cartas atestava isso. Esse mundo mágico era também o da jovem locutora Nazaré Carvalho. Do rádio, ela foi para a TV Sergipe, logo na fase de implantação da emissora. Com a inauguração oficial da TV, estreou o “Clube Júnior”, com “tia Nazaré”, o primeiro programa infantil da TV sergipana. Todas as crianças queriam ir para brincar, cantar, dançar, mostrar seus desenhos e bonitas caligrafias. Nunca fui, mas não faltou vontade.

Quando o tema me foi apresentado e sugerido pelo meu orientador inicial, o professor Dr. Jorge Carvalho do Nascimento, também por essas lembranças, senti identificação com o assunto e abracei a sugestão. Desde então, tenho buscado escrever a história dos primeiros

¹¹ Manoel Silva (1931-2004) foi um dos primeiros locutores de programas sertanejos de Sergipe. Trabalhou nas rádios AM Cultura, Aperipê, Jornal e Liberdade.

¹² A caixa era dividida, no sentido vertical, em compartimentos com dimensões apropriadas para receber envelopes. Cada compartimento era identificado com o nome do locutor e do programa apresentado por ele.

¹³ A Rádio Cultura permanece nas mesmas instalações: Rua Simão Dias, 623, esquina com Rua Propriá, Centro.

¹⁴ A expressão “deslumbrante” fica por conta do meu encantamento pueril à época. Trata-se de um piano *Essenfelder*, vertical, que tive o prazer de revê-lo, já bastante castigado pelo tempo, quando retornei à emissora em 2014 para colher depoimentos. A revelação de tratar-se do mesmo piano foi do jornalista Jairo Alves, um dos entrevistados nessa pesquisa.

programas infantis na televisão sergipana, um registro de grande importância para historiografia da Educação no estado, e que não pode mais ser “esquecido” ou silenciado.

Ao cursar o primeiro semestre do Mestrado em Educação, na linha de pesquisa História, Sociedade e Pensamento Educacional, na Universidade Federal de Sergipe (UFS), frequentando as aulas das disciplinas Culturas e Práticas Escolares e História da Educação, constatei que, a despeito da escassez de documentos tradicionais, as memórias de quem viveu aquela época, submetidas à lógica histórica, testando hipóteses e eliminando procedimentos autoconfirmadores (THOMPSON, 1981), seriam matérias-primas de grande relevância para escrita dessa história. A minha experiência profissional de jornalista em ouvir pessoas, perguntar, investigar e facilidade em ter acesso ao *metiér* da comunicação em Sergipe seriam úteis ao meu estudo acadêmico. Facilidades que também me obrigariam a ser mais vigilante quanto à forma de circular no meio, fazer escolhas e analisar o material coletado.

Esse estudo se apresenta como pesquisa documental e iconográfica e utiliza como fontes os registros orais de antigos telespectadores, de participantes dos programas, de profissionais da comunicação e da própria apresentadora; fotografias; vídeos; documentos oficiais; acervos particulares; jornais e sites. Livros também foram fontes dessa pesquisa, embora apenas um cite Nazaré Carvalho como apresentadora de programas infantis e dois como vereadora de Aracaju. Outros dão conta de aspectos políticos, econômicos e culturais da capital sergipana no período de implantação das primeiras emissoras televisivas no estado (DANTAS, 1997; 2004). Essa contextualização se tornou importante para o entendimento de vários acontecimentos da década de 70, inclusive como se deu a implantação das primeiras emissoras de TV em Sergipe. Assim, os teatros, os cinemas, a chegada da Petrobras ao estado, a atuação da imprensa sergipana e as marcas da ditadura militar vigente, à época, no país, aparecem como pano de fundo desse período.

As memórias, com suas singularidades, semelhanças e contradições, assumem papel importante na reconstrução da trajetória e atuação profissional de Nazaré Carvalho, principalmente diante da precariedade dos arquivos das televisões locais relativos à fase de implantação das emissoras e dos programas por elas veiculados¹⁵. A própria Nazaré preservou poucas “coisas” daquele período: “Só umas ‘coisas velhas’, poucas fotos antigas e cartas de fãs que não dão ideia da grandiosidade e sucesso dos programas”, avaliou a apresentadora (CARVALHO, 2014). Essas “coisas velhas”, fragmentos históricos, como ensina Camargo

¹⁵ Na TV Sergipe, restaram poucos segundos de imagens que aparecem no DVD comemorativo dos 35 anos da emissora. A TV Atalaia também não preservou imagens da sua fase inaugural. Boa parte do material, segundo informações de ex-funcionários das emissoras, foi consumido por incêndios e /ou pelo descaso dos que poderiam ter preservado a memória da implantação da TV no estado.

(2000), somadas a outras pistas, ajudaram a produzir uma escrita da História da Educação na TV sergipana em sua fase de implantação, em uma abordagem cultural (BURKE, 2005; CHARTIER, 1990).

Nesse estudo foram consideradas 68 entrevistas¹⁶. As memórias foram coletadas através de entrevistas semiestruturadas e histórias de vida inacabadas ou resumidas. Estas últimas, “histórias de vida que se estendem por várias sessões e acompanham a vida do entrevistado desde a infância, aprofundando-se em temas específicos relacionados aos objetivos da pesquisa”, ensina Alberti (2011, p.161). E como escolher a quem ouvir? Lembrando “que as entrevistas, como toda fonte histórica, são pistas para se conhecer o passado” (ALBERTI, 2004, p.78), a seleção dos entrevistados levou em consideração fontes que pudessem contar sobre a trajetória pessoal e profissional da apresentadora, a Aracaju da década de 70 e a implantação das primeiras emissoras de TV no estado e seus programas infantis. Inicialmente foram elencados 50 entrevistados. Nazaré Carvalho encabeçou a lista e se mostrou disponível sempre que solicitada. No transcorrer da pesquisa, esse número foi ampliado e alguns depoimentos descartados. Os entrevistados, com raras exceções, falaram com aparente satisfação sobre o assunto e alguns até se emocionaram ao lembrar dos programas e da “tia Nazaré”. A maioria das entrevistas foi realizada no ambiente de trabalho dos entrevistados e algumas poucas nas suas residências. Foram coletadas individualmente¹⁷, gravadas em áudio, transcritas, revisadas e autorizadas pelos depoentes, sendo algumas feitas *online* via *facebook*¹⁸ ou por *e-mail* – e posteriormente arquivadas. Não obstante a ausência da interação entrevistador-entrevistados via *e-mail*, a estes casos, foi recomendado adicionar às respostas todo registro que julgassem oportuno para o enriquecimento de seus relatos. O acervo constituído com a transcrição das 68 entrevistas realizadas com comunicadores e outros sujeitos que participaram e/ou foram testemunhas da história da televisão em Sergipe será disponibilizado para futuras pesquisas.

Ao longo das entrevistas, foram feitas anotações dando conta das pausas, silêncios, alegrias, saudosismos, irritação, brilho nos olhos, lágrimas, tom de voz, entre outros detalhes observados durante as gravações. Quando julgado pertinente, ao final dos encontros, eram mostradas fotografias de Nazaré Carvalho e dos programas infantis aos entrevistados. Esses momentos de “rememoração induzida”¹⁹, em alguns casos, ratificaram informações coletadas

¹⁶ Foram realizadas 73 entrevistas pela pesquisadora. Cinco foram descartadas porque não acrescentavam nada significativo à investigação.

¹⁷ Exceções feitas a dois irmãos, três colegas de trabalho, um casal e a filha de Nazaré Carvalho, Terezinha de Carvalho Sobral, que uma vez concedeu entrevista na presença da mãe.

¹⁸ As entrevistas feitas pelo *facebook* foram realizadas via *inbox*, uma espécie de caixa de mensagens que permite a privacidade entre as pessoas que se comunicam através dela.

¹⁹ Expressão que a pesquisadora deu a esses momentos das entrevistas.

e/ou trouxeram novas revelações. Um caderno de campo foi utilizado para registrar informações complementares sobre as entrevistas e o andamento do projeto. Como ensinam José Carlos Sebe B. Meihy e Fabíola Holanda (2011), “o caderno de campo deve funcionar como um diário íntimo, em que são registrados até os problemas de aceitação das ideias dos entrevistados, bem como toda e qualquer reflexão teórica decorrentes de debates sobre aspectos do assunto” (p.152). Nele, por exemplo, foram especificadas as dificuldades e/ou facilidades de acesso a determinadas pessoas, instituições e documentos, mencionadas novas possíveis fontes e seus respectivos contatos fornecidos durante a entrevista, reajustadas maneiras de questionamentos, necessidades de falar mais ou menos com o interlocutor, incidentes técnicos com equipamentos de gravação, entre outros fatos ocorridos.

Mesmo com um roteiro preestabelecido para entrevistas, permitiu-se que os depoentes discorressem à vontade sobre outras lembranças relacionadas ao assunto. Assim, foi possível conhecer aspectos não apenas da história da TV, mas da cidade, das pessoas e de seus costumes, no período, sob os olhares dos diversos entrevistados. Afinal, como aponta Bosi: “A memória oral, longe da unilateralidade para a qual tendem certas instituições, faz intervir pontos de vista contraditórios, pelo menos distintos entre eles, e aí se encontra a sua maior riqueza” (BOSI, 2003, p.15). Poder recorrer às memórias de quem viveu o período pesquisado é, ainda citando Bosi, um privilégio: “Quando se trata de História recente, feliz o pesquisador que se pode amparar em testemunhos vivos e reconstruir comportamentos e sensibilidades de uma época!” (BOSI, 2003, p.16-17). As informações relatadas pelos entrevistados também puderam ser confrontadas entre elas e com registros de jornais da época, livros e outras fontes.

Não se ignorou nessa pesquisa as armadilhas que podem envolver o pesquisador da história oral. Assim, foi mantida vigilância constante no sentido de não incorrer no erro de tomar as memórias dos entrevistados como verdades irrefutáveis. As fontes têm suas intencionalidades que são oferecidas à posteridade. Portanto, é preciso interrogar os fatos e checar as evidências (THOMPSON,1981). Memórias individuais e seus processos constitutivos (POLLAK,1992; HALBWACKS,1990) foram relevantes na escrita da história da Educação Infantil na TV sergipana, pois, mesmo que se deva muito à memória coletiva, “é o indivíduo que recorda. Ele é o memorizador e das camadas do passado a que tem acesso pode reter objetos que são, para ele, e só para ele, significativos dentro de um tesouro comum” (BOSI, 2001, p.411).

Os entrevistados foram catalogados em dois grupos: um dos amigos, familiares, ex-colegas de profissão e da própria apresentadora, e o outro dos ex-participantes e ex-telespectadores dos programas infantis. Alguns dos depoentes podiam ser enquadrados nos dois grupos. Optou-se por incluí-los no qual tivessem maior representatividade. O quadro

demonstrativo das entrevistas, criado para efeitos metodológicos, apresenta nome do (a) entrevistado (a), data de nascimento, relação com o objeto de pesquisa, profissão e resumo dos temas abordados.

Quadro 4 - Entrevistados Grupo 1 - Apresentadora, amigos, familiares, ex-colegas de profissão e outros

Nº	Nome	Nascimento	Relação/ Profissão	Principais tópicos da entrevista
01	Maria Nazaré de Carvalho	25.08.1949	Apresentadora/ Radialista/ Jornalista/ Licenciada em Letras	Trajetória pessoal e profissional de NC ²⁰ / Programas/ Aracaju na déc. ²¹ de 70/Preconceito/Gênero/Música.
02	Raymundo Luiz da Silva	28.09.1929	Ex-diretor da Rádio Jornal/ Jornalista	Trajetória profissional de NC/ Rádio Jornal/Aracaju na déc. de 70.
03	Luiz Eduardo Costa	10.11.1940	Jornalista/Escritor	Aracaju no final déc. de 60 e déc. de 70. Pouco da trajetória de NC.
04	Nestor Amazonas	02.06.1954	Colega / Ex-funcionário da TVSE ²² / Jornalista	Déc. de 70 em SE /TV SE/Aracaju/Censura na TV/ Nazaré/Educação/Alienação e TV.
05	Gilvan Fontes/ Gilvando Fontes Hora ²³	07.05.1947	Ex-colega Rádio Cultura/ TV SE/ TV Atalaia/ Jornalista	Início TV SE/ Trajetória profissional NC/ Clube Júnior/ Beleza NC.
06	Jairo Alves de Almeida ²⁴	26.03.1946	Radialista/ Jornalista/Ex-colega Rádio Cultura e TV SE	Início TV SE/Trajetória pessoal e profissional de NC/Programas Erílio Alves/Aracaju déc. de 70/Música.
07	Idalina Martinez Campos	Não informou	Amiga de NC e viúva de Luiz Carlos Campos, 1º diretor Comercial da TV SE	Início TV SE/Comercial TV SE/Aracaju déc. de 70/Trajetória pessoal e profissional de NC/Crianças apaixonadas por NC/Clube Júnior/Gênero//Beleza NC/TV no Brasil/Educação nos programas/Música.
08	Terezinha de Carvalho Sobral	04.08.1966	Filha de NC/ Professora do Ensino Fundamental	Trajetória pessoal e profissional NC/Programas TV SE e TV Atalaia/Música/Ciúme da mãe/ /Padrinho e madrinha/Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE).

²⁰Convencionou-se nessas tabelas usar NC como abreviatura de Nazaré Carvalho.

²¹Adota-se “déc” como abreviatura de década nas tabelas sobre os entrevistados nesta pesquisa.

²²Adota-se nessa tabela TV SE para designar a TV Sergipe.

²³ O nome de registro de Gilvan Fontes é Gilvando Fontes Hora. Nas citações desta pesquisa optou-se por usar o nome pelo qual o jornalista é conhecido na imprensa sergipana: Gilvan Fontes.

²⁴ Jairo Alves de Almeida, quando citado na pesquisa, será identificado como é conhecido na imprensa sergipana: Jairo Alves.

...continuação

Nº	Nome	Nascimento	Relação/ Profissão	Principais tópicos da entrevista
09	Acival Gomes dos Santos ²⁵	07.01.1948	Jornalista Radialista Jornal/Ex-TVSE/ Ex-TV Atalaia/Ex-marido e pai de um filho de NC	Trajetória pessoal e profissional de NC/Rádio e em SE/Programas Infantis/Gênero//Beleza/ Educação nos programas Infantis/Música.
10	Ana Luiza Dortas Valadares	20.04.1953	Amiga/ex-colega UFS/ Advogada	Programas/Aracaju déc. de 70/Gênero/Educação nos programas NC/Crianças apaixonadas por NC
11	Wandeley Santana de Jesus	05.08.1955	Ex-TVSE/ Cinegrafista	TV SE/Clube Júnior/ NC.
12	Newton Nunes	03.04.1935	Ex-TV SE e TV Atalaia/ Cinegrafista/	TV SE/Viagens ao interior/Programas/Desenhos/ Música/Beleza
13	Maria Lourdes Gonçalves Nunes	03.02.1950	Esposa do cinegrafista Newton Nunes/Aposentada	TV SE/ Clube Júnior/Educação nos programas/Música/Beleza NC.
14	Vilder Santos	06.04.1944	Professor	Aracaju déc. de 70/ Rádios/Trajetória NC /Beleza/ Educação nos programas infantis/Gênero/Beleza/Música.
15	Fabiana Maria Ramos Nascimento	2.12.75	Filha de Cadmo Nascimento/ Funcionária pública	Nosso Mundo Infantil/Relação familiar/Os pais adotaram NC e a filha Terezinha/Música/Desenhos.
16	José Sebastião dos Santos	29.09.1931	Ex-professor/Atual empregador Faculdade Pio Décimo	NC aluna da 8ª série/ Política/Professora e amiga/Programas/ Educação/Gênero.
17	Valdelice Ramos Rabelo de Almeida	10.03.1946	Amiga/"Mãe adotiva"/Viúva de Cadmo Nascimento/ Aposentada	Sofrimento familiar/ Beleza/Gênero/ Trajetória profissional/Nosso Mundo Infantil/Gincanas/Música/Choro Nazaré.
18	Demóstenes Silva de Araújo	17.10.1959	Ex-TV Sergipe/ Realizador do DVD TV Sergipe 35 anos/Jornalista, Editor/ Cinegrafista	História da implantação da TV Sergipe/Idealização, execução e edição do DVD/Destruição dos arquivos da TV.
19	Ivan Macêdo Valença	08.02.1944	Ex-colega TV Atalaia e ex-dono JC na década de 70/ Ex-TV SE e TV Atalaia/ Jornalista/ Cinéfilo	Aracaju anos déc. de 60 e 70/Petrobras//Clubes/Golpe/ Imprensa//Chegada da TV em SE/ NC/Crianças apaixonadas por NC/Beleza/NC/Gênero/ Imprensa feminina.
20	Elda Martins Ramos	29.02.1944	Ex-apresentadora da fase da experimental da TV SE	Início TV SE/ Programa "Era uma vez..."
21	Clara Angélica Porto Caskey	18.12.1949	Jornalista	Gazeta de SE 1970/Gênero/Imprensa feminina.

²⁵ Acival Gomes dos Santos será citado como é conhecido na imprensa sergipana: Acival Gomes.

...continuação

Nº	Nome	Nascimento	Relação/ Profissão	Principais tópicos da entrevista
22	Gladston José Santos Rosa ²⁶	03.08.1950	Dançarino	Programas NC/Música/Dança
23	Eugênio Bispo do Nascimento	22.11.1957	Jornalista	Aracaju déc. de 70/Implantação TV SE/Brincadeiras/ Gênero/Música/Beleza.
24	José Carlos Mendonça (Pinga) ²⁷	Não informou	Ex Rádio Jornal/Radialista/ Empresário	Rádio Jornal/Apresentações Shows Roberto Carlos/NC.
25	Rinaldo Santos Machado	24.07.1955	Radialista/ator e dançarino	Programas TV Atalaia/Música/ Dança.
26	José Renato de Souza	20.05.1952	Irmão e ex-produtor/ Aposentado	Família/Preconceito/Gênero/ Profissional/Programas/Beleza/Política/Música.
27	Maria do Carmo de Oliveira Menezes	Não informou	Ex-telespectadora/ Funcionária Pública	Aracaju déc. de 70/ NC Vereadora.
28	José Alberto Rosa Montalvão	07.03.1948	Ex-produtor do Programa Nosso Mundo Infantil/Jornalista	Gincanas/Quadros, “Quem sabe sabe”; Quem eu sou, “Entrevistador Mirim”/”Ensaio Geral”/ Música/ Censura/ Policia Federal/Recursos/ NC/Gênero/ Preconceito/Beleza/ Educação/Prêmios.
29	Lânia Maria Conde Duarte	Não informou	Jornalista	Mulheres na imprensa sergipana na década de 1970.
30	Isa Eleonora Barreto Silva	02.05.1966	Ex-colega da Câmara Municipal de Aracaju/ Jornalista e Licenciada em História	NC política/ Educação/ Gênero/Preconceito/Beleza/Música/D esenhos/ Família.
31	Reinaldo Moura Ferreira	11.12.1943	Ex-colega de rádio e televisão/ Jornalista e Radialista/ ex-vereador/ ex-deputado estadual por Sergipe e conselheiro aposentado do Tribunal de Contas do Estado de Sergipe.	TV Atalaia/TV Sergipe/Programa Ensaio Geral/ Nazaré colega, Profissional/ Preconceito/ Gênero/Pouco dos programas infantis/ Locutora segura/ Boa voz.

Fonte: Elaborado a partir de levantamento feito pela pesquisadora.

²⁶ O nome de registro de Gladston Rosa é Gladston José Santos.

²⁷ José Carlos Mendonça é conhecido no mundo artístico como Pinga.

Quadro 5 - Entrevistados Grupo 2 - Ex-participantes e ex-telespectadores dos programas

Nº	Nome	Nascimento	Relação/ Profissão	Principais tópicos da entrevista
01	Cleber Santana	14.11.1970	Ex-participante/ Funcionário Público.	Danças/Concurso/Programa popular, pobres participavam/ Patrocinadores/Diversão/ Gincana/Música.
02	Luiza Nabuco	10.01.1949	Ex-participante/ Aposentada	Programas/Levava os filhos/Música.
03	Múcio Miranda	14.11.1968	Ex-participante/ Jornalista	Conteúdo programas/TV Atalaia/ Quadrilhas juninas/Educação/Datas comemorativas/Música.
04	Maria Auxiliadora Alves Nunes	30.08.1964	Ex-participante/ Professora	TV Atalaia/Gincanas com detalhes: “Revolução” de 64/Preparação dos alunos/Troféu/ NC visual e comportamento/Música.
05	Auxiliadora Melo	Não informou		TV Atalaia/Gincanas/Calouros/ Desenhos/NC/Acha que era sábado/Foi 3 vezes aos programas/Música/Auditório.
06	Nicolina Gonzaga de Oliveira Souza Nascimento	08.11.1964	Ex-participante do Colégio Frei Anselmo/ Professora	TV Atalaia/Sexta à tarde/Gincana cultural /Apresentações/Preparava as coreografias/Gincana com detalhes: Abolição da escravidão/TV SE: quadrilha junina/Educação/APAE no programa/Prêmios/Troféus/NC/ Práticas educativas/Disciplina/ Faixa etária/Música/Adorada pelas crianças/Muitas lembranças.
07	Fátima Goes	Não informou	Ex-participante/ Documentarista	TV Atalaia/Calouros/Prêmios/Poupança Tradição/Publicidade/NC Simpática, falante encantadora/Música.
08	Marluce de Souza Lopes	Não informou	Ex-ouvinte/ Funcionária Pública	Lembra do rádio/ Voz/Beleza/Assédio.
09	Creusa Perpétua Isaias	1926	Professora de banca (reforço escolar)	Acompanhava a preparação para as gincanas/Educação/As dancinhas de Nicó/Música.
10	Ronaldo Moreira de Melo	19.02.1962	Ex-participante/ Ex-colega TV Atalaia/ Jornalista e radialista	NC/Atalaia AM/ Desenhos/Gato Corajoso animados/Pais levavam cartas para a Rádio Atalaia AM/Beleza/Política/Gênero/ Música.
11	Luiz Daniel Baronto		Ex-telespectador	Sucesso/ Voz/Sotaque.
12	Sônia Maria Machado	Não informou	Ex-telespectadora/ Professora	Trabalho pioneiro/Originalidade, criatividade, falhas/Tropeços, críticas de alunos de Letras da UFS/Identificação com as crianças /Anterior a Xuxa/Política.
13	Márcia Virgínia De Oliveira Santana	11.10.1965	Ex-telespectadora/ Funcionária pública	Gincanas/ Músicas, apresentações de dança/Voz.
14	Rozendo Aragão Sá		Jornalista/Radialista e ex-telespectador	Programa na TV Atalaia/ NC/Música/Memória coletiva.

...continuação

Nº	Nome	Nascimento	Relação/ Profissão	Principais tópicos da entrevista
15	Jorge Lins	Não informou	Ex-telespectador/ Advogado/Ator	Voz marcante/ Referência de programa infantil/Beleza/Sotaque carioca/Música
16	Sergival Silva	1965	Ex-telespectador/ Cantor	Valorização da cultura local/ /Música.
17	Maria da Conceição Dias	11.02.1973	Ex-telespectadora /Radialista	Show apresentado por NC.
18	Jeane Vieira	1960	Ex-telespectadora	Família/ A Xuxa de SE/Palco minúsculo/Beleza de NC.
19	Maricelma de Oliveira	Não informou	Ex-telespectadora/ Aposentada	Programas/NC dançava e cantava com as crianças/Bonita e real/Famosa/Conversava com as crianças/Música/Voz.
20	Eliane Passos Santana	05.05.1967	Ex-telespectadora/ Funcionária pública	NC política/Bonita, moderna, chamava atenção/ “Televisinho”/Gênero/Educação não formal TV/ Gincanas/Voz.
21	Valdeci Almeida Santos	Não informou	Ex-telespectadora/ Funcionária pública	Filhos estudaram na Escola Pequeno Escolar-Foto NC 1972/Voz//Vereadora.
22	Maria Idene Santana	Não informou	Ex-telespectadora/ Funcionária pública	Era educativo/Infância marcada pelos programas de NC/Música.
23	Ana Lúcia Goes	Não informou	Ex-telespectadora/ Funcionária Pública	Rádio /Voz/Política.
24	Saulo Coelho Nunes	04.06.1974	Ex-telespectador/ Jornalista	Desenhos/Gosto dele pelo Jazz /Desenho animado/Gincanas/Educação/ Hábitos de Higiene/ Música/ Comportamento/Entretenimento/ Política.
25	Maurício Andrade	30.03.1963	Ex-telespectador/ Técnico em Eletrotécnica e radialista.	Programas TV Atalaia e TV SE/ Alegria/Brincadeiras/Animada/Bonita/ Despertava paixões nos Garotos/ Enlatados na programação/ Desenhos animados/ Música.
26	Larissa Montalvão	Não informou	Ex-participante/ Filha do produtor Montalvão	Infância feliz e alegre/Música.
27	Luis Carlos Santos	1966	Ex-participante/ Jornalista	Duas vezes no programa/brincadeiras/ao Vivo/Música/Desenhos.
28	Cristiane de Menezes Souza	13.07.1976	Ex-telespectadora/ Gestora de RH da TV Atalaia	Programas/Música/ Documentos TV Atalaia.
29	Lígia Fontes	Não informou	Professora/ ex-participante/ Aposentada	Participou como professora da TV Atalaia/Conteúdo/Gênero/ Preconceito/Aracaju dec. 70/Música.
30	Elânia Calhau	Não informou	Ex-telespectadora/ Ex-colega na Câmara Municipal de Aracaju/ Funcionária pública	Clube Júnior/ Desenhos/ Mandou fotografias/Linda/Educativo/ Política/Voz.
31	Lígia Maria de Oliveira	05.08.1968	Ex-telespectadora/ Jornalista	Era educativo/Gincanas/Beleza NC/Música/Voz/Rádio/Carismática.

...continuação

Nº	Nome	Nascimento	Relação/ Profissão	Principais tópicos da entrevista
32	Isabel Luiza Fontes Barros	20.04.1966	Ex-participante	Batalhava vaga para participar/Levava desenhos/Música/Concurso de Dança foi classificada/Ao vivo/Queria ser filha de NC/Linda/Uma professora/Tetê nos programas.
33	Geraldo Fontes Barros	09.12. 1963	Ex-participante	NC mostrou um desenho dele no programa/NC ensinava/Política/Desenhos/Música.
34	Edwilma Araújo dos Santos	Não informou	Ex-telespectadora	Formatura ABC/ Nazaré em Boquim entrega as provas/Voz/Era educativo/Brincadeiras/ Desenhos/ Cabelo curto- uma marca de NC/ Chora ao ver as fotos/Música.
35	Maria Clara Izabel S. Correia	Não informou	Ex-participante/ Professora e empresária	Entregou flores a NC na TV Atalaia/Fotos/Documentos Colégio Dom José Thomaz.
36	Josias Cirilo Bispo Neto	Não informou	Ex-colega TV SE/ Cinegrafista	Aracaju déc. de 70/Dificuldade para assistir TV/ Desenhos/ Liga da Justiça, Tom e Jerry, Zé Colmeia/Precursor do Celular/Música.
37	Elito Vasconcelos	01.04.1962	Ex-telespectador e amigo/ Advogado/ Professor e jornalista.	TV Atalaia/ Programas Infantis/Músicas apresentações infantis, danças.

Fonte: Elaborado a partir de levantamento feito pela pesquisadora.

Somam-se a essas entrevistas um vídeo comemorativo dos 35 anos da TV Sergipe (2006)²⁸, produzido por Dida Araújo²⁹, no qual constam mais de 70 importantes depoimentos de participantes da fase de implantação da televisão no estado, que acrescentou importante contribuição à essa investigação; uma edição do programa Terras Serigy (2014), também da TV Sergipe, sobre a vida do radialista e cantor Erílio Alves, no qual Nazaré aparece em registro fotográfico; uma entrevista concedida pela apresentadora ao jornalista Ludwig Oliveira,

²⁸ O material do DVD (88 min.) foi transcrito integralmente. O documentário “TV Sergipe – 35 anos - Nossa História”, idealizado e executado pelo editor Dida Araújo, levou seis anos entre a concepção da ideia, pesquisa, produção, entrevistas, edição e finalização. Utilizando os poucos documentos e gravações que restaram e realizando entrevistas, Araújo buscou reconstruir a história da implantação da primeira emissora de televisão de Sergipe. Dida Araújo contou com a colaboração de uma equipe de profissionais da emissora.

²⁹ Dida Araújo, ou Demóstenes Silva de Araújo, nasceu em Aracaju em 17 de outubro de 1959. É editor de imagem, cinegrafista, cineasta e documentarista. Aprendeu a fazer televisão fazendo. Ingressou na TV Sergipe como operador de áudio em 1979, sendo logo promovido ao departamento de videotape. Em 1981, deixou a emissora e foi para a TVS Rio (hoje SBT), onde ampliou seus conhecimentos profissionais e se especializou em edição. Em 1983, com bagagem profissional ampliada, ele retornou à TV Sergipe, a convite da direção, e participou da implantação do Bom Dia Sergipe. Criativo, criterioso e dono de uma sensibilidade rara, Dida logo ganhou reconhecimento da emissora e dos colegas de trabalho, passando a ser referência de edição de imagens no estado e no Nordeste. Na TV Sergipe, foi responsável pela implantação e direção do Núcleo de Produções Especiais - NPE e da criação de programas como Agenda Cultural, Sergipe Rural, Terras Serigy, São João da Gente e o concurso de quadrilhas Levanta a Poeira. Dida Araújo cursa atualmente Comunicação Social- Audiovisual na Universidade Federal de Sergipe e se dedica à produção de documentários.

disponibilizada no *Youtube* (2013), e uma entrevista em vídeo fornecida pela comunicadora à TV Assembleia Legislativa de Sergipe (2010).

Os muitos depoimentos coletados e entrevistas assistidas trouxeram informações significativas; narrativas reveladoras ou simples fragmentos que ajudaram na reconstrução da história. Outros, embora colhidos entre pessoas que viveram o período estudado e participaram de alguma forma dos programas, aparentemente pouco acrescentaram à pesquisa. “Esquecimentos” que também foram considerados na escrita dessa história.

Além dos vídeos, outras fontes imagéticas importantes no aprofundamento desse estudo foram as fotografias – a maioria do arquivo da apresentadora; outras, descobertas em documentação escolar; arquivos de emissoras de comunicação de Sergipe; acervos pessoais de ex-colegas de trabalho e fãs da “tia Nazaré”; jornais da época; redes sociais³⁰ e sites. O material fotográfico, que não foi tratado como mera ilustração, foi classificado em quatro temas: Programas infantis, Nazaré Carvalho, Aracaju e Outros. Nessa pesquisa, as fotografias e os vídeos assumiram forma de evidência histórica (BURKE, 2004), sem, entretanto, desconsiderar a necessidade de ir além do que é visto. Como lembra Kossoy (2007; 2009), é preciso levar em conta o processo de construção da representação e da ficção documental. É necessário interpretar as fontes fotográficas fazendo uma desmontagem do signo fotográfico.

Em busca de documentos, vestígios e cotejamentos de fontes foram realizadas também consultas na Biblioteca Pública Epifânio Dória (BPED), Biblioteca Central da Universidade Federal de Sergipe (BICEN), Biblioteca Jacinto Uchôa de Mendonça, da Universidade Tiradentes (UNIT), Arquivo do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de Sergipe (UFS), Departamento de Inspeção Escolar da Secretaria de Estado da Educação de Sergipe, Câmara Municipal de Aracaju, acervos do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), Colégio Frei Anselmo, Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense (CEMAS), Instituto de Educação Rui Barbosa (IERB), Jornal da Cidade, arquivos da TV Atalaia, Rádio Cultura, acervos particulares e consultas a TV Sergipe.

A pesquisa dos jornais da época foi realizada em três periódicos da década de 1970: *Gazeta de Sergipe*, *A Cruzada* e *Jornal da Cidade*. A consulta foi feita em arquivos digitais do IHGSE e em exemplares de jornais impressos. Foram pesquisadas edições de 1968 a 1980. Os jornais trouxeram informações da Aracaju do final dos anos de 1960 e de 1970. Através deles, foi possível acompanhar também a inclusão e atuação de Nazaré Carvalho no mundo da comunicação.

³⁰ Em especial, as imagens disponibilizadas pelo grupo do *facebook* História da TV/Rádio de Sergipe criado por Fábio Jaciuk em 2013.

No levantamento sobre a formação intelectual de Nazaré Carvalho, a pesquisa recorreu à própria comunicadora, a ex-professores e ex-colegas de escola da apresentadora e a fontes oficiais. Foram examinados documentos escolares nos colégios Dom José Thomaz, Atheneu Sergipense, no Departamento de Inspeção Escolar da Secretaria de Estado da Educação de Sergipe³¹ e na Universidade Federal de Sergipe (UFS).

A todos os documentos utilizados nesta investigação, foi dado o tratamento preconizado por Le Goff (2003). Ele ensina que todo documento é um monumento e, como tal, precisa ser desmontado considerando cuidadosamente as possíveis intencionalidades no processo da “montagem”. A todos eles também coube aplicar os preceitos da lógica histórica:

[...] um método lógico de investigação adequado a materiais históricos, destinado, na medida do possível, a testar hipóteses quanto à estruturação, causação etc., e a eliminar procedimentos autoconfirmadores [...]. O discurso histórico disciplinado da prova consiste num diálogo entre conceito e evidência, um diálogo conduzido por hipóteses sucessivas, de um lado, e a pesquisa empírica, do outro.[...] Mencionar essa lógica não é, decerto, proclamar que ela esteja sempre evidente na prática de todo historiador, ou na prática de qualquer historiador durante o tempo todo. [...] É, porém, dizer que essa lógica não se revela involuntariamente; que a disciplina exige um preparo árduo [...] (THOMPSON, 1981, p.49).

A dissertação está dividida em quatro seções. A primeira é a introdução, que aborda a motivação para a pesquisa, os fundamentos teóricos, a metodologia empregada e o caminho percorrido em busca do Estado da Arte e dos objetivos geral e específicos da investigação. São apresentadas categorias e autores com os quais se escolheu trabalhar, as fontes recorridas, com destaque especial para a história oral, recurso metodológico que privilegia as memórias dos entrevistados e amplia as possibilidades de interpretação do passado, principalmente diante da escassez de fontes disponíveis sobre o objeto dessa pesquisa. Teses, dissertações, monografias e artigos que, de alguma forma, dialogaram com essa pesquisa foram elencados.

A segunda seção, intitulada “A chegada no Brasil da ‘mais subversiva máquina de influir’”, é aberta com uma abordagem conceitual e relacional sobre educação, infância e televisão à luz de referenciais teóricos e de pesquisas que se ocuparam da temática. O tópico a seguir trata da chegada da televisão no país, relatando prenúncios do acontecimento e interesses políticos e econômicos envolvidos na empreitada. Entra em cena a figura de Francisco Assis Chateaubriand Bandeira de Melo, advogado, jornalista e empresário responsável pela implantação da TV Tupy Difusora de São Paulo, a primeira emissora de televisão do Brasil, à

³¹ Na Inspeção Escolar, foram consultados documentos de Nazaré Carvalho referentes ao Colégio Senhor do Bonfim, que já encerrou suas atividades.

época já dono de um conglomerado de rádios, revistas e jornais espalhados pelo território nacional. O espaço dedicado às crianças desde a fase inicial da TV Tupy e a lenta popularização da TV no país também mereceram tópicos específicos. Encerrando a segunda seção, a Aracaju dos anos 1970 é apresentada, destacando aspectos culturais, políticos e econômicos da capital, e aborda-se a inserção de Sergipe na Era da TV e os primeiros registros de programação infantil na emissora local.

A terceira seção, “A trajetória de vida de Nazaré Carvalho – De Maria de Nazaré a ‘Tia Nazaré’”, dá conta no primeiro tópico da família, formação escolar e trabalho da apresentadora. Os tópicos dois e três tratam da inserção de Nazaré Carvalho no mundo do rádio e da TV em Sergipe. Neles, através das memórias de comunicadores, da própria Nazaré Carvalho e de jornais da época pesquisada, é também possível conhecer aspectos significativos da história da imprensa local. O Carrossel Infantil, programa de auditório da Rádio Jornal realizado no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), no final da década de 60, onde a comunicadora teve suas primeiras experiências com o público infantojuvenil, é tratado no tópico quatro. Fechando a seção, o estudo discorre sobre o lugar ocupado pelas mulheres na imprensa sergipana da década de 1970.

A quarta seção desse estudo, “Os programas Clube Júnior e Nosso Mundo Infantil – Educação e entretenimento”, tem como foco principal a análise dos conteúdos dos programas infantojuvenis apresentados pela “tia Nazaré”. Trata, inicialmente, do Clube Júnior na TV Sergipe de 1971 a 1974. Em seguida, se ocupa da implantação da TV Atalaia e do primeiro programa infantojuvenil do novo canal: o Nosso Mundo Infantil, estudado nessa pesquisa no período de 1975 a 1979. Entre outros aspectos, analisa as músicas, danças e desenhos animados exibidos nos programas; a realização das gincanas culturais escolares e dos concursos de calouros; e as participações de jurados e entrevistadores mirins. A evidência da circulação de práticas educativas nos programas; o protagonismo infantil identificado em vários momentos; o civismo inculcado; a censura imposta pela ditadura militar que, de alguma forma, alcança os programas infantis televisivos; e a publicidade veiculada durante na programação também são tratados na seção.

Nas considerações finais, foram retomadas as questões norteadoras dessa investigação e enfatizados os resultados da pesquisa. Deseja-se que este estudo desperte o interesse de outros pesquisadores em torno de novas investigações sobre esse objeto “esquecido” ou “silenciado” pela historiografia da educação sergipana.

2 A CHEGADA NO BRASIL DA “MAIS SUBVERSIVA MÁQUINA DE INFLUIR”

2.1 EDUCAÇÃO, INFÂNCIA E TELEVISÃO

Uma abordagem conceitual sobre Educação, infância e televisão e a relação dos três tópicos é primordial numa investigação que se propõe a conhecer as práticas educativas circulantes nos programas televisivos infantojuvenis da década de 1970 em Sergipe. Educação, aqui compreendida em um sentido amplo, que vai além dos conteúdos curriculares, inclui a inculcação de hábitos, costumes, valores etc. Educação como transmissão de cultura que ultrapassa os muros escolares e que se dá nos mais diversos espaços, inclusive na TV.

Sobre infância adota-se o entendimento defendido por Corsaro (2011): “período socialmente construído em que as crianças vivem suas vidas” (p.15). Crianças que interagem com o meio, são afetadas pela sociedade, mas que, segundo preconiza o autor, amparado na nova sociologia da infância também “são agentes sociais, ativos e criativos, que produzem suas próprias e exclusivas culturas infantis, enquanto, simultaneamente, contribuem para a produção das sociedades adultas” (CORSARO, 2011 p.15). Crianças que não são meros receptáculos vazios, são capazes de produzir seus próprios significados. Embora na década de 1970 o Brasil vivesse sob uma ditadura militar – período em que a liberdade de expressão foi cerceada –, ao menos nos programas apresentados por Nazaré Carvalho, em diversos momentos, o protagonismo infantil pôde ser observado.

No tocante à televisão, o foco não será o entendimento recorrente de que a TV é, exclusivamente, um instrumento nefasto, que aliena e manipula crianças e adultos. Embora este estudo tenha observado que, mesmo no recorte temporal da pesquisa, o efeito negativo da TV na educação das pessoas já fosse questionado. No artigo intitulado “Televisão, rádio e educação”, que circulou no Jornal da Cidade em 24 de março de 1975, já era apontado o mau uso do potencial educativo da televisão no estado.

Numa demonstração autêntica de que ainda há quem de fato se preocupe com os anseios do povo, e de que existem pessoas de fato sensíveis ao valor da educação, vieram bem a tempo as palavras do comentarista de ‘Artes’ no Jornal da Cidade, edição 20 do mês corrente: ‘A televisão COMO MAIOR veículo de comunicação não deve se omitir diante dos fatos e costumes que calam fundo na alma do povo, em suas respectivas regiões’. E outro colunista na mesma edição corrobora: ‘No mais, TELEVISÃO é isso mesmo: uma máquina de passar enlatados, isso em todo o país [...]’. E aqui seguem alguns comentários sugestivos com preocupação única educativa, o que sempre foi meta quase absoluta dos meus escritos na imprensa. É impressionante e inexplicável como desvalorizam a educação em nosso estado. [...] o rádio, a televisão e o cinema (sem contar com a vasta literatura [...]) pouco fazem em

favor da juventude extraviada, à cata de satisfação de instintos seja de que modo for. Homens de rádio e televisão principalmente, ocupam palcos e horários longos, sem que tenham a mínima consciência do que significa comunicação, a bem da massa humana. Predomina o musical importado, os ditos ‘enlatados’, as pieguices sem nenhum sentido, as chamadas músicas modernas, [...], os shows de nudismo, e o sensacionalismo erótico **sem que haja o mínimo de preocupação com idade e formação de adolescentes e púberes telespectadores** (JORNAL DA CIDADE, 1975, Especial p.7, grifo nosso).

O artigo ainda segue acusando os que fazem o rádio e a TV no estado, “salvo exceções”, de deseducarem o povo, critica a violência exposta na televisão e cobra papel educativo do veículo: “Há filmes que são verdadeiros cursos de agressividade [...]. Que participação estão tendo na educação, o rádio, a televisão e o cinema?”

Embora a abordagem do articulista Sebastião Santos (1975) não trate especificadamente da relação da televisão com a educação infantil, nem cite os programas infantojuvenis apresentados no estado à época, é perceptível no artigo a preocupação corrente com o papel da televisão no processo de “formação de jovens e púberes telespectadores”. Como se vê, essa é uma discussão antiga.

Esta investigação não desconhece os efeitos negativos que podem ser produzidos pela TV. Ela, como alerta Bourdieu (1997), pode ocultar mostrando; transformar coisas fúteis em importantes; levar à existência o inexistente; formar consumidores; exercer violência simbólica. Sendo assim, conseqüentemente, a televisão também poderia influenciar negativamente o desenvolvimento e educação das crianças.

No aprofundamento da discussão, dialoga-se com pesquisas que tratam, de alguma forma, da relação educação, infância e televisão. Com Prado (2015), Souza (2000), Lamas (2012) e Silva (2007), foi possível abordar conteúdos de programas infantis televisivos e refletir sobre a utilização da TV como instrumento de disseminação ideológica a serviço, por exemplo, da ditadura militar no Brasil (1964-1985), período no qual o recorte temporal dessa pesquisa está inserido. Na dissertação “Vila Sésamo: o contexto político e educacional das duas edições audiovisuais educativas brasileiras”, Ana Carolina Franco dos Santos (2015) analisa o potencial educativo da série e o seu uso no atendimento às demandas educativas e econômicas do Brasil pós-Golpe Militar de 1964. O novo regime pretendia adequar a educação aos moldes da sociedade industrial. Era preciso preparar a mão de obra para as indústrias estrangeiras e nacionais que se instalavam no país. O “Brasil Grande Potência”, propagandeado pelos militares, seria resultante da eficiência técnica. Assim, com a ingerência e apoio dos Estados Unidos, optou-se por uma educação tecnicista, na qual os conteúdos priorizavam às informações objetivas que auxiliariam o futuro trabalhador nas suas atividades, sem

espaço para subjetividade. Era conveniente usar a televisão para “educar” à distância, aulas elaboradas de acordo com os interesses da “nação”.

A TV também poderia ser útil na “alfabetização” de crianças que provavelmente não iriam para a escola antes dos cinco anos de idade. Além das primeiras letras, noções de civilidade e sociabilidade e conteúdo educativo veiculado no programa Vila Sésamo, elaborado por uma equipe pedagógica qualificada, podia-se incutir os ideais governistas (SANTOS, 2015). E complementa a autora:

O programa tão apropriado para o momento histórico pedagógico do país, além de estar coerente com as políticas públicas da educação da ditadura militar que concentrava esforços em alfabetizar a população para as indústrias, trazia informações educativas de forma lúdica e mesclava educação com entretenimento. O cenário era uma vila onde pessoas e bonecos viviam com crianças reais. Ao longo das três fases do programa eram abordados diferentes temas, como as letras, números, cores, higiene, entre outros. Tudo isso acompanhado de desenhos animados e canções. [...] Um exemplo de como o contexto social da época interviu na produção do programa é o cenário da série. O cenário de Vila Sésamo era uma vila operária. [...] Em anos de tecnocracia, a familiaridade com o trabalho braçal e o trabalho fragmentado da indústria era pertinente (SANTOS, 2015 p.31 e 33).

No entanto, sobre a acusação frequente de que a TV aliena, ela faz o contraponto: “A alienação é produzida através de uma relação dialética entre a imagem (programação) e o receptor” (SANTOS, 2015.p.50). Para a autora, mesmo sendo um sujeito em desenvolvimento, a criança não é um ser passivo. Ela se relaciona com a programação podendo aceitá-la ou não. As considerações apontam para a necessidade de que a discussão sobre o potencial educativo da televisão leve em conta o contexto e o período em que a análise está inserida.

2.2 O PRENÚNCIO DA IMPLANTAÇÃO DA TV NO BRASIL

Um anúncio de página inteira da General Eletric na revista *Seleções do Reader's Digest* de janeiro de 1944, intitulado “A eletrônica trará a televisão ao nosso lar” foi o prenúncio da chegada da TV no Brasil (figura 1). Uma menina loira ilustra a parte superior da página. Sorridente, para o leitor, ela aponta para o que viria a ser um aparelho de televisão. Na tela da caixa preta, a figura de um palhaço ocupa todo o espaço. Abaixo da ilustração, um texto destacava as potencialidades técnicas do novo invento que seria viabilizado pela nova ciência: a eletrônica. A General Eletric informava no anúncio que já participava dos esforços para concretizar o invento (BARBOSA, 2010).

Figura 1 - Primeira publicidade sobre a televisão no Brasil veiculada na Revista Seleções do Reader's Digest Jan. 1944



Fonte: Barbosa, 2010, p.22.

Outras propagandas do tipo, alardeando as possibilidades do instrumento que conectaria a todos e traria o mundo à casa das pessoas, passaram a circular nas revistas e jornais do país.

De acordo com Tostes (2013) e Busetto (2007), a televisão foi vista pela primeira vez no Brasil em 04 de junho de 1939³², apresentada na Exposição de Televisão, uma das atrações da Feira de Amostras³³, realizada no Rio de Janeiro. Visitada pelo Presidente da República Getúlio Vargas e seus Ministros da Justiça, Francisco Campos, e dos Transportes, Mendonça Lima, a exposição atraiu a atenção de muitas pessoas³⁴. Um estúdio improvisado foi montado

³² Segundo Ricardo Xavier (Rixa) e Rogério Sacchi, a primeira experiência com a televisão no Brasil foi realizada em 1933 pelo engenheiro, médico e jornalista Edgard Roquette Pinto, fundador da rádio e do cinema educativo no Brasil. Com um aparelho mecânico de televisão, ele conseguiu transmitir as letras ABI, sigla da Associação Brasileira de Imprensa, impressas em cartões, do centro do Rio de Janeiro para o bairro de Santa Tereza, zona sul da cidade. Ver mais em Xavier; Sacchi (2000).

³³ Feira criada pela Prefeitura do Rio de Janeiro com o objetivo de contribuir com o desenvolvimento industrial da cidade e estreitar as relações comerciais entre os estados e com diversos países. Para saber mais sobre o assunto, ver Abreu (2015).

³⁴ Ricardo Xavier (Rixa) e Sacchi afirmam que a primeira demonstração de televisão no País foi feita no dia 02 de junho de 1939 para a imprensa. No dia seguinte, o presidente Getúlio Vargas teria inaugurado oficialmente o evento e, um dia depois, 04 de junho, a Feira de Amostras teria sido aberta ao público. Para saber mais sobre o assunto, ver Xavier; Sachi (2000).

no local com câmera, microfone e luz. Receptores foram conectados aos equipamentos de captação. Detalha Tostes:

O presidente viu cantores de rádio se apresentando para câmera e suas imagens reproduzidas nos televisores. [...] e assistiu ao pequeno filme produzido em dezembro de 1938 pelo Departamento Nacional de Propaganda e Difusão Cultural (DNPDC), que o mostrava fazendo um discurso. A exposição fora organizada pelo mesmo departamento, [...] em parceria com o Ministério dos Correios da Alemanha e da fábrica alemã de aparelhos eletrônicos Telefunken [...]. A exposição de televisão fascinou o público que fez fila nos 15 dias seguintes. No estúdio improvisado, estrelas das rádios Tupi e Nacional deram voz e rosto ao novo veículo (TOSTES, 2013, p.17-18).

Era o início da Segunda Guerra Mundial, e o III Reich, que já usava a TV em suas propagandas políticas e ideológicas desde 1934, enviava equipamentos e técnicos para demonstrações públicas nos países que pretendia estabelecer ou aumentar sua influência ideológica e comercial. Foi a TV alemã a responsável pelo primeiro grande acontecimento televisivo no mundo: a transmissão da Olimpíada de Berlim em 1936, para seis cidades germânicas. Outros países também intentavam dominar a nova tecnologia. Em 1937, a British Broadcasting Company (BBC) mostrou ao vivo a coroação de Jorge VI. Em 1939, na Feira Mundial de Nova York, foi inaugurada a primeira TV Comercial do Mundo, a National Broadcasting Company (NBC) (BUSETTO, 2007; TOSTES, 2013).

O Brasil não queria ficar aquém de toda essa modernidade. Vargas fazia “jogo duplo” com a Alemanha e os Estados Unidos. Os alemães foram mais ágeis e, chefiados por Hans Pressler, o conselheiro do Instituto de Pesquisas Científicas dos Correios do Reich, encantaram Getúlio³⁵ (TOSTES, 2013). O fascínio do presidente pela televisão revelava os primeiros sinais “que o meio exerceria sobre o poder político do país, assinalando, assim, um dos obstáculos interpostos à emancipação política da futura TV brasileira, tanto em tempo de ditadura como nos de democracia” (BUSETTO, 2007, p.195).

Seis anos depois do anúncio profético sobre a televisão, feito na Revista *Seleções do Reader's Digest*, foi implantada a TV Tupy Difusora de São Paulo. A promessa seria cumprida: as pessoas poderiam assistir de casa, confortavelmente todos os acontecimentos importantes do mundo. Mas a novidade iria inserir na modernidade, em princípio, somente alguns poucos brasileiros (BARBOSA, 2010).

³⁵ A Alemanha apresentou a TV ao Brasil em 1939. No entanto, para sua implantação no país, segundo Fernando Morais, os equipamentos foram comprados por Assis Chateaubriand da Radio Corporation of America – RCA Victor dos Estados Unidos. Inicialmente Chateaubriand adquiriu 30 toneladas de equipamentos, no valor de cinco milhões de dólares. Para saber mais, ver Morais (2003).

2.3 A “CAIXA MÁGICA” CHEGA AO BRASIL

Canção da TV

*Vingou, como tudo vinga
No teu chão, Piratininga
A cruz que Anchieta plantou:
Pois dir-se-á que ela hoje acena
Por uma altíssima antena
Em que o Cruzeiro poisou³⁶
E te dá, num amuleto,
O vermelho, o branco, o preto
Das contas do teu colar.
E te mostra, num espelho
O preto, o branco, o vermelho
Das penas do teu cocar.*

(XAVIER; SACCHI, 2000, p. 101)

Autores: Guilherme Almeida (letra) e Marcelo Tupinambá (música).

A Canção da TV, música que abre este tópico, de autoria do poeta Guilherme de Almeida e do músico Marcelo Tupinambá, foi entoada por Lolita Rodrigues e Vilma Bentivegna na inauguração da TV Tupi, a primeira emissora de televisão da América Latina e a quarta do mundo³⁷ (www.tudosobretv.com.br). A letra da música, simbolicamente, traz fortes referências as “etnias” constituintes do povo brasileiro: o vermelho, o branco e o negro. O índio, o vermelho, recebe maior destaque. O mesmo nome indígena “Tupi”, já havia sido dado 15 anos atrás ao até então maior empreendimento das Emissoras e Diários Associados de Assis Chateaubriand: a Rádio Tupi.

A escolha do nome para a TV também refletia a simpatia que Chateaubriand dizia sentir pelos índios. Segundo Fernando Moraes (1994, p. 576), Chateaubriand gostava de proclamar que era “descendente direto dos índios que devoraram o bispo Sardinha na foz do Rio Coruripe”.

³⁶ Foi mantida a grafia original presente em diversas fontes, a exemplo da pesquisada. Outras utilizam “pousou”.

³⁷ Por ordem de implantação, excluindo-se fases experimentais, defendem Moraes (1994); Sampaio (2004), entre outros autores, que o pioneirismo coube à Inglaterra (1936), seguido dos Estados Unidos (1939), França (1947) e Brasil (1950). Já para Ricardo Xavier e Rogério Sacchi, a Alemanha foi a pioneira em 1935. Mas desconsiderando o fato, uma vez que as transmissões da TV Alemã foram interrompidas após a Segunda Guerra Mundial, só retornando em 1952, a TV Tupi foi a quinta emissora de televisão do mundo (a ter um serviço diário de televisão aberta) e a segunda da América Latina. Quando o Brasil sintonizou pela primeira vez a sua emissora de televisão, a TV mexicana já estava no ar há 18 dias. Para saber detalhe sobre a ordem de implantação das emissoras de televisão no mundo, ver Xavier; Sachhi (2000).

Assim, em 18 de setembro de 1950, Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo, o “Chatô”, dono de um conglomerado de rádios, revistas e jornais pelo país³⁸, inaugurou a primeira emissora de televisão do Brasil: a PRF-3 TV Tupi Difusora de São Paulo³⁹ – canal 3. Devido às propagandas veiculadas precocemente, parte da população já estava encantada pela televisão.

Na fase experimental da TV, em abril do mesmo ano, fora exibido um filme-documentário com o ex-presidente Getúlio Vargas falando do seu retorno à vida política, e, em julho, uma apresentação do frei mexicano José Guadalupe Mojica⁴⁰. As transmissões experimentais atraíam multidões para dois monitores colocados no centro de São Paulo e dois no saguão do prédio dos Diários Associados. Assim, quem não tinha visto, tinha ouvido falar, e ansiava a chegada oficial da “caixa mágica⁴¹” que levaria o mundo aos lugares mais longínquos do país (MORAIS, 1994; BARBOSA, 2010).

Segundo Marialva Barbosa (2010), o grande feito do espírito visionário de Chateaubriand foi viabilizado com os recursos de quatro dos seus maiores anunciantes: Companhia Antartica Paulista, Grupo Sul América de Seguros, Moinho Santista e Organizações Pignatari, fabricante da Prata Wolf. Com o pagamento antecipado de um ano de publicidade, os patrocinadores bancaram os custos da implantação da TV Tupi em São Paulo e da TV Tupi do Rio de Janeiro, no início do ano seguinte.

Na inauguração da primeira emissora de TV, o alcance foi superior ao da fase experimental. Empreendedor nato, Chateaubriand havia encomendado à Radio Corporation of America – RCA, nos Estados Unidos, em 1947, os equipamentos para montagem da emissora, e, devido aos altos custos de importação dos aparelhos, contrabandeou 200 receptores e espalhou pela Praça da Sé, na antiga loja Mappin, no Jockey Club, na Sede dos Diários Associados, bares, entre outros locais (www.redetupi.blogspot.com.br). Era preciso que a população tivesse acesso, nas palavras do próprio Chateaubriand, a “mais subversiva máquina de influir na opinião pública” (BARBOSA, 2010, p.19). No discurso inaugural, o empresário resumiu como tinha viabilizado a implantação da TV no país:

³⁸ Em 1950, o “império” Chateaubriand já contava com 23 jornais, 28 emissoras de rádio, as revistas O Cruzeiro, A Cigarra, 12 revistas infantis, agências de notícias, além de laboratórios, um castelo na Normandia, fazendas, coleção de artes, entre outros bens. Para mais informações, ver James (2010).

³⁹ Inicialmente o nome Tupi apareceu grafado com “Y”; depois o “y” foi substituído pelo “i”. No trabalho, adota-se, após essa citação, a segunda grafia.

⁴⁰ Ex-ator, o frei José Guadalupe Mojica seguia cantando e encantando as multidões. A apresentação do religioso na fase experimental foi patrocinada pela marca de produtos alimentícios Peixe. Para saber mais sobre o assunto, ver James (2010).

⁴¹ A denominação “caixa mágica” dada a televisão é utilizada por vários autores que tratam da História da Televisão no Brasil. Mais detalhes, ver Busatto (2007).

Atentai bem e vereis como é mais fácil do que se pensa alcançar uma televisão: com Prata Wolf, lãs Sams, bem quentinhas, Guaraná Champagne, borbulhante de bugre e tudo isso bem amarrado e seguro no Sul América, faz-se um *bouquet* de aço e pendura-se no alto da torre do Banco do Estado um sinal da mais subversiva máquina de influir na opinião pública – uma máquina que dá asas à fantasia mais caprichosa e poderá juntar os grupos mais afastados [...] (BARBOSA, 2010, p.19).

As bênçãos da solenidade de inauguração foram dadas pelo bispo auxiliar de São Paulo, Dom Paulo Rolim Loureiro. Empresários, imprensa e Igreja, juntos na concretização da TV brasileira. Uma programação próxima do improviso, misturando a linguagem do rádio, do cinema e do teatro, começava a ser delineada. O primeiro programa transmitido foi o “TV Taba”, apresentado por Homero Silva, Hebe Camargo, Lima Duarte, Mazaroppi, Ivon Cury, entre outros artistas, principalmente do rádio e do teatro, que faziam participações especiais. Humor, comentários esportivos, apresentações de *ballet*, telejornal, filmes cedidos por consulados e o teleteatro foram os ingredientes básicos da programação inicial da TV no país (BARBOSA, 2010; SAMPAIO, 2004; www.blogspot.com.br, 2010).

2.4 E PARA AS CRIANÇAS, O QUE TINHA NA “CAIXA”?

As crianças não foram esquecidas e, desde cedo, mereceram atenção especial da emissora. A começar pelo apelo pueril da logomarca da TV Tupi Difusora de São Paulo. A imagem de um índio guerreiro (figura 2), de olhar fixo no horizonte, tomada de empréstimo das rádios Associadas Tupi e Difusora, logo foi substituída por um simpático e sorridente indiozinho (figura 2), que no lugar do cocar trazia uma pequena antena de TV. A figura da mascote certamente também fortalecia a questão da etnia brasileira e do nacionalismo defendido por Chateaubriand.

Figura 2 - **Primeiras logomarcas da TV Tupi Difusora de São Paulo**



Fonte: REDE TUPI TV.

Na inauguração da emissora, a primeira imagem exibida foi a da menina Sônia Maria Dorce, de cinco anos de idade, devidamente caracterizada de indiazinha⁴². Também foi dela a primeira fala na televisão brasileira: “Boa noite, está no ar a TV no Brasil”.

O indiozinho da logomarca da TV também aparecia anunciando a próxima atração da emissora (figura 3) e, no final da noite, retirava seu cocar de anteninha e se recolhia à sua rede anunciando para as crianças que era hora de dormir (figura 4). A senha visual do último anúncio era acompanhada do *jingle*: “Já é hora de dormir, não espere a mamãe mandar. Um bom sonho para você e um alegre despertar”⁴³ (www.redetupi.blogspot.com.br, 2010).

Figura 3 - Chamada para a próxima atração - TV Tupi



Fonte: REDE TUPI TV.

Figura 4 - Vinheta de encerramento da programação da TV Tupi



Fonte: REDE TUPI TV.

O indiozinho, a TV, tinha um papel imperativo: mandava, se antecipando aos pais, as crianças para a cama. Segundo Ricardo Setti:

⁴² Segundo Ricardo Xavier e Rogério Sacchi, atriz Yara Lins foi a primeira a aparecer na tela, anunciando o prefixo da emissora: PRF 3 TV Difusora. Ver mais em Xavier; Sacchi (2000).

⁴³ Para ter acesso ao *jingle*, consultar www.youtube.com/watch?v=k18y8GbS7bs.

O que hoje se denominaria clipe teve como autores Mario Fanucchi (design) e o maestro Erlon Chaves (letra e música) por encomenda de Assis Chateaubriand, [...]. Diz a lenda que Chatô queria ver toda criança dormindo no máximo às 8 da noite. Assim, entre 1950 e 1961, a musiquinha seria senha para mandar parte da audiência para a cama. Os pais aprovavam a campanha, mas as crianças odiavam [...]. No início dos anos 60, entretanto, os direitos da música foram vendidos para os fabricantes dos Cobertores Parayba, e o índio foi substituído pelos três garotos, um deles conduzindo uma vela acesa (SETTI, 2011).

A mascote tinha ainda outra função: a figura, exibida em quadro parado, servia para “amansar” os telespectadores irritados com as falhas constantes da televisão (MORGADO, 2008). Cabe ressaltar que não só a TV Tupi utilizou a figura infantil em sua marca e chamadas de programas. A TV Excelsior, por exemplo, inaugurada dez anos depois, mantinha o mesmo apelo (figura 5). Assim, as crianças desde sempre interessaram à TV.

Figura 5 - Vinhetas da TV Excelsior décadas de 1960 e 1970



Fonte: TV EXCELSIOR.

Um menino e uma menina apareciam nas vinhetas iniciais de abertura da TV Excelsior. Na coletânea de vinhetas da emissora, o pequeno casal também estava presente em chamadas de programas, noticiário, sessão de cinema, entre outras atrações. Um mundo de opções dentro de casa, bastava girar um botão. No condicionamento de novos hábitos, a figura infantil, que naturalmente traz empatia, era utilizada para transmitir as mensagens desejadas pelo veículo.

Um dia depois da inauguração da TV Tupi, o desenho animado Pica-Pau, em inglês, foi exibido, e outras atrações infantis foram sendo apresentadas às crianças. Os primeiros programas infantis⁴⁴ da TV Tupi foram: “Clube do Papai Noel,” em 1952; “Clube da Gurilândia”, em 1955; “Teatrinho Trol”, em 1956; “Clube do Mickey”, em 1959; “Clube do capitão Aza”, 1966; entre outros (MARIA, 2000; SAMPAIO, 2004).

O caráter mercadológico e publicitário que a programação infantil assumiria já podia ser observado desde os primeiros programas: o nome dos patrocinadores estava no título de muitos

⁴⁴ Percebeu-se divergência entre autores em relação às datas de implantação de alguns dos programas. Optou-se por utilizar o consenso entre Lara Maria (2000) e Sampaio (2004).

deles. Essa pesquisa faz uma abordagem mais detalhada sobre o assunto na seção 3, no tópico intitulado: Criança brinca, aprende e “vende”.

2.5 A LENTA POPULARIZAÇÃO DA TV NO BRASIL

Se antes de chegar ao Brasil a TV foi anunciada como o revolucionário aparelho que levaria o mundo à casa de todos, na prática isso não aconteceu na década de 50. Inicialmente, os televisores eram importados e muito caros. Mesmo os primeiros fabricados no Brasil, da marca *Invictus*, custavam nove mil cruzeiros, ou seja, três vezes mais que uma radiola⁴⁵, o bem de consumo mais desejado da classe média. Levando-se em conta que o salário mínimo em 1950 era Cr\$ 491,85⁴⁶ seriam necessários cerca de 19 salários mínimos para comprar um televisor. Ter um aparelho de TV era um sinal de distinção social (BOURDIEU, 2005). Tal fato explica o porquê dos teleteatros, que eram os “cartões de visitas” das emissoras, manterem um nível elevado de produção, apesar dos imprevistos. O público inicial era rico, seletivo e exigente (BRANDÃO, 2010).

A TV não estava ainda ao alcance das massas, que assumiam o posto de “televizinhos” e “telefans”, aglomerando-se nas janelas dos vizinhos privilegiados, em locais públicos onde alguns aparelhos eram disponibilizados para quem desejasse assistir (figura 6) ou em frente das lojas que vendiam o objeto de desejo. Segundo o cineasta e ator Daniel Filho (2003) inicialmente, a imagem vista na TV não tinha qualidade: “[...] não era muito clara; era meio borrada, como se fosse um desenho que você faz e passa o dedo. A tela redonda. Mas tinha movimento, você via as pessoas, dava até para reconhecer” (FILHO, D. 2003.p.16).

Foi lenta a popularização da máquina que daria asas e juntaria os grupos humanos mais afastados, como vaticinou Chateaubriand no seu discurso de inauguração da TV Tupi. Em 1952, havia apenas 11 mil televisores em todo o país. Mas o hábito de ver TV era amplamente incentivado pela publicidade, e quem podia mantinha o seu televisor em lugar de destaque na sala de casa. Publicidade provavelmente inspiradas em exemplos que não eram brasileiros. Analisando a primeira foto que aparece do lado esquerdo da figura a seguir (figura 7), é possível suspeitar que a família da propaganda não estava no Brasil. A cabeça de alce que aparece no canto superior direito da parede sinaliza para uma decoração incomum aos padrões nacionais. A mesma foto aparece em outros registros sobre a televisão brasileira, com a inserção da

⁴⁵ A relação de preços entre radiolas e aparelhos de televisão é feita em textos que tratam da história da TV no Brasil. Ver mais em www.blogspot.com.br; www.redetupi.blogspot.com.br (2010) e Mattos (2002).

⁴⁶ Para saber mais informações sobre o valor de salário mínimo no Brasil desde sua instituição, ver <http://g1.globo.com/economia/noticia/2011/02/veja-evolucao-do-salario-minimo-desde-sua-criacao-ha-70-anos.html>.

logomarca da TV Tupi, o indiozinho, na tela da televisão. A montagem teria sido feita já nas décadas de 1950, ou seria obra mais recente? Uma coisa é certa: novas práticas sociais estavam sendo introduzidas. A família era incentivada a se reunir em torno da televisão. Pela nova “janela” da casa poderiam ver o mundo e incorporar novos costumes e valores (BERGAMO, 2010; BARBOSA, 2010; COSTA; VALIM, 2011).

Figura 6 - Televisores disponibilizados para o público interessado – São Paulo (1950)



Fonte: REDE TUPI TV.

Figura 7 - Fotos publicitárias no Brasil sobre televisores na década de 1950



Fonte: REDE TUPI TV; TUDO SOBRE TV.

Na década de 60, a televisão começou a se popularizar. Em toda a década de 50, existiam apenas 434 mil aparelhos no país, mas somente em 1966 foram vendidos 408 mil televisores. Havia campanhas de vendas, os preços ficaram mais acessíveis e as novelas elevavam a audiência. Na década de 60, estavam em funcionamento no país as emissoras Tupi de São Paulo

(SP-1950), TV Tupi do Rio de Janeiro (RJ-1951), TV Paulista (SP-1952), TV Record (SP-1953), TV Rio (RJ-1955), TV Continental (RJ-1959), TV Piratini (Porto Alegre/RS- 1959), TV Rádio Clube (Recife/PE 1960), TV Jornal do Commercio (Recife, PE 1960), TV Excelsior (São Paulo/SP-1960), TV Brasília (Distrito Federal/Brasília 1960), TV Cultura (São Paulo/SP1960), TV Alterosa (Belo Horizonte/MG-1962), TV Anhanguera (Goiania, GO-1963), TV Globo (Rio de Janeiro/RJ-1965), TV Bandeirantes (São Paulo/ SP-1967), entre outras, conforme o quadro 6 a seguir (BARBOSA, 2010; SAMPAIO, 2004; BERGAMO, 2010; PRO-TV, 2002).

Quadro 6 - Emissoras Comerciais de TV em operação no Brasil licenciadas até o de 1976⁴⁷

Ordem	Ano	Emissoras	Local	Canal
01	1950	TV Tupi Difusora	São Paulo- SP	4
02	1951	TV Tupi Rio	Rio de Janeiro-RJ	6
03	1952	TV Paulista	São Paulo-SP	5
04	1953	TV Record	São Paulo-SP	7
05	1955	TV Rio	Rio de Janeiro-RJ	13
06	1955	TV Itacolomi	Belo Horizonte-MG	4
07	1959	TV Piratini	Porto Alegre-RS	5
08	1959	TV Paranaense	Curitiba-PR	12
09	1959	TV Continental	Rio de Janeiro-RJ	9
10	1960	TV Ceará	Fortaleza-CE	2
11	1960	TV Jornal do Commercio	Recife-PE	2
12	1960	TV Rádio Clube	Recife-PE	6
13	1960	TV Itapoã	Salvador- BA	5
14	1960	TV Excelsior	São Paulo- SP	9
15	1960	TV Bauru	Bauru-SP	2
16	1960	TV Tupi Difusora	Ribeirão Preto- SP	3
17	1960	TV Paraná	Curitiba-PR	6
18	1960	TV Nacional	Brasília-DF	3
19	1960	TV Brasília	Brasília-DF	7
20	1960	TV Alvorada	Brasília-DF	8
21	1960	TV Goiania	Goiania-DF	4
22	1960	TV Cultura	São Paulo-SP	2
23	1961	TV Marajoara	Belém-PA	2
24	1961	TV Rádio Clube de Goiânia	Goiânia-GO	7
25	1961	TV Vitória	Vitória-ES	3
26	1962	TV Gaúcha	Porto Alegre-RS	12
27	1962	TV Belo Horizonte	Belo Horizonte-MG	12
28	1963	TV Difusora	São Luiz-MA	4
29	1963	TV Borborema	Campina Grande-PB	9
30	1963	TV Excelsior	Rio de Janeiro-RJ	2
31	1962	TV Alterosa	Belo Horizonte-MG	2

⁴⁷ Divergências foram observadas entre autores em relação às datas de implantação de algumas emissoras. Tal fato se deve, provavelmente, porque alguns consideraram como marco inicial a data da concessão da licença para funcionamento e outros a data que o canal entrou definitivamente no ar.

...continuação

Ordem	Ano	Emissoras	Local	Canal
32	1963	TV Anhanguera	Goiania-GO	2
33	1965	TV Globo	Rio de Janeiro-RJ	4
34	1965	TV Industrial	Juiz de Fora-MG	10
35	1966	TV Guajará	Belém-PA	4
36	1966	TV Vila Rica	Belo Horizonte-MG	7
37	1966	TV Triângulo	Uberlândia-MG	8
38	1966	TV Morena	Campo Grande	6
39	1967	TV Iguaçu	Curitiba-PR	4
40	1967	TV Bandeirantes	São Paulo-SP	13
41	1967	TV Ajuricaba	Amazonas-AM	8
42	1968	TV Universitária TV U	Recife-PE	11
43	1969	TV Coligadas	Blumenau-SC	3
44	1970	TV Gazeta	São Paulo-SP	11
45	1971	TV Sergipe	Sergipe-SE	4
46	1972	Clube	Piauí-PI	4
47	1974	TV Rondônia	Rondônia-RO	4
48	1974	TV Roraima	Roraima-RR	2
49	1975	TV Tropical	Londrina-PR	7
50	1975	TV Gazeta	Alagoas-AL	7
51	1976	TV Atalaia	Sergipe-SE	8
52	1976	TV Studios TVS	Rio de Janeiro-RJ	11

Fonte: Elaborado pela pesquisadora a partir de fontes diversas, dentre elas Sampaio (2004); Sacchi; Xavier (2000); Barbosa (2010).

No Nordeste, as emissoras pioneiras foram a TV Itapoã, em Salvador; TV Ceará, em Fortaleza; TV Rádio Clube e TV e Rádio Jornal do Commercio, ambas em Recife, fundadas em 1960. Da Rádio Jornal do Commercio, chegaram a Sergipe as primeiras imagens da televisão, a máquina de sonhos que massificaria conceitos, costumes, valores, ditaria normas, serviria a interesses diversos e interferiria nas representações, apropriações e experiências também dos sergipanos. Representações determinadas pelos interesses de grupos que as forjam, apropriações que têm por objetivo uma história social das interpretações (CHARTIER, 1990) e experiências, no entendimento de Thompson (1981), que correspondem a um processo vivido pelos seres sociais no conjunto de suas relações sociais, que geram aprendizado. Vivências nas quais:

Os valores não são ‘pensados’, nem ‘chamados’; são vividos, e surgem dentro do mesmo vínculo com a vida material e as relações materiais em que surgem nossas ideias. São as normas, regras, expectativas etc. necessárias e aprendidas (e ‘aprendidas’ no sentimento) no ‘*habitus*’ de viver; e aprendidas, em primeiro lugar, na família, no trabalho e na comunidade imediata. Sem esse aprendizado a vida social não poderia ser mantida e toda a produção cessaria (THOMPSON, 1981, p.194).

O que era visto na tela, algumas vezes de forma sutil ou inconsciente, passava a ser apreendido pelos telespectadores sergipanos e incorporados no dia a dia das pessoas e da cidade. A última moda, por exemplo, não ficaria mais restrita a revistas especializadas, fotonovelas ou a raros espaços nos jornais. A TV mostrava o que estava em “voga”, como a sociedade “civilizada” se vestia e se comportava. “Naturalmente” novos valores passavam a ser incorporados pelos sergipanos.

2.6 ARACAJU DOS ANOS 70

No final da década de 60 e início dos anos 70, Aracaju ainda não conhecia realmente o progresso, se comparada a capitais do Sudeste do país. Era a “cidade-menina vestida de Sol”, conta o jornalista Raymundo Luiz:

Vivíamos o segundo mandato presidencial pós-Revolução de 1964 e Aracaju era ainda muito provinciana. Mas começava a mostrar que estava querendo se apartar do rótulo doce que lhe havia sido atribuído (aliás, o conceito mais meigo que já lhe atribuíram): ‘cidade-menina, vestida de sol’, de autoria de Luiz Garcia, ex-governador do estado. Os governadores do estado dos anos 70, portanto, foram designados pelo General Presidente, e, consequentemente, ele escolhia os nomes dos prefeitos de Aracaju [...]. Os recursos arrecadados pela prefeitura [...] eram muito limitados o que impedia, certamente, gestões que desenvolvessem nossa capital. Simultaneamente, a evolução socioeconômica de Aracaju processava-se em ritmo lento, quase parando. Diversão: cinemas. Um de primeira linha, o Palace, mais uns quatro de menor categoria: Rex, Vitória, Guarany, Rio Branco. Aliás, era no Cine-teatro Rio Branco que aconteciam as melhores apresentações, algumas vezes feitas por grupos locais de jovens talentosos. As retretas da Praça Fausto Cardoso começavam a perder fôlego, enquanto clubes sociais como a Atlética, o Iate Clube de Aracaju, Cotinguiba e Vasco realizavam festas que atraíam as atenções e preferências da sociedade. É a fase do som estereofônico nas primeiras boates que copiavam as infernais discotecas do Sul do País. Boate Segredo, Oxente (no Cotinguiba) e por aí afora (SILVA, R., 2015).

Sobre outros aspectos da Aracaju daquele período, o jornalista Luiz Eduardo Costa recorda que no começo do ano de 1968, foi instalado o telefone automático no lugar do telefone de manivela (COSTA, 2015). Os impressos seguem a fornecer informações culturais do final da década de 1960 em Aracaju. Na Gazeta de Sergipe de 31 de dezembro de 1969, um anúncio da Sorveteria, Restaurante e Churrascaria Yara (figura 8) destaca o jantar dançante diário da casa, ao som de um toca-fitas estereofônico, iluminação com luz negra, entre outros diferenciais. A propaganda da Yara também desejava boas festas e próspero ano novo aos leitores e conferia um novo título para Aracaju: a “Capital do Petróleo”.

Figura 8 - Publicidade da Sorveteria, Restaurante e Churrascaria Yara (1969)



Fonte: Gazeta de Sergipe 1969, p.2

O jornalista Eugênio Nascimento, que frequentou a Yara, relembra: “Embaixo vendia sorvete e sanduíche, e em cima tinha a boate. Era uma espécie de ‘clube da elite sergipana’. Às tardinhas tinham os bailes, fins de tarde; nos sábados e domingos, boate, boate mesmo. Era familiar, depois que mudou de rumo. A luz era famosa. E diziam: ‘vamos pra Yara que tem luz negra’”! (NASCIMENTO, 2015).

E havia outras diversões, de custo zero ou possíveis, para os bolsos dos meninos: futebol nos campinhos da Baixa Fria ou da Portuguesa, no bairro Siqueira Campos; os banhos no Rio Sergipe, nas imediações da Praia Formosa; e os encontros nas portas dos cinemas antes das sessões, que podiam ser intermináveis:

[...] à tarde era uma multidão de meninos na porta do cinema para trocar e vender gibis já lidos. Com o dinheiro a gente comprava ingresso, e laranja, já descascada, e saco de pipoca Lírio do Vale. [...] e ia todo mundo assistir filme [...] podia assistir mais de uma sessão. Você marcava com os amigos: ‘vou às duas e espero vocês para sessão das quatro’. E ficava lá assistindo, dando vaia nos filmes ‘uhhhh’ e contando alto pro povo, que estava vendo pela primeira vez, o que ia acontecer no filme [risos]. Isso no Vera Cruz e Cinema Bonfim, no Siqueira. Tinha também no Santo Antônio e no Grageru. No Centro tinham

quatro cinemas: o Vera Cruz, o Vitória, o Rio Branco, depois o Palace (NASCIMENTO, 2015).

Os filmes de *cowboy* eram o sucesso da época. Mas tinham também os épicos, os desenhos animados, os romances, e os proibidos para os adolescentes e “senhoras e senhoritas respeitáveis” (figura 9).

Figura 9 - Publicidades de cinemas em jornais de Sergipe na década de 1960



Fonte: Gazeta de Sergipe, 1969 p.2; 31 dez. 1969, p.4; 22 fev. 1969, p.5.

As “casas de espetáculos” mais liberais e prostíbulos também faziam parte do cenário: Xangai, Miramar e Cantinho da Saudade, no centro da cidade; o Sítio do Pica-pau Amarelo, da famosa Ciganinha, no bairro Santos Dumont; o de Vanda, no bairro América, entre outros. Frequentar um desses locais, para os homens, era uma prática boêmia aceitável e para os rapazes, um aval de iniciação à desejável vida adulta (NASCIMENTO, 2015).

Mesmo preservando características pitorescas e provincianas, a Aracaju da década de 70, a “Capital do Petróleo”, como registrava a publicidade da Sorveteria, Restaurante e Churrascaria Yara, começava a viver transformações e progresso. Conta o jornalista Luiz Eduardo Costa:

Na década de 70, é que começaram as grandes transformações que Aracaju ia viver - porque fortaleceu-se a presença da Petrobras aqui com a descoberta do petróleo na plataforma em 1968. E aí começaram a vir as grandes empresas que trabalhavam para a Petrobras e houve o deslocamento no governo Lourival Batista da região de produção da Petrobras, que então era em Maceió [para Aracaju], e não se justificava ser Maceió porque Alagoas produzia muito pouco petróleo. Sergipe já era naquela época o segundo grande produtor de petróleo em terra. E já se havia descoberto petróleo no mar [...] (COSTA, 2015).

E assim, começaram a chegar as empresas, inclusive estrangeiras, com seus trabalhadores, técnicos altamente qualificados, entre outros. Era preciso ter casas e apartamentos para acomodar tanta gente. Iniciava o *boom* da construção civil.

As grandes empresas de construção, que ainda hoje subsistem, como é o caso da Habitacional, da Norcon, da Cosil, todas nasceram nessa época, 68 e 70. Quando Aracaju precisou abrigar esse pessoal que chegava, não é? [...] Tinha mais do que hoje. Empresas terceirizadas pela Petrobras. [...] final do governo de Lourival, que foi um governo que dinamizou muito Sergipe porque tinha bons contatos na área militar, representante da Revolução em Sergipe, como se dizia então (COSTA, 2015).

Se para alguns as transformações na cidade no final dos anos 60 e início dos 70 começavam a ser perceptíveis, para quem chegava dos grandes centros, Aracaju ainda deixava muito a desejar. São de Idalina Campos, esposa de Luiz Carlos Campos, o primeiro diretor comercial da TV Sergipe, as seguintes observações sobre o contexto estabelecido:

[...] quando chegamos aqui, eu acostumada em São Paulo, que quando você quer comprar uma casa você telefona para uma imobiliária e te mandam um corretor de imóveis com um carro [...], aqui uma senhora não ia com um corretor de imóveis. Não ficava bem. E eu precisava comprar uma casa. Mas não ficava bem. E ele [Luiz Carlos Campos] precisava trabalhar [...]. Perguntei a Maria [uma parenta] o que se podia fazer aqui. Ela respondeu: ‘Só temos duas coisas aqui, Idalina: ir à missa ou comprar o jornal’. E eu perguntei, e cinema, você não vai? Ela respondeu: ‘Não porque os filmes que passam são antigos’[...]. Tinha a sorveteria Cinelândia, muito famosa, tinha gente que comprava sorvete lá para mandar para Brasília, sorvetes maravilhosos [...]. E vamos falar dos aniversários... das mulheres, da vida social. Dona Terezinha [supondo um nome] fazia aniversário. Ótimo, vamos pra lá. Chegávamos, tudo bem servido, muita comida, muito bem arrumado. Agora, mulheres de um lado e homens de outro. Nunca, em toda a minha vida aqui em Sergipe, eu participava de uma conversa junto com meu marido. O que eu estranhava muito porque eu estava acostumada [em São Paulo] a sempre participar de tudo. E as festas eram sempre assim: homens de um lado e mulheres de outro. No São João, fazíamos uma reunião. Todo mundo, uma reunião na rua de São João a comer o churrasquinho [...] e ver as danças, as quadrilhas, as festas juninas que eram muito pequenas perto do que você vê [hoje]. As roupas de hoje são feitas já por verdadeiros artesãos, são maravilhosas! Mas naquele tempo era aquela maria chiquinha e pronto. Mas a gente ia comer aquela farofinha, que passava o churrasquinho na farofa. Nas festas de Natal, a gente ia pra Praça da Catedral ver o Carrossel de Tobias⁴⁸. Aí era aquele bate papo, vamos comer ali, uma volta no carrossel e por aí ficou (CAMPOS, 2015).

Os jornais da época acrescentam um pouco mais às impressões de Idalina Campos em relação ao lugar das mulheres nas décadas de 60 e 70 em Aracaju. Elas tinham pouca

⁴⁸ O Carrossel do Tobias era a principal atração do parque de diversões montado nos festejos natalinos da cidade no Parque Teófilo Dantas, centro de Aracaju. Andar nos cavalinhos, ondas e aviões do parque era programa tradicional nos Natais dos aracajuanos. Informações fornecidas por Vilder Santos em entrevista concedida à pesquisadora em 2015.

participação nos acontecimentos importantes da cidade e, na imprensa, com frequência, recebiam títulos como “as mais lindas, as consortes, as madames e as gentis senhoritas”. Reverenciadas geralmente por serem filhas, esposas, viúvas ou irmãs de uma determinada personalidade: um homem, naturalmente. A Gazeta de Sergipe, de 23 de março de 1969, por exemplo, registrava o aniversário da madame Célia Oliveira Bittencourt, “digníssima consorte do Dr. Renato Bittencourt”(p.2). O mesmo diário em 28 de agosto de 1969 incentiva a candidatura de Vera Lúcia Porto no “concurso que reúne as mais lindas bancárias [...]” (p.1). Em 30 de outubro de 1969, parabenizava “a madame Dilma Torres dos Santos, esposa do senhor Francisco Horácio dos Santos [...] e a gentil senhorita Maria José Santos”(p.2).

A “defesa” da liberdade das mulheres era, mesmo que disfarçadamente, carregada de preconceito e machismo. Em 21 de agosto de 1969, o jornalista Ariosvaldo Figueiredo, ao discorrer sobre o matriarcado, analisa:

Organização social em que a mulher é a base da família. É a detentora do poder. O matriarcado já foi, de direito, triunfante. Existe em alguns países o matriarcado de fato. É o pior deles. O matriarcado domina nos Estados Unidos compondo, se bem pouco estudado e reconhecido, a crise da sociedade norte-americana. Há, no Brasil, formas veladas ou disfarçadas de matriarcado. Refletem a frustração da mulher brasileira. O matriarcado no nosso País, felizmente, é ainda endêmico. A mulher, realmente, não se escraviza. Deve ter **liberdade para escolher o seu senhor**. Só assim ela não se sentirá escrava. O homem, idem (GAZETA DE SERGIPE. 1969, p.2, grifo nosso).

Na “defesa” da liberdade feminina, o discurso do jornalista denota o espaço reservado às sergipanas naquele período. Mas havia exceções, e algumas mulheres recebiam o apoio da imprensa no sentido de desenvolverem suas atividades intelectuais e profissionais. É do mesmo jornalista o comentário na coluna “Fatos e Pessoas”, da Gazeta de Sergipe (1969):

Li a relação dos nomes aprovados no último concurso de Juiz de Direito no Estado. [...] Nomes femininos nas primeiras colocações. Isso é ótimo, para ela e para Sergipe. Já disse aqui – e repito. A mulher sergipana está, e em muitos casos e situações, à frente do homem. Principalmente no terreno do estudo. E da cultura⁴⁹ (GAZETA DE SERGIPE, 1969, p.5).

A respeito da inserção de mulheres em espaços tradicionalmente dominados pela presença masculina, a tese de Márcia Terezinha Jerônimo Oliveira Cruz (2014), intitulada: “Ritos simbólicos e práticas normativas: a Faculdade de Direito de Sergipe e sua cultura acadêmica (1950-1968)”, revela aspectos da presença feminina no campo do Direito. No período estudado por ela, o ingresso na Faculdade de Direito de Sergipe (FDS) significava

⁴⁹ Optou-se nessa pesquisa por manter as citações como foram escritas originalmente.

possibilidade de ascensão ao Ensino Superior, liberdade e independência feminina. As pioneiras, com raras exceções, eram oriundas de famílias tradicionais e abastadas. Inicialmente as mulheres foram minoria em relação aos homens: 16,7% na primeira turma formada em 1955; apenas Aída Prado Leite Teles e Maria da Conceição Cardoso Ribeiro⁵⁰. Em 1969 o percentual feminino foi elevado para 52%, “o que permite inferir que, após a criação da FDS, as mulheres passaram a ocupar parcela considerável do campo jurídico em Sergipe, mesmo levando em conta que ocuparam, ao todo, 27,6% do total de bacharelados, durante o período estudado” (CRUZ, 2014, p.361).

A posição ocupada pelas mulheres no final da década de 60 e início da década de 70 em Sergipe, é tema que volta a ser abordado na seção 3, no tópico “O lugar das mulheres na imprensa sergipana na década de 70”. Adianta-se, no entanto, que o discurso paternalista ou mesmo “pseudomoderno” em voga não era aceito por todas as sergipanas.

Se por um lado a vida social na “cidade-menina vestida de Sol” deixava a desejar, se comparada a dos grandes centros, ela também tinha seus encantos. De acordo com os registros do historiador Ibarê Dantas (2004), não se pode dizer que na área cultural nada acontecia na capital de Sergipe nas décadas de 60 e 70. Em 1966, foi criado no estado o Clube de Cinema, estimulando filmagens; estudantes do Colégio Ateneu também fundaram seu Cineclube e foi aberta a galeria Álvaro Santos. A ideia era oferecer espaços permanentes para exposições, e a pintura local passou a ter maior visibilidade. Além dos artistas já consagrados, novos nomes conquistaram seus espaços. Entre eles, Adauto Machado, Felix Mendes, Hortência Barreto, Anete Sobral e Joubert Moraes. Em 1970, havia nove entidades culturais na capital sergipana⁵¹.

Entre os escritores locais, a produção crescia, e na área de publicações de livros, somente a Livraria Editora Regina Ltda., editou 95 títulos entre 1966/1970. Destacaram-se ainda no período em Sergipe: a instalação da Universidade Federal de Sergipe (1968); a criação das Faculdades Integradas Tiradentes (1972) e da Faculdade Pio Décimo⁵²(1972); a realização do I Festival da Canção no Colégio Atheneu (1969); do I Festival de Artes de São Cristóvão (1972); do I Encontro Cultural de Laranjeiras (1976) e o surgimento de bandas musicais como

⁵⁰ Para saber mais sobre a inserção feminina na Faculdade de Direito de Sergipe nas décadas de 1950 e 1960 e o perfil dos bacharéis formados pela instituição no período, ver Cruz (2014).

⁵¹ Dantas destaca: a Academia Sergipana de Letras (ASL), Academia Sergipana de Poesia (ASP), Associação de Teatro Amador de Sergipe (ATAS), Associação Sergipana de Cultura (ASC), Clube de Cinema e Sergipe (CCS), Clube Estudantil de Geologia Amadorista de Sergipe (CEGAS), Clube Sergipano de Poesia (CSP), Editora Jovens Reunidos (JOVREU), Grupo de Teatro e Arte (CULTURAT). Mais informações sobre o assunto, ver Dantas (2004).

⁵² Segundo material de divulgação da própria instituição, o curso de Pedagogia da Faculdade Pio Décimo teve seu funcionamento autorizado pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) em 1976. Mais informações ver Pinto (sem data).

Comanches, Apaches, *Los Guaranis*, *Vikings*, *The Thop's*, Brasa 10, e grupos como o Bolo de Feira e o Conjunto R Som 7 (DANTAS, 2004).

Aracaju chegou aos anos 70 com cinco emissoras de rádio AM: Rádio Difusora (1939), Rádio Liberdade (1953), Rádio Jornal (1958), Rádio Cultura (1959) e Rádio Atalaia (1968). A primeira emissora FM do estado, a Atalaia FM, viria somente em 1979. Dos jornais do período, destacavam-se O Diário de Aracaju, criado em 1964, órgão dos Diários Associados, que já trouxe a marca governista; o Sergipe Jornal (1965), que evitava opinar sobre fatos políticos, e A Gazeta de Sergipe (1958), oriundo do jornal Gazeta Socialista (1948), órgão do Partido Socialista Brasileiro (PSB), inicialmente o mais visado pela censura, mas tendo depois sucumbido a ela. Circulavam ainda o Jornal da Cidade (1972⁵³), criado pelos jornalistas Ivan Valença e Nazário Pimentel, depois vendido ao empresário Augusto Franco e o jornal semanal católico A Cruzada, criado em 1918 pela Diocese de Aracaju (DANTAS, 2004; COSTA, 2015; MELINS, 2001).

Vivia-se a ditadura militar no País, e a imprensa local adotava uma postura cautelosa para não desagradar o poder vigente. Segundo Ibarê Dantas (2004), “ Apesar da presença da censura em vários momentos, não se pode dizer que o desempenho das emissoras radiofônicas, e sobretudo dos jornais, deveu-se exclusivamente à orientação de censores⁵⁴” (DANTAS 2004, p.223).

Revolução ou golpe? Revolução para os defensores ou simpatizantes da intervenção civil-militar instalada no Brasil com o apoio dos Estados Unidos em 1º de abril de 1964. Para os opositores do movimento foi um golpe de Estado. O historiador Ibarê Dantas, em *seu* “*A Tutela Militar em Sergipe 1964/1984*” (1997), baseado em estudos de Cardoso (1972) e Fernandes (1975), denomina o movimento de contrarrevolução, considerando que havia uma revolução em marcha, visando transformar o regime liberal-democrático em socialista. Com a instalação do movimento, que essa pesquisa nomeia como golpe civil-militar de 1964⁵⁵, o presidente João Goulart, acusado de tentar implantar o comunismo no país, foi deposto, e o congresso deu posse ao general Humberto de Alencar Castelo Branco. Os poderes foram submetidos a um grupo de militares, Atos Institucionais foram editados restringindo os direitos dos cidadãos, os partidos políticos foram extintos, restando apenas o bipartidarismo (Arena e

⁵³ Embora 1972 seja considerado por alguns autores como o ano de criação do Jornal da Cidade, esta pesquisa localizou no acervo do próprio jornal edições de 1970 e 1971 do periódico.

⁵⁴ Dantas se refere aos censores estabelecidos pela ditadura militar. Alguns visitavam as redações e/ou solicitavam que o material produzido fosse encaminhado a eles antes da veiculação.

⁵⁵ Ver mais sobre o golpe militar de 1964 no site www.memoriasdadtadura.org.br e nos minidocumentários “A ditadura se instala”, “A ditadura aterroriza” e “A ditadura não se sustenta” disponibilizados no mesmo endereço eletrônico.

MPB), o Congresso foi fechado e instituída a eleição indireta para governador. Sob o pretexto de garantir a segurança nacional, foi instalada a censura prévia nos meios de comunicação, teatro e cinema, proibidas manifestações públicas contrárias ao novo regime, entre outras medidas que reprimiam qualquer atitude que pudesse ameaçar a “ordem” instalada pelos militares (DANTAS, 1997; www.memoriasdaditadura.org.br).

Segundo o jornalista Luiz Eduardo Costa, ninguém afrontava os militares: “Era tudo ‘censuradozinho’ dentro de casa [...] Só faziam elogiar a Revolução. Todos, todos, não tinha essa coisa” (COSTA, 2015). Confirmando o que disse o jornalista, a Gazeta de Sergipe de 31 de março de 1971 publicou no seu editorial rasgados elogios às realizações da “Revolução”: “A data de hoje é comemorada em todo o Brasil como um marco que assinala o início da Revolução Brasileira cuja marcha irreversível vai se solidificando cada vez mais à medida que abre perspectivas para o engrandecimento da pátria e bem estar do povo brasileiro. [...]” (GAZETA DE SERGIPE, 1971, p.3). A mesma edição encartou um suplemento de 12 páginas em comemoração aos sete anos da “Revolução Brasileira”. As homenagens foram assinadas por políticos, empresários e representantes de diversos setores da sociedade. Entre eles o governador do estado, Paulo Barreto, a Universidade Federal de Sergipe, a Assembleia Estadual de Sergipe, a Companhia Agrícola de Sergipe (Comase), a Federação das Indústrias de Sergipe, o Sindicato dos Lojistas do Comércio de Sergipe e a Vieira Sampaio Indústria e Comércio S.A.

Diferente do que apregoava o suplemento⁵⁶, que se desdobrava em elogios quanto ao progresso, a ordem, a satisfação da população, a economia pujante do País e do estado em 1971, relata o historiador Ibarê Dantas:

Sobre a situação econômica não se percebiam grandes melhorias. Uma enquête realizada entre algumas figuras mais expressivas da política sergipana indicou a economia em situação desfavorável. Neste momento, tanto Leandro Maciel (senador Arena) quanto Augusto Franco falavam muito em descapitalização do Estado. O primeiro chegava a ver um período crítico, caracterizando não apenas uma decadência, mas o que qualificou de retrogradação (DANTAS, 1997, p.150).

A despeito da queixa sobre uma alegada economia desfavorável no estado, uma prática da década de 70 em Sergipe era, acompanhando a moda nacional, falar do “milagre brasileiro”.

Sergipe também ficou contaminado pelo otimismo [...] A economia começou a expandir, a crescer. Porque a gente nunca pensou em receber indústrias desse

⁵⁶ Os suplementos comemorativos, como os que circulam nos dias atuais, eram cadernos pagos, ou seja, espaços publicitários vendidos pelos jornais a interessados em “homenagear” determinada personalidade, data ou acontecimento em especial. Com a publicação, os anunciantes obtinham prestígio no jornal, agradavam ao homenageado e poderiam passar a ser vistos como pessoas influentes da sociedade.

porte. E aí no governo de Lourival foi feito o Distrito Industrial [...], começaram a chegar indústrias, os conjuntos habitacionais, edifícios. Aracaju só tinha dois edifícios. O São Carlos, aquele amarelo ali perto da biblioteca antiga, na Praça Fausto Cardoso, do lado do edifício da Secretaria, onde era o Ministério Público. Ele é de 65, 66 [...] e o Atalaia que é de 50 e poucos, 55, 56. E o primeiro foi o Mayara, que é na esquina da João Pessoa com Laranjeiras. [...] hoje ninguém sabe que embaixo tinha “A moda” [loja]. Era um prédio que foi considerado um arranha-céu na época [...] De lado ficava o Ponto Chic, que era uma sorveteria, e de tardinha todos eles [os habituais frequentadores] se reuniam pra bater papo, tomar cerveja (COSTA, 2015).

Além da presença da Petrobras, outros fatores ajudaram no desenvolvimento do estado. Segundo Dantas (2004), algumas orientações das políticas nacionais favoreceram também a expansão da economia capitalista interna que ganhou mais dinamismo e funcionalidade. Cresceu a importância dos empresários urbanos, especialmente da construção civil, que passaram a gozar de mais poder de pressão sob os pleitos eleitorais e junto aos projetos governamentais.

Relevante nessa reconstrução da Aracaju do final dos anos 60 é também entender o panorama educacional do estado à época. Na dissertação “A Faculdade de Educação da Universidade Federal de Sergipe (1967-1971): origens e contribuições”, Nayara Alves de Oliveira (2011) inclui em seu estudo a realização do 1º Seminário de Educação de Sergipe. Através do relatório produzido pela coordenação do evento e da repercussão dada pela imprensa ao seminário, é possível obter informações sobre a educação escolar no estado naquele período.

O seminário, realizado de 18 a 23 de agosto de 1969, foi organizado por professores e alunos da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Sergipe (FACED/UFS), e aberto ao público. Da programação, constaram palestras tratando do ensino primário ao superior e de outras modalidades⁵⁷, apresentações de dados estatísticos, debates, excursões à Escola Técnica Industrial e ao Colégio Agrícola Benjamin Constant, entre outras atividades⁵⁸. O ponto culminante do seminário foi a realização de um “júri simulado” para avaliar a realidade educacional sergipana. Havia juiz, promotores e advogados de defesa. Nove alunos sorteados foram os jurados. O réu era o sistema de educação do estado que foi condenado por oitos votos a um (OLIVEIRA, 2011).

⁵⁷ Entre eles o Ensino Comercial, Ensino Agrícola, Ensino Industrial, Programa de Madureza e Escolas Radiofônicas. Para mais informações, consultar o Relatório do I Seminário de Educação de Sergipe- FACED/UFS, 1969.

⁵⁸ Da programação, fizeram ainda parte a apresentação da peça teatral “A dança do Ouro”, produzida por João Costa; o lançamento do livro “Terra dos jovens”, de João Augusto de Souza Leão Bastos; e a realização da I Feira de Livros de Escritores Sergipanos. Para saber mais, consultar o Relatório do I Seminário de Educação de Sergipe- FACED/UFS (1969).

O relatório do seminário, produzido a partir dos dados apresentados pelos palestrantes do evento, revelou que os principais problemas do sistema educacional no estado consistiam na deficiência da formação dos professores, inadequação de currículos e programas, alta taxa de repetência e evasão escolar, insegurança econômica dos docentes, carência de recursos, má distribuição de ginásios pelo estado, falta de aproveitamento dos formados do ensino técnico, deficiência dos administradores e ausência da influência da família na escola (RELATÓRIO DO I SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DE SERGIPE- FAGED/UFS, 1969).

A imprensa local noticiou a realização do seminário e repercutiu para a sociedade alguns dos pontos abordados durante o evento (figura 10). Na Gazeta de Sergipe de 24 de agosto de 1969, o jornalista Ivan Valença registrou:

[...] Dispõe o Estado de Sergipe de 55 escolas de nível médio, mas somente 5 são estabelecimentos mantidos pelo Poder Público. Desse número, vale dizer que 22 ginásios pertencem e são mantidos pela Campanha Nacional de Educandários Gratuitos (agora, Campanha Nacional de Educandários da Comunidade⁵⁹). Entre 1967 e 1969, houve um aumento apenas de 7 escolas de nível secundário. Dessas 55, 35 estão localizadas no interior do estado e 20 em Aracaju. No “*hinterland*” porém, o estado mantém somente o Ginásio Estadual de Itabaiana (GAZETA DE SERGIPE, 1969, p.5).

Figura 10 - Registro do 1º Seminário de Educação da Universidade Federal de Sergipe (UFS) na Gazeta de Sergipe (1969)



Fonte: Gazeta de Sergipe, 1969, p.5

⁵⁹ A Campanha Nacional de Educandários da Comunidade (CNEC), anteriormente denominada de Campanha Nacional de Educandários Gratuitos, foi criada em 1943, em Recife, por Felipe Tiago Gomes, à época, estudante de Direito. A iniciativa consistia em oferecer escolas de ensino gratuito a pessoas que não dispunham de recursos financeiros. As escolas, principalmente de ensino secundário, eram viabilizadas através da participação de voluntários, muitos deles universitários, iniciativa pública e privada. Os Educandários Gratuitos foram espalhados pelo país e chegaram a Sergipe em 1953 e em 1967 já funcionavam em 24 municípios do estado. Apesar de críticas de subserviência da CNEC ao poder público, não se pode negar a contribuição de suas escolas na difusão do ensino secundário em Sergipe. Para saber mais sobre o assunto, ver Santos (2003).

A matéria informava também que, em 1968, quando a população em idade escolar era de 350 mil, apenas 290 mil havia cursado as escolas primárias. No primeiro ano primário, foram matriculados no estado 68 mil alunos, mas no quarto só chegaram 8.700 estudantes, dos quais apenas 346 alcançaram o Ensino Superior. Sobre o elevado percentual de evasão, presença feminina nas escolas e oferta de cursos, comentou o jornalista:

A evasão escolar, como se vê, é assustadora, e bem maior no interior, onde os jovens, mais das vezes (85 por cento dos casos) deixam de estudar para ir trabalhar [...]. Talvez porque o número de mulheres seja maior do que homem [...], há mais mulheres matriculadas em qualquer dos cursos. 9 estabelecimentos na capital lecionam o segundo ciclo do curso secundário (clássico ou científico) mas no interior só existe um. Estima-se que a população de Sergipe no censo de 1969 é de 880 mil habitantes dos quais 410 mil estão na zona urbana. A população de Aracaju é estimada em 163 mil habitantes. Em outras palavras: para 163 mil habitantes oferece-se 9 cursos clássico e/ou científico. Para os restantes 717 mil apenas 1 [...] (GAZETA DE SERGIPE, 1969, p.5).

Em 1969, registrava a matéria, os dois maiores colégios do estado eram o Colégio Estadual de Sergipe, com 3.190 alunos matriculados, e o Instituto de Educação Rui Barbosa (Escola Normal) que não chegava a ter 1.200 alunos. Ambos na capital e mantidos pelo Poder Público. Depois estavam o Tobias Barreto, com 917 alunos; Jackson de Figueiredo com 886; Tiradentes com 668 e Ginásio Municipal, com 625. Sobre a “estratégica” saída do aluno próximo ao final de ano, dos colégios públicos para particulares, afirmava o jornalista: “Nos colégios públicos há uma saída considerável a partir do mês de agosto porque os que têm notas baixas nas provas parciais de julho pedem transferência para colégios particulares, onde a aprovação é pacífica, desde que as mensalidades estejam em dia [...]” (GAZETA DE SERGIPE, 1969, p.5).

A maior reclamação dos professores, comentou Ivan Valença, estava relacionada com o salário: “[...] baixíssimo. No âmbito municipal (Aracaju) isso também ocorre, pois as professoras primárias recebem salários que variam entre 62 e 68 cruzeiros novos⁶⁰” (GAZETA DE SERGIPE, 1969, p.5).

Sobre os números de matrículas no Instituto Rui Barbosa divulgados no seminário, 742 alunas em 1968, estimou o jornalista que apenas 30% seguiriam a carreira. Segundo ele:

⁶⁰ Em março de 1967 foi instituído o piso regional de salários. Os reajustes eram feitos há cada três anos. O salário mínimo em Sergipe passou a ser NCr\$ 63,75 (sessenta e três cruzeiros novos e setenta e cinco centavos). Mais informações sobre valores do salário mínimo regional no Brasil, consultar <http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaTextoIntegral.action?id=173828&norma=191644>>.

Muitas seguem o curso Pedagógico para não se retirar do colégio ou porque o seu grupo de amigas seguiu aquele curso. Êste ano, 991 alunas estão no Pedagógico. O índice de reprovação aí é pequeníssimo porque o 3º ano é geralmente de trabalhos práticos e /ou de campos...[reticências do jornalista]. Um outro fato interessante: até hoje o Instituto Ruy Barbosa não dispõe do seu currículo pedagógico oficial...[reticências do jornalista]” (GAZETA DE SERGIPE, 1969, p.5).

O relatório do I Seminário de Educação de Sergipe também registrou a falta de apoio do estado à Campanha Nacional de Educandários da Comunidade (CNEC), o desempenho da Rede de Ensino Municipal, na qual 99% já tinham curso pedagógico, o excelente preparo no Ensino Técnico Industrial e a ascensão do número de alunos universitários no Brasil e em Sergipe, particularmente: em 1967, 640 alunos, em 1968, 698; em 1969, 845 alunos. Para 1970, esperava-se 1.000 alunos. (RELATÓRIO DO I SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DE SERGIPE-FACED/UFS, 1969).

Em linhas gerais, esse era o panorama da Educação no estado no final da década de 1960 segundo alunos, educadores e gestores da educação que participaram do I Seminário de Educação de Sergipe.

2.7 SERGIPE ENTRA NA ERA DA TELEVISÃO

Os primeiros movimentos para a chegada da televisão em Sergipe começaram no início dos anos 60, dez anos depois da inauguração da primeira emissora de televisão no Brasil – a TV Tupi Difusora de São Paulo. O representante comercial da Empire Rádio e Radiola em Sergipe, Irineu Fontes, viu em São Paulo a revolução que a televisão estava fazendo e pediu à empresa um aparelho de TV e uma antena para demonstração em Sergipe. “Eu, na minha casa, comecei a testar o canal 2 de Recife e peguei a imagem com muito chuveiro. Aí eu fui trazendo amigos, parentes, comerciantes [...] pra ver. Eles não acreditavam que eu pegasse televisão em Aracaju” (TV SERGIPE, 2006). Para melhorar a recepção do sinal, o prefeito da capital à época, Godofredo Diniz⁶¹, entusiasmado com a novidade, liberou verba para a compra de uma antena repetidora. O sinal da TV e Rádio Jornal do Commercio Ltda., de Recife, passou a ter maior alcance. Agora era preciso incentivar a aquisição dos televisores.

Segundo Antônio Correia, em entrevista registrada no documentário “35 anos da TV Sergipe”, a chegada dos primeiros televisores no estado foi um acontecimento marcante: “Eu

⁶¹ Godofredo Diniz foi prefeito de Aracaju de 1963 a 1967. Anteriormente, por nomeação, Godofredo Diniz havia ocupado o mesmo cargo no período de 1935 a 1941.

trazia um carregamento misto: cerveja num lastro e os televisores em cima. O carro de propaganda na frente enaltecendo o povo sergipano” (TV SERGIPE, 2006).

Era um aparelho caro e só chegava às casas mais abastadas da cidade. As imagens, mesmo com antena repetidora, não eram das melhores. Ainda assim era possível acompanhar o que acontecia pelo mundo. Relata o jornalista Luiz Eduardo Costa:

Devia ter o quê? Umas 500 a mil televisões em Aracaju. [...] Lembro que minha mulher comprou, eu nem me lembro onde [...] Aí eu vi a chegada do homem à lua [...] e vi o futebol em 70. [Ter televisão] Era uma espécie de privilégio, quase um distintivo social (COSTA, 2015).

Ruas com um ou dois aparelhos e “televizinhos” aos montes. Esse era o cenário nos bairros da capital:

[...] Na minha rua só duas casas tinham televisão [...] aí meu pai comprou um televisor Empire [...]. Às seis da tarde, por aí, todo mundo corria para a janela de quem tinha televisão. As mulheres para as novelas e os homens esperavam para assistir o jornal. Quando um vizinho estava com raiva de outro [...] ia e fechava a janela para o vizinho não ver [risos]. E depois apareceu um negócio que botava cor na televisão: azul, verde, rosa [risos], aí tinha um vendedor que dizia que era para ver colorido e que também protegia ‘as vistas’ das pessoas dos bichinhos, os chuvisquinhos da transmissão [risos]. Dizia que aquilo podia até cegar. E aí todo mundo comprava e via as coisas na televisão metade azul, rosa [risos] (NASCIMENTO, 2015).

Os modernos equipamentos eram vendidos nas melhores casas do ramo. Nos jornais, os anúncios das Lojas Diamante (figura 11) convidavam para a Feira da Philips, na qual “cada produto era um espetáculo de qualidade e preço”. Na ilustração da propaganda da loja, era exibido o televisor Philips *Stabilimatic* de mesa, que prometia “estabilidade automática total de imagem e som”. A Eletrolar (figura 12) oferecia o mesmo produto com facilidades de pagamento: “Compre na Eletrolar e diga como quer pagar”, alardeava o “reclame”. A Movelaria Brasileira (figura 13) oferecia a maior promoção⁶² do ano: “Tudo na Valsa!” Mas o som e a imagem que chegavam às casas, até pela falta de uma antena repetidora possante, estavam muito aquém do que fora prometido.

⁶² O anúncio da figura 13 não deixa claro quantas parcelas de Cr\$ 40.000 deveriam ser pagas pelo televisor. Levando em conta que, a partir de março de 1966, o salário mínimo em São Paulo era Cr\$ 84.000,00 seria inviável para um assalariado, mesmo pagando em parcelas, comprar uma televisão.

Figura 11 - Anúncio das Lojas Diamante

venha hoje participar da feira PHILIPS

onde cada produto philips é um espetáculo de qualidade e preço

LOJAS DIAMANTE
GARANTEM O QUE VENDEM
RUA SÃO CRISTÓVÃO, 159 e 176
RUA LARANJEIRAS, 159
ARACAJU - SERGIPE

TUDO EM ATÉ 20 MESES COM PREÇOS QUE VOCE NÃO PODE PERDER

Fonte: Gazeta de Sergipe, 1969, p.5.

Figura 12- Anúncio da Eletrolar

PHILIPS SUPERIOR
em qualidade e oferta

ELETROLAR
RUA JOÃO PESSOA, 158
COMPRE NA NOVA LOJA "ELETROLAR" E DICA COMO QUER PAGAR

Fonte: Gazeta de Sergipe, 1969, p.5.

Figura 13 - Anúncio da Movelaria Brasileira

Maior Promoção de Vendas do ANO
TUDO NA VALSA
(sem entrada)

Movelaria Brasileira

TELEVISORES	— Cr\$ 40.000 mensais
GELADEIRAS	— Cr\$ 35.000 mensais

MÓVEIS EM GERAL E ELETRO-DOMÉSTICOS

Movelaria Brasileira — Cid Leão Mendonça & Cia. Ltda.
Rua Florentino Menezes, 48/52

A CRUZADA

SÁBADO, 24 DE SETEMBRO DE 1966

PÁGINA 8

Fonte: A Cruzada, 1966, p.8.

Mas não bastava ter um aparelho e ver o mundo através dele, era preciso ter uma emissora de TV local. Em 1966, incentivados pelo radialista e publicitário Nairson Menezes, que já havia trabalhado na TV Excelsior de São Paulo, nove empresários decidiram implantar a primeira emissora de TV do estado. O capital necessário, NCr\$ 160.000,00, foi dividido em 10 cotas. Nove foram adquiridas pelos empresários fundadores e a décima foi dividida em 900 ações ordinárias e vendidas a quem se interessasse⁶³. Nascia a primeira emissora de TV do Brasil com participação popular. Os sócios fundadores da emissora foram Francisco Pimentel Franco (da PFranco), Josias Passos (Lojas JG), Getúlio Passos (Lojas JG), José Alves (Casa da Eletricidade), Hélio Leão (representante comercial do Estado), Augusto Santana (comerciante

⁶³ Com os recursos levantados e a ajuda do poder público, foram comprados equipamentos e a torre de transmissão foi montada no Alto do Morro da TV, como ficaria conhecida mais tarde a área localizada no bairro 18 do Forte, Zona Norte de Aracaju.

de tecidos), Paulo Vasconcelos (Loja Radiante), Lauro Menezes (Empresa Senhor do Bonfim) e Luciano Nascimento (Cocil Coco Industrial). Segundo José Lauro Menezes, a TV Sergipe foi criada para o desenvolvimento do estado, buscando recursos do comércio, da indústria e do governo estadual para que a empresa fosse forte e sólida (TV SERGIPE, 2006; SILVA, R., 2015).

Para despertar o interesse das pessoas à compra das ações, foi montado um estande de vendas na Praça Olímpio Campos. Um sucesso! Afinal, quem não queria ser dono de uma emissora de TV? Conta Francisco Pimentel Franco: “No Parque mesmo, nós montamos um estande com sistema de som falando e pedindo a opinião das pessoas que apareciam lá para comprar ações” (TV SERGIPE, 2006).

As memórias de Francisco Pimentel são cotejadas às memórias de Jairo Alves⁶⁴, um dos comunicadores pioneiros na TV sergipana.

No Natal de 1968, 67 para 68 [não lembra exatamente o ano], Nairson Menezes, que foi um dos maiores comunicadores que Sergipe já teve, que foi diretor da TV Record de São Paulo, tinha retornado a Sergipe. Aí foi no Natal de 67, ou 68, que ele teve a ideia de colocar um circuito de televisão na praça, no Parque Teófilo Dantas. Armou uma barraca, instalou uma câmera e espalhou dois televisores mostrando como seria uma televisão. E foi aquela coqueluche! Todo mundo queria passar onde tinha aquela câmera porque se via na parede. [...] uma câmera normal e o povo passando. Foi a barraca que mais teve gente na porta. Porque todo mundo passava e parava. Aracaju tem umas coisas interessantes [...]. Enquanto o Natal em outras cidades era em família, o Natal em Aracaju era na praça, no Parque Teófilo Dantas, na Praça Olímpio Campos. E aí despertou o interesse de alguns comerciantes. Nairson levou a ideia de montar a TV a Chico da P. Franco, a Josias Passos... foram procurar preço e tal. Aí surgiu a ideia de montar a televisão e no ano de 69 a ideia tomou corpo. Todo o equipamento foi da fábrica Maxwell [...]. Foram contratados engenheiros para montar e [a TV] entrou no ar na fase experimental (ALVES, 2014).

É detectada uma divergência entre os dois entrevistados em relação às datas dessas apresentações na Praça Olímpio Campos. Jairo Alves acredita que tenha sido entre 67 e 68. Segundo o DVD comemorativo dos 35 anos da TV Sergipe, já em 1967 foram iniciadas as primeiras transmissões experimentais⁶⁵. Imprecisões naturais, pois a memória oral também tem seus desvios e inautenticidade (BOSI, 2003). A falta de exatidão de dados, datas e circunstâncias não descredencia os depoimentos. E, recorrendo a Le Goff, “a memória como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que

⁶⁴ Jairo Alves Almeida é conhecido profissionalmente como Jairo Alves. Esta pesquisa adota a segunda opção.

⁶⁵ Há de se considerar também a possibilidade dessas apresentações terem sido feitas diversas vezes.

ele representa como passadas” (LE GOFF, 2003, p.419). Cabe ao historiador, portanto, acurar as informações coletadas.

Alguns eventos promocionais de apresentação da TV na cidade foram registrados em fotografias. Na figura 14, o locutor, que provavelmente enaltece as maravilhas da TV, é observado atentamente por diversos jovens. Alguns rapazes dirigem a atenção para um outro local específico do estande, à frente do locutor, como a acompanhar algo. Na figura 15, um aparente comprador de ações ou alguém que posa para foto também é observado por curiosos. Um deles, pelo uso do mesmo uniforme do locutor da figura 14, parece ser da equipe divulgadora da novidade.

Figura 14 - Apresentação na Praça Olímpio Campos de como funcionaria a TV Sergipe (196?)



Fonte: TV SERGIPE, 2006.

As imagens oferecem pistas. A possibilidade de ter uma TV local, de ser um pouco dono da emissora, interessou não apenas a grandes empresários; pessoas comuns também se sentiram atraídas pela novidade; jovens se juntavam na praça para ouvir sobre a TV. Nas fisionomias vistas na figura 14, um misto de espanto e admiração. As mulheres não são registradas no material encontrado sobre esses acontecimentos, apenas uma, provavelmente a vendedora, aparece na cena da figura 15 a seguir.

Figura 15 - Estande de venda de ações da TV Sergipe na Praça Olímpio Campos (196?)



Fonte: TV SERGIPE, 2006.

As imagens também provocam indagações como: seria para um monitor que as pessoas olhavam mais fixamente na foto da figura 14? Esses meninos das fotografias voltavam da escola? Alguns parecem usar uniforme. O que o garoto na figura 15, atrás do homem que parece usar uma farda, segura próximo ao ouvido? Não era muito cedo para rádios portáteis em Aracaju⁶⁶? O radialista e jornalista Raymundo Luiz, que acompanhou aqueles acontecimentos, acrescentou ao ver o registro fotográfico que para ele talvez não tenha sido feito em uma praça.

A foto pode ser de lançamento de vendas de ações. O do microfone é Nairson Menezes e o local, Loja PFranco de Francisco Pimentel Franco (Chico de PFranco), principal idealista e incentivador da criação da TV Sergipe. O lojão ficava na rua João Pessoa. O uniforme provavelmente é da NMenezes, a primeira agência de publicidade de Sergipe, de propriedade de Nairson (SILVA, R., 2015).

Em outras fotografias, auxiliadas por memórias, mais informações são obtidas. Na figura 16, um registro de Erotildes Vieira Souza, uma das acionistas da Rádio e Televisão Sergipe S.A. Ela adquiriu uma ação do percentual oferecido à população. Erotildes exibe na figura 17 o título comprado em 06 de agosto de 1969⁶⁷. Sobre possuir a “reliquia”, ela comentou: “Eu me sinto orgulhosa. Porque é uma coisa de valor, né? Uma herança, né?” (TV SERGIPE, 2006). O documento reaviva lembranças da entrevistada. A ação, um pedaço de papel, uma “coisa velha”, é

⁶⁶ Segundo Chico Socorro, o radinho de pilha foi lançado em 1954 nos Estados Unidos, e veio se popularizar, inclusive no Brasil nas décadas de 1960 e 1970. Para saber mais, ver em: “Radinho de pilha, o que aconteceu com ele?” Disponível em: < www.carosouvintes.org.br/radinho-de-pilha-o-que-aconteceu-com-ele/ >.

⁶⁷ Pelo ano que consta na ação, 1969, pode-se concluir que nem todas as ações foram vendidas antes da emissora fazer suas primeiras transmissões (1967).

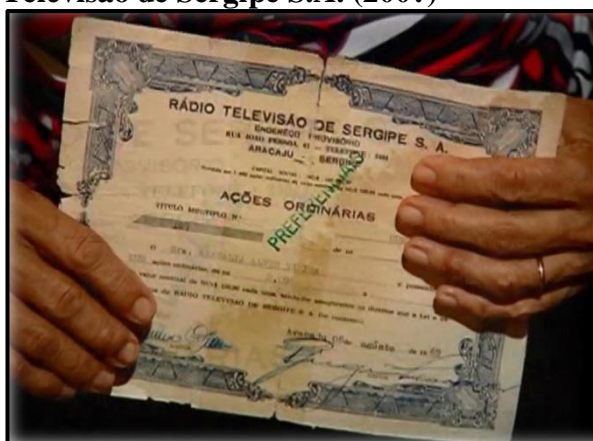
um fragmento impregnado de lembranças e história (CAMARGO, 2000). As lembranças de Erotildes, reveladas em entrevista oral, são transcritas e confrontadas com as de outros entrevistados, com fotografias e com o documento tradicional: a ação ordinária da TV.

Figura 16 - Erotildes Vieira, uma das “acionistas” da fase de implantação da TV Sergipe (200?), rememorando a compra de ação



Fonte: TV Sergipe, 2006.

Figura 17 - Ação de titularidade da Rádio Televisão de Sergipe S.A. (200?)



Fonte: TV Sergipe, 2006.

Assim, a memória (LE GOFF, 2003; POLLAK, 1992), enquanto propriedade de conservar informações e percepção da realidade, e as fotografias vão também assumindo status de documentos.

Antes da inauguração oficial, a TV Sergipe fez alguns experimentos: em 1967, foi realizada a primeira transmissão da emissora, e, em 1968, a TV recebeu permissão para três meses de funcionamento. Uma nova autorização em 1969 permitiu que os sergipanos

assistissem à chegada do homem à Lua e à Copa do Mundo de 70⁶⁸. No ano seguinte, a TV Sergipe recebeu permissão para transmitir sua programação em caráter experimental a partir de 12 de junho de 1971. O anúncio da conquista foi dado no dia 11 de março, quando a Gazeta de Sergipe noticiou: “TV de Sergipe obtém autorização para entrar em funcionamento”. E detalhava:

Na tarde de ontem, o governador João de Andrade Garcez recebeu do Ministro Higino Corsetti, das Comunicações, telegrama comunicando que a TV Sergipe, canal 4, poderá entrar em funcionamento durante cinco horas diárias, a título de experiência. Por outro lado, no mesmo telegrama o ministro das comunicações comunica que o dia da inauguração o funcionamento definitivo, será marcado após a vistoria pela comissão encarregada (GAZETA DE SERGIPE, 1971, p. 1).

Dois meses depois, em 11 de maio de 1971, a Gazeta de Sergipe, em matéria de primeira página intitulada “Médici assinou concessão para funcionamento da TV Sergipe”, voltava a informar sobre o assunto:

Foi assinado em caráter definitivo pelo presidente da República, decreto que outorga concessão de funcionamento da Rádio e Televisão de Sergipe S/A.[...] Dentro de mais alguns dias o decreto deverá ser publicado no Diário Oficial da União.[...] Um dos diretores da TV Sergipe informou à nossa reportagem que ontem mesmo foi providenciada a remessa do valor da taxa, para publicação do decreto a fim de que tudo seja normalizado.[...] Por outro lado, três diretores da empresa que estiveram no Sul do país tratando de solucionar o problema da remessa do material imprescindível para o funcionamento da estação, já retornaram trazendo informações de que o equipamento *[sic]*⁶⁹ podendo chegar a Aracaju ainda essa semana, juntamente com os técnicos da empresa fornecedora [...] (GAZETA DE SERGIPE, 1971, p.1).

Os trâmites naturais do processo de implantação da televisão, por vezes demorados, foram motivo de críticas variadas nos periódicos⁷⁰ (figura 18).

⁶⁸ Embora no DVD comemorativo dos 35 anos da TV Sergipe entrevistados digam que a televisão local transmitiu a Copa de 70, o jornalista Luiz Eduardo Costa assegurou que assistiu ao Campeonato Mundial pela TV Comercio de Recife.

⁶⁹ Transcrito como consta na publicação original.

⁷⁰ A publicação da charge criticando a demora da chegada do material foi publicada dia 31 de maio, um dia depois dos equipamentos já terem chegado a Aracaju. A explicação plausível é que o Jornal da Cidade, que saía uma vez por semana, às segundas-feiras, tinha editado a página com a crítica antes da chegada do material. Outro entendimento para a charge é que ela não se refere à demora dos equipamentos. Circulava na imprensa local um anedótico episódio. Muito antes da chegada dos primeiros televisores no estado, um poderoso empresário sergipano, em viagem ao Sudeste do País, teria se encantado ao ver pela primeira vez uma televisão. Maravilhado com as imagens, teria dito à vendedora: “Quero comprar umas cinco dessas para levar para Sergipe”. O auxiliar do poderoso, que o acompanhava, teria alertado: “Mas doutor, não vai funcionar em Sergipe. Não temos ainda nem antena retransmissora”. Ignorando a informação e, se dirigindo à vendedora, com a falta de gentileza que lhe era peculiar, o empresário determinou: “Então embrulhe umas cinco antenas retransmissoras que eu também vou levar”.

Figura 18 - Crítica com humor sobre a demora para chegada dos equipamentos da TV Sergipe ou uma anedótica tentativa de compra de aparelhos receptores em São Paulo (1971)



Fonte: Jornal da Cidade, 31 maio a 06 jun. 1971, p.3.

A chegada dos equipamentos também foi registrada pela imprensa. A Gazeta de Sergipe estampou em sua primeira página da edição de 30 de maio de 1971 (figura 19): “Chegou todo o material da TV”.

A notícia do jornal falava da chegada de São Paulo, na tarde do dia anterior, do material para montagem dos transmissores da televisão Canal 4. Para o início dos trabalhos, continuava a reportagem, era aguardada a presença de técnicos da Maxwell. Os contatos para agilizar a instalação da TV já estavam sendo feitos, informava a matéria.

Em 15 de novembro de 1971, a TV Sergipe seria inaugurada. A ocasião foi comemorada pela imprensa, que registrou a chegada do “caminhar civilizatório”:

Televisão – Finalmente na próxima segunda-feira encerra-se a novela do vai-não-vai da nossa TV Sergipe, Canal 4. Definitivamente no ar no dia 15 de novembro de 1972 [sic]⁷¹, data de muito significado para os sergipanos. Iniciamos de fato a era da comunicação, do entretenimento pelas imagens como antes era feito somente com os sons. É um dia que ficará lembrado [...]

⁷¹A data correta é 15 de novembro de 1971, ano de veiculação da notícia no jornal.

como o início do nosso **caminhar civilizatório**⁷² em busca da sintonia que deverá ser nacional e universal, tal o valor da nossa assistência regional (GAZETA DE SERGIPE, 1971, p.3, grifo nosso).

Figura 19 - Jornal registra a chegada de equipamentos da TV Sergipe (1971)



Fonte: Gazeta de Sergipe, 30 maio 1971, p.1.

Sobre civilização, já definira no mesmo periódico o jornalista Ariosvaldo Figueiredo em seu “Dicionário Crítico”, coluna que circulava com o propósito de explicar de forma quase didática certos conceitos aos leitores: “Civilização – Ato de civilizar, condição de adiantamento. [...] É progresso material? Tudo indica [...]” (Gazeta de Sergipe, 1969, p.2).

A chegada da televisão a Aracaju, relata Ivan Valença, ex-editor da Gazeta de Sergipe e fundador e ex-proprietário do Jornal da Cidade, foi recebida com grande entusiasmo:

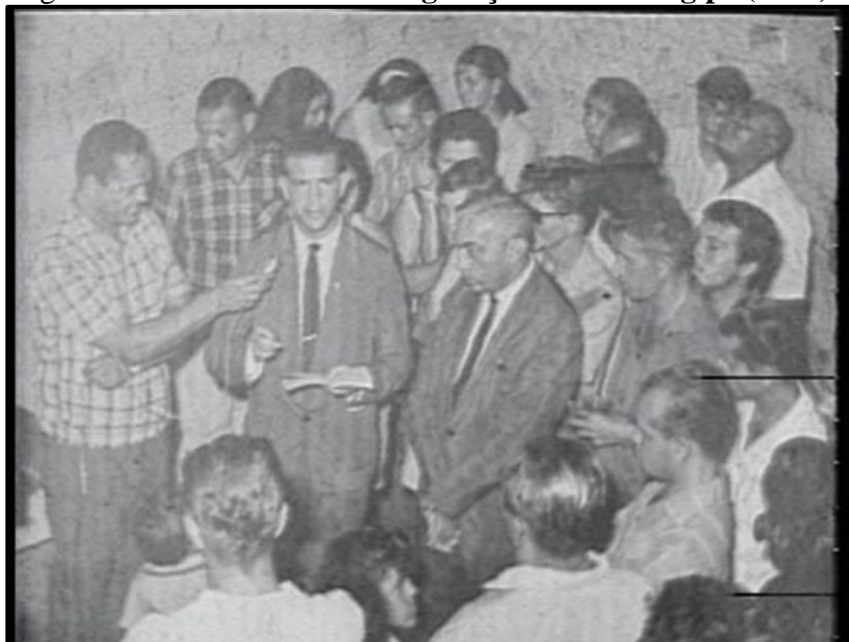
O sergipano conhecia a televisão vendo por algumas imagens captadas de uma antena retransmissora, [...] imagens de Recife. Não eram imagens boas, chovia, saía fora do ar, era uma complicação. Mas com a chegada efetivamente, profissionalmente, da TV Sergipe tudo isso mudou e o povo sergipano passou a se ver. Então foi realmente uma repercussão extraordinária pelo que me lembro e pelo que eu sei isso causou um *frisson*, digamos, na capital e até nos municípios vizinhos (TV SERGIPE, 2006).

Com a ajuda das rádios e jornais, a população foi convidada a participar da festa de inauguração da TV. Conta Josias Passos, um dos fundadores da TV Sergipe: “[...] usávamos uns amigos que nós tínhamos, por exemplo, era Pimentel, do Jornal da Cidade; a Rádio Cultura,

⁷² Grifo nosso.

nos dava muita cobertura, e eles [...] divulgaram a inauguração da televisão, e nós fizemos uma festa aberta, onde o sergipano visitou o morro da TV” (TV SERGIPE, 2006). Um coquetel foi iniciado às 17h com a presença de autoridades, entre elas o governador de Sergipe na época, Paulo Barreto, os sócios fundadores e suas famílias, empresários, a Igreja, a imprensa e representantes da comunidade (figura 20).

Figura 20 - Solenidade de inauguração da TV Sergipe (1971)



Fonte: TV Sergipe, 2006.

Nota: Da esquerda para direita em primeiro plano, Nairson Menezes, publicitário e um dos idealizadores da TV Sergipe; atrás dele o jornalista Hugo Costa. O orador é o padre José Padilha, ao lado está José Aloísio de Campos, ex-prefeito de Aracaju e ex-reitor da Universidade Federal de Sergipe.

Com o patrocínio das Lojas Huteba⁷³, primeiro anunciante da TV Sergipe, os telespectadores foram brindados com um show do cantor Johnny Mathis exibido na TV. “Foi uma festa muito grande. Todo mundo subindo pra ir lá pra cima pra festa. Todo mundo ficou alegre... porque uma emissora dessa aqui!”, relembra Maria Jovelina Santos (TV SERGIPE, 2006).

Sobre a chegada da TV no estado comenta o jornalista Nestor Amazonas:

A TV local foi um grande avanço para a sociedade sergipana. Mudou muita coisa – desde a combatida autoestima até a forma de falar. A TV Sergipe alimentou o orgulho dos sergipanos que se viam num espelho, ainda um pouco fosco, mas verdadeiro. O que o rádio vinha fazendo, trazendo velocidade, a TV completou com a imagem narcísica. Agora podíamos ir muito além do jornalismo, era a época dos programas ao vivo. E o que víamos nos agradava:

⁷³ Huteba era o armário mais famoso de Aracaju no final da década de 1960 e década de 1970. Além de botões, linhas, e aviamentos em geral, a loja, que tinha uma filial na capital, comercializava artigos para presentes, calçados, utensílios para cozinha, perfumaria, entre outros. O armário ainda está em funcionamento.

Reinaldo Moura, Hugo Costa, João de Barros, Hilton Lopes, muitos outros, e Nazaré Carvalho (AMAZONAS, 2014).

Sobre a implantação da TV Sergipe ter ocorrido no período da tutela militar no estado, o historiador Ibarê Dantas avalia:

Eram os tempos do chamado milagre brasileiro, marcado também pela expansão das telecomunicações, inclusive das TVs que se expandiam em quase todo o país. Associado com o lema maior de *Segurança e Desenvolvimento* foi-se discutindo o projeto ideológico de exaltação, elaborado em meio à cuidadosa operação de marketing, voltada para popularizar a figura do presidente, enaltecer a prosperidade do Brasil Grande, buscando assim legitimidade para o regime autoritário. [...] Nas telecomunicações, a expansão nacional atingiu o menor Estado da federação que inaugurava a TV – Sergipe, em novembro de 1971, integrando a população de Aracaju e do interior do Estado nesse sistema de comunicação, operando uma revolução nos costumes provincianos (DANTAS, 1997, p.155-156. p.158).

A TV iniciou com a estrutura mínima: duas câmeras, videotape e funcionários que começavam a aprender. O desafio fora lançado e era preciso faturar. Mas de que forma convencer os anunciantes? Entra em cena Luiz Carlos Campos, publicitário formado na Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM). “Seu Luiz” trabalhava na TV Tupi de São Paulo quando foi convidado pelos empresários sergipanos, que visitavam a emissora, para participar da implantação da TV Sergipe. Luiz Carlos Campos, sergipano de Aracaju que havia mudado com a família para São Paulo quando ainda era adolescente, aceitou o convite. E coube a ele elaborar a grade de programação da emissora, ensinar um pouco de tudo à equipe neófitas, e ainda sair para vender os espaços publicitários. Tarefa difícil “[...] porque os comerciantes ainda estavam naquela história de ‘eu sou muito conhecido, não preciso, todo mundo sabe onde é minha loja, todo mundo vem aqui’” (CAMPOS, 2015).

Mas a TV chegava para contribuir com as mudanças de costumes na cidade e, em pouco tempo, para anunciar em programas como o da “tia Nazaré”, um dos grandes destaques da emissora, seria preciso entrar na lista de espera. Outras atrações também conquistaram os telespectadores. Nas memórias dos primeiros locutores, apresentadores e outros integrantes da equipe, apesar das dificuldades, foi um tempo de aprendizado, superação e colaboração de todos. Na fase experimental da emissora, o governador Lourival Batista mandava até água para o Morro da TV que tinha péssimo acesso. Os funcionários eram levados de carona em um Jeep de um deles. Era preciso dar várias viagens até que a equipe completa estivesse na emissora. (TV SERGIPE, 2006). Conta Milton Santos Melo, ex-motorista e dono do Jeep:

Eu comprei um Jeep pra brincar o Carnaval. E na televisão não tinha um transporte. A estação começava a funcionar às quatro da tarde. Então, a gente começava a apanhar primeiro os técnicos, os apresentadores, Nazaré, Acival. Eu dava três, quatro viagens. O Jeep só cabia cinco pessoas. Agora, na volta [ri] vinham oito. Porque na volta todo mundo queria chegar e vinha naquele aperto. Nessa história o Jeep fez parte também da TV Sergipe. Nós fomos os pioneiros a subir aquele morro (TV SERGIPE, 2006).

Sobre os equipamentos utilizados no estúdio, lembra o ex-cameraman Aluísio Silva: “No início não existia tripé, os tripés chegaram depois. Aí colocava a câmera em cima de caixotes e o apresentador tinha de ficar em pé, no lugar, não podia sair daquele lugar porque a câmera não podia acompanhar ele, não é? [...] tinha de ficar ali, pregado” (TV SERGIPE, 2006). A emissora começou como afiliada da Rede Tupi e sua programação tinha cerca de seis horas de duração. Mas como preencher seis horas de programação com poucos equipamentos e uma equipe de principiantes? Ora, seguindo o modelo inicial da TV Tupi nos anos 50, transferindo talentos do rádio para televisão. A TV entrava no ar às 16 horas. O locutor era Gilvan Fontes. “Eu [...] fazia a abertura da televisão. Tinha slides e eu dizia: ‘entra no ar, neste momento, a TV Sergipe’. Depois, apresentava o programa de Nazaré. E eu ficava no estúdio de gravação, porque no intervalo eu fazia a locução dos comerciais” (FONTES, 2014).

Da programação, faziam parte novelas, exibidas com muito atraso, e programas enviados pela TV Tupi de São Paulo. Luiz Carlos Campos, conta no DVD comemorativo de 35 anos da emissora: “Aqui nós passávamos os programas com atraso de aproximadamente dois meses [...] o programa de Natal passávamos quase no Carnaval e ficava muito desagradável a todo momento os artistas falando em Feliz Natal, Feliz Ano Novo, e nós já estávamos no Carnaval” (TV SERGIPE, 2006).

Flávio Cavalcante, Chacrinha, entre outros, rapidamente conquistam a simpatia dos sergipanos. Os profissionais locais procuram imitar as fórmulas de sucesso e criam programas semelhantes. No “circo eletrônico”⁷⁴, o sergipano Hugo Costa apresentava o programa “A Hora H”, fazendo entrevistas e reportagens na cidade. Numa segunda versão do programa, aos domingos, ele apresentava o “Show é você”. Calouros, humor, entre outras atrações e prêmios faziam a festa de um auditório animado e do público cativo. Outros programas de auditório foram surgindo. Entre eles, “Sergipanos Frente a Frente”, “Sábado Geral”, “O Sábado é Nosso” e “Cantina da Alegria” (TV SERGIPE, 2006).

⁷⁴ Segundo o cineasta e diretor Daniel Filho, a expressão é atribuída ao cineasta Nelson Pereira dos Santos. “Circo eletrônico” porque a TV traz muitos elementos presentes no mundo circense: alegria, fantasia, improviso, criatividade, apelo popular, etc. Ver mais em Filho D. (2003).

Mas a programação exibida não agradava a todos. Os jornais também registravam críticas. A nota “Vexame”, comprova:

Para a programação do pior estilo radialístico já inteiramente superado. Um apresentador sem o mínimo requisito querendo bancar o Chacrinha da aldeia. Um “*cast*” de sergipanos (nordestinos), todos cantando iê, iê, iê, exatamente como manda o figurino brasileiro. O vexame generalizado, salvo alguns minutos depois por Sílvia Caldas, que: cuidadosamente não quis apresentador e ele próprio disse o que estava fazendo. O programa revela o estágio cultural que marcará a programação da TV Sergipe (GAZETA DE SERGIPE, 1971, p.3).

Segundo o autor da nota, a “cópia” de modelos radiofônicos e televisivos do Sudeste não satisfazia a uma distinta parcela dos telespectadores. O “estágio cultural” que a emissora propunha, com uma programação mais popular, desagradava o gosto cultural mais refinado. Gosto, que segundo Bourdieu se discute (2006) e não é fruto de uma sensibilidade inata dos agentes sociais. É resultado de aprendizado que começa em casa e se estende pelas instituições de ensino. Ou seja, as práticas e os gostos culturais das pessoas estão marcados por suas trajetórias de vida. Até que ponto a crítica tem esse fundamento ou é mera observação de um comunicador insatisfeito com a novidade, não é possível precisar.

Fora críticas, como essas, da Gazeta de Sergipe, em relação à televisão, as memórias dos comunicadores entrevistados que fizeram parte dos primeiros anos da TV Sergipe, as fotografias e os jornais revelam um outro clima predominante na época. Conta a cantora Lucinha Fontes: “Na fase de experiência mesmo [...] eu estava cantando....[...] e as pessoas diziam ‘Lucinha, eu vi você cantando, eu vi você cantando, que bom’! Aquelas coisas [...]. Então deixa a gente lá em cima [...]. Era muito gostoso. As coisas boas deixam saudade, né?” (TV SERGIPE, 2006).

Se as memórias, em geral, tendem a guardar o passado de forma mais romântica e nostálgica – segundo Verena Alberti (2004), colorindo as experiências pretéritas –, enquanto fontes históricas devem ser cotejadas com outras fontes para evitar generalizações e desvios. Durante a pesquisa, constatou-se que jornalistas, radialistas, cinegrafistas e outros entrevistados optaram, com raras exceções, conscientemente ou não, por guardar e/ou relatar as boas lembranças daquele período. A memória coletiva do grupo entrevistado mostrou-se bastante coesa. Os comunicadores da fase de implantação da TV Sergipe, de alguma forma, se comportam como uma comunidade afetiva (HALBWACHS, 1990), e mesmo não mantendo mais contato frequente estão ligados por laços afetivos. Eles parecem alinhar suas memórias: “A memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro” (LE GOFF, 2003, p.471).

No entanto, em alguns momentos, percebeu-se situações diferenciadas em relação à coesão das memórias entre entrevistados. Uma delas deu-se nos relatos dos jornalistas Gilvan Fontes e Jairo Alves. Gilvan pouco lembra dos programas, embora fosse o locutor oficial da emissora e permanecesse na TV Sergipe durante a realização do Clube Júnior. Enquanto Jairo Alves guardou mais lembranças das participações de Nazaré Carvalho na TV. Conta Jairo:

[...] Osório [vitrinista conceituado na cidade] estava procurando uma apresentadora para pequenas participações de artistas na fase experimental da TV. E aí eu disse: chame Nazaré. Ela foi e agradeceu [...]. Depois começou nos programas infantis e eu no jornalismo. Era de família humilde, uma pessoa batalhadora que queria vencer na vida. Uma mulher bonita, muito assediada [...] Ela levava a filhinha para a televisão. Nazaré era muito competente naquilo que fazia. Era como se fosse uma Xuxa, uma Angélica, uma Ana Maria Braga... [...] fazia o programa com desenhos animados [...] Popeye, Barney, Manda Chuva, Pica-Pau, esses desenhos tradicionais. [Tinha] sorteios, levava crianças, chamava as escolas, fazia gincanas [...] levavam as pinturas. Ela focava na câmera [...]. Era um estúdio pequeno, tudo feito artesanalmente. Nazaré foi a sensação de Sergipe. [...] Ela não podia passar na rua. Ela não saía sozinha, ela não podia ir ao comércio... porque tinha assédio dos meninos e meninas, dos pais e mães. Se ela tivesse colocado uma escola particular, ela hoje seria uma pessoa bem-sucedida financeiramente, assim mais do que é. Era uma coisa extraordinária, como se fosse uma Xuxa. A rainha dos baixinhos. Xuxa copiou Nazaré, porque o que Nazaré fez, a gente passou a ver Xuxa fazendo depois (ALVES, J., 2014).

Jairo recorda do conteúdo dos programas, de características do estúdio, das circunstâncias do ingresso de Nazaré Carvalho na TV, da beleza da colega, entre outros pontos. Já Gilvan Fontes disse que lembra pouco dos programas:

Era um programa infantil... [reticente, parece tentar lembrar] começava quatro e pouco da tarde. Mas eu não lembro como era. Via o movimento de crianças no estúdio. Às vezes ela levava alguma escola. As câmeras eram Maxwel, grandes [...] mas eu não lembro muito não. Era um tipo assim, Xuxa. Era uma excelente colega [...] Começamos juntos. Era uma pessoa sensacional, e continua sendo. Era linda, linda e muito cobiçada [...]. Uns colegas queriam namorar com ela. Eu inclusive me candidatei [ri], mas ela nunca quis [...]. Mas havia respeito (FONTES, 2014).

Gilvan lembra das câmeras, das relações de amizade, da beleza da colega, mas não exatamente do conteúdo dos programas. Jairo Alves e Gilvan Fontes trabalhavam no mesmo local, no mesmo período, mas suas memórias priorizaram informações de forma diferenciada. As memórias individuais têm suas peculiaridades, seus processos constitutivos.

Sobre essa elaboração constitutiva, Michael Pollak (1992) considera a existência de três elementos: os acontecimentos vividos pessoalmente ou por tabela (ou seja, os vividos pelo grupo ao qual se pertence ou quer pertencer); as pessoas ou personagens; e os lugares (conhecidos direta

ou indiretamente). Os modos de construção podem ser conscientes ou inconscientes. Jairo Alves e Gilvan Fontes trabalharam os processos constitutivos de suas memórias de forma diferenciada.

O telejornalismo fez parte da programação da TV Sergipe desde sua implantação. Sérgio Gutemberg, o primeiro diretor de jornalismo, e outros profissionais vindos do rádio e dos jornais integraram a equipe. Entre eles: os apresentadores Acival Gomes, Dermeval Gomes, Hugo Costa, Wellington Elias, César Cabral, Reinaldo Moura, Nelson Souza, Luiz Ramalho; os repórteres Jairo Alves, Gilvan Fontes; os cinegrafistas Piúga e Newton Nunes; os operadores de vídeo Wanderley Jesus, Wilson Queiroz, Airtom Melo e Genival Nunes. Outros foram se juntando ao grupo e alguns dos pioneiros depois foram fazer escola na TV Atalaia, que seria inaugurada em 1975.

Percebe-se no levantamento feito nessa pesquisa que poucas mulheres estavam entre os primeiros profissionais da TV Sergipe. Depois de Nazaré Carvalho, a primeira comunicadora da televisão sergipana, destacaram-se as apresentadoras Ângela Abreu, Fátima Bôto, Silmara Madureira e Venúzia Rodrigues. Todas ocuparam por um longo período a tela da emissora. Foi, no entanto, Nazaré Carvalho, a primeira apresentadora de programas infantis da TV Sergipe, e a que alcançou maior destaque no estado nos primeiros anos de implantação oficial da emissora.

Nazaré era “a tia” e, ao mesmo tempo, uma estrela de TV. Conhecer e ser fotografado ao lado da apresentadora era um privilégio. Na TV, nas ruas ou visitando as escolas, ela era uma atração. Na foto (figura 21), Nazaré visita uma turma do Colégio Pequeno Escolar. O clima é de descontração e a apresentadora parece muito à vontade rodeada de crianças. Uma professora acompanha a recepção dada à visitante.

Figura 21 - “Tia Nazaré” em visita ao Colégio Pequeno Escolar (1972)



Fonte: Acervo de Nazaré Carvalho, 1972. Autoria desconhecida.

A “tia Nazaré”, como ficou conhecida, era unanimidade, ou quase, entre as crianças. Em uma época anterior às grandes produções, o programa Clube Júnior, apresentado por ela, foi uma das principais atrações da emissora.

Mas como e com quem Nazaré aprendeu a ser a apresentadora da TV sergipana que agradava a crianças e adultos na década de 1970? Essa é uma das questões que se pretende entender na seção seguinte.

2.8 PRIMEIROS REGISTROS DE PROGRAMAÇÃO INFANTIL NA TV SERGIPANA

Antes de ser implantada oficialmente, a TV Sergipe fez algumas experiências com “programas” locais. Os primeiros foram realizados por profissionais do rádio convidados pela emissora e/ou por voluntários que se ofereciam para participar. Um desses experimentos foi o programa infantil “Era uma vez...” No estúdio, a improvisada apresentadora contava historinhas infantis, ilustradas por *slides*, sempre com um fundo moral ou religioso. Conta a ex-apresentadora Elda Ramos:

O programa [Era uma vez...] devia durar de 15 a 20 minutos. Eram historinhas do tipo “A cigarra e a formiga” e, às vezes, historinhas bíblicas. Tudo sempre com princípios edificantes e ensinamentos morais [...]. Eu ia narrando enquanto os slides iam sendo exibidos e no final reforçávamos a lição de moral. Os *slides* eram do CEI - Centro de Educação Ilustrado pertencente à Igreja Adventista do Sétimo Dia. José Carlos [pastor e marido de Elda], nessa fase experimental, participava na TV do programa “Momento de Paz”, aos domingos, entre 18h30 e 19h, não recordo bem, com as demais igrejas convidadas. Era impressionante a repercussão do programa. Começamos a receber muitas cartinhas de crianças elogiando [...]. Daí resolvemos dinamizar mais, estimulando o envio de cartas. Como muitas traziam desenhos, começamos a sortear e premiar os melhores. Para custear esses prêmios visitávamos empresas e lojas. Nunca tinha nem visitado um canal de TV. Por isso tive que improvisar criando situações para tornar o programa mais interessante. Nosso objetivo era promover a igreja, mas não pagávamos e nem recebíamos [em dinheiro] (RAMOS, 2015).

As informações de Elda Ramos foram confrontadas com outros depoimentos que confirmam no geral as revelações da ex-apresentadora: uma das crianças⁷⁵ que participaram do programa “Era uma vez...” recorda de detalhes da experiência, e, no DVD comemorativo dos 35 anos da TV Sergipe, o ex-apresentador Gonçalo Ferreira conta sobre a participação dele no programa “Momentos de Paz”. Mas há algumas divergências nas informações dos ex-apresentadores. Ela acredita que os programas religiosos eram aos domingos e que

⁷⁵ A pesquisadora desse estudo foi uma das crianças que participaram do programa fazendo sorteio de cartas.

representantes de várias religiões participavam. Ele conta que os programas eram realizados aos sábados por um representante da doutrina espírita. Podem estar falando do mesmo programa realizado em épocas distintas. Ambos não lembram com precisão das datas.

Essa não é uma situação incomum quando se trabalha com fontes orais. Pois como ensina Gagnebin: “A rememoração também significa uma atenção especial ao presente [...] pois não se trata somente de não esquecer o passado, mas também de agir sobre o presente. A fidelidade ao passado, não sendo um fim em si, visa à transformação do presente”. (GAGNEBIN, 2006, p.55).

José Rosendo Ribeiro, também conhecido como cabo Zé, foi outro apresentador que atuou na fase experimental da TV Sergipe trabalhando com o público infantil (figura 21). Relembra Cabo Zé: “Várias crianças participavam do nosso programa, principalmente na Cantina da Alegria, que era justamente quando nós realizávamos o almoço [...]” (TV Sergipe, 2006).

Era um programa de variedades: calouros, brincadeiras, assistencialismo e “artistas”. Uma espécie de “Almoço com as estrelas” da TV Tupi⁷⁶. Cantando, brincando ou sendo entrevistadas pelo apresentador os meninos e meninas se divertiam na Cantina da Alegria. Percebe-se na fotografia (figura 22) que as crianças, nos programas televisivos da época, se apresentavam como crianças: não usavam maquiagem e vestiam roupas consideradas apropriadas para suas idades. A jovem radialista Nazaré Carvalho também interagiu com as crianças nos programas experimentais.

E assim, cercada inicialmente de um clima quase festivo, de muito improviso e experimentação, dedicando espaço às crianças e artistas; telejornalismo e outras produções locais; engatinhando em questões publicitárias; copiando os modelos do Sudeste e replicando programas e novelas nacionais e “enlatados” estadunidenses que a televisão foi implantada no estado.

⁷⁶ O programa “Almoço com as estrelas” estreou em 1957, aos sábados, às 12h30, na TV Tupi. Era apresentado por Airton e Lolita Rodrigues. O casal recebia atores, cantores e outras artistas, que iam mostrar seus trabalhos. O cenário era uma espécie de “restaurante” e o público convidado era distribuído pelas mesas. Mais informações sobre o programa, ver www.tudosobrevt.com.br.

Figura 22 - O apresentador Rosendo Ribeiro recebendo crianças no programa “Cantina da Alegria” – TV Sergipe (197?)



Fonte: TV Sergipe, 2006.

Agora, sim, acreditavam alguns, Sergipe adentrara na “Era da Comunicação”, do entretenimento e do seu caminhar civilizatório. A imprensa local saudou com empolgação a novidade. A maioria das pessoas se orgulhava da chegada do novo veículo que, num futuro não tão próximo, porque os aparelhos receptores eram muito caros, ocuparia definitivamente o lugar do rádio nas salas das casas sergipanas. Como dono de um novo objeto de distinção social ou assumindo o posto de “televizinho”, o sergipano incorporava um novo costume: assistir à televisão.

O novo veículo também era alvo de críticas que giravam em torno do mau uso do seu potencial educativo, exageros na exibição de enlatados e falta de preparo de seus profissionais. Críticas à parte, a chegada da televisão no estado foi um grande acontecimento. Seus profissionais pioneiros, a despeito da falta de experiência na televisão, logo conquistariam os telespectadores. A “prima rica” do rádio também estabeleceria um espaço de distinção para esses profissionais: os da televisão eram quase artistas. Quando circulavam nas ruas eram reconhecidos e saudados. As crianças também elegiam suas estrelas locais: a “tia Nazaré”, que foi, por mais de uma década, apresentadora de programas infantojuvenis, fez parte da vida de uma geração de adolescentes e crianças de Sergipe. É sobre a trajetória de vida de Nazaré Carvalho, sua formação e sua inserção no mundo da comunicação e dos primeiros programas infantojuvenis da TV Sergipana, que a pesquisa se ocupará nas seções seguintes.

3 A TRAJETÓRIA DE VIDA DE NAZARÉ CARVALHO – DE MARIA NAZARÉ A “TIA NAZARÉ”

3.1 FAMÍLIA, FORMAÇÃO ESCOLAR E TRABALHO

Maria Nazaré de Carvalho nasceu no município de Nossa Senhora das Dores, Médio Sertão sergipano, em 25 de agosto de 1949. Aos quatro anos de idade, mudou com a mãe, dona Maria Terezinha de Carvalho, o padrasto (um policial militar), e os quatro irmãos para a capital. A mãe, professora primária e funcionária do Estado, fora transferida para Aracaju. Nazaré, a filha mais velha, conta que foi alfabetizada pela mãe, fez o primário na Escola Normal⁷⁷, o ginásio no Colégio Senhor do Bonfim e o pedagógico no Instituto de Educação Rui Barbosa e Colégio Dom José Thomaz. Frequentou também, como ouvinte, disciplinas do Científico no Colégio Estadual Atheneu Sergipense⁷⁸ e graduou-se em Letras na Universidade Federal de Sergipe.

Figura 23 - **Maria Nazaré de Carvalho (1950)**



Fonte: Acervo de Nazaré Carvalho. Autoria desconhecida. Dedicatória do verso: “A minha vovó. Com um beijinho da sua netinha na idade de 1 ano 4 meses. Maria de Nazareth Carvalho”⁷⁹. Cumbe 21.12. 1950”.

⁷⁷ Nazaré Carvalho informou que cursou o primário no colégio que funcionava anexo à Escola Normal. No entanto, não foram localizados na instituição registros que confirmem essa informação.

⁷⁸ Não foram encontrados no Colégio Atheneu registros que comprovem a passagem de Nazaré Carvalho pela referida Instituição.

⁷⁹ Segundo Nazaré Carvalho, “Maria de Nazareth” era como a avó materna gostaria que a neta tivesse sido registrada.

Desde muito cedo, o mundo escolar fez parte da vida da menina Maria Nazaré. Na única foto que guarda da infância (figura 23), ela aparece em cima de uma carteira escolar, provavelmente em um dos colégios onde a mãe ensinou. Na fotografia elaborada, indícios do esmero materno. Nazaré sempre associa zelo e correção à imagem da mãe. A menina-boneca tem cabelos escorridos e franjinha bem aparada, vestido, sapatos e meias arrumados, na mão um ramo, retirado da árvore ao fundo, servindo de flor e o olhar atento para o registro. Nazaré diz que lembra muito pouco da infância que viveu. Mas no decorrer das entrevistas concedidas, do que lembra, percebe-se que ela não gosta de falar. Conta que como filha mais velha tinha que cuidar dos irmãos e, desde criança, trabalhava muito em casa e não sobrava tempo para as brincadeiras próprias da idade.

Na adolescência, a convivência com a mãe, uma professora formada pela Escola Normal no município de Capela, não foi das melhores. Enérgica em excesso, segundo Nazaré Carvalho, e pouco afetiva, ela cobrava perfeição dos filhos, em especial da mais velha. O pai biológico ela só conheceu quase na pré- adolescência. Conta Nazaré:

Mamãe veio de uma família muito tradicional do interior. Aquele povo assim, muito rigoroso, com bens materiais... A minha vó, em que pese ter um coração muito grande, era muito “baronesa” [...]. Negociavam com gado, milho, algodão, fazendas por ali, que pegavam Aquidabã [...] E aí minha mãe foi a única [filha] que meu avô colocou para estudar fora, em Capela. As outras tiveram formação média. A minha mãe ele colocou [...] em um colégio de freira, acho que era Purificação, internato, porque era assim o ápice na época. Mamãe estudou, conheceu meu pai, namoraram e ela engravidou. A família quis obrigar o casamento. Nas condições propostas, ela não aceitou. Mas essa história não é minha, é da minha mãe [diz educadamente encerrando o assunto]. Quando eu completei nove, dez anos, minha mãe me apresentou ao meu pai. Aí eu quase piro. Quer dizer, meu pai era Renato [o padrasto], de repente era José. Ah, eu fiquei encantada! Meu pai era lindo e parecia muito comigo, ou eu parecia com ele. Lembro que ele me deu uma correntinha com uma medalha de Nossa Senhora de Fátima. Eu tinha paixão por aquela medalhinha e corrente. Fiquei encantada, ia vê-lo todas as terças-feiras quando ele vinha de Capela pra cá pra Aracaju e ficava ali no Parque Olímpio Campos, onde tinham aquelas lojas de um tio meu. Ele me dava carinho, me dava dinheiro. Mas era assim uma relação superficial (CARVALHO, 2014).

A relação de Nazaré com a mãe se tornou mais difícil quando ainda adolescente e solteira ela engravidou. A reconciliação só viria muitos anos depois, ela já como a famosa “tia Nazaré”.

Quanto à escolarização, Nazaré informou que fez o primário na Escola de Aplicação, que funcionava anexa à Escola Normal⁸⁰. Aos 12 anos de idade, prestou o exame de admissão

⁸⁰ Nessa escola anexa as normalistas faziam estágio. Sobre o funcionamento da Escola Normal no período de 1920 a 1950, ver Freitas (2003).

e obteve média que garantiu o seu ingresso na 1ª série do ginásio no Colégio Senhor do Bonfim no período diurno⁸¹. Mas, mesmo aprovada, no ano seguinte ela não frequentou a escola⁸². Quando retornou, um ano depois, cursou a 2ª série e, no ano subsequente, a 3ª série. As faltas eram frequentes. A 4ª série ela abandonou no segundo semestre letivo, mas voltou no ano seguinte e concluiu o ginásio no turno da noite, iniciando o Curso Pedagógico, posteriormente – mas, logo depois, também evadindo. É de causar estranhamento as faltas constantes e a evasão escolar de Nazaré Carvalho durante o ginásio, principalmente porque ela era filha de uma professora. Mas, em depoimento, ela diz não lembrar o porquê da frequência irregular.

Examinando a vida escolar ginásial de Nazaré Carvalho no Colégio Senhor do Bonfim, nos documentos disponíveis no Departamento de Inspeção Escolar da Secretaria de Estado da Educação de Sergipe, é possível obter informações sobre as disciplinas que ela cursou (Português, Francês, Inglês, Latim, Matemática, Ciências Naturais, História do Brasil, Geografia, Desenho, OSPB⁸³ e Canto orfeônico⁸⁴) frequência e desempenho. Quanto a este último, Nazaré foi mediana, tendo destaque apenas em História, OSPB e Português.

Sobre a aluna Maria Nazaré de Carvalho no Colégio Senhor do Bonfim, revelou seu professor de Gramática à época, Sebastião Santos: “Ela foi uma excelente aluna, participativa, atenciosa, educada e sempre muito respeitosa com todos os professores e colegas. Era muito alegre, comunicativa e liderava sempre (SANTOS, J., 2015).

A primeira evasão escolar de Nazaré, na 4ª série ginásial, aos 16 anos de idade, é explicada pela gravidez⁸⁵ e nascimento de sua filha, Terezinha. Expulsa de casa pela família, por ser mãe solteira, Nazaré e a filha foram acolhidas por uma vizinha, a dona Epunina Teles do Nascimento. A escola deixava de ser prioridade, era preciso trabalhar para prover o sustento dela e da filha. Nesse intuito, seu primeiro emprego foi vendendo cera líquida em domicílio. Muito comunicativa, ela logo se adaptou ao trabalho:

[...] Aí eu vejo no jornal um anúncio que um casal estava com uma fabriqueta de fundo de quintal vendendo cera líquida [...]. Como eu era bonitinha, fui contratada. Mas ganhava por produção. Nós saíamos com litros de cera e eu fazia a demonstração na casa das pessoas. Então, quanto mais você vendia,

⁸¹ No Exame da Admissão para a 1ª série, em 1961, Nazaré obteve média geral 7.1.

⁸² Nazaré informou que fez parte do ginásio na Escola Normal. No entanto, essa comprovação não foi localizada nos documentos escolares da Escola Normal.

⁸³ A disciplina OSPB - Organização Social e Política do Brasil foi instituída nas escolas através do Decreto-Lei nº 869 de 12 de setembro de 1969 (Art. 3º inciso 1º) que dispunha sobre obrigatoriedade da disciplina nos estabelecimentos de grau médio. Mais sobre o assunto, ver http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto-Lei/1965-1988/De10869impressao.htm

⁸⁴ Nas escolas brasileiras, o Canto orfeônico tornou-se obrigatório no currículo a partir de 30 de abril de 1931. Em Sergipe, a prática teve início na Escola Normal em 1934 e só foi retirada do currículo em 1971, através da Lei nº 5.692/71. A partir daí passou a integrar a disciplina Educação Artística. Para saber mais sobre o assunto, ver Santos (2012).

⁸⁵ Nazaré Carvalho abandonou a escola no mês de junho, com sete meses de gestação.

mais você ganhava. Esse foi o meu primeiro trabalho. Como eu fui criada fazendo todo o serviço doméstico, até hoje, mesmo que eu tenha uma faxineira, quando ela sai eu vou fazer tudo de novo porque eu acho que não está feito igual a mim, eu me saía muito bem! Vendia bastante porque as pessoas gostavam, porque eu encerava o chão da pessoa. E deixava a casa brilhando (CARVALHO, 2014).

O segundo emprego de Nazaré Carvalho foi como caixa em um supermercado, onde ela conheceu as pessoas que a levariam para o mundo das comunicações. Relembra Nazaré:

Quando eu cheguei na casa de uma cliente [vendendo cera], na rua de Siriri, ela me disse: “Morreu uma moça que era funcionária do Paes Mendonça [hoje Bompreço], ela morreu num acidente de Carnaval [...] e ela parecia tanto com você!” Aí eu pensei: deve ter essa vaga lá. Aí eu fui no outro dia [...]. Quando eu cheguei [...] todas as pessoas olharam pra mim surpresas. [...] Aí eles pegaram a foto para me mostrar. O nome dela era Raimunda. Até hoje, agradeço a Deus porque ela abriu uma porta para mim. Que o espírito dela tenha luz. Não tinha experiência, mas tive crédito porque era estudante e me contrataram como caixa [...] Estudava de manhã e de noite. À tarde, ficava no meu trabalho (CARVALHO, 2014).

Nazaré conta que não tinha planos ou sonhos, “vivía o hoje”. Trabalhar, estudar e cuidar da filha, que ficava boa parte do tempo aos cuidados da vizinha que passou a ser a família adotiva das duas.

3.2 NAZARÉ CARVALHO NO RÁDIO – “BOA TARDE, MADAME”!

Trabalhando como caixa de supermercado, Nazaré foi descoberta por dois grandes comunicadores da Rádio Cultura de Sergipe. A emissora foi fundada em 21 de novembro de 1959, por Dom José Vicente Távora, à época bispo de Aracaju, com o objetivo de ajudar o Movimento de Educação de Base⁸⁶. A rádio católica revelou grandes nomes da comunicação sergipana. Nazaré foi descoberta quase por acaso:

[...] passavam no meu caixa todas as tardes dois senhores simpaticíssimos e diziam: “Fale alguma coisa, menina”. E eu: falar o quê? Eu era muito dócil. Um dia, um disse: “Você quer fazer um teste para trabalhar em rádio?”. Eu perguntei: como é trabalhar em rádio? Ganha muito? Ele disse: “Ganha mais do que você ganha aqui”. Quem eram esses cidadãos? Hélio Fernandes e

⁸⁶ O Movimento de Educação de Base (MEB) foi criado pela Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), em 1961, com um objetivo de alfabetizar adultos nas regiões mais pobres do país por meio de escolas radiofônicas. O MEB foi proposto por Dom Vicente Távora, à época Bispo de Aracaju, inspirado na experiência de alfabetização pelo rádio do Serviço de Assistência Rural (SAR) da Arquidiocese de Natal/PB, iniciado em 1958. O projeto foi apresentado ao Governo Federal que o viabilizou através de decreto e do fornecimento dos recursos necessários para implantação das Escolas Radiofônicas pelo Brasil. Para saber mais sobre o assunto, consultar Barros (1995) e Duarte (2008).

Humberto Mendonça, dois jornalistas e radialistas [da Rádio Cultura]. Eles me levaram para o rádio. Comecei como discotecária e apresentadora do programa “Boa tarde, madame” (CARVALHO, 2014).

No programa “Boa tarde, madame”, na Rádio Cultura, apresentado de segunda a sexta-feira, das 16h30 às 17h, Nazaré Carvalho dava conselhos ao público feminino e se familiarizava com o rádio. A produção era do radialista Humberto Mendonça, com quem, aos domingos, Nazaré apresentava o programa “Galeria Musical Cultura”. Na foto a seguir (figura 24), datada de 5 de janeiro de 1967, localizada no caderno de registro de funcionários da emissora, Nazaré está com 17 anos de idade e ingressando no mundo do rádio. A imagem confirma o que é recorrente em vários depoimentos colhidos nessa pesquisa: Nazaré Carvalho era uma jovem bonita.

Figura 24 - Fotografia do cadastro de admissão de Nazaré Carvalho na Rádio Cultura de Sergipe (1967)



Fonte: Acervo da Rádio Cultura de Sergipe.

As informações contidas no cadastro indicam que Nazaré Carvalho foi admitida dia 1º de março de 1967, na função de auxiliar de discoteca, para trabalhar das 8h às 12h, recebendo um salário mensal de NCr\$ 64,00. À época, o salário mínimo para Sergipe era NCr\$ 63,75

(sessenta e três cruzeiros novos e setenta e cinco centavos)⁸⁷. Era um salário de uma principiante no rádio, mas superior ao que ela recebia como caixa de supermercado⁸⁸. Nazaré permaneceu apenas dois meses e 14 dias na Rádio Cultura porque foi convidada para trabalhar na Rádio Jornal. “Eu saía de uma emissora para outra perguntando: quanto é? É mais? Eu vou. Nunca pensei em outra coisa a não ser em ganhar mais para poder cuidar de minha filha” (CARVALHO, 2014).

Considerada pelas pessoas do seu convívio como uma jovem simpática, inteligente e dedicada, logo Nazaré conquistou os ouvintes e os colegas de trabalho. Registra J. Batista na coluna Panorama radiofônico no jornal A Cruzada:

No dia 24 de agosto⁸⁹ próximo passado, (sábado), estive aniversariando nossa ilustre coleguinha Nazaré Carvalho, discotecária da Rádio Jornal de Sergipe e que também atua (de maneira brilhante) como locutora. Muito estimada pelos seus colegas, Nazaré Carvalho foi alvo das mais significativas homenagens por ocasião da passagem do seu natalício. [...] Nesta oportunidade, porém, queremos desejar sinceramente muitas felicidades e votos de intenso sucesso em sua carreira artística. Aquele abraço, Nazaré!! (A CRUZADA, 31 ago. de 1968).

Também sobre a passagem de Nazaré pela Rádio Jornal, lembra o radialista e jornalista Raymundo Luiz, diretor da emissora à época:

Nazaré era a “carregadora de piano”, a faz tudo da empresa. Gerente, chefe do escritório, locutora, controlista. [...] Uma garota de 18 ou 20 anos: não chegaria a 1,60 m, cabelos pretos, ondulados, sem qualquer tipo de ostentação, modesta, mas eficiente no que fazia. Passava o dia na rádio, também não era pra menos, tinha de fazer tudo, desde atender o telefone, receber contratos de comercial, enfim, tinha de “tocar mais de sete instrumentos”. Sempre jovial e alegre (SILVA,R., 2015).

Depois de algumas interrupções e retornos às salas de aula, Nazaré Carvalho conseguiu concluir o Ginásio e decidiu não mais parar os estudos. Aos 20 anos de idade, ingressou no curso noturno de Formação de Professores Primários no Instituto de Educação Rui Barbosa, a Escola Normal. Era década de 70, a instituição não tinha mais o mesmo conceito das décadas anteriores “quando foi responsável pela formação de várias gerações de professores de Sergipe”

⁸⁷ Em 1967 o salário mínimo no Brasil tinha valores diferenciados por regiões e subregiões. De acordo com o Decreto nº 60.231, de 16 de fevereiro de 1967. Ver mais em: <http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaTextoIntegral.action?id=173828&norma=191644>>.

⁸⁸ Salário mínimo era o que, em média, também recebiam as professoras primárias do município de Aracaju por um turno de trabalho, segundo matéria veiculada na imprensa local sobre a realização do I seminário de Educação de Sergipe que tratou do quadro educacional no estado. Para saber mais sobre o assunto, ver Gazeta de Sergipe (1969).

⁸⁹ O colunista se engana quanto à data do aniversário de Nazaré Carvalho. O correto é 25 de agosto.

(FREITAS, 2004, p.1). Mesmo assim, fazer o magistério representaria um grande diferencial na vida de Nazaré, pois, como aponta Freitas:

Na segunda metade do século XX, o magistério primário em Sergipe, aos poucos deixou de ser exercido apenas pelas “professorinhas” geralmente jovens solteiras oriundas das classes mais favorecidas da sociedade. A partir da década de 1960, muitas jovens que procuravam o Instituto de Educação Rui Barbosa almejavam uma carreira e investiram de forma estratégica em busca de ascensão nesta profissão. O magistério, enquanto profissão, passou a ser exercido de forma a garantir não apenas os meios de subsistência, mas também como espaço de realização e de conquistas para algumas gerações de professoras (FREITAS, 2004, p.1-2).

Na Escola Normal, Nazaré Carvalho estudou Português, Matemática, História, Geografia, Educação Moral e Cívica, Didática, Psicologia e Línguas estrangeiras modernas, conseguindo a aprovação final do 1º ano. No 2º e o 3º ano do curso Pedagógico, ela estudou à noite, no Colégio Dom José Thomaz. A escola, dirigida pelos professores Raimundo Valquírio Correia Lima e Isabel Sobreira Correia, cearenses que se estabeleceram em Aracaju, em 1952, gozava de um bom conceito na cidade. Oferecia do pré-primário ao ginásio e ainda os cursos de Pedagogia, Contabilidade, Datilografia e Artes Domésticas. O estabelecimento contava com “um bem aparelhado laboratório de ciências além da selecionada biblioteca [...] e oferecia 250 bolsas totalmente grátis nos mais diversos cursos” (GAZETA DE SERGIPE, 1969, p.6).

Nos arquivos da escola referentes aos anos de 1971 e 1972, encontrou-se um farto material sobre o curso e a pasta da vida escolar de Nazaré Carvalho. Constam listas de professores e suas disciplinas lecionadas, horários, relação de alunos por série, conteúdo das disciplinas, atas de resultados finais, valor da anuidade e da remuneração de professores, entre outros documentos.

Uma bonita foto 3x4 (figura 25) na qual Nazaré Carvalho já aparece de cabelos curtíssimos, foi anexada na capa do seu dossiê escolar. Na documentação, mais informações: no 2º ano do Pedagógico⁹⁰, ela estudou Português, Matemática, Biologia, Didática, História da Educação, Administração Escolar, Educação Moral e Cívica e Psicologia. Em duas dessas disciplinas, obteve média final 10, e sua menor nota foi 7,4. A média global totalizou 8,6, a 8ª maior nota em uma turma de 39 alunos, na qual apenas dois eram do sexo masculino. No 3º ano Pedagógico, Nazaré estudou Estatística, Estudos Sociais, Didática, Filosofia, Português, Higiene e Práticas de Ensino – obtendo ótimas notas nestas três últimas disciplinas. Nas demais, alcançou desempenho regular ou fraco o que puxou para baixo sua média geral final que foi 6,4.

⁹⁰ Em 1971, ano de melhor desempenho escolar de Nazaré Carvalho, coincide com o ano de implantação da TV Sergipe e estreia do programa infantil comandado pela apresentadora.

Figura 25 - Fotografia do Dossiê Escolar da aluna Maria Nazaré de Carvalho no Colégio Dom José Thomaz (1971)



Fonte: Acervo do Colégio Dom José Thomaz.

Enquanto se forjava professora primária, Nazaré permanecia nas ondas do rádio e marcava presença também na fase de implantação da primeira televisão no estado: a TV Sergipe. Em busca de novas oportunidades e, claro, para ganhar mais, Nazaré Carvalho muda novamente de emissora de rádio. Em 20 de setembro de 1971, uma nota publicada no Jornal da Cidade informava:

Nazaré Carvalho - Também de Atalaia. A partir de hoje as 15 00 estará apresentando seu programa SHOW EM QUATRO TEMPOS. É um grande tento marcado pela equipe da emissora da Praça General Valadão em contratar a grande radialista Nazaré Carvalho que, além de apresentar o seu programa tomará conta da programação musical (JORNAL DA CIDADE, 1971, p.7).

Novos desafios para a locutora de 22 anos de idade que a cada dia ampliava seu espaço no rádio sergipano. A foto da figura 26 acompanhava a nota do jornal. A roupa é composta e os cabelos são mantidos curtos, o que viria a ser uma das características físicas mais marcantes da comunicadora.

Figura 26 - Divulgação da estreia de Nazaré Carvalho na Rádio Atalaia AM (1971)



Fonte: Jornal da Cidade, 20 a 26 de set. 1971, p.7.

Além da presteza, simpatia e disposição para o trabalho atribuídas pelos entrevistados à Nazaré, outra particularidade da radialista chamava a atenção das pessoas: a voz. Um timbre grave e aveludado e a dicção perfeita impressionavam. Conta a pedagoga Marluce Lopes:

[...] lembro de Nazaré no rádio. Ela tinha um programa... eu era adolescente. Não era programa Infantil, não. Na verdade, a lembrança que me vem à mente é da voz dela enquanto eu estudava. O programa tinha música, variedades. Engraçado que eu chego a ouvir a voz dela, acredita? Uma voz forte, com sotaque carregado, de maneira bastante explicada, pronunciando as palavras de maneira que se escutava perfeitamente todas as letras. Dá pra acreditar nisso? (LOPES, 2014).

O timbre de voz e a performance vocal de Nazaré Carvalho lhe concediam um diferencial no campo da comunicação. Segundo explica Bourdieu (2008), o estilo expressivo, a que se concede um valor social pode ampliar o capital linguístico do emissor. Não só a língua é o instrumento de comunicação, a pronúncia, por exemplo, embora não assegure a competência, pode ajudar a conferir autoridade e capacidade de convencimento de quem fala. Sendo assim, avalia Bourdieu:

[...] compreende-se por que certas experiências de psicologia social tenham podido estabelecer que a eficácia de um discurso, o poder de convencimento que lhe é reconhecido, depende da pronúncia (e secundariamente do vocabulário) daquele que o pronuncia, [...] Processo semelhante envolve

outras propriedades não linguísticas como, por exemplo, a impostação da voz (a nasalização ou a emissão pela faringe), disposição duradoura do aparelho vocal que constitui um dos marcadores sociais mais poderosos, bem como todas as qualidades abertamente sociais, tais como os títulos nobiliárquicos ou escolares, o vestuário,[...] (BOURDIEU, 2008. p.57).

O sotaque da radialista, nascida e criada em Sergipe, curiosamente, não era o característico de uma sergipana. “A voz dela era boa. Quando entrava no ar com uma voz que tem um chiado meio acariocado, aí todo mundo dizia: ‘Chegou locutora nova. É do Rio, é carioca! Eu lembro disso’ (NASCIMENTO, 2015). Nazaré conta que incorporou a nova maneira de falar por necessidade profissional:

Eu falava muito mansa e com muito sotaque [local]. Foi aí que Luiz Carlos Campos me mandou para o Rio de Janeiro estudar com Cynira Arruda e Íris Lettiere⁹¹. Passei 60 dias estudando dicção, postura [e como voltou diferente]...aí as pessoas me chamavam de afetada. Não sabiam que eu fui obrigada a falar daquele jeito (CARVALHO, 2014).

A “fala carioca” lhe rendeu algumas críticas e brincadeiras. Conta Valdelice Ramos de Almeida (2015), à época casada com Cadmo Nascimento, referência no rádio sergipano: “No rádio, mesmo iniciante “ela já era daquele jeitinho, tchi, tchi... E a gente dizia: ‘ei, vem cá, de onde ela é?’ E Cadmo, meu marido, brincava: ‘Carioca de Carira ou de Capela?’

Valdelice e Cadmo “adotaram” Nazaré Carvalho e a filha Terezinha, ou Tetê, como todos chamavam a garota. O casal apoiou e incentivou Nazaré profissionalmente no início da carreira da comunicadora:

Eu conheci Nazaré em 68, 69, na Rádio Jornal, na Rua da Frente⁹², ela era locutora. Eu me casei em 70 [...]. Ela adotou Cadmo como pai. Todos os problemas que ela tinha [...] ela vinha pra conversar com Cadmo. Debruçava no ombro dele. Era uma menina. Nazaré era nossa filha, [...] tudo o que podia fazer por Nazaré, Cadmo fazia. Disse a ela: ‘Quero que você vá pra uma faculdade, você tem que se formar. Porque a pessoa sem faculdade não é nada. Você não pode ficar só nisso aí, você tem de crescer’. Ele a aconselhava muito (ALMEIDA, 2015).

Mesmo com o apoio de pessoas amigas, a necessidade de ganhar dinheiro, a pouca experiência de vida, a falta de apoio familiar e o peso da responsabilidade de ser mãe tão cedo pareciam comprometer o rendimento escolar de Nazaré Carvalho. Já profissionalmente ela crescia, passava a ser mais conhecida ganhava prestígio e aumentavam os convites para

⁹¹ Cynira Arruda é jornalista e fotógrafa. Na década de 1970 fez sucesso como modelo e jurada de programas de televisão. Íris Lettieri é locutora, ex-modelo, ex-apresentadora de telejornal e cantora. Dona de uma voz grave e aveludada, foi até 2012 a “locutora oficial” dos aeroportos do Rio de Janeiro, de São Paulo, entre outros.

⁹² Trata-se da Avenida Rio Branco, conhecida por muitos sergipanos como Rua da Frente.

apresentações de shows e concursos por todo o estado. Mas os rendimentos financeiros não aumentavam na mesma proporção: “[...] eu ia aos domingos apresentar programas nas cidades do interior, os prefeitos contratavam. Quer dizer, os prefeitos ‘contratavam, convidavam’, porque não tinha grana, nada. Aí eu ia: Lagarto, Simão Dias, Tobias Barreto, Boquim [...] (CARVALHO, 2014). Na foto a seguir (figura 27), um registro da comunicadora em um dos compromissos extra-rádio e televisão. Nazaré Carvalho não lembra o ano, mas acredita que a fotografia tenha sido feita no Iate Clube de Aracaju. Possivelmente ela estaria apresentando uma festa dançante, um desfile de modas ou um concurso.

Figura 27 - Nazaré Carvalho durante evento em clube de Aracaju (197?)



Fonte: Acervo de Nazaré Carvalho. Autoria desconhecida.

Mesmo não datada, a foto traz pistas de uma história. O palco é pequeno, o assoalho é de madeira, e a parede ao fundo é de cimento. Tudo indica que se tratava realmente do Iate Clube de Aracaju. A cadeira no palco é simples, mas bastante usual nos clubes aracajuanos na década de 1970. O acento está cheio de papéis, denotando o improviso muitas vezes imposto ao mestre de cerimônia. A bateria, à esquerda da foto, indica que havia música ao vivo e o refletor

no chão leva a crer que foi uma festa noturna. A decoração com flores naturais, palmas brancas, talvez pretendesse dar um certo glamour ao acontecimento. O visual da apresentadora é moderno e elegante para a época. Cabelos curtíssimos, maquiagem sóbria, discretos acessórios e um ar de menina alegre, tão lembrado pelas fontes dessa pesquisa. Pela boa luz, enquadramento, tamanho original (19x22 cm) e qualidade da fotografia se tem a impressão de que foi feita por um fotógrafo profissional. Talvez com a intenção de divulgar nos jornais como foi o evento. Como um documento, teve sua intencionalidade, mas “Qualquer que tenha sido a razão que levou o fotógrafo a registrar o assunto, não haverá dúvida de que o mesmo de fato existiu (KOSSOY, 2009. p.109).

Nazaré também apresentava shows de cantores nacionais que vinham a Aracaju. O primeiro deles foi o de Walderley Cardoso, que funcionou como teste para a apresentadora:

Eu estava saindo da Rádio Cultura para ir para a Rádio Jornal a convite. Meu diretor disse que eu precisava fazer um teste público para ser contratada. Qual era o teste? Apresentar Wandelely Cardoso, no auge da fama, para um auditório lotado. Aí eu vou lá no meio do ginásio e falo sobre Wandelely Cardoso, apresento o cantor e volto tremendo da cabeça aos pés e meu diretor disse que fui aprovada (CARVALHO, 2014).

Vários shows do “rei” Roberto Carlos realizados na capital também foram apresentados por Nazaré Carvalho a convite de José Carlos Mendonça, o “Pinga”, o empresário responsável pela vinda anual do cantor, entre outros artistas, a Sergipe. Pinga conhecia Nazaré Carvalho da Rádio Jornal quando ambos tinham programas na emissora. Depois que deixou o estado para empresariar artistas pelo país, quando trazia Roberto Carlos para Sergipe a apresentação era de Nazaré: “Ela sempre foi maravilhosa. Quando eu aparecia em Aracaju, quanto tinha show do Roberto eu pedia pra ela apresentar e ela atendia com muito prazer” (MENDONÇA, 2015). A aproximação com o “rei” alimentou histórias na imaginação de muitas pessoas na cidade sobre um possível romance entre os dois. Nazaré diz que eram apenas bons amigos.

3.3 NAZARÉ CARVALHO NA TV

Se, para o rádio, boa voz, desenvoltura e simpatia já eram suficientes, para a televisão Nazaré precisaria de mais atributos: como ela deveria falar para as câmeras? Qual a postura a ser adotada, como ela deveria se movimentar em cena, e qual a melhor locução a ser feita? Como nenhum vídeo dos programas foi preservado, o que facilitaria o entendimento de como tudo transcorreu, recorre-se a ampliação do uso de fontes fotográficas para enriquecer a escrita dessa história. Como fontes elas são interrogadas. O princípio é o da análise iconográfica

buscando uma “arqueologia” do documento e a desmontagem do signo fotográfico. Como ensina Kossoy (2009), perscrutando informações implícitas e explícitas, intentando reconstruir processos que geraram a fotografia e identificando os detalhes icônicos que compõem o seu conteúdo. Para interpretação iconológica o autor sugere o resgate da história própria do assunto e a desmontagem das condições de produção. Sem esquecer de que “a imagem fotográfica, entendida como *documento representação*, contém em si realidades e ficções (p.14).

Figura 28 - Nazaré posa para produção de vinhetas TV Sergipe (197?)



Fonte: Acervo de Nazaré Carvalho. Autoria desconhecida.

Um rápido olhar poderia descrever a fotografia anterior (figura 28) da seguinte forma: Trata-se de uma bonita jovem posando para uma foto. O conhecedor da história da década de 1970 em Sergipe poderia acrescentar: é a “tia Nazaré”, a comunicadora que ficou famosa apresentando programas infantis na TV. O pesquisador, além de descrever o que é visto, e o que a história revela, seja ela oral ou escrita, poderia ir mais longe: a jovem bonita que posa sorridente para a foto que remonta os anos de 1970, cabelos curtos (que seriam mantidos mais curtos ainda), o que não era muito comum para as mocinhas, à época, é realmente Nazaré Carvalho. Tem cabelos lisos, feições delicadas, é morena, esbelta e de baixa estatura. Veste-se

de forma elegante, comportada e moderna. Traja um conjunto de blusa e calça de cores diferentes, mas com a mesma estampa floral, e usa um colar de bijuteria e um anel no dedo médio da mão direita. Ela tem sobrancelhas cuidadosamente modeladas e unhas longas e pintadas com esmalte cintilante. É uma foto montada e o local parece ser um estúdio fotográfico muito simples. Pelas sombras nas paredes laterais, é perceptível a precariedade da iluminação. E indagaria ainda questões como: por que ela está com as mãos levantadas? Seria uma postura convidativa para as crianças? Seria a posição ideal para inserção de uma ilustração ou sobreposição de imagens para produção de uma peça publicitária ou vinheta televisiva⁹³? No cotejamento de pistas oferecidas pela foto com as memórias da apresentadora Nazaré Carvalho mais informações: “Essa roupa era minha...eram dois tons de marrom... na blusa um bem mais clarinho. Meu cabelo foi feito por Osório⁹⁴, e a foto era para produção de vinhetas do programa Clube Júnior” (CARVALHO, 2015).

A leitura das fotos é mais do que se vê, mais do que uma visão de espelho. Com a chegada da televisão, Nazaré passaria a ser mais que uma voz bonita, conhecida e familiar para as pessoas. Era preciso apresentar uma boa imagem da comunicadora para os telespectadores. A foto parece trabalhada nesse sentido. A postura, o olhar, o sorriso, as vestimentas. Tudo fala. Mas é preciso saber ouvir e questionar. Pois, como ensina Burke:

1.As imagens dão acesso não ao mundo social diretamente, mas sim a visões contemporâneas daquele mundo [...] 2.O testemunho das imagens necessita ser colocado no ‘contexto’, ou melhor, em uma série de contextos [...] 3. Uma série de imagens oferece testemunho mais confiável do que imagens individuais [...] 4. No caso de imagens, como no caso de textos, o historiador necessita ler nas entrelinhas [...] (BURKE, 2004, p.237-238).

Os preceitos preconizados por Burke foram levados em consideração ao longo deste estudo. Sendo assim, até detalhes aparentemente insignificantes foram interrogados. E sempre na constante vigilância para não ser dominada pela fonte ou ignorar as intencionalidades de uma “montagem” fotográfica pois, “[...] Não existe documento inocente. A fotografia, assim como as demais fontes, deve ser submetida ao devido exame crítico que a metodologia da história impõe aos documentos” (KOSSOY, 2007, p.46). É um exercício que requer vigilância

⁹³ Vinhetas televisivas são videografismos que marcam o início, passagem ou encerramento de programas. São usadas também para identificar a emissora. As primeiras vinhetas televisivas eram feitas artesanalmente: ilustrações desenhadas em cartolinas com a inserção de mensagens que posteriormente eram filmadas. A chegada do videotape trouxe mais recursos para os vinhetistas. As imagens (inclusive fotográficas) puderam ser trabalhadas e sobrepostas. Para saber mais sobre o assunto, ver Shiovoni (2008).

⁹⁴ Osório Mattos foi um maquiador, vitrinista e produtor que participou da fase de implantação da TV Sergipe e de eventos culturais no estado na década de 70.

constante. É preciso treinar o olhar para ver além da montagem da fotografia, além dos olhos de quem registrou o momento.

3.4 OS PROGRAMAS INFANTIS DE AUDITÓRIO: A ESCOLA NO RÁDIO

Na implantação das emissoras de TV no Sudeste, a partir de 1950, migraram para o novo veículo cantores e cantoras, atores e atrizes do rádio e do teatro. Como em Sergipe não havia de um grande leque de opções desses profissionais, trabalhou-se com os disponíveis⁹⁵. Os comunicadores que já possuíam um pouco de experiência em televisão, a exemplo de Nairson Menezes e Luiz Carlos Campos foram fundamentais no modelo da primeira TV implantada no estado. Para além disso, como aconteceu no Sudeste, aprendeu-se a fazer televisão em Sergipe, fazendo.

Nazaré chegou na TV com alguns diferenciais em relação a outros aprendizes. Além de ser uma jovem simpática e competente radialista, era independente, dispunha de tempo para o trabalho, e tivera uma breve experiência com programas de auditório. Na Rádio Jornal, ela e o radialista Jairo Alves⁹⁶ tinham sido assistentes de palco no programa Carrossel Infantil apresentado pelo então famoso radialista e cantor Erílio Alves. Era um programa de auditório bem nos moldes da época. Músicas, brincadeiras e a participação de crianças e adolescentes.

Silva (2007), ao abordar características dos programas de auditório de rádio, que inspiraram programas televisivos, destaca: o imediatismo, a linguagem coloquial, a instantaneidade e a participação efetiva da plateia. E tudo acontece em ritmo de festa como nas feiras e espetáculos públicos. Foi auxiliando na apresentação do Carrossel Infantil que Nazaré teve os primeiros contatos com o mundo lúdico dos “pequeninos”⁹⁷. Na figura 29 a seguir, montada a partir de três fotografias feitas durante o programa algumas pistas são oferecidas.

⁹⁵ O jornalista e radialista sergipano Reinaldo Moura, que já havia trabalhado na TV Itapoan em Salvador-BA, não atuou na fase experimental da TV Sergipe, conforme entrevista concedida pelo comunicador.

⁹⁶ O nome no registro de nascimento do radialista é Jairo Alves de Almeida. Nesta pesquisa o comunicador será identificado pelo seu nome artístico: Jairo Alves.

⁹⁷ Jairo Alves mencionou em entrevistas que Nazaré Carvalho chamava as crianças de “meus pequeninos”.

Figura 29 - Nazaré Carvalho e Jairo Alves no palco do “Carrossel Infantil” (196?)



Fonte: Edição de três imagens retiradas em *print screen* do DVD do programa Terras Sergiy/TV sobre Erílio Alves de Castro, 2014.

Na parte superior da figura 29, Nazaré Carvalho, que deveria ter 17 ou 18 anos de idade, ajuda o apresentador Erílio Alves (à direita) em um sorteio do programa Carrossel Infantil. Jairo Alves, ao fundo, segura um microfone e acompanha a cena. Dela fazem parte também duas outras pessoas. Pela estatura, são duas crianças ou adolescentes. Na parte central da figura 29 Nazaré, ainda de cabelos longos, segura o microfone para uma menina que provavelmente declama. Um enorme quadro ao fundo dá indícios do local, provavelmente, é o Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Um sanfoneiro adolescente, um homem e cinco crianças também participam da cena. Há um certo clima de descontração no palco: uma garota e o

sanfoneiro, que não está tocando, sorriem. As crianças usam uniforme escolar. Embora seja um programa de rádio a imagem tem o seu peso: Nazaré e o garoto ao lado dela olham fixamente para quem faz a fotografia. Na parte inferior da figura 29, quatro meninas, também de uniforme escolar, se apresentam acompanhadas por dois violeiros. Ao fundo, um piano pode ser visto no centro do palco, e Jairo Alves, à esquerda, assiste à apresentação das garotas. A autoria das fotos é desconhecida. Essa breve leitura é uma das muitas possíveis. Ouvindo-se testemunhos pode-se ampliar a percepção. O radialista Jairo Alves lembrou:

[...] era um programa de grande audiência feito pela Rádio Jornal, aos domingos, às 10h da manhã, no Instituto Histórico - aproximadamente nos anos de 66 ou 67. Esse programa era o Carrossel Infantil, apresentado por Erílio Alves, o popular Goiabinha, Nazaré Carvalho e Jairo Alves [...]. A cada domingo nós convidávamos duas, três, quatro escolas. Então as crianças das primeiras séries, até chegar a adolescência eram convidadas. Se lotava o auditório. Era um programa dedicado à criança. O que é que tinha nesse programa? As crianças podiam trazer apresentações das escolas, poesias, esquetes⁹⁸, poderiam participar do quadro de calouros para revelar cantores e havia uma vasta distribuição de prêmios. E tinha um regional ao vivo [...] para animar a plateia. E Nazaré começou o interesse em programa infantil. Em termos de audiência dominical, esse foi o carro chefe da Rádio Jornal [...]. E foi daí que a televisão [depois] teve interesse em fazer um programa infantil (ALVES, 2014).

Segundo o apresentador Erílio Alves, o programa tinha produção e assessoria do Departamento de Educação do Município:

[...] um colégio por domingo, dois, três....Foram surgindo os “Pequenos Cantores” de Sergipe. Eu tenho fotografias [...] E Lourival Batista⁹⁹ deu tudo, banda de música e instrumentos....tudo na vida. Carrossel Infantil tinha uma característica [e canta]: “Criança feliz, que vive a cantar, alegre embalar seu sonho infantil, oh meu bom Jesus que a todos conduz, olhai as crianças do nosso Brasil [...]” (TERRAS SERIGY, 2014).

As informações orais, como as fotográficas, também precisam ser contextualizadas. O relato do apresentador Erílio Alves se refere ao ano de 1967, vivia-se a ditadura militar no país. É compreensível a “assessoria” do Departamento de Educação, os prêmios à vontade, a banda de música e a trilha sonora do programa lembrada pelo apresentador: “criança feliz, feliz a cantar, alegre embalar seu sonho infantil [...] olhai as crianças do nosso país”.

A experiência adquirida no contato pessoal com o público no Carrossel Infantil foi um diferencial para a carreira de Nazaré Carvalho e de Jairo Alves. Com a chegada da televisão no

⁹⁸ Uma espécie de curta encenação, em média de 5 a 10 min., na qual o ator, geralmente comediante, se apresenta.

⁹⁹ Lourival Batista foi deputado estadual 1947 a 1941, deputado federal por Sergipe de 1959 a 1967; governador do Estado de 1967 a 1970, quando se afastou para concorrer ao senado. Foi senador de 1971 a 1995. Mais informações, ver Barreto (2000).

estado, a dupla foi logo convidada para participar da fase experimental da TV Sergipe. Em princípio, apresentando cantores e outras atrações da programação. Os comerciais também eram feitos ao vivo e os lojistas levavam seus produtos para o Morro da TV: sofás, geladeiras, fogões, entre outros. Quando um programa infantil foi pensado o nome não poderia ser outro: Nazaré Carvalho.

3.5 O LUGAR DAS MULHERES NA IMPRENSA SERGIPANA NA DÉCADA DE 70

*Que desgraça ser mulher! Entretanto, a pior desgraça quando se é mulher é,
no fundo, não compreender que sê-lo é uma desgraça...*
Kierkegaard

Metade vítimas, metade cúmplices, como todo mundo.
J.P. Sartre

As duas citações acima, de autores distintos, que constam nas páginas iniciais do livro “*Segundo Sexo*, vol.2- A Experiência Vivida” (1980), de Simone de Beauvoir, são apropriadas para abrir este tópico, que intenta compreender o espaço permitido às mulheres na década de 1970 em Aracaju e a posição ocupada nele por Nazaré Carvalho. Teria ela consciência de que a liberdade tinha um preço e que, a depender de suas escolhas, seria aceita ou não pela sociedade? Compreenderia Nazaré que o seu ingresso num mundo masculino não lhe concederia os mesmos direitos garantidos aos homens? Entenderia ela que, embora o rádio e a televisão lhe parecessem tão receptivos, e seus “pares” desprovidos de quaisquer intenções escusas, eram, como qualquer campo (BOURDIEU, 2003), lugares de relações de forças, espaços de lutas, que tinham seus códigos, sistemas de trocas e compensações, nos quais seus agentes estavam em permanente concorrência?

A resposta provavelmente é não para todos os questionamentos apresentados. Com o auxílio de testemunhos orais, jornais e de fotografias, esta pesquisa buscou entender quais eram as representações femininas no período estudado e como a apresentadora percebia ou não questões de gênero no seu novo mundo no qual era “estrela”, operária e mãe.

Figura 30 - **Nazaré Carvalho apresenta concurso de Carnaval na TV Sergipe (197?)**



Fonte: Acervo de Nazaré Carvalho. Autoria desconhecida

Na figura 30, Nazaré Carvalho apresenta um concurso de Carnaval na TV. O clima é de *glamour*, mas ela parece pouco à vontade. Está elegantemente vestida, usa uma flor no decote discreto, bonitas pulseiras e cabelos exageradamente armados. “Foi um programa à tarde que a TV Sergipe fez. Eu apresentava cantores fazendo uma retrospectiva dos velhos Carnavais. Veja, estou usando peruca”, comentou rindo Nazaré (2015) ao olhar a foto. O púlpito e o microfone além de necessários colocam a apresentadora em posição eminente (BOURDIEU, 2008). É uma

foto claramente “montada”, feita por um profissional. Era importante manter a boa imagem da estrela da TV Sergipe.

Na figura 31, a comunicadora já parece mais à vontade desempenhando suas funções de locutora apresentadora no concurso Rainha da Laranja na Festa da Laranja de Boquim de 1975. Os cabelos lisos estão cuidadosamente alinhados. Nazaré veste-se de maneira simples, mas sempre elegante: saia longa e blusa de malha com mangas três quartos. Usa batom de tonalidade forte e, como adereço, uma vistosa gargantilha. Era preciso estar sempre bela. A tia Nazaré era também atração nas festas que apresentava.

Figura 31 - Nazaré Carvalho durante apresentação do concurso Rainha da Laranja – Boquim/SE (1975)



Fonte: Acervo de Nazaré Carvalho. Autoria desconhecida

Na figura 32, Nazaré apresenta uma candidata no concurso Rainha da Laranja. O aglomerado de pessoas no fundo do palco indica que era um evento concorrido. Baterista (figura 32), guitarrista e baixista (figura 31) vistos nos registros revelam que havia música ao vivo. Era o grande acontecimento anual da cidade de Boquim, e a presença de Nazaré valorizava ainda mais o evento.

Figura 32 - Nazaré Carvalho apresenta uma candidata ao título de Rainha da Laranja de Boquim (1975)



Fonte: Acervos de Lígia Fontes. Autor: Eduvaldo Cardoso- Íris Color.

Lígia Fontes, a moça que aparece na figura 32 forneceu mais informações: “Nesse ano, também foram os apresentadores Gilvan Fontes e Luiz Trindade. O concurso foi num sábado à noite no Clube Boquinhense. No dia seguinte, à tarde, rainha e princesas, e eu fui uma delas, desfilaram em carro aberto pelas ruas de Boquim.”¹⁰⁰ (FONTES, 2015). Percebe-se que para Lígia Fontes, Nazaré Carvalho tinha a mesma importância que os outros comunicadores citados.

E havia ainda a Nazaré mãe. Embora a filha ficasse aos cuidados da dona Epunina Teles do Nascimento, que se tornou madrinha da garota, Nazaré tentava ser uma mãe presente. A Tetê, como chamava a filha Terezinha, era “conhecida” dos amigos e do público da comunicadora. Eram frequentes as citações que ela fazia sobre a filha durante os programas.

¹⁰⁰ A Festa da Laranja acontece anualmente no mês de novembro, no município sergipano de Boquim, considerado o berço citrícola do estado. O evento foi criado para celebrar a colheita da fruta. Mais informações, ver Cinform Municípios (2002).

Como Nazaré percebia tudo que rapidamente parecia estar acontecendo em volta dela? Quais as novas representações e apropriações (CHARTIER, 2009) que a apresentadora fazia do seu novo mundo? Ela conta que ainda tinha uma visão muito romântica da vida. Sentia saudades da mãe e dos irmãos e vivia um conflito: não queria abandonar os ensinamentos que havia recebido em casa e nem abrir mão das oportunidades que a vida parecia lhe oferecer.

Nazaré cresceu cheia de regras.

Eu fui criada com muita disciplina. Tinha hora de acordar, comer e estudar. Eu me lembro que minha mãe não queria nem que o talher tocasse [fizesse barulho] no prato. ‘Os vizinhos não precisam saber que estamos fazendo refeição. Você tem que saber comer’, dizia. Guardanapo no lugar certo [...]. Você tinha que saber sentar, vestir, nada de dar lance. Minha mãe não admitia esse negócio. A roupa tinha que ser comportada, de acordo do com o ambiente que você ia. ‘Você não pode andar nua por aí’, assim que ela dizia” (CARVALHO, 2015).

Muitos desses *habitus*, “princípios geradores de práticas distintas e distintivas” (BOURDIEU, 1996, p.22) foram mantidos pela comunicadora. Sobre a representação da condição da mulher, Nazaré tinha o exemplo materno: a moça poderia até trabalhar, ser professora, ou ter outra profissão digna, mas também deveria casar, ser uma boa mãe e esposa. O mundo das comunicações, o ambiente artístico, parecia estar acima de tantas regras e modelos. Nazaré não sabia ainda se queria seguir a mesma carreira da mãe. Uma coisa ela tinha certeza: gostava muito da companhia das crianças. Elas agora faziam parte do seu cotidiano. Mesmo fora dos programas infantis Nazaré Carvalho estava sempre rodeada dos “pequeninos”.

Na fotografia a seguir (figura 33), Nazaré participa de um programa de auditório na TV Sergipe. Ao ver a foto comentou: “Era linda [a criança], carequinha. Veja como ela brincava com minhas pulseiras. Lembro bem desse dia. Era o programa de Reinaldo Moura, eu era jurada. Aí onde tinham crianças elas vinham para tirar foto comigo” (CARVALHO, 2015).

Figura 33 - Nazaré Carvalho jurada de programa de auditório na TV Sergipe (197?)



Fonte: Acervo de Nazaré Carvalho. Autoria: Equipe Aquarius Propaganda, promoções e empreendimentos Ltda.

O sucesso da “tia Nazaré” com as crianças ia além do ambiente televisivo. Ela passou a ser convidada para apresentar festas infantis, visitar escolas, ser paraninfa de turmas, inaugurar creches, entre outros eventos. “Ela agradava muito as crianças. [...] Aonde ela ia, conhecidíssima, aquele cabelinho dela [curto], brincando, ‘tia Nazaré chegou’! E aquele alvoroço...eu não sei de onde saiam tanta criança em volta dela. [...] era ótima com as crianças” (CAMPOS, 2015). Nazaré Carvalho também continuava a ser muito requisitada para participar de eventos empresariais e culturais.

Ser uma figura pública traz bônus e ônus, e Nazaré pagou o preço de ser quem foi. De origem modesta, sem sobrenome tradicional, mulher, jovem, mãe solteira, bonita e talentosa. Uma combinação difícil para a década de 1970. Não havia entrado no mundo da comunicação por escolha, mas era o que lhe tinham oferecido. Um ambiente que podia ser árido para uma moça. Um universo prioritariamente masculino, no qual as raras mulheres presentes, se não

possuíssem sobrenomes importantes e não fossem de alguma forma acompanhadas por seus pais, irmãos ou maridos, quase sempre tinham suas reputações questionadas pela sociedade.

Poucas mulheres galgavam espaços na imprensa local no final da década de 60 e início dos anos 70. O jornalista Ivan Valença (2015) cita Carmelita Fontes, que assinava como Gratia Montal no jornal A Cruzada; Clara Angélica Porto e Ilma Fontes na Gazeta de Sergipe, fazendo colonismo social; a escritora Anna Leonor, com seus artigos sobre a religião católica na Rádio Cultura, e a professora Aglaé Fontes, na mesma emissora, com o programa infantil Gato de Botas¹⁰¹. Na década de 70, a professora de português Ofenísia Freire e a estudante de Direito Creusa Brito passaram a atuar no Jornal da Cidade. Algumas se dedicavam à literatura, outras ocupavam espaços dirigidos ao público feminino, e a maior parte delas fazia colonismo social.

Pesquisando nas edições do Jornal da Cidade da década de 70, foi possível identificar também as colunistas sociais Lânia Duarte, Arlene, Myrtes, Tânia Noronha e Leilinha Leite. Tânia tratava de culinária, moda, casa, cuidados com os filhos, dava conselhos sentimentais, anunciava festas na Boate “Oxente”, as feijoadas da Associação Atlética de Sergipe, a volta do *tailleur*, o que era *habitué* em qualquer recepção e também falava mal de festas “cafonas” (JORNAL DA CIDADE, 1971). Lânia deixava os leitores bem informados sobre eventos culturais, artistas que despontavam no cenário local e nacional e sobre a vida da *high society*. Na coluna semanal “Gente - Myrtes informa e comenta”, a autora prometia, logo na estreia, que escreveria em estilo bem ao gosto do povo sergipano e chegava para dizer a verdade ou os “disse me disse”. Avisava que todo mundo ia virar notícia e dava dicas: a moda agora era comprar “Opala”, e para as mulheres o moderno era botar a barriga e costas de fora e usar sempre minissaia nos dias de verão (JORNAL DA CIDADE, 1971).

Embora nesses espaços predominassem temas amenos dirigidos em geral ao “público feminino”, Lânia Duarte abordava assuntos relevantes, como a campanha de arrecadação de livros para a Biblioteca Dr. Cláudio Cruz, na Penitenciária do Estado (JORNAL DA CIDADE, 1971), e a implantação da primeira emissora de TV local, que chegava “pra ficar e desenvolver mentalidades, ideias, para evoluir [...] uma nova forma de se esquecer sobre a ‘necessidade’ de se comentar a vida vivida de outras gentes [...]” avaliava. (JORNAL DA CIDADE, 1971, p.7). A colunista também podia ser mais moderna ou “prafrentex” ao festejar a chegada do Carnaval “[...] loucura geral, sem tempo, com nexos, e plexo e sexo [...], elogiar Denner, “mito e gente

¹⁰¹ O jornalista Raymundo Luiz citou a locutora Cláudia Silva como a pioneira no rádio sergipano. Era filha de Cláudio Silva, diretor da Rádio Aperipê na década de 1950. Maria Cláudia Silva, levada pelo pai, fazia os comerciais ao vivo da emissora.

adorado porque autenticidade é o seu maior charme” (JORNAL DA CIDADE, 1972, p.7) ou ser mordaz ao proclamar: Sou agressiva, e daí...?!

Aracaju-província cresce muito mais em matéria de fofoca! As intrigas das mentes mesquinhas trabalham durante vinte e quatro horas diárias num mundo-invenção terrivelmente destrutivo e até mesmo dormindo as mentiras são criadas em forma de progresso! Grande progresso. As pessoas insistem na guerra fria povoada, incentivada pela inveja, pelo ódio, pela frustração existente em cada mente subnutrida... Aracaju está povilhadinha de fofoqueiros! Imbecis todos. Agora chegou a vez das meninhas do Colégio de Aplicação... Tão desprovidas de inteligência, de capacidade-realização tão resumida! Com tanta vontade de estudar a “filosofia da vida alheia” que não interessa a ninguém. [...] É claro que não são todas (JORNAL DA CIDADE, 1971, p.10).

Como avisava no título da nota, que ocupou boa parte da página, a colunista Lânia Duarte sabia ser dura nas críticas. E, assim, as mulheres da imprensa sergipana também iam ampliando seus espaços e papéis sociais a elas atribuídos. “Geralmente eram mulheres jovens e solteiras [...], não duravam muito [nas redações] porque logo arranjavam namorados e estes proibiam que elas continuassem trabalhando”, revelou Ivan Valença (2015).

Outra informação levantada no cotejamento das fontes foi o fato de que as mulheres eram em menor número do que o jornal levava a pensar. Algumas nem existiam, eram pseudônimos assumidos pelos jornalistas que trabalhavam na redação.

Leilinha Leite foi um pseudônimo que eu inventei [...]. A coluna era feita por mim, mas com a colaboração de todos da redação. O pseudônimo presta uma homenagem a atriz Leila Diniz, daí o Leilinha. O Leite, porque endereçava a família Leite, uma das mais poderosas de Sergipe. Se alguém pensasse em fazer uma besteira, vendo o sobrenome pensaria duas vezes (VALENÇA, 2015).

Segundo Ivan Valença, outros jornalistas também escreviam sob pseudônimo. Entre eles Luiz Eduardo Costa, Raymundo Luiz, Carlos Alberto de Jesus, o Chatô, Juarez Ribeiro e Clarêncio Martins. “Não era fácil empregar mulheres nas redações. Orlando Dantas¹⁰², por exemplo, não gostava de empregar mulheres na redação geral. Ele tinha medo que algum jornalista se engraçasse por elas” (VALENÇA, 2015).

Inicialmente Nazaré Carvalho não ganhou visibilidade nas redações dos jornais. Não redigia ainda, não circulava na alta sociedade e não era articulada o bastante para a tarefa. Tinha ingressado no rádio por necessidade financeira. Havia deixado a casa da mãe e precisava se manter com a filha. Pela boa voz e dicção e amizades que logo fez no meio radiofônico, foi conquistando seu espaço. A

¹⁰² Empresário, político e jornalista. Fundou a Gazeta Socialista, que depois se tornaria a Gazeta de Sergipe.

juventude e beleza de Nazaré certamente também contribuíram para sua ascensão profissional. Mas esses atributos não trouxeram apenas bônus. Jovem, saudável e bonita, além de estudar, Nazaré também queria fazer coisas comuns a moças de sua idade: ir a festas, usar minissaia, experimentar um cigarro, namorar, transgredir de alguma forma. Mas vindo de Nazaré, tudo isso era quase imoral. Ela não pretendia levantar bandeiras, não se dizia feminista, mas não aceitava placidamente a forma, elaborada pela civilização, que a mulher assumia no seio da sociedade. Provavelmente também não tinha consciência de que essa forma era determinada pelos homens e que a eles cabia definir a mulher em si (BEAUVOIR, 1980).

Nos anos 70, principalmente no Nordeste do Brasil, mãe solteira pobre não namorava e dificilmente “arrumava” um bom casamento. Para essas meninas que tinham dado um “passo em falso na vida”, que tinham “se perdido”, a sociedade reservava o preconceito e a discriminação. No rádio, ambiente mais liberal, Nazaré se sentia bem, tinha uma profissão e amigos. Conta Valdelice Almeida:

Nazaré foi sempre alegre, carismática, inteligente, bem falante, e era uma menina linda, uma bonequinha. E sofreu muito por ser quem foi, enfrentou muito preconceito. Se hoje as mulheres ainda sofrem preconceito, imagine na década de 70 sendo mãe solteira e radialista! Algumas pessoas até me questionavam: ‘Valdelice, como você vai colocar Nazaré dentro da sua casa com seu marido?’. Para elas Nazaré era um perigo. Pra mim, uma filha e amiga” (ALMEIDA, 2015).

Entre os colegas, Nazaré Carvalho diz que não se sentia discriminada: “Pelo contrário, eles até me protegiam, me aconselhavam a como me comportar para que não falassem de mim” (CARVALHO, 2015). Renato Carvalho, irmão de Nazaré, discorda um pouco: “Alguns colegas também tinham preconceito em relação a ela. Briguei muito defendendo minha irmã. Quando acompanhava Nazaré em apresentações, eu já chegava nos lugares avisando: ela é minha irmã. Isso para que não falassem dela” (CARVALHO, R., 2015).

Já fora do rádio, o preconceito era grande. “Era terrível! Durante muito tempo eu fui tida como a prostituta do rádio sergipano. Porque eu era a única mulher a conviver com tantos homens. Quando eu cheguei na Rádio Jornal, que foi a minha escola, os comentários foram aumentando. As pessoas diziam que eu era amante de A, B, C, de todos os meus colegas” (CARVALHO, 2015).

A sociedade só começaria a aceitar Nazaré na televisão. “Na cabeça das pessoas, a TV é a prima rica do rádio. Mesmo assim, quando cheguei à TV Sergipe, a emissora recebeu várias cartas condenando “a prostituta” na televisão. Não foi fácil não. Mas foi por pouco tempo. As crianças

passaram a me chamar de tia e as mães e pais me aceitaram”, conta (CARVALHO, 2015). Essa “aceitação” era relativa. Tia Nazaré era convidada para eventos empresarias, culturais, a lista de anunciantes do programa Clube Júnior crescia, as pessoas agora queriam ser fotografadas ao lado da apresentadora. Nazaré via crescer seu capital simbólico e social, enquanto autoridade e prestígio que lhes eram conferidos no campo da comunicação. E, assim, ela também ampliava seu capital econômico (BOURDIEU, 2003).

Segundo Bourdieu, “o capital simbólico é uma propriedade qualquer (de qualquer tipo de capital, físico econômico, cultural e social), percebida pelos agentes sociais cujas categorias de percepção são tais que eles podem entendê-las (percebê-las) e reconhecê-las, atribuindo-lhes valor”(BOURDIEU, 1996, p.107). Mas o preconceito em relação à comunicadora continuava lá. Relata Idalina Campos, que acompanhou o início do departamento comercial da emissora: “Tinha preconceito sim. Ela foi a primeira mulher na televisão, você acha que não ia ter preconceito? Tinha demais. Ela anunciava uma geladeira, essa geladeira vendia bem, depois eles pediam: ‘agora não deixa mais a Nazaré anunciar’” (CAMPOS, 2015).

Algumas pessoas queriam desfrutar do prestígio de Nazaré, aparecer na televisão, parecer amiga da “amiga” do “rei” Roberto Carlos, o maior cantor do país. Embora Nazaré tenha afirmado diversas vezes que eles eram apenas bons amigos, a imaginação das pessoas não tinha limites. Os tropeços da aprendiz também eram comentados. Das falhas ela lembra sem nenhum constrangimento. “Uma vez eu falei ‘Gillete’ no lugar de ‘Juliet’, outra vez ‘me ame’ no lugar de ‘Miami’. Eu errava, mas queria aprender sempre”. (CARVALHO, 2006). Nada que diminuísse o encantamento das crianças pela “tia”.

Nazaré brilhava na TV, era contratada para alavancar as vendas e entreter as crianças, mas a aceitação tinha limites. Mesmo em situações e locais inesperados, o preconceito afloraria em relação à moça de origem simples, que já não era tão pobre, mas que continuava mãe solteira e cada vez mais segura de si, crescendo profissionalmente. Seguindo os conselhos do padrinho e radialista Cadmo Nascimento, que alertava sempre Nazaré sobre a importância de estudar, ela ingressou em 1974 na Universidade Federal de Sergipe. O curso escolhido foi o de Letras – Licenciatura em Português¹⁰³. A recepção a Nazaré na universidade não foi das melhores:

Eu atravesssei o corredor da faculdade, mulheres de um lado e de outro do corredor dizendo assim em alto e bom som: ‘a Univesade virou *rendez-vous*, a puta da cidade agora está na Universidade. A Universidade deixou de ser elitizada para virar um *rendez-vous*’. Ouvi muito isso e no início ficava arrasada. Daí eu passei a ter apoio dos meus professores. Lembro que a minha professora de francês, Rosália Bispo, foi uma de minhas maiores defensoras. Ela, o professor João Costa e outros [...] (CARVALHO, 2015).

¹⁰³ Nazaré Carvalho concluiu o curso de Letras na Universidade Federal de Sergipe em de outubro de 1980.

A atuação de Nazaré na televisão também era avaliada pelos colegas da Universidade. Críticas não faltavam: “ Nós, alunos de Letras naquela época, fazíamos muitas gozações com os tropeços da gramática [de Nazaré], mas agora já madura, fico pensando que era tudo guerrinha de um bando de gente metida a intelectual”, avalia Sonia Machado (MACHADO, 2014). Amigos e colegas de Nazaré endossam os relatos e falam sobre a capacidade de superação da comunicadora. Para a ex-colega de faculdade, Ana Luiza Valadares (2015), “Nazaré sempre teve uma personalidade muito forte [...]. Uma pessoa que sobreviveu a muitas coisas aqui em Aracaju. Aquela época não era fácil, por isso considero Nazaré uma sobrevivente”. Para Idalina Campos, as conquistas de Nazaré têm relação com talento e determinação: “Acho que ela dizia: ‘vou mostrar que sou competente’. E mostrou” (CAMPOS, 2015).

Embora Nazaré Carvalho diga que não se sentisse discriminada profissionalmente por ser mulher, esta pesquisa identificou em alguns momentos situações que demonstram exatamente o contrário. Inclusive dentro do próprio campo da comunicação. Não exclusivamente pelo fato de ter sido mãe solteira. As “restrições” estavam mais relacionadas a sua condição de mulher. Por exemplo, em abordagens sobre preconceito em relação às mulheres que trabalhavam no rádio e na televisão na década de 1970 e o espaço ocupado pela apresentadora, houve falas como: [...] “Mas ela também gostava de namorar” ou “Também, era protegida dos Franco!” São julgamentos que denotam preconceito que tentam atribuir o sucesso da comunicadora às suas ligações afetivas ou as do terreno político partidário, campo no qual ela só adentrou posteriormente. Percebe-se que o fato de ser mulher influenciou na avaliação.

Ao tratar do lugar das mulheres no espaço público, Michelle Perrot (1998), recapitulando a História da mulheres, lembra que no mundo ocidental essa sempre foi uma questão problemática. A autora usa o termo “público” em dois sentidos: “o que designa o conjunto, jurídico ou consuetudinário, dos direitos e dos deveres que delineiam uma cidadania; mas também os laços que tecem e fazem a opinião pública” (p.7 e 8). Nas duas concepções, a mulher estava deslocada. Principalmente quando não se acomodava a uma posição de inferioridade que lhe foi destinada pelos homens, pelo poder. Quando não submissas eram consideradas um problema: loucas, descontroladas, histéricas, pouco racionais. Ou ainda baixas e vulgares (PERROT, 1998). Melhor seria, pensavam muitos, e muitas mulheres também, que elas se adequassem a ordem estabelecida, desde sempre, e assumissem o papel para o qual foram criadas: mãe e dona de casa. A escrita e, posteriormente, a imprensa foi uma das formas utilizadas por mulheres para ultrapassar a barreira do espaço privado (PERROT, 1998).

Nazaré Carvalho foi empurrada para o espaço público, precocemente, pelas contingências da vida. Para se manter em uma posição de destaque no campo da comunicação, além de boa profissional, precisou travar lutas dentro do próprio campo, e fora dele, usar estratégias e, certamente, fazer algumas concessões. Não ficou imune a violência simbólica, nem à dominação masculina – violência simbólica “que se exerce com a cumplicidade tácita dos que a sofrem e também, com frequência, dos que a exercem, [...]” (BOURDIEU, 1997, p.22) e dominação masculina produto de uma construção social, que naturaliza a posição de superioridade do homem, imposta e vivenciada como uma submissão paradoxal, resultante de vários tipos de violência, tais como:

[...] violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias publicamente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou mais precisamente, do desconhecimento, ou, em última instância, do sentimento (BOURDIEU, 1999, p.7).

Para ocupar um lugar de destaque no campo da comunicação e na sociedade, Nazaré Carvalho buscou a ampliação de seus espaços nos campos cultural, econômico, político e social (BOURDIEAU, 1996; 2005; 2008). Estudou, obteve títulos e diplomas; viajou; adquiriu novos códigos de apropriação, incorporou novos *habitus*, refinou seu gosto cultural, investiu nas suas relações sociais e profissionais e soube sempre reconhecer o poder da mídia. É sobre a atuação pública de Nazaré Carvalho na mídia, mais precisamente nos programas infantis televisivos, que a pesquisa se ocupará no próximo capítulo.

4 OS PROGRAMAS “CLUBE JÚNIOR” E “NOSSO MUNDO INFANTIL”- EDUCAÇÃO E ENTRETENIMENTO

4.1 “CLUBE JÚNIOR”

O programa “Clube Júnior”, realizado na TV Sergipe, durava inicialmente 30 minutos e começava por volta das 16h¹⁰⁴. A apresentadora Nazaré Carvalho conta que atuava de forma quase improvisada, pela “intuição”, e sob o comando de Luiz Carlos Campos, seu mentor. “Tudo veio dele”. (CARVALHO, 2014).

“Seu” Luiz, que tinha vindo de São Paulo para Aracaju assumir a parte comercial e artística da TV, montava a grade de programação, vendia comerciais e fazia de tudo um pouco. Ele já havia trabalhado na produção artística do famoso “Grandes atrações Pirani” na TV Tupi em São Paulo. Era um programa de variedades e apresentava também quadros direcionados ao público infantojuvenil (CAMPOS, 2015). Outros programas infantis da TV Tupi também serviram de inspiração para Luiz Carlos Campos¹⁰⁵. Assim, o “Clube Júnior” tinha um modelo a seguir.

Na fotografia a seguir (figura 34), Nazaré Carvalho posa para produção de mais uma vinheta de chamada do programa Clube Júnior. Ela é o destaque da cena. Com sua característica animação, sentada em um banquinho, simula abraçar alguém. No espaço, seria inserida uma imagem ou ilustração com um personagem de desenho animado, o nome do programa, uma música e locução de fundo e a vinheta estaria pronta! Essa era a produção possível para o momento. O piso de taco e o banquinho são característicos dos estúdios fotográficos de Aracaju nos anos 1970. Nazaré usa um recatado conjunto de saia longa evasê e blusa de mangas compridas com detalhes em bico de renda branca. Ela lembra que a roupa era azul. E qual seria a justificativa para tanto recato no vestir? Nazaré explica: “Uma apresentadora de programa infantil tinha de ser alegre, animada, mas devia se vestir com sobriedade e respeito” (CARVALHO, 2015).

¹⁰⁴ Nenhum dos entrevistados participantes da fase inicial da TV Sergipe soube precisar o horário da realização do “Clube Júnior”. Os jornais de Sergipe de 1971 ainda não exibiam a programação da emissora. A imprecisão dos entrevistados pode indicar que o programa mudou de horário algumas vezes.

¹⁰⁵ Programas como Pim Pam Pum (1962), Capitão Aza (1966), Capitão Furacão (1965), entre outros, tinham conteúdos parecidos: desenho, música e participação das crianças. Mais detalhes, ver Maria (2000) e www.infantv.com.br.

Figura 34 - Nazaré Carvalho posa para vinheta do “Clube Júnior” (197?)



Fonte: Acervo de Nazaré Carvalho. Autoria desconhecida.

Num pequeno palco do estúdio, Nazaré falava com as crianças de casa, dava conselhos, lia cartinhas, elogiava as caligrafias, mostrava fotos e desenhos, selecionados entre os muitos recebidos por semana, e exibia desenhos animados da Hanna Barbera. “[...] a gente mandava foto pro Clube Júnior, foi até meu irmão de 16 anos, 10 anos mais velho que eu, quem mandou [...] Ela mostrava a foto e mandava beijo pra gente. Todas as crianças e adolescentes gostavam dela”, lembra Elânia Calhau (CALHAU, 2015).

O sucesso do programa foi tanto que logo sua duração foi ampliada de 30 para 50 minutos, das 18h às 18h50, e incluída a participação das crianças no estúdio. Crianças, a maioria

“sugerida”¹⁰⁶ pelos pais, se apresentavam cantando e dançando. Tia Nazaré elogiava o talento dos pequenos astros: “Eu não disse pra vocês que ele era ótimo? Olhe, tia Nazaré vai lhe dar um beijo, viu? [...] E agora vamos para mais um desenho animado” (CAMPOS, 2015). A produção era essa, contou Idalina Campos.

E de onde teria vindo essa facilidade em lidar com as crianças? As aulas de Didática, Canto orfeônico, Educação Moral e Cívica, Psicologia, entre outras dos currículos do ginásio e do pedagógico de Nazaré certamente tiveram alguma utilidade. Além disso, embora timidamente, ela já havia lidado com crianças e adolescentes no programa radiofônico de auditório “Carrossel Infantil”.

Segundo o jornalista Ronaldo Moreira, um dos participantes do Clube Júnior, os programas apresentados por Nazaré Carvalho não tinham grandes produções:

[...] se me recordo bem, [Nazaré] sentada no chão ao lado de várias crianças. Além do conteúdo dos programas, a figura de Nazaré era marcante para quem assistia. Ela era uma espécie de *superstar* do mundo infantil. Era mesclado de entradas ao vivo de Nazaré lendo as cartinhas e mostrando as fotos de quem as escreveu [...] muitas crianças iam com seus pais levar as cartinhas na Rádio Atalaia AM no primeiro andar do Hotel Palace, na Praça General Valadão [onde Nazaré também trabalhava], a TV Sergipe era muito longe, e o transporte para o morro da piçarra, depois chamado Morro da TV, era praticamente inacessível. Centenas de mães e crianças se aglomeravam diariamente nos corredores do prédio para conseguir um autógrafo da apresentadora e entregar a “cartinha” que poderia ou não ser selecionada para ser lida (MOREIRA, 2014).

O sucesso e o alcance do programa e da TV Sergipe cresciam como registrou em nota a imprensa:

A numerosa correspondência recebida pela Emissora, principalmente pelo ‘Clube Júnior’ comprova a excelente cobertura do Canal 4. Algumas cidades ainda não receberam a imagem do canal 4, o que é natural, comum e rotineiro em todas as Emissoras: constituem as ‘áreas de sombra’, onde o sinal eletrônico não consegue penetrar. Isso acontece até na capital paulista [...] (JORNAL DA CIDADE, 1972, p.3).

Assim, Nazaré adentrava em um novo mundo. Mais livre, criativo, mas machista. Era preciso se adaptar ao novo meio, buscar novas interpretações, incorporar práticas e mudar posturas. Certamente ela rompia com visões e conceitos que havia aprendido em casa. Pelos relatos colhidos nesta pesquisa, é possível identificar apropriações e representações da comunicadora.

¹⁰⁶ Os pais das crianças eram, na maioria das vezes, os anunciantes da TV Sergipe.

4.2 INAUGURAÇÃO DA TV ATALAIA E A VOLTA DA “TIA NAZARÉ”

Músicas, brincadeiras, desenhos, gincanas culturais, prêmios e mais tempo no ar. E tudo em cores. Era o “Nosso Mundo Infantil”, o novo programa da tia Nazaré que estreava em 17 de maio 1975, Dia Internacional das Comunicações, com a implantação da nova emissora de televisão de Sergipe: a TV Atalaia. Um ano antes, a emissora que tinha sido registrada como TV 31 de março, sofrera um incêndio, o que adiou sua entrada no ar. Agora, chegava à casa dos sergipanos como TV Atalaia - Canal 8, uma emissora do Sistema Rádio e Televisão Atalaia.

A volta de Nazaré, há um ano fora da tela, era esperada com entusiasmo. Na coluna Artes & Show (figura 35), o jornalista Vieira Neto avisava sobre o retorno da apresentadora. Pelas emissoras de rádio e jornais foi feito o convite às “autoridades civis, militares, eclesiásticas, e ao povo sergipano da Capital e do interior do Estado para o ato de inauguração[...]” (JORNAL DA CIDADE, 1975, p.1; GAZETA DE SERGIPE, 1975, p.1).

Figura 35 - **Jornal da Cidade anuncia o retorno de Nazaré à televisão (1975)**



Fonte: Jornal da Cidade, 16 de maio de 1975, p.9

A TV Atalaia entrou no ar às 12h. A primeira imagem exibida foi a de Carlo Motta, diretor artístico da emissora, “[...] devidamente colorido e maquiado por Osório de Mattos, Carlo Motta, com voz empostada e aquela pinta de galã de cinema mexicano, leu um Editorial [...]” apresentando a emissora ao povo sergipano. (JORNAL DA CIDADE, 1975, Revista, p.9). Da programação do primeiro dia, constaram: 12h - Barras¹⁰⁷; 12h20 - TV Educativa; 12h50 -

¹⁰⁷ São barras coloridas (*color bars*) exibidas verticalmente na tela da TV/monitor, geralmente antes da entrada da programação ou quando a emissora está fora do ar para ajustes técnicos. As barras servem para regular amplificadores de vídeo e calibrar monitores.

Repórter 8 (noticioso local 1ª edição); 13h - Durango Kid- Filme de Bang-bang norte-americano; 14h30 - Nosso Mundo Infantil (excepcionalmente nesse horário no dia da inauguração); 15h - Mister Ed; 15h30 - Abbott e Costello; 16h - Meu Marciano Favorito; 17h - Sábado Geral (programa local); 18h30 - O Velho o Menino e o Burro - novela infantojuvenil em cores; 19h - Repórter 8 (2ª edição); 19h10 - Meu Rico Português, novela em cores; 20h10 - o Sheik de Ipanema, novela em cores; 21h - Factorama, noticioso da Rede Tupi, via Embratel; 21h15 - Os trapalhões, comédia em cores; 22h00 - Máquia; 23h - Longa metragem, filme a ser anunciado e 01h - Encerramento (JORNAL DA CIDADE, 1975).

Às 17h, a solenidade de inauguração oficial da TV Atalaia foi realizada na área externa do prédio da emissora, instalada num amplo sítio no bairro Santo Antônio. Ao evento, segundo noticiou a o Jornal da Cidade do dia seguinte, compareceram o governador José Rollemberg Leite, o prefeito João Alves Filho, o senador Augusto do Prado Franco, os empresários Walter Franco e Fernando Franco, o arcebispo metropolitano Dom Luciano José Cabral Duarte, o coronel Osmar Melo e Silva, entre outros políticos, empresários, jornalistas e representantes da comunidade. Depois da inauguração, a comitiva visitou as instalações da TV (figura 36). Apenas uma mulher é vista, e em plano secundário, no registro fotográfico da visita (JORNAL DA CIDADE, 1975).

Figura 36 - Inauguração da TV Atalaia (1975)



Fonte: Jornal da Cidade, 18 e 19 de maio de 1975, p.3.

Nota: Em primeiro plano, da esquerda para a direita, o arcebispo metropolitano Dom Luciano Cabral Duarte, o então senador Augusto Franco, o governador do estado, à época, José Rollemberg Leite e o empresário Walter Franco.

A nova emissora chegava já em cores, com 10 quilos de potência, modernas aparelhagens, equipe jovem, retransmitia a programação da TV Tupi de São Paulo, reservava

amplo espaço à programação local, garantia área de cobertura de todo o estado, e alguns municípios de Alagoas, e atingia cerca de 2 milhões de habitantes¹⁰⁸. Era o que dizia a reportagem do Jornal da Cidade na edição do dia seguinte. A reportagem trazia fotos dos equipamentos, funcionários e registros da festa. Num *box*¹⁰⁹ intitulado “Aqui estamos”, os proprietários contavam as etapas para conclusão da empreitada e encerravam desejando que todos fizessem o melhor proveito das Emissoras Atalaia de Rádio e Televisão. A página foi assinada pelos empresários Walter Franco, Fernando Franco e Augusto César Leite Franco (JORNAL DA CIDADE, 1975).

4.3 PROGRAMAÇÃO INFANTIL NO NOVO CANAL- “NOSSO MUNDO INFANTIL”

O programa Nosso Mundo Infantil era realizado de segunda a sexta, das 15h às 17h¹¹⁰. As crianças, acompanhadas de suas mães, tias, professoras ou responsáveis, começavam a chegar em frente à TV Atalaia logo depois do almoço. Nem todas entrariam, por isso era preciso chegar cedo. As que não conseguissem, pelo menos aguardariam para ver a chegada da “titia Nazaré”. Caravanas escolares também participavam, e o movimento em frente à emissora era grande. Na TV Atalaia havia mais estrutura do que na TV Sergipe. Num estúdio de 12 por 8 metros, cenário simples, resumido praticamente a figuras de personagens de gibis e desenhos animados, as crianças se acomodavam em pé, sentadas no chão e, numa fase posterior, em cadeiras e pequenas arquibancadas. O calor era grande, mas ninguém reclamava e nem pensava em ceder o lugar para quem tinha ficado de fora. Todos queriam fazer parte daquele momento mágico. Uma câmera fixa e outra móvel, mas que não ia muito longe. Era preciso manter as crianças de um lado só do estúdio. E tudo ao vivo. Depois da vinheta de abertura¹¹¹, a câmera focalizava em Nazaré e começava a festa.

Sempre muito alegre e animada a tia Nazaré abria o programa cumprimentando a todos do estúdio e de casa. Anunciava as atrações da tarde, a presença das escolas participantes, aniversariantes do dia, cantava com as crianças, mostrava algumas fotos e desenhos recebidos e seguia, quase sempre, o roteiro elaborado pelo produtor José Alberto Rosa Montalvão¹¹².

¹⁰⁸ O cálculo do ‘anunciante’ da matéria parece um tanto exagerado. Na época Sergipe tinha 1,2 milhão de habitantes. Os municípios alagoanos alcançados pela emissora não deveriam ter 800 mil habitantes.

¹⁰⁹ Espaço da matéria impressa, geralmente reticulado, onde são colocadas em destaque informações adicionais sobre a reportagem.

¹¹⁰ Observou-se que houve mudanças do horário e frequência do programa no período pesquisado. O “Nosso Mundo Infantil” foi realizado algumas vezes também aos sábados, segundo depoimentos de ex-telespectadores.

¹¹¹ Vários entrevistados nessa pesquisa afirmaram que existiam vinhetas de abertura e de encerramento do programa. Mas nenhum recordou como eram.

¹¹² O colunista social e apresentador Barrinhos e Renato Carvalho, irmã de Nazaré, também foram produtores do programa em fases distintas.

Redator de jornalismo da TV Atalaia, ele fora escalado para criar os quadros do programa, selecionar e contatar as escolas e entrevistados, fazer o roteiro para Nazaré e para os entrevistadores mirins, submeter alguns conteúdos à censura¹¹³, elaborar os temas e perguntas das gincanas culturais e orientar a apresentadora. Rápida e criativa ela também participava da produção e improvisava no ar quando necessário (MONTALVÃO, 2015; CARVALHO, 2015; NASCIMENTO, N., 2015; SOBRAL, 2015; CARVALHO, R., 2015). Quem acompanhava de casa também podia se envolver no clima do programa. “Tinham palhaços, brincadeiras, cantores, músicas, ela era muito alegre e interagia com as crianças. Eu lembro que a gente assistia [em Boquim] ainda numa TV preto e branco. Era uma estrela pra gente” (SANTOS, E., 2014).

Figura 37 - O Palhaço Cacareco no programa “Nosso Mundo Infantil” (1976)



Fonte: Acervo de Nazaré Carvalho. Autoria desconhecida.

O programa *Nosso Mundo Infantil* eventualmente contava com a participação do Palhaço Cacareco. O artista acompanhava a comunicadora em algumas apresentações em escolas e eventos. Em festas organizadas pelo governo do estado, Nazaré também era requisitada com frequência. Lembra a radialista Maria da Conceição Dias: “Acho que no

¹¹³ Vivia-se a ditadura militar e os conteúdos dos programas de televisão eram acompanhados por censores.

Batistão [...] Dia da Criança que o governo fazia. E quem era a atração principal? Nazaré Carvalho. [...] Gente, gente, que você ficava assim! Muito Legal” (DIAS, 2014).

Na figura 37, Nazaré posa como o palhaço Cacareco no estúdio. Além da relação profissional, os dois eram amigos. Cacareco escreveu no verso da foto: “ Para a minha querida amiga e colega Nazaré [...] com muito carinho ofereço esta lembrança. Atenciosamente. Zivaldo Gouveia (Cacareco). Aracaju Sergipe 19.08.76”.

A inclusão do “circo” na TV não foi uma inovação local. A presença do palhaço na programação televisiva havia feito sucesso no Sudeste do país logo nos anos 50. O palhaço Carequinha apresentou, em 1951, na TV Tupi Carioca, o “Circo Bombril”¹¹⁴ que ficou no ar até 1964. Em 1953, a TV Paulista seguiu o exemplo da emissora do Rio de Janeiro e apresentou aos telespectadores o “Circo do Arrelia”, conduzido pelo palhaço Arrelia (<http://www.infanttv.com.br/circobombril.htm>; SAMPAIO, 2004).

Ainda na figura 37 é possível perceber elementos do cenário do programa citados por alguns entrevistados: um trenzinho, uma árvore, e, na parede, Cebolinha e Mônica. Em cima do trenzinho um bichinho de pelúcia e uma foto, provavelmente para ser exibida no ar. Observa-se também que este é um dos poucos registros dos programas infantis no qual Nazaré usa uma roupa mais informal. Na maioria das fotografias localizadas pela pesquisa, a apresentadora adota um figurino composto e sóbrio. Nazaré era vestida por butikues renomadas de Aracaju, entre elas a Sul Modas, de Idalina Campos (CARVALHO, 2015).

Outras características da comunicadora ficaram marcadas na memória de ex-telespectadores que a descrevem como: divertida, simpática, educada, vaidosa, delicada, cativante, linda, alegre, atenciosa e paciente. O fácil acesso à apresentadora agradava ao seu público. “Ela encontrava as crianças no Calçadão, nas ruas do centro [...] sempre parava, falava, beijava”, lembra Márcia Virgínia Santana (SANTANA, M., 2014).

Profissionalmente, Nazaré era exigente e firme. “Mas nunca indelicada. Às vezes, explosiva [...]. Algumas vezes nos bastidores, entre colegas de trabalho diziam, ‘ela está nervosa, Nazaré está nervosa!’ E não era, gente. Nazaré gostava das coisas certas. Mas jamais perdia a paciência com uma criança. Ela amava muito o que fazia” (ALMEIDA, 2015).

¹¹⁴ Além de brincar, Cacareco dava conselhos às crianças. Os bordões do palhaço viraram sucesso: “O bom menino não faz xixi na cama, o bom menino não faz mal-criação”, “Ai, ai, ai, carrapato não tem pai”; e o “Tá certo ou não tá, garotada?”; Que era respondido com entusiasmos pelas crianças- táááá! O palhaço Cacareco gravou LPs com músicas do cancionero infantil como: Ciranda cirandinha, O Bom menino e O Cravo brigou com a rosa. Mais detalhes, ver www.dicionariompb.com.br/carequinha/dados-artisticos.

Figura 38 - Festa no “Nosso Mundo Infantil” – TV Atalaia (197?)



Fonte: Acervo de Nazaré Carvalho. Autoria desconhecida. Comemoração do aniversário de Terezinha de Carvalho Sobral, filha de Nazaré Carvalho, na foto, de vestido branco próximo à mãe.

A necessidade de reunir a família e os amigos, independente do trabalho, parecia estar sempre presente na vida de Nazaré Carvalho. No registro da figura 38, a apresentadora festeja o aniversário da filha Terezinha, a Tetê, no programa *Nosso Mundo Infantil*. A disponibilidade da mãe para as crianças em geral, às vezes, causava ciúmes na filha. Nazaré buscava então incluir a filha nas brincadeiras do programa.

Na fotografia ainda se fazem presentes os registros de costumes e do cotidiano. Algumas meninas usavam lenços na cabeça. Uma árvore, uma casinha, balões, Cebolinhas, Zé Carioca e um personagem estilizado de Lampião faziam parte do cenário. Um palhaço era o guardião do bolo “dos parabéns” e as mesas foram arrumadas com garrafinhas de refrigerante (de vidro) e pratinhos. O *Nosso Mundo Infantil* era também um lugar de festa. Para saber mais do conteúdo geral do programa, esta pesquisa recorreu às memórias da apresentadora e de ex-participantes do *Nosso Mundo Infantil*. Cleber Santana, que estudava no Colégio Frei Anselmo, frequentou o programa e relembra:

[...] A diretora do colégio era a organizadora das caravanas dos alunos [...]. Tinha disputa de colégio para responder perguntas culturais. Eu lembro bem que tia Nazaré dava conselhos sobre respeitar os pais, questões de higiene, ir à escola. No programa eram construídos valores. Na minha cabeça ela era uma figura de mãe, tia. Inclusive muitos que a viam na rua corriam para abraçá-la, pedir a benção. Ela tinha muitos afilhados. (SANTANA, 2014).

A apresentadora complementa:

[...] Na TV Atalaia, já começamos praticamente a tarde toda [...] tinham calouros, jurados, crianças e adultos. [...] Nós tínhamos patrocinadores que distribuíam muitos prêmios, bicicletas, caderneta de poupança... Tinha gincana: colégio contra colégio. Eram tarefas que as escolas recebiam sobre Educação, História e cultura. Aí a gente falava, por exemplo, a Semana do Trânsito, vamos falar da importância [...] Na TV Atalaia, passamos a levar colégios públicos e particulares. Então, não havia nenhuma distinção [...], havia uma mesa redonda, as crianças sentavam e discutiam as ações públicas das cidades delas. Assim: ‘na minha cidade jogam lixo na água no rio’ [...]. Tratávamos de cidadania. A gente até dizia: [Educação] Moral e Cívica na TV [...] (CARVALHO, 2014).

Sobre a inclusão de práticas relacionadas com a transmissão de valores da Educação Moral e Cívica nos programas, como avaliou Nazaré Carvalho, cabem considerações. O ensino da Educação Moral e Cívica nas escolas não foi instituído no país na década de 70. Na dissertação intitulada “Amai a Pátria - O ensino da disciplina escolar Educação Moral e Cívica no Atheneu Sergipense”, do Mestrado em Educação da Universidade Federal de Sergipe (UFS), ano de 2012, Patrícia Batista dos Santos explicita as fases do ensino da Educação Moral e Cívica (EMC) no Brasil. Ela observa a existência de três fases: antes de 1930, quando o ensino da Moral e Cívica era próximo à catequese da Igreja; pós-década de 30, durante o governo de Vargas, quando a EMC não era estabelecida como disciplina escolar, mas como prática educativa; e pós-década de 60, durante a ditadura militar. “Nesse período, a EMC é desmembrada das disciplinas História do Brasil e Geografia do Brasil, passando a fazer parte do currículo obrigatório como disciplina autônoma [...] (SANTOS, 2012, p.21). A partir de decretos e leis, as finalidades, práticas e conteúdos curriculares da EMC foram redefinidos.

O Decreto-Lei nº 869, de 12 de setembro de 1969,¹¹⁵ dispunha sobre a inclusão da Educação Moral e Cívica como disciplina nas escolas de todos os graus e modalidades, dos sistemas de ensino do Brasil. Em seus oito artigos, o decreto tratava da obrigatoriedade do ensino da disciplina, que teria como finalidade a defesa do princípio democrático, a preservação

¹¹⁵ O referido decreto também dispunha sobre o ensino da Educação Moral e Cívica no Ensino Superior, a formação dos professores da disciplina, criação da Cruz do Mérito da Educação Moral e Cívica, que seria concedida a personalidades que se destacassem em dedicação à causa da Educação Moral e Cívica. Para saber mais, consultar o Decreto-Lei Nº 869/69 (1969).

do espírito religioso, o culto à Pátria e aos seus símbolos e tradições, a preparação do cidadão para o exercício das atividades cívicas, entre outros fins relacionados. O Decreto-Lei discorria ainda sobre a necessidade da prática educativa da moral e do civismo através de atividades extraclasse e orientações dos pais. Decretava também em seu artigo 5º, a criação no Ministério da Educação e Cultura, da Comissão Nacional de Moral e Civismo¹¹⁶ (CNMC). Caberia à Comissão, entre outras atribuições, influenciar e convocar a cooperação, para servir aos objetivos da Educação Moral e Cívica, das instituições e dos órgãos formadores da opinião pública e de difusão cultural como jornais, revistas, teatros, cinemas, estações de rádio e de televisão.

O Decreto-Lei nº 869 foi regulamentado em 14 de janeiro de 1971. Com a reforma do Ensino de 1º e 2º graus, realizada através da Lei Nº 5.692, de 11 de agosto de 1971, a obrigatoriedade do ensino da disciplina Educação Moral e Cívica foi mantida.

A liberdade de expressão na mídia já havia sido cerceada com a Lei de imprensa de 1967, e a censura prévia nos meios de comunicação fora estabelecida em 1970. Com o “monitoramento” dos conteúdos veiculados nas programações televisivas e o “auxílio” da Comissão Nacional de Moral e Civismo¹¹⁷, os programas, inclusive os infantis, recebiam um “direcionamento”.

Não que isso fosse realmente preciso, uma vez que na década de 1970, as emissoras não tinham a intenção de desagradar o regime vigente – o mesmo responsável pela concessão dos canais televisivos. Assim, os programas da “tia” Nazaré também continham ensinamentos e reforçavam valores defendidos pela educação moral e cívica, enquanto disciplina e prática educativa, no regime militar. Entre esses costumes estavam o culto à Pátria, aos seus símbolos, tradições, aos grandes vultos de sua história; o fortalecimento da unidade nacional e do sentimento de solidariedade humana e o aprimoramento do caráter, com o apoio na moral, na dedicação à família e a comunidade.

¹¹⁶ A Comissão Nacional de Moral e Civismo deveria colaborar com o Conselho Federal de Educação do qual fazia parte o bispo auxiliar de Aracaju Dom Luciano Cabral Duarte, que também foi membro do Conselho Estadual de Ensino (SE) em 1971. Para saber mais sobre o assunto, consultar Duarte (2008) e Santos (2012).

4.4 MÚSICA NO AR “CRIANÇA FELIZ, FELIZ A CANTAR”

Figura 39 - Crianças durante apresentação no “Nosso Mundo Infantil” (197?)



Fonte: Acervo da pesquisadora. Autoria desconhecida. Foto doada por Clara Isabel Correia, a menina que na foto entrega flores à tia Nazaré.

A música, ora cantada, ora parte das apresentações e brincadeiras, era um forte componente nos programas infantis apresentados por Nazaré Carvalho. Dos pequenos, acompanhados pelas professoras do maternal ou por suas mães participativas, aos pré-adolescentes, eram poucos os que não se esforçavam pra mostrar que conheciam as letras das músicas e soltar a voz. Havia também as apresentações em grupo ou individuais. No registro fotográfico da figura 39, a menina Clara, depois de dançar quadrilha, conversa com a tia Nazaré a quem entrega um buquê de flores. A foto foi repassada à pesquisadora por Clara, hoje professora. A cena registra um pouco da celebração dos festejos juninos nos programas. Bandeirolas, tocadores, crianças vestidas a caráter. Uma fogueira decorativa pode ser vista ao fundo do palco. Observa-se também que a roupa da quadrilha junina ainda não era padronizada. A apresentadora usa uma um traje mais informal no programa, mas saltos altos sempre. Clara disse que recordava pouco dos programas, mas no decorrer da entrevista as lembranças foram se revelando:

[Na foto] foi o momento em que fui entregar as flores para agradecer por ela apresentar o programa para as crianças. Era muito visto pela população, todo mundo gostava [...]. Acho que eu tinha uns 7 ou 8 anos. Quem fez [a foto] foi o fotógrafo que participava do programa. Aí depois ele procurava as escolas para oferecer e vender. Existia uma participação ativa do Colégio Dom José Thomaz no concurso de quadrilhas e nas gincanas também. Eu não participava das gincanas, ainda era pequena. Mas cheguei a me apresentar com dancinhas juninas, eu lembro. Dança de menina: ‘toda menina quando enjoe da boneca é sinal que o

amor já chegou no coração [...] Jela só quer, só pensa em namorar'. Levavam bonecas e representavam, não só o Dom José Thomaz. Tinham assim, três casais pra dançar o xote [...] E lembro que na quadrilha tinham os noivos, rainha do milho e princesa [...] Meus pais [que eram proprietários do colégio] gostavam de preservar as tradições juninas. A abertura da festa [da escola] era um passeio de carroça pelas ruas do centro e tinha casamento caipira [...]. Não permitiam músicas modernas não, eram Luiz Gonzaga, Clemilda, Dominginhos...faziam questão de manter a tradição, a cultura própria de Sergipe. [...] E isso era trabalhado nos programa também. Ah, lembrei de uma outra coisa das gincanas: tinha uma tarefa que era arrecadação de alimentos. [...] estavam ensinando a criança a ser solidária também [...] (CORREIA, 2015).

Clara imaginava lembrar pouco dos programas, mas ao falar sobre o registro da foto, reavivou as lembranças dos pais, das festas escolares e do conteúdo do “Nosso Mundo Infantil”. Observou-se durante a pesquisa que o conteúdo musical dos programas é sempre destacado: “Quando passava a vinheta do programa, a câmera focalizava em Nazaré e ela começava a cantar, a gente sabia que estava no ar. Começava a festa! E aí todo mundo cantava o que ela cantasse”, lembra Lígia Maria Oliveira (OLIVEIRA, 2015).

Além de proporcionar divertimento, essas práticas musicais eram educativas? E o que poderiam aprender as crianças com as músicas do programa? Lígia acredita que sim:

[...] tinha uma música assim, que até hoje a gente escuta: ‘Ai, eu entrei na roda, ai, eu entrei na roda dança, eu entrei na roda dança e eu não sei dançar. Sete e sete são catorze. Três vezes sete, vinte e um. Tenho sete namorados mas não gosto de nenhum’. Veja, três vezes sete, vinte e um. A gente estava aprendendo tabuada, não era? (OLIVEIRA, 2015).

Linguagem universal presente desde os primórdios da humanidade nas mais diversas culturas, a música faz parte do cotidiano de todas as crianças até mesmo antes da fala. Na barriga da mãe o bebê já ouve os primeiros sons: a voz, o canto e as batidas ritmadas do coração materno. Quando nasce, é ninado ao som de cantigas. Depois ele começa a produzir suas próprias “músicas”: balbucia, bate palmas e participa de jogos lúdicos¹¹⁸ que incluem a musicalidade (RABASSI, 2011). Em geral “[...] independente de classe social, escolarização ou estudos sistemáticos de música, todos vivem em um contexto musical [...]” (GOMES, 2011. p.67).

Segundo Monique Nogueira (2004), em seu estudo realizado sobre “A música e o desenvolvimento da criança”, “a linguagem musical é uma das áreas de conhecimento mais importantes a serem trabalhadas na educação infantil, ao lado da linguagem oral e escrita, do

¹¹⁸ Por exemplo, a brincadeira do enconde-esconde que a mãe faz com seu bebê. Cobrindo o rosto com um lenço, ela pergunta: “cadê, cadê”? E incentiva o bebê a puxar o lenço. Quando ele “consegue”, geralmente ajudado pela própria mãe, descobrir o rosto procurado, ela solta um melódico: “Achou!”

movimento, das artes visuais, da matemática e das ciências humanas e naturais (p. 3-4)”. Defende também a autora, que a música atua no desenvolvimento afetivo, cognitivo e social das crianças.

Marco Aurélio Cardoso de Souza (2011) em sua dissertação “As cantigas de roda da Creche Jardim Felicidade – Cenário vivo para o ‘Exercício do olhar’ – um estudo autoetnográfico”, traz também importantes contribuições à essa abordagem. Segundo Souza, as cantigas de roda são “a” música das crianças. A roda aglutina, humaniza e socializa, portanto, é uma atividade de grande valor educativo. Constitui-se assim, numa modalidade de jogo simples e pode incluir tradição, música e movimento. Aprende-se com os jogos, com as músicas e com as encenações. Não se ensaia para a brincadeira, mas a brincadeira é um ensaio para a vida: conflito, dores, frustrações, perda, tudo que faz parte da vida humana. E complementa citando Novaes (1997), ao elencar as finalidades e possibilidades atribuídas às cantigas: “Contribuir para o desenvolvimento das coordenações sensório-motoras; educar o senso do ritmo; favorecer a socialização; desenvolver o gosto pela música; perpetuar as tradições folclóricas; proporcionar contato sadio entre crianças de ambos os sexos; disciplinar emoções: timidez, agressividade e prepotência” (SOUZA, 2011, p.76).

A informalidade das brincadeiras que incluem as cantigas de roda é outra característica destacada por Souza:

Um aspecto importante do trabalho feito com as cantigas de roda é a informalidade [...]. As cantigas têm uma forma de transmissão que é aquela da cultura popular, [...]. Essa informalidade faz parte, exatamente de uma maneira de viver e entender a vida. As cantigas de roda existem para todos [...] (SOUZA, 2011, p.85).

A maioria dos 68 entrevistados nessa pesquisa deu destaque para as músicas e danças apresentadas nos programas. A partir das contribuições de Rabassi (2011), Gomes (2011), Nogueira (2004), Souza (2011), e das memórias dos entrevistados, analisar-se-á as práticas musicais observadas nos programas infantis apresentados por Nazaré Carvalho.

Capelinha de Melão

Capelinha de Melão
É de São João,
É de cravo é de rosa é de manjeriço
São João está dormindo não acorda não...
Acordai,
Acordai,
Acordai,
João.

Fonte: COLHENDO HISTÓRIAS

Uma das versões sobre a origem e significado da cantiga “Capelinha de melão” explica que se trata de um canto pastoril realizado na noite de São João. Capela é uma espécie de diadema feito com folhas. As moças dançam usando roupas e sapatos brancos e na cabeça “capelinhas de [folhas de] melão de São Caetano”. No final da dança, recolhem doações de quem assistiu à apresentação (<http://colhendohistorias.blogspot.com.br/>). Saberiam as crianças no programa de “tia Nazaré” o significado da musiquinha? As entrevistadas, não. Mas certamente isso não comprometia a interação entre as crianças, a aprendizagem das rimas e do ritmo ou a ampliação do vocabulário dos pequenos. Segundo Rabassi (2011), através das brincadeiras cantadas é também possível retratar a cultura social do meio. As brincadeiras de roda são atividades cooperativas e coletivas que proporcionam também a criação de vínculos sociais.

Fui no Tororó

Fui no Tororó beber água não achei,
 Achei linda morena,
 Que no Tororó deixei.
 Aproveita minha gente,
 Que uma noite não é nada,
 Se não dormir agora,
 Dormirá de madrugada.
 Oh! Dona Maria,
 Oh! Mariazinha, entra nesta roda,
 Ou ficarás sozinha!
 Sozinha eu não fico,
 Nem hei de ficar!
 Porque eu tenho o Paulinho,
 Para ser o meu par!

Fonte: LETRAS.

A palavra “Tororó” vem do termo tupi “tororoma”, que significa jorro de água. Existe um entendimento de que o Tororó do qual a música se refere é o do Dique do Tororó, manancial natural da cidade de Salvador (BA). Na época Colonial, a população da capital baiana se abastecia com as águas do Dique do Tororó. Outro entendimento é que a música se refere à Bica de Itororó localizada na cidade de Santos (SP) (MENDES, 2000; DICIONÁRIO LÉXICO, 2009). Independente da origem da música, o que se observa aqui é a circulação de uma cantiga que narra uma prática antiga de uma comunidade, ir à fonte buscar água, entremeada com um pouco de romance e brincadeira de roda. E o que dizer de uma canção que recomenda palmadas a quem está doente e com a cabeça quebrada? O que uma cantiga dessas poderia ensinar às crianças?

Samba Lelê

Samba Lelê tá doente,
Tá com a cabeça quebrada,
Samba Lelê precisava,
É de umas boas palmadas.
Samba, samba, Samba, ô Lelê,
samba, samba, samba, ô Lalá [...].

Fonte: LETRAS.

Criança aprende a brincar e a separar a realidade da ficção. A sátira também está presente nas brincadeiras. Dar as mãos aos colegas e formar uma grande roda, brincar, cantar e gastar todo o repertório de cirandas, sem mesmo se prender ao sentido das letras, muitas vezes esse é o sentido em si da brincadeira. Brincando de roda a criança também pode vivenciar de forma lúdica situações adversas que vai encontrar na vida adulta.

Terezinha de Jesus

Terezinha de Jesus, deu uma queda
Foi ao chão,
Acudiram três cavalheiros,
Todos três chapéu na mão.

O primeiro foi seu pai,
O segundo seu irmão,
O terceiro foi aquele,
Que a Tereza deu a mão [...].

Dá laranja quero um gomo,
Do limão quero um pedaço,
Da morena mais bonita,
Quero um beijo e um abraço.

Fonte: LETRAS.

Explica Nogueira:

Essas cantigas e muitas outras que nos foram transmitidas oralmente, através de inúmeras gerações, são formas inteligentes que a sabedoria humana inventou para nos prepararmos para a vida adulta. Tratam de temas tão complexos e belos, falam de amor, de disputa, de trabalho, de tristezas e de tudo que a criança enfrentará no futuro, queiram seus pais ou não. São experiências de vida que nem o mais sofisticado brinquedo eletrônico pode proporcionar (NOGUEIRA, 2004. p.5).

Os bons hábitos e regras de boa convivência estavam presentes nos repertórios musicais do Nosso Mundo Infantil. Conta a professora Lígia Fontes, que acompanhou alunos em um dos programas:

Cantávamos com as crianças musiquinhas como: Como vai, amiguinho, como vai? A nossa amizade nunca sai, faremos o possível para sermos bons amigos, como vai, amiguinho, como vai?[...] Cai a água da biquinha faz espuma com sabão, pra comer a merendinha vou lavar a minhas mão. Tinha outra muito boa também: Adeuzinho vou embora, nossa aula terminou. Amanhã, na mesma hora, vou voltar, ora se vou. E ainda aquela: O Bom menino não fax xixi na cama, o bom menino não faz malcriação. O bom menino vai sempre à escola e na escola aprende sempre a lição. O bom menino não bate a irmãzinha, papai do céu protege sempre o bom menino, que obedece sempre, sempre a mamãezinha, vai sempre à escola e na escola aprende a lição (FONTES, 2015).

A música acalma, alegre, ensina, socializa e ajuda de forma lúdica na preparação para os desafios da vida adulta. Ela também massifica ideologias¹¹⁹. Percebe-se pelas entrevistas que a apresentadora não tinha intenção deliberada de fazer do programa um instrumento a favor do poder vigente. Mas o tom patriótico, preceitos morais e cívicos estavam de alguma forma presentes na programação.

A música “Canção da criança”, de Francisco Alves¹²⁰, era um dos temas de abertura do programa. Na gravação original feita pelo Coral das Meninas da Casa de Lázaro do Rio de Janeiro, o canto é precedido da declamação de Lúcia Helena, locutora da Rádio Nacional do Rio de Janeiro, dos seguintes versos: “Brincando, marcha o menino de hoje. Lutando, marchará o menino de amanhã. Crianças despreocupadas desse Brasil-Menino, cujas glórias hão de colher, os homens grandes que dominarão o Brasil Gigante. Esse Brasil gigante que eu canto [...]” (www.youtube.com/watch?v=20BZCG-L8M0). E todos cantavam: “Criança feliz, feliz a cantar. Alegre a embalar seu sonho infantil. Oh, meu bom Jesus que a todos conduz, olhai as crianças do nosso Brasil [...]”. Nas escolas a irreverência infantil, alheia aos possíveis propósitos da canção, logo criou uma paródia para os versos:

<p style="text-align: center;">Criança Feliz</p> <p style="text-align: center;">Quebrou o nariz, Foi pro hospital, Tomou sonrrisal.</p> <p style="text-align: center;">Se eu fosse Pelé, tomava café Se eu fosse Tostão, tirava o calção.¹²¹</p>

Autoria desconhecida.

¹¹⁹ Ideologia neste estudo empregada no sentido de conjunto de valores. Para saber mais sobre o conteúdo ideologia e conteúdo televisivo, ver Adorno (2000).

¹²⁰ A música é de 1952, mas o ufanismo patriótico presente na letra da composição ainda servia aos propósitos da ditadura militar na década de 1970.

¹²¹ A paródia era cantada nos recreios escolares ou nas brincadeiras das crianças.

4.5 DESENHOS- “MANDA CHUVA, O CHEFE, CHEGOU”

E o que se ensina e o que se aprende com os desenhos animados? Teriam eles algo mais que entretenimento? Qual a relação entre criança, desenho animado e aprendizagem? Qual o lugar que eles ocupam nas memórias dos entrevistados? Amparada em teóricos como Benjamin (1994); Chartier (2010) Certeau (1998) e nas contribuições de Lamas (2012), Oliveira (2012) entre outros, esta pesquisa intenta também compreender o papel dos desenhos animados nos programas infantis apresentados por Nazaré Carvalho. Quais as mensagens e representações existentes e disseminadas em desenhos como os Flintstones ou Manda Chuva e seus amigos (ou seriam comparsas)? Na década de 1970, os desenhos postos, ou impostos, à TV brasileira, tinham seus propósitos escusos ou eram inocentes atrações inseridas nas programações apenas para divertir crianças e adultos¹²²? Estariam os desenhos a serviço de uma ideologia?

No Clube Júnior (TV Sergipe), em 50 minutos de programa eram exibidos seis¹²³ desenhos. No Nosso Mundo Infantil (TV Atalaia), eram apresentados dois ou três desenhos em duas horas de programação. O restante do tempo era preenchido com a participação das crianças no estúdio. Entre os desenhos estavam: Zé Colmeia, Manda Chuva, Tom e Jerry, Os Flintstones, Wally, Lippy & Hardy, Tartaruga Touché, Os Jetsons, Scooby-Doo, O Gato Corajoso, Anjos do Espaço, Jambo e Ruivão, e os Seriados Republic¹²⁴. Aventura, humor, ficção científica, espionagem e até romance, eram os principais ingredientes das atrações. A seguir, um breve resumo das características dos desenhos mais citados pelos entrevistados.

¹²² Cabe ressaltar que os desenhos exibidos no Brasil, à época, eram produções estadunidenses.

¹²³ De acordo com edições do Jornal da Cidade dos anos de 1971 e 1972 e informações de entrevistados. Como o desenho Manda Chuva tem em média 25 min. de duração, deduz-se que os episódios não fossem exibidos na íntegra em um único dia.

¹²⁴ Filmes com episódios curtos e sequenciados. Na fórmula, estavam heróis e vilões, mocinhas e bandidos, segundo informações de entrevistados.

Figura 40 - **Manda Chuva e sua Turma do Beco**



Fonte: INFANTV .

O desenho animado Manda Chuva (figura 40) tem como personagem central um gato malandro e tagarela, o Manda Chuva, que mora em um beco de Nova York com seus cinco amigos felinos: Batatinha, amável e ingênuo; Chuchu, o vigia e braço direito do líder; Espeto, o mais elegante e intelectual; Bacana, o conquistador; e Gênio, que usa relógio mas não sabe dizer as horas. Eles vivem na pobreza e felizes, sempre prontos para colocar em prática mais um plano mirabolante do chefe Manda Chuva para se darem bem. Avessos ao trabalho, levam a vida trapaceando e se divertindo. Fiscalizando os atos do bando, está o Guarda Belo, que, sem sucesso, tenta expulsá-los do lugar (www.infantv.com.br).

Figura 41 - **Zé Colmeia e Catatau**



Fonte: INFANTV.

Zé Colmeia (figura 41) é um urso divertido e “esperto”, que vive roubando as cestas de piquenique dos visitantes do Parque Jellystone, onde mora em uma caverna com Catatau, um ursinho meio inocente, mas cúmplice das travessuras do amigo. Em perseguição aos dois, e tentando manter a ordem, está o guarda florestal Chico que insiste em avisar aos visitantes para não alimentem os ursos. Numa segunda versão do desenho, feita a partir de 1973, ameaçados

pelo avanço da civilização na floresta, os dois ursos deixam o parque e viajam em uma arca voadora com outros personagens, em busca do mundo perfeito.

Busca-se entender como esses desenhos eram recepcionados pelas crianças e adolescentes da época. Ficavam em destaque o lado desonesto do Manda Chuva e do Zé Colmeia e a mensagem de que só os maus triunfavam? Seriam as crianças impelidas a serem más e “espertas”? A pesquisa ouviu alguns telespectadores da época. Josias Bispo Neto relatou:

Na minha casa não tinha televisão. Meus pais eram da Igreja Assembleia de Deus e, naquela época, o pastor não permitia que os fiéis tivessem televisão. Eu morava no bairro 18 do Forte e ia a pé pra pracinha do Siqueira [bairro] porque meu irmão mais velho morava lá e tinha televisão. Ia assistir desenho da Liga da Justiça, Tom e Jerry, Zé Colmeia e Catatau. Sabe que muita coisa que a gente tem hoje a gente via naquele tempo na TV? Zé Colmeia pegava tipo uma caixa de fósforo e encostava no ouvido e Catatau fazia o mesmo. Ficavam quase um do lado do outro falando por aquele “aparelho”. A gente olhava e dizia: ‘Olha, que mentira da desgraça!’. Você ria que se acabava. Mas era o começo de um aparelho de celular [sorri], não era? (BISPO NETO, 2015).

Josias não acreditava em tudo que via nos desenhos. Sabia diferenciar realidade e ficção. Assistia aos desenhos para se divertir. Dianni Oliveira (2012), em seu trabalho “Desenhos Animados e desenhos infantis: relações de experiência e memória” afirma que as crianças, como os adultos, assistem aos desenhos para se divertir. No entanto, ela acredita que as crianças não percebem certos discursos. Nos relatos dos entrevistados não se identificou foco nas mensagens, o aspecto lúdico dos desenhos foi o que ficou gravado nas memórias.

Interessante também é observar o estado de alegria ou até mesmo de euforia que parecia tomar conta de alguns dos entrevistados ao narrarem suas lembranças. Era como se estivessem revivendo algo muito significativo de suas vidas. Os olhos brilhavam, imitavam vozes, riam de suas memórias. Como se voltassem, por minutos que fossem, a ser crianças e adolescentes e se encantassem com os desenhos animados da mesma forma. As lembranças algumas vezes também vinham acompanhadas de situações inusitadas como a do pastor não permitir que os fiéis tivessem TV. Os desenhos pareciam acionar outras lembranças. Segundo Benjamin, citado por Dianne Oliveira (2012), a maioria das recordações é feita de imagens: “[...] pequenos pontos de luz que se unem e confabulam entre si para formar uma aparição [...]” (p.35).

Figura 42 - O astuto Pica-pau



Fonte: ENTRETENIMENTO R7

O Pica-pau (figura 42) era um pássaro “esperto” que só pensava em tirar vantagem de tudo e de todos. O Pica-Pau age só, embora em alguns episódios seja visitado pelos sobrinhos e apareça com seu cavalo Pé de Pano. Devido às suas habilidades de *bon vivant*, é divertido, sagaz, espirituoso e se envolve em situações engraçadas. No final dos desenhos, quase sempre triunfante, ele solta sua característica risada debochada e estridente. Inescrupuloso, foi, em princípio, criticado. Seus produtores amenizaram o seu lado vilão e, algumas vezes o episódio era encerrado com o Pica-pau se dando mal (www.infantv.com.br).

Por que crianças, adolescentes e adultos gostavam (e gostam) desse pássaro azul, vermelho e branco que tem duas pernas, usa sapatos, fala, é desprovido de qualquer senso ético e inferniza a vida de quem ameaça atrapalhar suas malandragens? “Eu gostava. Eram bichos antropomorfizados, não tem como a criança não gostar”, justifica Saulo Coelho (COELHO, 2014).

O Pica-Pau, primeira animação exibida na TV brasileira, chegou disseminando a cultura estadunidense. Ele é individualista, tem uma organização metódica de vida, e é das cores da bandeira dos Estados Unidos. Certamente esses não foram os aspectos que encantaram os telespectadores. Pelo menos não conscientemente. Essas características estavam inseridas num todo.

Animais que falam, andam, dirigem carros, enfim, que têm qualidades e defeitos de gente, geralmente encantam. No mundo dos desenhos, tudo é possível: morrer e reviver, voar sem ter asas, ser atingido por um caminhão e aparece ileso no segundo seguinte, entre outras façanhas extraordinárias. Além disso, os desenhos animados têm produções primorosas; narrativas simples, com início, meio e fim; discursos para públicos variados; trilhas sonoras cuidadosas; muita fantasia e humor. Como não gostar do mundo dos desenhos? Cristiane Lamas (2012) em seu estudo “Desenho animado: entretenimento, ideologia e cultura de massa”, além de destacar esses aspectos

da animação, apresenta o desenho animado como responsável também pela construção de valores na sociedade e a disseminação de ideologia por meio do entretenimento.

Figura 43 - Ficção em dois tempos: Flintstones e Jetsons



Fonte: INFANTV.

Os Flintstones e Os Jetsons (figura 43) foram outros desenhos citados pelos entrevistados nessa pesquisa. Famílias, em épocas distintas, eram retratadas nos desenhos produzidos em 1962. Os Flintstones viviam na Idade da Pedra. As casas eram construídas com rochas, os eletrodomésticos ligados à força animal e os carros movidos a pés humanos. Era a tecnologia adaptada à matéria prima que os homens dispunham na época. Fred, Wilma e Pedrita eram os Flintstones. O cão Dino também fazia parte da família. Barney, Betty e Ban-Ban formavam a família Rubbles. O desenho mostrava situações engraçadas e inusitadas da vida social dos personagens (www.infantv.com.br).

Os Jetsons eram uma espécie de Flintstone do futuro. A família do desenho vivia no século XXI e possuía maravilhas como carros voadores, *home-theather*, cidades flutuantes, entre outras modernidades. George, o pai, era esforçado, mas explorado pelo patrão que lhe prometia eternamente uma promoção. Jane, a mãe, era uma dedicada dona de casa sempre preocupada em facilitar a vida do marido. Juddy, a bela e inteligente filha, estudava Biologia, gostava de fazer compras e namorar. Erloy, o filho mais novo, era um geniozinho das ciências espaciais. Havia ainda Astro, o cão atrapalhado, e uma empregada robô, a Rosie, um modelo ultrapassado que falhava com frequência (www.infatv.com.br).

Viver na Idade da Pedra e desfrutar, nas devidas proporções, de modernidades, e viver no futuro e aproveitar de inventos mirabolantes. Qual a criança dos anos 70 que não se imaginou em um desses mundos?

Outro desenho de sucesso na década de 70 foi o Gato Corajoso e o Rato Minuto (figura 44). Foi criado por Bob Kane como uma paródia à sua obra anterior, Batman e Robin. O desenho

retrata uma dupla de super-heróis que luta contra o crime utilizando armas poderosas e voando no *Catmobile* para chegar rápido às cenas de delito. O sapo, que fuma charuto, é o inimigo número um da dupla. As batalhas são sempre vencidas pelo destemido gato e seu *partner*, que é menor e tem uma voz infantil. Gato e rato juntos lutando pelo bem da humanidade (www.retrotv.com.br).

Figura 44 - O Gato Corajoso e o Rato Minuto



Fonte: RETRO TV.

A lista de desenhos animados citados pelos entrevistados é extensa. No entanto, não é objetivo dessa pesquisa a análise detalhada de desenhos animados. Mas na breve apresentação feita, grosso modo, sem entrar nas análises de episódios, seus discursos e mensagens específicas, já é possível identificar nos desenhos modelos como: o bom, o mau, o esperto, o malandro, a família feliz, o herói e o vilão. São perceptíveis também representações da mulher moderna, porém dedicada e servil; da moça bonita, estudiosa e consumista; do pai, honesto e trabalhador; do patrão, explorador, entre outras. Representações que, no entendimento de Chartier, permitem “vincular estreitamente as posições e as relações sociais com a maneira como os indivíduos se percebem e percebem os demais” (CHARTIER, 2009, p.49).

As representações veiculadas nos desenhos eram as dos produtores norte-americanos. Sendo assim, eles provavelmente estariam, de alguma forma, à serviço da ideologia dominante e da indústria cultural estadunidense. E ao receber uma enxurrada de mensagens, as crianças se apropriariam dos discursos passivamente? Além de entretenimento, caberia nesse contexto algo educativo? Em defesa dos desenhos, opina a apresentadora dos programas infantis: “Eram desenhos educativos. Não são os desenhos de hoje [...]” (CARVALHO, 2014).

Segundo Dianni Oliveira (2012), os desenhos animados são fontes de lazer e entretenimento. Mas, além de divertir, são narrativas visuais que podem influenciar crianças e sugerir posicionamentos acerca do mundo. No entanto, recorrendo a Michael de Certeau (1998),

Dianni Oliveira (2012), afirma que a criança não é um receptor passivo diante da programação televisiva. Ela estabelece usos para as produções que assiste. E, ancorada em Benjamin (1994), Oliveira avalia que “a criança ressignifica o mundo a seu modo, dando sentidos diferentes aos que o mundo adulto produz” (OLIVEIRA, 2012, p.157-158). Mas pondera que mesmo fazendo uso dos conteúdos midiáticos, elas não os dominam totalmente porque “[...] não estão ainda completamente aptas ou maduras para discernir certos discursos, de tal modo que não sejam completamente aceitos como verdades absolutas” (OLIVEIRA, 2012, p.159).

Buscando o entendimento sobre a relação desenho animado, ideologia e indústria cultural essa pesquisa retoma o diálogo com Cristiane Lamas (2012). Diz ela que “[...] imagem, mensagem e conteúdo são responsáveis por causarem determinado tipo de ilusão no indivíduo, tendo em vista que o receptor a entende como realidade e entrega-se sem julgamento ao processo de projeção, identificação e empatia” (LAMAS, 2012, p.82). Quanto mais simples a mensagem, sem muita necessidade de decodificação, que é o caso dos desenhos animados, mais fácil seria processada a “entrega”. O desenho não tem compromisso em retratar a realidade. E isso os pequenos aprendem desde cedo. Pode-se estar em dois lugares ao mesmo tempo, os personagens são imortais, ter superpoderes, os animais falam, etc. Esse mundo das mil possibilidades fascina.

Na animação, assim como na mente, nada parece impeditivo. É neste processo de identificação que a consciência do eu flui para fora para englobar a identidade estendida e se apropriar do discurso do outro, possibilitando a internacionalização do discurso e contribuindo para a perpetuação da cultura dominadora com suas convicções acerca do mundo (LAMAS, 2012 p.79).

Atenta a esses mecanismos, acredita Lamas, a “indústria cultural”, cujo objetivo é explorar os bens culturais e criar necessidades de consumo nas pessoas, faz uso do desenho animado, “por ser uma linguagem com conteúdos e significações, a partir do momento que se torna um produto para atender à satisfação da massa, se torna também transmissor de ideologia [...]” (LAMAS, 2012, p.116).

Os desenhos movimentam a economia pelo licenciamento das suas personagens que viram bonecos e outros produtos. Poderia a educação estar inserida nesse contexto? Para Pillar (2001), apud Oliveira (2012, p.46) sim: “Disney é de fato um dos maiores educadores do século XX, e não existe uma educação isenta de valores, de posições ideológicas implícitas ou explícitas”. Portanto, considerando educação de forma ampla, como ensinamentos que também ocorrem em espaços alheios ao escolar, os desenhos animados televisivos podem transmitir e inculcar valores e padrões aos telespectadores.

4.6 SHOW DE TALENTOS E A ESCOLA NA TV

Além de participar das brincadeiras e assistir aos desenhos, as crianças e adolescentes se tornavam as atrações principais nos programas das sextas-feiras. Era o “Ensaio Geral”, uma espécie de show de talentos dentro do Nosso Mundo Infantil. Cantavam, dançavam representavam, participavam de concursos de calouros e faziam entrevistas. No quadro “Entrevistadores Mirins”, cinco crianças sabatinavam um convidado com perguntas elaboradas pelo produtor José Alberto Montalvão¹²⁵:

A gente colocava os mais articulados. O atual secretário de Segurança Pública do estado, Mendonça Prado, foi uma dessas crianças. E eu tinha de mandar com antecedência as perguntas, os nomes do entrevistado e dos ‘entrevistadores’ para a censura da Polícia Federal, acredita? De vez enquanto eu recebia um recado: ‘a censora quer falar com você’¹²⁶. Eu dizia: peça para ela me chamar por escrito [risos]. Mas ela nunca me chamou. As perguntas eram inofensivas. Lembro também dos quadros ‘Quem sou’? Tipo um Vídeo Show¹²⁷. Imagens frisadas de artistas, dicas de Nazaré e a criança tinha de dizer quem era a pessoa da imagem. Tinha também o ‘Quem sabe sabe’, com perguntas sobre variedades, e os calouros (MONTALVÃO, 2015).

Os melhores calouros eram selecionados para participar do “Sábado Geral”, programa de variedades da TV Atalaia comandado pelo apresentador Reinaldo Moura no sábado¹²⁸. Como prêmios, os participantes e a plateia ganhavam balas, pirulitos, cofrinhos, bolas, língua de sogra e apitos para fazer barulho. “Tinham também prêmios muito bons como bicicletas, caderneta de poupança e até joias”, conta Nazaré Carvalho (2014). E os prêmios inusitados. “Meu irmão foi várias vezes cantar. Ele queria ser cantor e devia ter uns oito anos. As músicas eram de adulto: Nelson Ned e outros. Uma vez ele voltou pra casa premiado: ganhou um pão! [risos] Um pão doce enorme”(FONTES, L., 2015). Outro participante do programa foi o jornalista Múcio Miranda.

Lembro que morava na Praia de Atalaia e ir até a TV Atalaia era como se fosse uma viagem. [...] era bem diferente, a entrada e a pista até lá eram de barro.

¹²⁵ José Alberto Montalvão, além de produtor e redator do telejornal da emissora, ministrava aulas para o curso primário no município sergipano de Carmópolis e fazia o curso superior de Serviço Social na Universidade Federal de Sergipe. Montalvão era jornalista beneficiado pelo Decreto-Lei 972, de 17 de outubro de 1969, que dispõe sobre o exercício da profissão de jornalista. Como na época não havia curso de jornalismo no estado, quem atuava profissionalmente na área naquele período pôde ser beneficiado pelo decreto.

¹²⁶ Indagado sobre quem seria a censora, o jornalista não soube precisar. Disse que apenas mandava o material protocolado pela equipe de reportagem externa. Às vezes, recebia recados enviados pela censora, aos quais não respondia. No entanto, assegura que o programa nunca teve problemas com a censura.

¹²⁷ O programa Vídeo Show, da Rede Globo de Televisão, só foi criado em 1983.

¹²⁸ Segundo Reinaldo Moura, o programa teve outros apresentadores em épocas distintas. O colunista social Barrinhos foi um deles.

Lembro pouco do estúdio, sei que tinham cadeirinhas para as crianças, gincana, danças e músicas. Uma passagem que lembro bem foi que no período junino dancei quadrilha. E tinham comemorações do Dia do Índio, Páscoa, Natal. As crianças iam caracterizadas. Eu ia com minha mãe, mas cheguei a ir com tias e vizinhas (MIRANDA, 2014).

Mesmo quem não havia feito inscrição com antecedência podia ser destacada na plateia. Lembrou Auxiliadora Melo: “Sim, eu fui entrevistada. Como sempre gostei de dançar, estava dançando e chamei a atenção dela. Aí ela veio e perguntou meu nome, onde eu morava [...] eu tinha uns oito anos. Gostava muito dos calouros” (MELO, 2014).

Entre os entrevistados nessa pesquisa quem foi aos programas disse que gostou, e quem não foi teve vontade. Saulo Coelho contou: “ Eu tinha uns seis, sete anos e estudava no Colégio Nossa Senhora Salete. Até tive vontade de ir, mas eu ainda morava em Lagarto. A tia Nazaré falava muito sobre bom comportamento, hábitos de higiene e alimentação, etc” (COELHO, 2015). As crianças e adolescentes tinham espaço para se expressar nos quadros do “Ensaio Geral” e discutir temas, celebrar datas. “Por exemplo, festa das mães, vamos comemorar as mães. Aí tinha uma espécie de teatrinho, uma fazia o papel da mãe [...]”, lembrou a apresentadora (CARVALHO, 2014).

E havia as dancinhas de Nicó, a filha adolescente dos diretores do Colégio Frei Anselmo, localizado próximo à TV Atalaia, que sempre que possível preparava uma apresentação para o programa.

[...] eu pegava uma música fazia a coreografia, copiava, inventava da minha cabeça. Ouvia uma música e ‘desenhava’ uma coreografia. E aí, levava toda a semana ensaiando. Na sexta-feira a gente estava lá. A gente fez as músicas da época, por exemplo Genghis Khan, aquela *Macho man*¹²⁹. Então só os meninos dançavam nessa. Foram de malha, malha coladinha mesmo [risos], nem sei como. Hoje, quando encontro com eles dizem: ‘Tia, Nicó, nunca mais! Nem invente’! Agora todo mundo casado, com filhos. Mas eles iam dançar mesmo. E como gostavam. Se fosse época de São João, fazia forró. E tinha aquela que falava assim: Ô, seu Vavá, o senhor tome seu jeito, eu sou uma mulher de respeito...E aí, tinha uma aluna que era loirinha, Acácia, e outro moreninho, Kekeu, e eles estavam brigados. Mas eu disse, olhe, vocês têm que fazer. E eu sei que na hora que ele pede pra namorar [risos] nessa parte ela fazia com tanta ênfase [risos], e empurrava ele, que parecia verdadeiro. Mas era verdadeiro, porque ela estava com raiva dele (NASCIMENTO, N., 2014).

¹²⁹ A entrevistada confunde o nome do grupo e música. *Macho man* é de Village People e não de Genghis Khan.

A paquera do seu Vavá

Ô Severina, olha aqui o seu Vavá
 Apaixonado e doidinho pra casar
 Ô seu Vavá, o senhor tome seu jeito
 Eu sou moça de respeito não queira me abusar
 Pedro Carçoço pensou em me dar trambique
 Botou olho na butique e perdeu o seu lugar
 Ô Severina, o meu caso é diferente eu sou homem decente
 Com dinheiro pra gastar
 A butique eu lhe dou se você me aceitar
 Ô seu Vavá, o senhor me convenceu
 Pois amor igual ao seu eu jamais vou encontrar
 Até o nome da butique vou mudar
 E agora vou chamar a butique do Vavá

Fonte: OUVIR MUSICAS.

Nota: Autora: Anastácia Gravação Genival Lacerda LP- Não despreze seu coroa/1979

A música “O forró do seu Vavá” é uma composição de Anastácia, gravada por Genival Lacerda, com participação da cantora, que foi bastante executada nas emissoras de rádio no final da década de 1970. Na música estão presentes algumas representações do homem e da mulher compreendidas à época: Seu Vavá, a figura masculina, supostamente interesseira; Severina, vítima anteriormente de outro interesseiro, o Pedro Carçoço. Agora ela tinha uma butique, símbolo de empreendedorismo e ascensão financeira feminina na década de 70, situação retratada em produções televisivas do período. Dizendo-se desinteressado pela butique o homem conquista a confiança da mocinha, que embora fosse moderna e independente, o que podia soar suspeito para a época, era moça direita. Finalizando a história, os dois ficavam juntos.

Outras crianças do bairro também preparavam suas coreografias para se apresentar no programa. Lembra Márcia Santana, que tinha por volta de dez anos de idade na época:

[...] eu e minhas amigas passávamos a semana toda ensaiando a dança, músicas da década de 70. Ensaiaava todas às noites na calçada [...]. O sonho da gente era se apresentar no programa da tia Nazaré. [...] Fazia inscrição: ‘quantos, o nome do grupo, de que bairro?’ E antes da apresentação ela perguntava o nome, a idade, de que bairro vinha, onde estudava [...]. Era um programa bom que as crianças e adolescentes queriam ir (SANTANA, M., 2014).

Os colégios também participavam do “Ensaio Geral”. O convite era feito pela produção do programa e o tipo de apresentação era livre. A Escola Santa Joana D’Arc¹³⁰ levou uma turma do maternal para uma dança junina (figura 45). A professora Lígia Fontes contou que ensaiou cerca de 20 crianças e acompanhou a apresentação, juntamente com o diretor da escola e um fotógrafo convidado para fazer o importante registro em junho de 1976:

Levamos a música que estávamos ensaiando para o São João da escola: “ Ô piso o milho, penerô o xerém¹³¹”. Dissemos que eles iam sair na televisão, que todo mundo ia ver e que eles fizessem bonito. Todos vestidos com roupas juninas, peneirinhas nas mãos [...]. Penso que alguns já conheciam Nazaré da televisão, porque quando ela falava no estúdio [ela ficava atrás deles] ficavam procurando a dona da voz familiar. A voz dela é inconfundível. Dançaram direitinho, tanto que não queriam nem mais sair do palco [...]. Eram programas educativos de alguma forma. Na escola eles aprendiam que o São João era uma festa de comemoração da colheita do milho, que com milho se fazia pipoca, xerém [...] nos programas eles aprendiam a como se comportar fora do ambiente escolar, e isso é educação (FONTES, L., 2015).

¹³⁰ Segundo Lígia Fontes, a Escola Santa Joana D’Arc era dirigida por Hamilton Luduvise e Clideilda Couto Luduvise. Ficava localizada na Avenida Augusto Maynard, 352 - bairro São José. Oferecia do curso maternal ao 4º ano primário.

¹³¹ Música de Luiz Gonzaga e Miguel Lima gravada originalmente em 1958 no LP Chamego pela RCA/BMG Ariola e regravação em 1968 e 1994. Para saber mais, consultar http://www.discosdobrasil.com.br/discosdobrasil/consulta/detalhe.php?Id_Disco=DI01358

Figura 45 - Escola Santa Joana D'Arc no “Nosso Mundo Infantil” TV/Atalaia (1976)-
Cena 1



Fonte: Acervo de Nazaré Carvalho. Autoria desconhecida.

Apresentação da Escola Santa Joana D'Arc. À direita a professora Lígia Fontes, crianças e Nazaré Carvalho.

Em uma breve análise imagética da figura 45, mais questões e informações: a professora acompanha atenta a “dança” do grupo, recepcionado pela sorridente Nazaré; a parede do estúdio foi decorada com uma mistura de motivos juninos (bandeirolas, peneiras, abano, candeeiro, etc) e personagens de gibis nacionais e internacionais (Cebolinha, Mickey, Zé Carioca, Popeye, entre outros); os meninos quase todos usam bigodinhos, e entre as meninas figuram estereotipadas “tabaroazinhas” nordestinas e uma “camponesa” com sua bolsinha de crochê.

Pode-se acrescentar ainda que o figurino feminino é moderno e comportado. A professora usa calça boca de sino e blusa estilo *collant* Nazaré, um recatado conjunto que lhe acrescenta alguns anos. No canto superior direito, é visto um chapéu, pela altura parece que é de um adolescente. Ao lado dele provavelmente está outro jovem. Adolescentes teriam participado do número? O registro foi antes, durante ou depois da apresentação?

Uma segunda fotografia (figura 46) sobre o mesmo evento foi localizada pela pesquisa: novos indícios e questionamentos na busca da reconstrução dessa história. O registro, informou a professora Lígia Fontes, foi do fotógrafo Luiz Carlos Moreira, que provavelmente é o autor das outras fotos da mesma apresentação.

Figura 46 - Escola Santa Joana D'Arc no “Nosso Mundo Infantil” TV/Atalaia (1976) - Cena 2



Fonte: Acervo de Lígia Fontes. Autor: Luiz Carlos Moreira.

A professora Lígia Fontes, à esquerda; o diretor da Escola Santa Joana D'Arc, Hamilton Ludovice, Nazaré Carvalho, um trio Pé de Serra e crianças.

Na figura 46, mais informações: veem-se crianças que não apareciam no registro anterior. Confirmando o que disse a professora, eram cerca de 20 alunos. Do lado direito da foto aparece um trio de tocadores adolescentes; algumas meninas trajavam longos, uma delas não estava vestida a caráter, apontando que o traje junino não era obrigatório. O sorridente senhor que aparece próximo a Nazaré é o diretor da escola. Ele segura o que seria, de acordo com a professora Lígia, um gravador. Existe algum áudio dos programas infantis da “titia Nazaré”? Nessa pesquisa não foi localizado.

**Figura 47 - Escola Santa Joana D'Arc no “Nosso Mundo Infantil”/TV Atalaia (1976)-
Cena 3**



Fonte: Acervo de Nazaré Carvalho. Autoria desconhecida.

Na figura 47, pode-se enxergar uma manifestação de carinho da “tia”, e nos três registros, uma suspeita: as crianças não parecem entender o que realmente estava acontecendo. Ou os registros teriam sido feitos antes e depois da apresentação?

Independente de quais sejam as respostas para os questionamentos sobre as três fotografias, cabe lembrar que elas são representações documentais. Para além do que foi posto numa breve análise iconográfica, trazem intenções, omissões e o filtro cultural do fotógrafo. É necessário, como ensina Kossoy, ir além da verdade iconográfica, recuperar particularidades, ver nas entrelinhas, ousar nas interpretações (2009). Destaca-se aqui a importância do acesso a registros sequenciais de um mesmo acontecimento quando se busca conhecer uma história (BURKE, 2004). Os três registros, localizados através de fontes distintas, ampliam o entendimento de como foi a apresentação dos alunos do maternal da Escola Santa Joana D'Arc no programa televisivo realizado numa tarde de junho 40 anos atrás.

Ainda que os três registros tenham sido feitos pelo mesmo fotógrafo, como se imagina, é possível observar a cena por mais de um ângulo (no sentido espacial) e olhar (percepção). Na primeira fotografia (figura 45), as crianças estão em destaque no programa da “tia Nazaré”. Na segunda (figura 46), além das crianças no programa da tia Nazaré, há a presença oficial da escola

através do sorridente diretor e da professora. Os tocadores também foram enquadrados na cena. Na terceira (figura 47), o foco é o carinho da apresentadora pelas crianças.

Crianças da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (Apae) de Aracaju também se apresentavam no Ensaio Geral. “[...] Dançavam, brincavam, se divertiam [...]. Quem primeiro chamou a atenção das pessoas na televisão em Sergipe para a questão da criança especial foi Nazaré [...]. Passamos a ir todos os anos, levar os meninos do Colégio Frei Anselmo para dançar lá na Apae”, contou Nicolina Nascimento (NASCIMENTO, N., 2014).

Através dos relatos, é possível identificar os elementos constitutivos das memórias dos entrevistados em relação aos programas. Tanto os da memória individual quanto os da memória coletiva, pois, como postula Halbwachs (1990), o indivíduo participa das duas espécies de memória. Para ele, “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva” (p.51). Segundo Pollak (1992), os elementos constitutivos da memória são os acontecimentos, vividos pessoalmente ou por tabela; as pessoas, personagens; e os lugares.

Quanto ao primeiro elemento, grosso modo, o grande acontecimento para os entrevistados era participar dos programas ou assistir pela televisão. O segundo elemento constituinte da memória está centrado nas figuras da tia Nazaré, das crianças, das mães e das professoras. O terceiro elemento engloba os lugares ligados à lembrança dos programas: a TV Atalaia, a TV Sergipe, o longo percurso (para alguns) até o local, o estúdio apertado, os ensaios na calçada, etc. Cada um dos elementos aparece com maior ou menor intensidade quando os indivíduos recorrem às suas lembranças, a depender da relevância dada a cada um deles quando da constituição da memória.

Assim, o produtor do programa lembrará mais facilmente do estúdio, do conteúdo, da existência da censura quando buscar suas memórias em relação ao assunto. A apresentadora poderá lembrar de imediato das crianças e das escolas. As crianças, professores e acompanhantes provavelmente lembrarão das gincanas e do clima festivo. Cabe, no entanto, importante ressalva. As memórias se referem ao passado, mas estão sempre articuladas, de alguma forma, com o presente. Elas são, ainda segundo Halbwachs (1990) e Pollack (1992), seletivas, sofrem flutuações, transformações e mudanças. Eis também o porquê de certas “lembranças” e “esquecimentos”.

4.6.1 As gincanas culturais - Quem sabe responde

Busca-se na abordagem desse tópico identificar o que as gincanas escolares realizadas no programa Nosso Mundo Infantil (TV Atalaia) tinham de cultural, quais as práticas educativas circulantes nas disputas, quais os discursos postos em evidência, e o que os participantes ganhavam além de troféus.

As gincanas culturais, realizadas às quartas-feiras¹³², eram o ponto alto da participação do público pré-adolescente. Elas reuniam estudantes de várias escolas, promoviam interação entre eles, que respondiam perguntas, participavam das tarefas que lhes tinham sido incumbidas e torciam efusivamente durante as disputas realizadas no “auditório” da TV. No mesmo estúdio onde nos outros dias da semana as crianças cantavam, brincavam ou se apresentavam no “Ensaio Geral”, equipes de duas escolas se enfrentavam durante uma tarde respondendo perguntas sobre um tema previamente anunciados a elas. Cada acerto era pontuado. Vencia a escola que fizesse mais pontos. E o que ganhavam? “Nada! Um troféu, que ficava pra escola”, respondeu rindo a ex-participante Maria Auxiliadora Nunes (NUNES, 2014). Observando como as gincanas eram realizadas, pode-se constatar que os participantes ganhavam mais que troféus.

Alunos e professores se envolviam nas disputas. As equipes recebiam com antecedência o tema que deveriam estudar e as tarefas a cumprir, e cinco alunos, indicados de cada escola, passavam a semana se preparando para mostrar que dominavam o assunto. Os demais ajudavam na preparação, tomando as lições dos colegas, pesquisando material sobre a temática e participando do cumprimento das tarefas que também valeriam pontos. Se para as crianças menores as cantigas de roda, brincadeiras e desenhos animados marcaram os programas da “titia Nazaré”, para os pré-adolescentes que participaram das gincanas do Nosso Mundo Infantil elas foram inesquecíveis (CARVALHO, 2014; MONTALVÃO, 2015; NASCIMENTO, N., 2014; OLIVEIRA, 2015).

Os temas dos programas eram quase sempre relacionados com a data comemorativa do mês em curso. Para facilitar na preparação, as equipes recebiam cerca de 40 perguntas e algumas delas poderiam ser feitas no programa. “Tinham perguntas fáceis, difíceis, e a gente procurava colocar pra disputar escolas que tinham o mesmo nível. A proposta era promover uma competição saudável”, contou José Alberto Montalvão, produtor do programa (MONTALVÃO, 2015).

¹³² Há divergências entre os entrevistados em relação à frequência das gincanas. Alguns acreditam que elas aconteciam apenas em determinadas épocas do ano. Montalvão conta que no período em que ele esteve na produção, as gincanas aconteciam semanalmente.

O Colégio Frei Anselmo¹³³, em uma de suas participações nas gincanas, respondeu sobre a Abolição da Escravatura. “A gente começou logo a preparar os cinco meninos que iam. Porque a gente tinha autonomia para escolher quem ia. E aí [...] pegava os ‘bons’, geralmente os das séries mais adiantadas. Mas tinham uns pequenos que eram mais sabidos. Durante a semana eu ficava com os meninos estudando para que fizessem bonito” (NASCIMENTO, N., 2014). Todo o colégio se envolvia na preparação. Dona Creuza Perpétua, que dava aulas de reforço escolar, lembrou: “Claro, eu ficava por dentro. [...] Aí, chega, procura livro, corre, procura revista, não é? [...] Tudo sobre princesa Isabel [...]” (ISAIAS, 2014).

No dia da competição lá iam todos: “cordinha de caranguejo¹³⁴”, subindo a pé a ladeira do Santo Antônio rumo à TV Atalaia. Cinco alunos para responder, cerca dez para a torcida e duas professoras para acompanhar. Quando chegavam na emissora, iam entrando. Participantes da gincana cultural não iam ficar esperando do lado de fora do portão! E no estúdio a festa começava. Uma equipe de cada lado e Nazaré no meio. Além da torcida, os felizardos que tinham conseguido um lugar. O estúdio ficava cheio e um monitor era colocado do lado de fora para que quem não tivesse conseguido entrar acompanhasse a disputa. (NASCIMENTO, N., 2014; SANTANA, M., 2104; MONTALVÃO; 2015). Lembra Nicolina:

Era bom demais! Um barulho danado [no estúdio] e Nazaré pedia: ‘silêncio, silêncio’! E todas as crianças faziam, porque eram apaixonadas por ela [...] porque ela era cativante. E podia perguntar qualquer coisa dentro do tema dado. Por exemplo, ‘agora é a hora do Frei Anselmo’. Aí puxava a pergunta. Se acertasse, ótimo. Se errasse, perdia o ponto. E passava para a outra escola. E lembro de algumas perguntas até hoje. ‘Como era o nome da princesa Isabel?’ Isabel Cristina Leopoldina Augusta Micaela Gabriela Rafaela Gonzaga de Bragança e Bourbon d’Orléans. Eram gincanas educativas [...] eles gostavam de estar ali e gostavam de aprender para responder. E ficavam contrariados quando perdiam uma pergunta [...]. Então deixava a criança com vontade de aprender mais e mais. Eles queriam mostrar que eram bons. E os pais diziam: ‘Viu? Meu filho respondeu certo! Também, estudou o tempo todo!’ Até os pais ajudavam (NASCIMENTO, N., 2014).

No dia em que o tema foi a Abolição da Escravatura, o Colégio Frei Anselmo foi o vencedor. O prêmio foi direto para a sala de troféus da escola onde ocupou um lugar de destaque. Nicolina Nascimento (2014) contou que o colégio foi campeão nas gincanas culturais diversas vezes, mas o troféu que aparece na figura 48 foi o único que ela conseguiu localizar. Ele tem

¹³³ O Colégio Frei Anselmo foi fundado em 27 de março de 1955. Está localizado na Avenida João Ribeiro, 1185 - bairro Santo Antônio. À época do programa Nosso Mundo Infantil funcionava como escola primária. Era considerado um colégio tradicional, famoso por sua rigidez e disciplina, segundo informações da ex-aluna Nicolina Nascimento.

¹³⁴ Em fila e de mãos dadas. A expressão foi utilizada pela entrevistada Lígia Maria Oliveira, ex-participante dos programas.

cerca de 30 cm de altura, é de madeira e destaca em metal uma representação da vitória com a inscrição: "Honra ao mérito". Na base do troféu, estão escritos os nomes do programa e da escola campeã. Os participantes entenderiam depois que estavam ganhando muito mais que diversão e troféus.

Figura 48 - Troféu Gincana Cultural Programa “Nosso Mundo Infantil – TV Atalaia-Vencedor Colégio Frei Anselmo



Fonte: Imagem do acervo da pesquisadora. Registro feito no Colégio Frei Anselmo, 2015. Troféu com placa em destaque. Observa-se que não consta a data em que a premiação foi feita.

Na memória de Nicolina, que à época tinha por volta dos 13 anos de idade, as gincanas ficaram marcadas pelo conteúdo, disciplina, incentivo que davam ao estudo, interesse das crianças em aprender e pelo orgulho dos pais quando viam seus filhos representando a escola na TV. Márcia Virgínia Santana não participou das gincanas, mas acompanhava de casa e contou: “Era sempre voltado para assuntos escolares. Eu me lembro muito bem dela [Nazaré] com uma fichinha na mão fazendo perguntas. É como se fosse o “Jogo do milhão”¹³⁵. Estava muito ligado a conhecimentos gerais, geografia [...] (SANTANA, M., 2014). Sobre as gincanas, também lembrou a ex-participante das disputas Maria Auxiliadora Alves Nunes. Com riqueza de detalhes, ela contou sobre a participação do Educandário Duque de Caxias¹³⁶ em março de 1976.

Eu tinha 12 anos, participavam duas escolas e cinco alunos de cada uma. O auditório era pequeno e acho que era numa quarta-feira. A gente se preparava. Sobre Revolução de 64, pronto. [...] Aí escola preparava a gente sobre o tema. Eu me lembro, quem participou fui eu, Auxiliadora, Gardênia, Gandhi, Luiz

¹³⁵ Programa de perguntas e respostas que foi veiculado na televisão brasileira (SBT). Os acertos eram premiados em dinheiro. O participante poderia ganhar até um milhão de reais.

¹³⁶ O Educandário Duque de Caxias funcionava na avenida Simeão Sobral, 777- bairro Santo Antônio. Dirigido pela professora Salvelina Menezes Oliveira, era considerado um colégio tradicional e rígido, segundo informação da ex-aluna Maria Auxiliadora Nunes.

e....[parece que tenta se lembrar] Lourdes, acho que era Lourdes. Eram os que tiravam as melhores notas. Os cinco primeiros do 4º ano. Eu acho que gente foi em uns três programas. O primeiro, o segundo, aí tinha o final¹³⁷.Disputávamos com o mesmo colégio três vezes. Minha escola disputou com o Patrocínio São José. Era tudo! Como aconteceu, quem foi o presidente à época, quem tomou o poder... A gente matou a pau, mesmo, sabe? A gente estudava como Re-vo-lu-ção. Não era Golpe. E o que se aprendia de comunismo? Assim, que era péssimo, que o Brasil foi salvo, que foi uma revolução mesmo. Quase foi o povo que fez, né? Que não foi, né? A gente sabe que foi um golpe [...] e era assim [como Revolução] que a gente ia responder. O país foi salvo pelos militares, que foi uma revolução e que foi bom pro país. [e a gente acreditava] porque a gente não tinha maturidade. A comunicação não era tão rápida como hoje. Até minha mãe tinha medo de falar. Minha mãe era a favor do Golpe Militar. Porque os comunistas iam comer, iam separar as criancinhas pequenas das mães. Iam botar num orfanato [...] Minha mãe [que estava grávida] ficou com tanto medo... Eu nasci em agosto, a Revolução foi em março. Ela grávida para eu nascer e com medo de se separar de mim. Porque na cabeça dela era isso. Ah, as histórias corriam boca a boca, não é? [...] Como eles queriam. Que o comunismo era um bicho papão, que ia pegar criancinhas... era um horror! (NUNES, 2014).

Enquanto os militares buscavam convencer a opinião pública, utilizando inclusive espaços escolares, setores da Igreja e da mídia, de que o comunismo era o real inimigo da nação, desmandos, perseguições, torturas e mortes eram comandados pelo poder vigente em todo o país. Nas celas do Departamento de Operações de Informações do Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-CODI) em São Paulo, foram assassinados entre muitos outros, o jornalista Wladimir Herzog, em 1975, e o operário Manuel Fiel Filho, em 1976. Poucos meses antes da entrevistada Auxiliadora ter participado com sua escola da gincana cultural do programa infantil televisivo respondendo sobre a “Revolução de 1964”, havia sido realizada em Aracaju a maior operação repressiva do governo militar em Sergipe, a “Operação Cajueiro”. Sob o comando do general linha-dura Adyr Fiúza de Castro, foram presos arbitrariamente 25 sergipanos¹³⁸. Eles foram acusados de pertencer ou serem ligados ao Partido Comunista

¹³⁷ Pelas variações de datas, dias e horários em relação às gincanas e outros detalhes informados pelos entrevistados, é possível que ao longo dos anos o programa tenha passado por diversas mudanças.

¹³⁸ Foram presos na Operação Cajueiro: Antônio Bitencourt (ferroviário), Antônio José de Góis (estudante e bancário), Asclepiades José dos Santos (vendedor ambulante), Carivaldo Lima Santos (ferroviário), Carlos Alberto Menezes (advogado), Delmo Naziazeno (agrônomo), Durval José de Santana (pedreiro aposentado), Edgar Odilon Francisco dos Santos (serventuário), Edson Sales (pedreiro), Elias Pinho de Oliveira (advogado), Faustino Alves de Menezes (comerciante), Francisco Gomes filho (pedreiro), Gervásio Santos (jornaleiro), Jackson de Sá Figueiredo (advogado), João Francisco Oséa (comerciante), João Santana Sobrinhos (advogado), José Soares dos Santos (agricultor), Luiz Mário Santos Silva (agrônomo), Marcélio Bonfim (funcionário público), Milton Coelho de Carvalho (funcionário da Petrobras), Pedro Hilário dos Santos (ferroviário), Rosalvo Alexandre Lima Filho (agrônomo e funcionário público), Virgílio de Oliveira (ferroviário), Walter Santos (professor e funcionário público), Wellington Dantas Manguiera Marques (advogado). O atual governador de Sergipe, Jackson Barreto de Lima (advogado) foi processado, mas não chegou a ser preso. Para saber mais sobre a Operação Cajueiro, ver Dantas (1997).

Brasileiro (PCB), que à época tinha sido extinto. Participaram da truculenta operação homens do DOI- CODI, do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) e da Polícia Federal. (www.memoriasdaditadura.org.br; DANTAS, 1997).

Por medo ou falta de informação as pessoas eram levadas a acreditar que não havia excesso por parte dos militares e que as ações extremas, quando ocorriam, era para salvaguardar a nação e seus bons patriotas do comunismo.

Alheias a real situação as crianças respondiam o que tinham aprendido na escola e se divertiam durante as gincanas. Narra Maria Auxiliadora Nunes:

[o programa] Era à tarde, às duas horas da tarde, lembro. [...] a professora dava o ponto pra gente se preparar em casa. E a gente [os cinco escolhidos] tinha um tratamento diferenciado na semana, [risos]. Ave! Eu me sentia muito bem! E os outros colegas todos torcendo na plateia. Era maravilhoso. Eles sentadinhos, inclusive as professoras que iam lá torcer. Acho que era a professora Lourdinha. Ia ficar tomando conta da gente. E a professora Lindismary, e do outro lado tinha a freira do Patrocínio São José, não é? Que eu fiz uma briga lá com a freira, né? Em pleno ar [risos] Tudo ao vivo. Vixe, Nazaré ficou doida comigo [risos]. Porque eu denunciei a freira [risos], porque ela estava gesticulando assim, [gesticula e mexe a boca], gesticulando assim a resposta. E eu disse: Ah, assim não vale [ri muito lembrando]. Ela está gesticulando, “tia Nazaré”! Pode parar, é roubo! [risos]. Abri a boca, quando eu vi a freira dando cola. Aí, ela [Nazaré] parou e disse: ‘Não pode. Não pode irmã’. O quê? E foi uma coisa, viu? Ela [Nazaré] tinha as perguntas na mão: tal, tal, tal. Eu me lembro que eu corria pro microfone pra responde rápido. Aí, pá, respondia. Não sei o quê, fulano de tal. Aí eu corria e respondia, era uma agonia. Umas 15 perguntas mais ou menos. E tinha a torcida. E quando marcava um ponto, a torcida, ahhhhhhh [imita com sons e gestos], gritava, batia os pés no chão, apitava. Ganhamos!!! Aí tinha a Kombi do colégio que levava a gente e ia buscar na volta e levava pra escola. Na sala de aula a gente era agora estrela (NUNES, 2014).

Impressionante a capacidade de Maria Auxiliadora Nunes de preservar as suas lembranças. De todas as pessoas entrevistadas, inclusive um dos produtores do programa e a própria apresentadora, foi ela quem guardou mais detalhes sobre as gincanas culturais. Cotejando o depoimento completo de Maria Auxiliadora com as outras entrevistas foi possível confirmar a maior parte das informações que ela forneceu.

Gincanas, como jogos, podem ser importantes ferramentas de aprendizagem. Independente dos temas que abordem, de onde aconteçam e da logística envolvida na realização. Na tese de Mirtes Barbosa (2012) “ ‘Cuide da saúde’: Aprendendo a ser saudável com agendas e gincanas escolares”, pôde-se perceber algumas similitudes com as gincanas realizadas por Nazaré Carvalho na TV Atalaia. Objetos, épocas e públicos totalmente distintos, mas que em comum tiveram o objetivo de ensinar algo e promover o envolvimento e a colaboração entre os

participantes. Nas gincanas do Nosso Mundo Infantil as crianças aprendiam através das tarefas que deviam ser cumpridas e dos temas estudados. Havia também socialização e sentimento de pertencimento entre os participantes, algo que pode ser vivenciado em casa, na escola ou em outros espaços. Esse entendimento em relação às gincanas pôde ser percebido nos relatos dos entrevistados:

Para Maria Auxiladora as gincanas eram um estímulo aos estudos: “Repare quanto a gente estudou pra se preparar pra um programa desse! E em casa o povo assistindo aqueles programas e aprendendo,” opinou (NUNES, 2014). Para a ex-telespectadora do Nosso Mundo Infantil Maria Idene Santana, os programas da tia Nazaré tinham além de entretenimento, conteúdo educativo.

Educar não é só em sala de aula. Educação a gente está tendo a todos os momentos [...]. Nas relações a gente está se educando, não é? Quando a gente convive com outras pessoas [...] Educação você não precisa dizer: ‘agora chegou a hora de ensinar isso ou aquilo’, não é? À medida que ela ia conduzindo o programa ela orientava a criança, eu acredito (SANTANA, M. I., 2015).

Mas há quem tenha um entendimento diferenciado sobre os primeiros programas infantis da TV Sergipana. Avalia o jornalista Nestor Amazonas:

Lembro muito bem deste momento na TV sergipana e aqui não farei distinção entre as emissoras Sergipe ou Atalaia, pois o modelo de conteúdo era o mesmo. O programa era uma colagem de quadros lúdicos, limitados por poucos recursos e quase nenhum apoio. Quase tudo era improvisado e reproduzindo o modelo educacional da época. Sem julgamentos, apenas fazendo constatação dos fatos, tudo levava a uma repetição do que era comum nas escolas – reprodução das regras estabelecidas. Menino bonitinho, bem-comportado, mãos limpas e cabelos penteado. Um clone do mundo adulto, só que em miniatura. Nazaré Carvalho, excelente profissional, dedicada, aplicada no mundo do rádio, tentava ocupar um novo espaço que a TV permitia, o da titia, figura materna doce e carinhosa – um estereótipo da mulher, mãe, esposa da época. A linguagem beirava a tatibitate. Apesar do carinho, as crianças pareciam zumbis, as competições premiavam, mas sempre havia prêmios de consolação para os perdedores. Não havia nada de educacional – era pura repetição do mundo adulto, o modelo inquestionável de que estava tudo certo. E o sucesso era enorme, mais em função das mães, principalmente, que se compensavam do que não puderam ter, para viver através dos filhos. Nazaré Carvalho tentou várias vezes mudar as coisas [...] mas não havia anunciantes dispostos a apoiar esta cruzada, e cada vez mais as verbas eram destinadas para outras linhas de programação. [...] Para ficar claro: não havia métodos pedagógicos, enfatizando aqui a diferença entre a área educativa e o modelo educacional familiar [...] (AMAZONAS, 2014).

Sobre as considerações de Nestor Amazonas, cabem algumas reflexões. É fato que os programas infantojuvenis apresentados por Nazaré Carvalho não foram concebidos como programas educativos. A tônica era o entretenimento. A própria Nazaré afirmou que não tinha a intenção deliberada de educar. No entanto, isso não exclui a possibilidade de que circulassem práticas educativas nos programas, entendendo aqui educação no sentido amplo que ultrapassa o ambiente escolar. Rita Marisa Pereira (2006), inspirada em Walter Benjamin (1984), em seu artigo “O que é infantil nos programas infantis?” , no qual discute a relação da criança com a TV, afirma:

[...] toda programação cultural voltada para as crianças, representa um diálogo silencioso entre as gerações na qual uma propõe a outra vindoura concepções de mundo, de linguagem, de valores, de estética, de felicidade, enfim, de educação e de cultura. Nessa perspectiva não se distinguem programas ditos educativos daqueles que são rotulados como entretenimento (PEREIRA, 2006, p.38, grifo nosso).

Sobre o entendimento de Amazonas (2015), de que, “apesar do carinho, as crianças pareciam zumbis”, através de entrevistas com ex-participantes dos programas, constata-se um outro olhar. Segundo eles, as crianças protagonizavam diversos momentos dos programas. Discutiam temas, apresentavam números artísticos, respondiam as perguntas das gincanas, pautadas nos conteúdos escolares, entre outras formas de participação. Convém lembrar ainda que, a despeito das regras estabelecidas, as crianças também são capazes de criar suas próprias regras, interagir com o meio, resignificar e criar ainda sua própria cultura (CORSARO, 2011).

4.7 CRIANÇA BRINCA, SE DIVERTE E “VENDE”

Como empresa a TV Sergipe precisava faturar. O comércio local, inicialmente desconfiado quanto aos resultados do novo veículo, logo mudou de opinião ao constatar o quanto repercutia bem anunciar e aparecer na TV. Entre os espaços mais procurados estava o programa Clube Júnior, apresentado pela titia Nazaré. Os patrocinadores poderiam potencializar a divulgação de seus produtos através de sorteios realizados no programa.

**Figura 49 - Sorteio de uma Monark Tigrão no “Clube Júnior”-
Outubro de 1973**



Fonte: Acervo de Nazaré Carvalho. Autoria desconhecida.

Na figura 49, Nazaré Carvalho apresenta no Programa Clube Júnior o objeto de desejo de muitas crianças no Brasil, no ano de 1973: a Monark Tigrão. “A bicicleta pra frente, ágil, o sonho da garotada”, dizia a propaganda da época. E detalhava: “Aro dianteiro- 16 x 1,75, traseiro – 20 x 1,75, tração monobloco, freio manual, cabo de aço, selim banana, lanterna traseira e dianteira e retrovisores”. Era um modelo inspirado nas bicicletas de Cross Americanas (www.bicicletasantigas.com.br/). Toda criança queria ter uma Monark. Em Sergipe, teria melhor local para vender o produto do que o programa Clube Júnior? O representante da marca, que aparece na foto com suas generosas costeletas, e seu colete vermelho, talvez o *fashion* para os homens modernos da época, ajudava a vender e, ocasionalmente, sorteava uma bicicleta entre os telespectadores. O estúdio ainda era bem modesto: a iluminação vinha dos chamados “panelões (vistos ligeiramente na parte superior central da figura 49), por causa do formato, que esquentavam muito o ambiente; o áudio era captado por microfones nas mãos da apresentadora, do convidado e um terceiro pendurado no teto para ampliar a captação do som; e o espaço para apresentadora e seus convidados era mínimo. A estratégia usada para ampliar a divulgação, ainda muito atual, era manter o discurso sobre o produto mais tempo no ar através da promoção de concursos ou sorteios. Mostrava-se a bicicleta, falava-se das suas inúmeras vantagens e lançava-se um “curso” que teria como prêmio, no caso, uma Monark Tigrão Cross. As crianças respondiam a pergunta feita pelo programa, mandavam quantas cartas quisessem com

a resposta e concorriam ao sorteio”. Cada vez que se falava no sorteio, decantava-se as maravilhas da bicicleta e da marca, que era, claro, anunciante do programa.

Os patrocinadores também participavam do programa em outras ocasiões. Na figura 50 a performance da apresentadora do programa Clube Júnior com a vencedora do concurso Miss Sergipe Mirim é acompanhada de perto por um dos anunciantes. A “miss” seguia o estilo *fashion doll* da Suzi, boneca lançada no Brasil pela fábrica Estrela em 1962. Era magra, branca, cabelos loiros, longos e lisos. E como as misses¹³⁹, tinha direito a manto, centro e coroa. Na “entrevista” dada à imprensa também devia mostrar como era doce e meiga. As belas e doces poderiam “reinar”! Essa é uma das interpretações que podem ser dadas a partir das representações sobre a mulher vigentes na década de 1970.

Figura 50 - “Tia Nazaré” entrevista a Miss Sergipe Mirim (197?)



Fonte: Acervo de Nazaré Carvalho. Registro fotográfico de Jorge. Rua Santa Rosa, 226. Aracaju, SE. Conforme inscrição no verso da foto.

¹³⁹ Os concursos de beleza eram muito populares à época, tanto quanto o futebol e os festivais de música. O Miss Brasil foi oficializado a partir de 1951 e tornou-se uma tradição na TV Tupi. Em 1969 a miss eleita foi Vera Fisher. Alta, branca, loira, magra e de cabelos lisos. Para saber mais, ver Xavier; Sachi (2000).

No Nosso Mundo Infantil (TV Atalaia), mais tempo de programa, mais espaço para faturamento. Os patrocinadores premiavam calouros, dançarinos e distribuíam brindes durante as gincanas escolares. “Tinha concurso de desenho patrocinado pela Poupança Tradição. Uma vez uma amiga minha ganhou o prêmio”, lembrou Fátima Goes (GOES, 2014).

Entre os patrocinadores também estavam “a Sapataria Chic, lojas de móveis e lojas gráficas. Além de anunciar, alguns lojistas participavam dos programas. Eram jurados [...] Wilson Alves, do Gavetão¹⁴⁰ e as proprietárias da Casa Barroso¹⁴¹ e outras pessoas de lojas famosas. Sempre era gente da sociedade. Porém quem se apresentava era da classe média ou pobre”, observou Cleber Santana, ex-participante dos programas (SANTANA, C., 2014).

4.8 E QUEM GANHOU COM TUDO ISSO?

Embora Nazaré Carvalho pareça ter uma visão superficial da parte comercial dos programas, dos ganhos financeiros que eles representavam para as emissoras e do retorno que poderiam ter os colégios particulares que participavam das gincanas, através da pesquisa foi possível perceber que a realidade era diferente da que ela enxergava: “Na apresentação eu falava da escola, onde funcionava, apresentava os professores [...]. Era uma relação desprovida de qualquer interesse material. A ajuda era recíproca. O colégio nos dava a presença das crianças para a realização das gincanas” (CARVALHO, 2014). Mas Nazaré Carvalho lembra que havia retorno para as escolas: “O professor Marcos me dizia. Eu tinha x alunos no colégio CCPA, depois do programa tenho 100” (CARVALHO, 2014). Nicolina Nascimento, do Colégio Frei Anselmo, confirma o aumento do número de alunos da escola após a participação nos programas: “[...] E as pessoas diziam assim: ‘Ah, vamos botar no Frei Anselmo, que acertou todas as questões [da gincana], então os alunos são bons’ [...]. O número de alunos aumentava” (NASCIMENTO, N., 2015).

E o que ganhou Nazaré? A apresentadora tinha um salário fixo, não recebia percentuais das publicidades anunciadas nos programas, mas os convites para apresentações e outros tipos de trabalhos relacionados à imagem de apresentadora aumentavam, rendendo retorno financeiro. Ela também passou a atuar como apresentadora de telejornal¹⁴². No entanto, talvez o grande ganho proporcionado pelos programas não tenha sido diretamente financeiro, embora

¹⁴⁰ O Gavetão era uma famosa loja de roupas masculinas instalada na rua Laranjeiras, Centro da Aracaju.

¹⁴¹ A Barroso Modas, ainda em funcionamento, era uma loja de roupas e tecidos femininos.

¹⁴² Nazaré Carvalho, como a maioria dos antigos radialistas e jornalistas sergipanos, recebeu o registro profissional de jornalista beneficiada pelo Decreto-Lei 972, de 17 de outubro de 1969, que dispõe sobre o exercício da profissão de jornalista. Mais informações, consultar http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del0972.htm.

o trabalho no rádio e na televisão tenha possibilitado sua ascensão econômica. Nazaré adquiriu casa própria, ajudou financeiramente os irmãos e a mãe, com quem se reconciliou.

A comunicadora alcançou grande prestígio profissional e foi por mais de uma década referência de apresentadora de programas infantis no Estado. Depois vieram outras, mas nenhuma alcançou o espaço, a simpatia e o reconhecimento do público conquistado por Nazaré Carvalho. Como pioneira assegurou um lugar cativo nas lembranças de crianças e adolescentes da década de 1970 em Sergipe. Nas memórias de ex-colegas de trabalho, Nazaré é também destacada. Para o jornalista e radialista Reinaldo Moura¹⁴³,

[...] Ela foi a primeira fada-madrinha sergipana. Ela criou na TV um mundo mágico para as nossas crianças onde existia anões, varinha mágica e encantamento. O mundo da tia Nazaré. Numa época onde não existia produção e efeitos especiais, ela transportava essas crianças para esse mundo encantado [...]. No rádio ela foi a certeza de que a mulher poderia ter e passar para os ouvintes, com a mesma segurança dos locutores, opiniões e promover a discussão de temas e tabus que poucos tinham coragem de abordar, tudo isso com a mesma doçura na voz (MOURA, 2016).

Em 1977 Nazaré ampliou sua atuação como mulher pública ingressando no campo político, espaço majoritariamente ocupado por homens. Foi eleita vereadora de Aracaju com o apoio do empresário Augusto Franco, à época senador pelo Estado de Sergipe, dono da TV Atalaia e das rádios Atalaia AM e FM, ex-deputado Federal por Sergipe (1967-1971) e posteriormente governador do Estado (1979-1982). Não foi a primeira vereadora¹⁴⁴ na Câmara Municipal de Aracaju, mas foi a primeira mulher a ocupar a presidência da Casa.

Esta pesquisa não se propôs a analisar a atuação política partidária de Nazaré Carvalho. No entanto, é importante mencionar a inserção da apresentadora nesse campo, uma vez que parte dela se deu no período alcançado pelo recorte temporal dessa investigação. Nazaré contou que foi eleita quatro vezes e teve dois mandatos prorrogados. Seu último mandato foi de 1997 a 2000. Na Câmara Municipal de Aracaju Nazaré Carvalho foi a primeira mulher a ocupar a presidência da Casa, de 1983 a 1984. Também foi vice-presidente da Mesa Diretora, esteve nas 1ª e 2ª Secretarias, presidiu comissões e foi líder de partido e da bancada. Nazaré foi casada com o jornalista e político Acival Gomes pai do seu filho Marcos Fellipe, nascido em 1983. Ela conta que, como vereadora, defendia os interesses das mulheres e questões sociais. Tinha fama de briguenta e criadora de casos e muitas vezes precisou gritar no plenário para ser ouvida. O

¹⁴³ O nome completo de Reinaldo Moura é Reinaldo Moura Ferreira. Nesta pesquisa, adota-se o nome pelo qual ele é conhecido na imprensa local: Reinaldo Moura.

¹⁴⁴ Antes de Nazaré Carvalho foram vereadoras por Aracaju: Maria Carmelita Chagas, Maria Ester de Almeida Pires e Maria Arlete Barreto. Mais detalhe ver Nascimento; J.; Nascimento, E. (2012).

aprendizado para transitar na Casa e a moderação viriam com as orientações recebidas de amigos e de parlamentares mais experientes. (SILVA, 2004; CARVALHO, 2014;2015). Na Câmara, ela é lembrada por antigos funcionários como uma parlamentar atuante, que, mesmo quando delegava tarefas, acompanhava o andamento de tudo. “Nazaré praticamente revolucionou a Câmara, tanto no plenário quanto na parte administrativa. Ela criou e organizou os setores, preocupou-se com questões salariais, incentivou e investiu na qualificação dos servidores” (SILVA, 2015), avaliou Isa Eleonora Silva, funcionária da Câmara Municipal de Aracaju. Entre os 67 (excluindo-se aqui a comunicadora) entrevistados nessa pesquisa, muitos lembraram que Nazaré Carvalho foi vereadora, mas não recordaram de projetos específicos da comunicadora. No entanto, foram feitas várias menções a capacidade de articulação e comunicação da radialista e jornalista na Câmara. Nazaré Carvalho é também professora. Lecionou cultura brasileira, literatura e língua portuguesa na Faculdade Pio Décimo e hoje responde pela assessoria e ouvidoria da instituição. Conta que se decepcionou com a política e prefere ser lembrada como comunicadora: “Sou radialista, jornalista, e professora” (CARVALHO, 2015).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para quem foi criança ou adolescente na década de 1970 no estado e assistiu aos programas Clube Júnior na TV Sergipe (1971- 1974) e Nosso Mundo Infantil na TV Atalaia (a partir de 1975¹⁴⁵), o nome da “tia Nazaré” remete de imediato a boas recordações, como diversão, desenhos animados, brincadeiras, e às famosas gincanas culturais escolares na TV. Este estudo, que tem como recorte temporal os anos de 1971 a 1979, investigou a circulação de práticas educativas nos programas dedicados ao público infantojuvenil apresentados pela radialista e jornalista Nazaré Carvalho. A pesquisa também buscou compreender a atuação da comunicadora; analisar os conteúdos dos programas e, por fim, entender qual a contribuição de Nazaré Carvalho para a transmissão de práticas educativas para crianças e adolescentes da década de 1970 no estado.

Buscando-se a contextualização do tema, a pesquisa fez uma breve incursão pela história da TV no Brasil, que começou graças ao ímpeto visionário do jornalista e empresário Assis Chateaubriand Bandeira de Melo, o “Chatô”, dono de um conglomerado de rádios, jornais, agências de notícias e revistas espalhados pelo país. Em 18 de setembro de 1950, o Brasil ganhou sua primeira emissora de televisão: a TV Tupi Difusora de São Paulo - Canal 3.

A programação inicial da emissora chegou contemplando diversos públicos. Exibia teleteatro, jornalismo, variedades e, claro, programação infantil com desenhos animados. Outros programas voltados para as crianças foram sendo criados, como o Circo Bombril, Teatrinho Trol, Sabatina Maisena; nestes, já se percebia certo protagonismo infantil, e a produção tinha interferência dos patrocinadores, que geralmente incluíam suas marcas nos nomes dos programas.

As crianças sempre mereceram “atenção” da TV. Seriados, novelas e teleteatros infantis, além de outras produções dirigidas ao público, foram preenchendo a programação. O indiozinho da logomarca da TV Tupi estava em cena ao longo do dia nas vinhetas, chamadas para a próxima atração e, à noite, na vinheta de encerramento, mandava as crianças para cama. Os televisores eram caros e só estavam ao alcance dos ricos. Os demais assistiam nas lojas ou assumiam os postos de “televizinhos”.

¹⁴⁵ Nazaré não sabe precisar até quando o programa foi ao ar na TV Atalaia. Segundo Terezinha de Carvalho Sobral, filha da apresentadora, o programa Nosso Mundo Infantil foi realizado até 1982. Na TV Atalaia não foi localizada essa informação.

Mesmo com acesso restrito, a “caixa mágica”, como Chateaubriand chamou a TV, chegou apresentando novos conceitos, padrões de beleza, de consumo, entre outros, e interferindo nas representações e apropriações dos telespectadores.

Em Sergipe, no início dos anos 1960, as primeiras imagens televisivas chegaram da TV Comercio de Recife. O sinal era fraco e só melhorou com a implantação de uma antena repetidora adquirida pelo prefeito de Aracaju, Godofredo Diniz. Era final dos anos 1960, e através das memórias de entrevistados, de jornais locais e obras que tratam do contexto cultural, político e econômico do estado no período, foi revelado o cenário da pacata Aracaju e as transformações que a “cidade menina vestida de Sol” começava a passar. A Petrobras impulsionava o desenvolvimento do estado, e crescia a importância dos empresários urbanos, especialmente da construção civil.

Se nacionalmente deve-se a “Chatô” a chegada da TV no Brasil, em Sergipe a implantação da primeira emissora de televisão tornou-se possível graças ao empenho de nove empresários que apostaram na ideia do publicitário Nairson Meneses e na insistência do representante comercial da Empire State no estado, Irineu Fontes, que acreditava que já era hora de Sergipe ter a sua TV. Assim, em 15 de novembro de 1971, durante a vigência da ditadura militar no país, o estado ganhou sua primeira emissora de televisão: a TV Sergipe. A população se encheu de orgulho. Seguindo o modelo das emissoras do Sudeste, a TV Sergipe logo dedicou espaço na sua programação ao público infantil e criou o programa Clube Júnior. Nazaré Carvalho, 22 anos de idade, fez ali sua estreia na TV sob as orientações de Luiz Carlos Campos, diretor comercial e artístico da emissora e mentor da jovem iniciante na TV.

Num pequeno estúdio, ela lia cartinhas e mostrava fotos recebidas do público infantil, conversava com crianças e exibia desenhos animados. Muitos dos pequenos que mostravam seus dotes artísticos cantando e dançando eram filhos dos anunciantes da emissora. A fórmula se mostrou perfeita para aquele momento. A TV Sergipe foi a primeira emissora do Brasil implantada com a participação popular. O capital necessário foi dividido em dez cotas. Nove adquiridas pelos sócio-fundadores, e a décima oferecida à população através da venda de ações. Foi um sucesso! Mas o preço dos aparelhos era ainda elevado para o mercado local; assim, ter televisão à época era quase uma distinção social. Os “televizinhos” se multiplicavam nos bairros.

Em busca da compreensão/construção da trajetória de vida da comunicadora Nazaré Carvalho, abordou-se sua história familiar, formação escolar e sua inserção no campo da Comunicação. Maria Nazaré de Carvalho nasceu em Nossa Senhora das Dores e, por volta dos quatro anos de idade, mudou com a mãe, os quatro irmãos mais novos e o padrasto para Aracaju.

A mãe de Nazaré, professora, havia sido transferida para a capital sergipana. A menina Nazaré foi alfabetizada cedo pela mãe, cursou o primário na Escola Normal e o ginásio no Colégio Nosso Senhor do Bonfim. A trajetória escolar de Nazaré Carvalho foi interrompida algumas vezes. Uma delas, aos 16 anos de idade por ocasião do nascimento de sua filha. Mãe e solteira precisou trabalhar para prover o sustento das duas. Após o rompimento de relações com a mãe, Nazaré e a filha foram acolhidas por uma vizinha, que passou a cuidar da criança. Vendeu cera em domicílio, foi caixa em supermercado, até que sua bela voz, grave, suave e boa dicção, possibilitou-lhe um teste de locução na Rádio Cultura. Nazaré foi aprovada e admitida como discotecária e locutora do programa feminino “Boa tarde, madame”, no qual dava conselhos às senhoras e senhoritas. Por um salário maior, mudou para a Rádio Jornal. Ao retomar os estudos, Nazaré concluiu o ginásio e ingressou no curso de formação de professores no Colégio Senhor do Bonfim. Uma nova pausa, e só depois ela reiniciaria o curso no Instituto de Educação Rui Barbosa (IERB). Na década de 1970, o magistério já não era apenas exercido por jovens solteiras oriundas das classes mais favorecidas da sociedade.

Para Nazaré, como para outras jovens pobres, o ingresso na Escola Normal significava a possibilidade de acesso a uma profissão socialmente permitida às mulheres e subsistência econômica. Paralelamente aos estudos, ela ampliava seu espaço na Rádio Jornal. Foi no Carrossel Infantil, programa apresentado pelo cantor Erílio Alves, o Goiabinha, realizado no auditório do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, que a comunicadora estreou como ajudante de palco no programa infantil cuja participação de escolas era frequente. Quando as primeiras experiências para implantação da TV Sergipe foram iniciadas, o nome de Nazaré Carvalho foi lembrado. Antes de comandar o Clube Júnior, ela gravou comerciais para TV e participou de outros programas da emissora. Crescia seu prestígio e seu capital social, mas o capital econômico não aumentava na mesma proporção.

O lugar das mulheres na imprensa sergipana na década de 1970 mereceu uma abordagem nesta pesquisa. Nazaré se sentia bem no campo da comunicação, espaço mais liberal, no qual logo passou a circular com desenvoltura. Mas ser uma mulher pública, à época, era um desafio. Uma mulher livre que vivia num ambiente masculino era algo suspeito para a sociedade. Entre os pares, a comunicadora assegurou que não se sentia discriminada. Renato Carvalho, irmão de Nazaré, revelou que alguns colegas, inclusive mulheres, teciam comentários maldosos em relação à ela. Nazaré Carvalho “[...] não enxergava a violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas [...]” (BOURDIEU, 1999). Não enxergar pode ser uma defesa ou estratégia de sobrevivência. Nazaré também adentraria a partir de 1977 em outro espaço público dominado pelos homens: a política. A comunicadora foi eleita quatro vezes

vereadora de Aracaju, e dois de seus mandatos foram prorrogados. Nazaré foi vereadora até o ano de 2000. Pesquisando periódicos e ouvindo jornalistas que já atuavam profissionalmente, foi possível identificar a presença de outras mulheres na imprensa sergipana no período. Entre elas: Lânia Duarte, Ilma Fontes, Clara Angélica, Gratia Montal, Arlene, Myrtes, Ofenísia Freire, Anna Leonor, Aglaé Fontes, Leilinha Leite, Creusa Brito e Tânia Noronha. A maioria fazia colunismo social, algumas publicavam artigos e outras liam crônicas na Rádio Cultura.

A professora Aglaé Fontes apresentou programas com a participação infantil no rádio sergipano. Em geral, essas poucas moças que passavam pela imprensa, e que, geralmente, abandonavam o ofício para casar, eram provenientes, de famílias conhecidas e respeitadas. Essas jornalistas e radialistas eram “acompanhadas” de alguma forma por pais, noivos, tios ou irmãos. O jornalista Ivan Valença contou que Orlando Dantas, dono da Gazeta de Sergipe, não gostava de mulheres na redação porque entendia que os namoros com os jornalistas se tornariam inevitáveis. Portanto, a presença feminina na imprensa à época era reduzida, e até bem menor do que se pode imaginar. Valença revelou que algumas das colunistas que apareciam nos jornais nem existiam. Leilinha Leite, por exemplo, era ele. Lânia Duarte disse que nunca teve dificuldade em frequentar as redações. Já Clara Angélica informou que o pai recomendava que ela entregasse a coluna na portaria do jornal e de lá mesmo retornasse. Michelle Perrot (1998), ao tratar da categoria mulheres públicas, observa que a escrita foi para as mulheres uma das primeiras formas de ultrapassar a fronteira do espaço privado para o público. No entanto, ser reconhecida como mulher pública foi sempre difícil e suspeito. Nazaré inicialmente não redigia, mas se comunicava bem e transitava com facilidade nos espaços públicos, naturalmente masculinos. Mesmo assim, enfrentou preconceito e discriminação.

Conhecer os conteúdos dos primeiros programas infantis da TV Sergipana, Clube Júnior, na TV Sergipe e Nosso Mundo Infantil, na TV Atalaia, a despeito da ausência de imagens e de outros materiais relativos às fases de implantação das respectivas emissoras, foi possível graças às memórias de comunicadores que fizeram parte dessa história e de ex-telespectadores e ex-participantes dos programas. A própria Nazaré Carvalho foi uma importante colaboradora. Recorreu-se também à ampliação do uso de fontes fotográficas. Na seção que cuida dos programas, foram utilizados 18 registros imagéticos sobre o assunto, sendo dez fotografias, duas reproduções de publicações feitas em jornais e seis ilustrações.

Na TV Atalaia, já em cores, Nazaré comandou o Nosso Mundo Infantil. Eram duas horas de programa, com recursos técnicos (se comparados aos disponíveis no Clube Júnior), equipe de produção e um grande diferencial: a ampliação do protagonismo infantil. Os desenhos animados “enlatados” tinham espaço reduzido. O tempo era ocupado com brincadeiras no

estúdio, apresentações artísticas, concursos de calouros, discussões de temas e entrevistas protagonizadas por crianças, além da realização das gincanas culturais entre escolas, que envolviam perguntas sobre conhecimentos gerais do conteúdo escolar, com destaque para as datas comemorativas nacionais.

Vivia-se a ditadura militar no país e, oportunamente, como se fazia nas escolas, os programas televisivos infantis pregavam a obediência, o amor à pátria e o civismo. Era preciso ensinar as crianças a serem bons filhos, alunos e cidadãos. O conteúdo dos programas, em parte, seguia esse ideário cívico. Nos programas da “tia Nazaré”, também aprendia-se a contar, estimulava-se o desenho, a pintura, o canto, a boa caligrafia, os estudos, a inclusão entre as crianças, a valorização da cultura local, o respeito à família e aos mais velhos, entre outros ensinamentos.

O Clube Júnior (TV Sergipe) e o Nosso Mundo Infantil (TV Atalaia) não foram concebidos como programas infantis educativos, não foram pautados em projetos pedagógicos e seguiam modelos comerciais de programas infantis de emissoras do Sudeste do país. Além de contar com a criatividade de profissionais que fizeram escola na história do rádio (de onde vinham) e da TV sergipana. Era preciso incluir as crianças como público alvo da novidade. Nazaré, que tinha formação pedagógica, fez o curso Normal, depois Licenciatura em Letras, contou que não teve a intenção de educar crianças, embora entenda que o fez de alguma forma.

Para John Dewey, como destaca Lourenço Filho no prefácio à obra “Vida e Educação” (1978), “[...] não deve haver nenhuma separação entre vida e educação. As crianças não estão, num dado momento, sendo preparadas para a vida e, em outro, vivendo. [...] A educação torna-se, desse modo, uma ‘contínua reconstrução de experiência’” (1978, p.7). Como observado, durante a análise dos conteúdos dos programas, diversas práticas educativas foram postas em circulação nos programas infantis apresentados por Nazaré Carvalho. Assim, as televisões sergipanas, logo nos seus primeiros programas infantis, de forma intencional ou não, ao passo que procuravam entreter e garantir audiência com suas produções, acabaram por inculcar conteúdo educativos.

Observaram-se nessa pesquisa diversas lacunas documentais sobre a fase de implantação das emissoras de TV locais e seus primeiros programas infantis. Imprecisões em relação a datas, pessoas, locais e acontecimentos foram frequentes durante a investigação. Os vários incêndios ocorridos nas TVs e as limitações técnicas à época foram justificados como causa. Mas a despeito dessas ocorrências, valendo-se da generosidade de entrevistados que compartilharam suas memórias, com destaque para a própria Nazaré Carvalho; de profissionais como Dida Araújo, realizador de importante documentário sobre os primeiros 35 anos da TV

Sergipe, também fonte desta pesquisa; das emissoras que deram acesso ao que restou; do acervo mantido pelo Jornal da Cidade e Rádio Cultura, além outras de instituições que abriram seus acervos, foi possível a escrita da história ora apresentada. Ela é também cheia de lacunas, que se espera que sejam preenchidas por futuras pesquisas. O tema é vasto e o campo maior ainda. A história aguarda curiosos perscrutadores.

REFERÊNCIAS

2 TUPI AM. Disponível em: www.2.tupi.am

A CRUZADA. Aracaju, SE, 1966, 1968.

A CRUZADA, Aracaju, SE, 24 set. 1966. p.8.

ABRIL. Disponível em: www.abril.com.br

ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. 2. ed. São Paulo: Editora Paz e Terra. 2000.

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Editora Contexto, 2011. p.154-202.

ALBERTI, Verena. **Ouvir Contar**: Textos em História oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ALGAYER, Karina Regina; TRUGLIO, Edneuza Alves. A música como ferramenta pedagógica na aprendizagem da criança. **Revista eventos pedagógicos**. v. 4. n. 2. 2013. p.136-145.

ALMEIDA, Jairo Alves de. Entrevista concedida à pesquisadora em 2014.

ALMEIDA, Valdelice Ramos Rabelo. Entrevista concedida à pesquisadora em 2015.

AMAZONAS, Nestor. Entrevista concedida à pesquisadora em 2014.

ANDRADE, Maurício. Entrevista concedida à pesquisadora em 2016.

ANDRADE, Stela Cabral de; VEIGA, Cyntia Greive. **A condição de ser mulher civilizada na Revista a Mãe de Família**. Universidade Federal de Minas Gerais. (UFMG), 2004. Disponível em: <<http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/Individ/Eixo4/296.pdf>>. Acesso em: 14 set 2015.

ARACAJU SAUDADE. Disponível em: <http://aracajusaudade.blogspot.com.br>

ARAGÃO, Milena; KREUTZ, Lúcio. **Educação Infantil e cotidiano**: representações, práticas educativas e formação docente. Universidade de Caxias do Sul (UCS). 2011. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe6/anais_vi_cbhe/conteudo/res/trab_976.htm>. Acesso em: 20 out 2015.

ARAÚJO, Demóstenes Silva de. Entrevista concedida à pesquisadora em 2015.

ASSOCIAÇÃO DOS PIONEIROS PROFISSIONAIS E INCENTIVADORES DA TELEVISÃO BRASILEIRA PRO TV. Disponível em:<www.museudatv.com.br/inicio/?page_id=1485>. Acesso em: 20 jun 2015.

BARBOSA, Marialva Carlos. Imaginação televisual e os primórdios da TV no Brasil. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marco, (Org.). **História da Televisão no Brasil**. São Paulo, SP: Editora Contexto, 2010.

BARBOSA, Mirtes Lia Pereira. **“Cuide da Saúde”**: aprendendo a ser saudável com agendas e gincanas escolares. Tese (Doutorado em Educação)- Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRS), 2012.

BARBOSA, Raquel Firmino Magalhães. **Influências brincantes**: um estudo sobre a cultura lúdica infantil e o desenho animado. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal de Matogrosso (UFMT), 2011.

BARONTO, Luiz Daniel. Entrevista concedida à pesquisadora em 2014.

BARRETO, Luiz Antonio. **Pequeno dicionário prático de nomes e denominações de Aracaju**. Aracaju: ITBEC/Banese, 2000.

BARROS (I), Izabel Luiza Fontes. Entrevista concedida à pesquisadora em 2015.

BARROS, Francisca Argentina Gois. **Movimento de Educação de Base (MEB) em Sergipe - 1961-1964**: Uma reconstituição histórica. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Federal da Paraíba (UFPB).1995.

BARROS, Geraldo Fontes. Entrevista concedida à pesquisadora em 2015.

BATISTA, J. Panorama Radiofônico. **A Cruzada**, Aracaju, SE, 31 ago. 1968. p.5

BCB. Disponível em: <http://www.bcb.gov.br/pt-br/#!/home> Acesso em: 12 jan 2015.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo Sexo**, v. 2. A experiência vivida. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira,1980.

BERGAMO, Alexandre. A reconfiguração do público. In: RIBEIRO, Ana Paulo Goulart; SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marco, (Org.). **História da Televisão no Brasil**. São Paulo, SP: Editora Contexto, 2010.

BERNARDES, Elizabeth Lannes. **Crianças, televisão e brincadeiras**: uma das histórias possíveis. Tese (Doutorado em Educação)- Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 2011.

BIBLIOTECA DIGITAL. Disponível em: www.bibliotecadigital.fgv.br

BICICLETAS ANTIGAS. Disponível em: <http://www.bicicletasantigas.com.br/arquivos/portal/galeria/m51.htm>. Acesso em: 15 set 2015.

BISPO NETO, Josias Cirilo Entrevista concedida à pesquisadora em 2015.

BONTEMPI JÚNIOR, Bruno. **História da Educação brasileira**: o terreno do consenso. Dissertação (Mestrado em História e Filosofia da Educação)- Pontifícia Universidade de São Paulo (PUC/SP), 1995.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**. Lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras. 2001.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de Psicologia Social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução Maria Helena Kuhner. 2. ed. Rio de Janeiro: Best bolso, 2014.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas**: o que falar quer dizer. São Paulo: Edusp, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas** (Introdução, organização e seleção Sergio Miceli). 6. ed. São Paulo: Perspectiva S.A., 2005.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos Sociais da ciência**. São Paulo: Editora Afiliada, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**- sobre a teoria da ação. Tradução Mariza Corrêa. Campinas, -SP: Papyrus Editora, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BRAGHINI, Katya Mitsuko Zurim. **A entrada do ideário anticomunista na Escola Superior de Guerra na produção de material pedagógico e livros voltados à disciplina de Educação Moral e Cívica (1961- 1973)**. Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). 2013. Disponível em:< <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe7/>>. Acesso em: 20 out 2015.

BRANDÃO, Cristina. As primeiras produções teleficcionais. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marco, (Org.). **História da Televisão no Brasil**. São Paulo, SP: Editora Contexto, 2010.

BRANDÃO, Zaia. **A intelligentsia educacional** – Um percurso com Paschoal Lemme por entre as memórias e as histórias da Escola Nova no Brasil. Bragança Paulista, SP:IFAN-CDAPH, Editora da Universidade São Francisco,1999.

BRASIL. **Decreto n. 60.231**, de 16 de fevereiro de 1967. Modifica a tabela de salário-mínimo aprovada pelo Decreto nº 57,900, de 2 de março de 1966, e alterada pelo Decreto nº 58.154, de 5 de abril de 1966. Disponível em: < <http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaTextoIntegral.action?id=173828&norma=191644>>. Acesso em: 05 dez 2015.

BRASIL. **Decreto n. 50.370**. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1960-1969/decreto-50370-21-marco-1961-390046-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 04 jan 2016.

BRASIL. **Decreto n. 60.231**, de 16 de fevereiro de 1967. Modifica a tabela de salário-mínimo aprovada pelo Decreto nº 57,900, de 2 de março de 1966, e alterada pelo Decreto nº 58.154, de 5 de abril de 1966. Disponível em:< <http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaTextoIntegral.action?id=173828&norma=191644>>. Acesso em: 05 dez 2015.

BRASIL. **Decreto n. 60.231**, de 16 de fevereiro de 1967. Modifica a tabela de salário- mínimo aprovada pelo Decreto nº 57,900, de 2 de março de 1966, e alterada pelo Decreto nº 58.154, de 5 de abril de 1966. Disponível em: < <http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaTextoIntegral.action?id=173828&norma=191644>>. Acesso em: 05 dez 2015.

BRASIL. **Decreto-Lei n. 869**, de 12 de Setembro de 1969. Dispõe sobre a inclusão de Educação Moral e Cívica como disciplina obrigatória nas escolas de todos os graus e modalidades de todo o Brasil. Disponível em:

<<http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=195811>> Acesso em: 27 ago 2015.

BRASIL. **Decreto-lei n. 869**, de 12 de setembro de 1969. Dispõe sobre a inclusão da Educação Moral e Cívica como disciplina obrigatória, nas escolas de todos os graus e modalidades, dos sistemas de ensino do país, e dá outras providência. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto-Lei/1965-1988/Del0869impressao.htm>. Acesso em: 05 dez. 2015.

BRASIL. **Decreto-Lei n. 869**, de 12 de setembro de 1969. Dispõe sobre a inclusão da Educação Moral e Cívica como disciplina obrigatória, nas escolas de todos os graus e modalidades, dos sistemas de ensino do país, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto-Lei/1965-1988/Del0869impressao.htm>. Acesso em: 05 dez 2015.

BRASIL. **Decreto-lei n. 869**, de 12 de setembro de 1969. Dispõe sobre a inclusão da Educação Moral e Cívica como disciplina obrigatória, nas escolas de todos os graus e modalidades, dos sistemas de ensino do país, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto-Lei/1965-1988/Del0869impressao.htm>. Acesso em: 05 dez 2015.

BRASIL. **Decreto-Lei n. 972** de 17 outubro 1969. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del0972.htm. Acesso em: 14 set 2015.

BRASIL. **Decreto-Lei n. 972**, de 17 de outubro de 1969. Dispõe sobre o exercício da profissão de jornalista. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto-Lei/Del0972.htm#art4§2>. Acesso em: 30 nov 2015.

BRASIL. Disponível em: www.brasil.gov.br Acesso em: 14 jan 2015.

BRASIL. **Lei n. 5.692** de 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/leis/L5692.htm> Acesso em: 20 jul.1915.

BRASIL. **Lei n. 7.360**, de 10 de setembro de 1985. Altera dispositivos do Decreto-lei 972, de 17 de outubro de 1969. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L7360.htm#art1>. Acesso em: 30 nov. 2015.

BRASIL. **Lei n. 8.663**, de 1993. Revoga o Decreto-Lei nº 869, de 12 de dezembro de 1969, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/1989_1994/L8663.htm#art1>. Acesso em: 05 dez 2015.

BRASILEIROS. Disponível em: <http://brasileiros.com.br>

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. 2005.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: história e imagem. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

BUSETTO, Áureo. Em busca da caixa mágica: o Estado Novo e a televisão. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 27 n. 54, 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882007000200010&lng=es&nrm=1&tlng=pt>. Acesso em: 06. jan 2016.

CALHAU, Elânia. Entrevista concedida à pesquisadora em 2015.

CAMARGO, Marilena A. Jorge de. **“Coisas Velhas”**: Um percurso de investigação sobre cultura escolar (1928-1958). São Paulo: Editora UNESP, 2000.

CAMPOS, Idalina Martinez. Entrevista concedida à pesquisadora em 2015.

CAPES. **Banco de Teses**. Disponível em: www.bancodeteses.capes.gov.br

CAROS OUVINTES. **Audioteca**. Disponível em: <http://www.carosouvintes.org.br/categoria/audioteca/> Acesso em: 12 jan 2015.

CARVALHO, Maria Nazaré de. Entrevista concedida à pesquisadora em 2010; 2014; 2015.

CARVALHO, Nazaré. Fotografias do acervo de Nazaré Carvalho.

CASKEY, Clara Angélica Porto. Entrevista concedida à pesquisadora em 2015.

CAVALCANTE, Ilane Ferreira; MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. **Amor e sexualidade na Revista Realidade nas décadas de 1960 e 1970**. Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) 2002. Disponível em: <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema5/0533.pdf>>. Acesso em: 14 set 2015

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro, - RJ: Berthan Brasil, 1990.

CHARTIER, Roger. **A História ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

COLÉGIO DOM JOSÉ THOMAZ. **Dossiê escolar de Nazaré Carvalho**, Curso Pedagógico.

COLÉGIO DOM JOSÉ THOMAZ. **Fotografia do acervo do Colégio Dom José Thomaz**.

COLHENDO HISTÓRIAS. Disponível em: <http://colhendohistorias.blogspot.com.br/2014/06/capelinha-de-melao-e-de-sao-joao-e-de.html> Acesso em: 20 jun 2015.

CONCEIÇÃO, Joaquim Tavares da. **A pedagogia de internar**: uma abordagem das práticas culturais do internato da Escola Agrotécnica Federal de São Cristóvão, - SE (1934-1967). Dissertação (Mestrado em Educação)- . Universidade Federal de Sergipe (UFS), 2007.

CORREIA, Maria Clara Izabel Contreira. Entrevista concedida à pesquisadora em 2015.

CORSARO, Willian A. **Sociologia da Infância**. 2. ed. Porto Alegre, RS: Artemed, 2011.

COSTA, Luiz Eduardo. Entrevista concedida à pesquisadora em 2015.

CRUZ, Márcia Terezinha Jerônimo Oliveira. **Ritos, Símbolos e práticas formativas**: A Faculdade de Direito de Sergipe e sua cultura acadêmica (1950-1968) Tese (Doutorado em Educação)- Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED). Universidade Federal de Sergipe (UFS), 2014.

DANIEL FILHO. **O circo eletrônico-** Fazendo TV no Brasil, Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2001.

DANTAS, Ibarê. **A Tutela Militar em Sergipe 1964/1984.** Partidos e Eleições num Estado autoritário. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

DANTAS, Ibarê. **História de Sergipe** República (1889-2000), Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro LTDA., 2004.

DANTAS, Maria José. **“Escrever-te-ei...tu também me escreverás?** A escrita epistolar católica como prática docente: um olhar sobre Chiara Lubich e suas estratégias de formação”, Tese (Doutorado em Educação)-. Universidade Federal de Sergipe (UFS), 2014.

DEWEY, John. **Vida e Educação.** 10. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

DIAS, Maria da Conceição. Entrevista Concedida à pesquisadora em 2014.

DICIONÁRIO HISTÓRICO-BIOGRÁFICO DA PRIMEIRA REPÚBLICA- 1889-1930. (Org.) ABREU< Alzira Alves de. Editora: FGV. 2015. Disponível em:< https://books.google.com.br/books?id=vi2HCgAAQBAJ&pg=PT4796&lpg=PT4796&dq=o+que+era+a+feira+de+amostras+do+rio+de+janeiro?&source=bl&ots=-KapAyYQXj&sig=_kx8JfGbt2rSUB5igvDmFaz3xHI&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwiLj8_Oq53KAhVFDJAKHWYzBJgQ6AEIOjAH#v=onepage&q=o%20que%20era%20a%20feira%20de%20amostras%20do%20rio%20de%20janeiro%3F&f=false>. Acesso em: 9 jan 2016.

DICIONÁRIO LÉXICO. **Dicionário de Português.** 2009-2016. Disponível em:< www.lexico.pt>. Acesso em: 20 jun 2015.

DICIONÁRIO MPB. Disponível em: <http://dicionariompb.com.br/carequinha/dados-artisticos> Acesso em: 30 nov 2015.

DISCOS DO BRASIL. Disponível em: http://www.discosdobrasil.com.br/discosdobrasil/consulta/detalhe.php?Id_Musica=MU009520 Acesso em: 20 set 2016.

DUARTE, Lânia Maria Conde. Entrevista concedida à pesquisadora em 2016.

DUARTE, Lânia. **Jornal da Cidade**, Aracaju, SE, 01 a 06 mar. 1971. Lânia Sociedade, p.13.

DUARTE, Lânia. Sou agressiva, e daí?!..**Jornal da Cidade**, 17 a 23 maio 1971. Lânia Sociedade, p. 10.

DUARTE, Luciano. **Escritos diversos sobre educação e outros temas.** Aracaju: J Andrade, 2008.

EDSON. Edson e a fábula da TV. **Jornal da Cidade.** Aracaju, SE, 31 maio a 06 jun. 1971. Humor JC, p.3.

EDUCA BRASIL. Disponível em: www.educabrasil.com.br Acesso em: 14 jan 2015.

ENRIQUE TV. **O desenho do Pica Pau continua com boa**. Disponível em: <http://enriquetv.blogspot.com.br/2014/06/o-desenho-do-picapau-continua-com-boa.html>
Acesso em: 24 jun 2015.

FACEBOOK. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/1492964807596604/?fref=ts>

FARIAS, Kátia Cristina Fernandes. **As concepções das crianças sobre uma boa professora de Educação Infantil**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Ceará (UFC), 2012.

FASHION BUBBLES. **Como se vestir para uma festa dos anos 70**. Disponível em: www.fashionbubbles.com/festas-tematicas/como-se-vestir-para-uma-festa-dos-anos-70/

FERREIRA, Berta Weil Ferreira; FERREIRA, Lenira Weil. **História das Mulheres: o processo de identidades**. Pontifícia Universidade Católica (PUC) RS 2002. Disponível em: <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema5/0547.pdf>. Acesso em: 14 set 2015.

FERREIRA, Moura Reinaldo. Entrevista concedida à pesquisadora em 2015.

FIGUEIREDO, Ariosvaldo. A mulher na justiça. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, SE. 24 dez 1969, Fatos & Pessoas. p. 5.

FIGUEIREDO, Ariosvaldo. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, SE. 25 jun.1969. Carta do Rio-Dicionário crítico da vida diária. p. 2.

FIGUEIREDO, Ariosvaldo. Matriarcado. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, SE. 21 ago. 1969. p. 2.

FIGUEIREDO, Ellen Rose Fernandes. **A educação da 1ª infância: Escola Infantil Pública em Belo Horizonte (1908-1930)**. Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). 2015.
Disponível em: < <http://8cbhe.com.br/media/doc/98768fd8302d44a258d506c353795119.pdf> >.
Disponível em: 20 out 2015.

FIGUEIREDO, Ellen Rose Fernandes. **A educação da 1ª infância: escola infantil pública brasileira em Belo Horizonte (1908-1930)**. Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), 2015.

FIGUEIRÔA, Fábio Costa. **Uma análise dos vídeos do programa TV Escola**. Dissertação (Mestrado em Educação)- Núcleo de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe (UFS). São Cristóvão, 2004.

FONTES, Lígia. Entrevista concedida à pesquisadora em 2015.

FONTES, Lígia. Fotografias do acervo de Lígia Fontes.

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. **Educação, trabalho e ação política: sergipanas no início do século XX**. Tese (Doutorado em Educação)- UNICAP, Campinas, SP, 2003.

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. **Professoras sergipanas em busca de ascensão profissional: por entre táticas e estratégias (1960-1980)**. Universidade Federal de Sergipe (UFS), 2004. Disponível em: <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/Individ/Eixo5/354.pdf> >. Acesso em: 20 set 2015.

FREITAS, Anamaria Gonçalves de. **“Vestidas de azul e branco”**: um estudo sobre as representações de ex-normalistas. (1920-1950). São Cristóvão: Grupo de Estudos e Pesquisa em História da Educação/NPGED, 2003.

FREITAS, Daniele Gross de. Revista Linhas. História da Educação e fotografia: possíveis leituras do universo profissional feminino (São Paulo, primeira metade do século XX). **Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação**, Florianópolis, v. 12, n. 01, p. 131-153. jan./jun. 2011. Disponível em: <http://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/viewFile/1953/1728>. Acesso em: 20 set 2014.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006.

GAZETA DE SERGIPE, Aracaju, SE 12 jun 1971. p.1.

GAZETA DE SERGIPE, Aracaju, SE, 11 jun. 1971. p.1.

GAZETA DE SERGIPE, Aracaju, SE, 16 maio 1975. p.1.

GAZETA DE SERGIPE, Aracaju, SE, 1969, 1971, 1975.

GAZETA DE SERGIPE, Aracaju, SE, 30 jun. 1971. p.3.

GAZETA DE SERGIPE, Aracaju, SE. 11 mar. 1971. p.1.

GAZETA DE SERGIPE, Aracaju, SE. 30 maio 1971. p.1

GAZETA DE SERGIPE, Aracaju, SE. 31 dez.1969. p.4.

GAZETA DE SERGIPE, Aracaju, SE. 01 e 02 . jan 1969. Colégio Dom José Tomaz. p.6.

GAZETA DE SERGIPE, Aracaju, SE. 11 maio. 1971.p.1

GAZETA DE SERGIPE, Aracaju, SE. 11 mar. 1971. p.1.

GAZETA DE SERGIPE, Aracaju, SE. 20 maio 1971. p.1.

GAZETA DE SERGIPE, Aracaju, SE. 21 de ago. 1969. p.1.

GAZETA DE SERGIPE, Aracaju, SE. 22 fev.1969. Anúncio Cine Palace. p.5.

GAZETA DE SERGIPE, Aracaju, SE. 23 ago. 1969. p.1.

GAZETA DE SERGIPE, Aracaju, SE. 23 mar.1969. p.2.

GAZETA DE SERGIPE, Aracaju, SE. 24 dez. 1969. p.3.

GAZETA DE SERGIPE, Aracaju, SE. 28 ago.1969. p.1.

GAZETA DE SERGIPE, Aracaju, SE. 30 ago. 1969. p.4.

GAZETA DE SERGIPE, Aracaju, SE. 30 out 1969. p.2.

GAZETA DE SERGIPE, Aracaju, SE. 31 dez 1969. P2.

GAZETA DE SERGIPE, Aracaju, SE. 31. dez 1969. p.5.

GAZETA DE SERGIPE, Aracaju, SE. 31. Jul 1969. p.5.

GAZETA DE SERGIPE, Aracaju, SE. 31 mar. 1971. p.3

GAZETA DE SERGIPE, Aracaju, SE. 31 mar.1971. Suplemento. - Março. Tempo de Revolução.

GOES (F), Fátima. Entrevista concedida à pesquisadora em 2014.

GOES, Ana Lúcia. Entrevista concedida à pesquisadora em 2015.

GOMES, Carolina Chaves. **O ensino de música na Educação Infantil da cidade de Natal:** concepções e práticas docentes. Dissertação (Mestrado em Música)- Universidade Federal da Paraíba (UFPB), 2011.

GONÇALVES, G. Nádia. **Para além da reprodução:** possibilidades e contribuições de Bourdieu para a história da Educação. Universidade Federal do Paraná (UFPR), 2008. Disponível em: www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe5/pdf/952.pdf>. Acesso em: 20 set. 2015.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Vértice Editora dos Tribunais, 1990.

HORA, Fontes Gilvando. Entrevista concedida à autora em 2014.

HORTA, José Silvério Baía. **O hino, o sermão e a ordem do dia:** regime autoritário e educação no Brasil (1930-1945). Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.

INFANTV. “**Programas**”. Disponível em: www.infantv.com.br/alfab_prog.htm. Acesso em: 05 dez 2015.

INFANTV. **Flintstones**. Disponível em: <http://www.infantv.com.br/flintstones.htm>; Acesso em: 20 jun 2015.

INFANTV. **Jetsons**. Disponível em: <http://www.infantv.com.br/jetsons.htm> Acesso em: 20 jun 2015.

INFANTV. **Manda Chuva**. Disponível em: <http://www.infantv.com.br/mandachuva.htm>. Acesso em: 15 set 2015

INFANTV. **Pica Pau**. Disponível em: <http://www.infantv.com.br/picapau.htm> Acesso em: 25 jun 2015.

INFANTV. **Zé Comeia**. Disponível em: <http://www.infantv.com.br/colmeia.htm> Acesso em: 15 set 2016.

INFONET. **Marcos Cardoso**. Disponível em: <http://www.infonet.com.br/blogs/marcoscardoso/ler.asp?id=177109&titulo=marcoscardoso> Acesso em: 16 jun 2015.

ISAIAS, Creusa Perpétua. Entrevista concedida à pesquisadora em 2015.

JARDIM, Vera Lúcia Gomes. **A formação de professores para as práticas musicais do Jardim de Infância** – Prescrições, orientações e o ensino da música nas escolas normais de SP na 1ª República Pontifícia Universidade Católica (PUCSP). 2006. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe4/individuais-coautorais/eixo02/Vera%20Lucia%20Gomes%20Jardim%20-%20Texto.pdf>>. Acesso em: 10 set 2015.

JESUS, Wanderly Santana de. Entrevista concedida à pesquisadora em 2015.

JINGLE JÁ É HORA DE DORMIR (Encerramento das transmissões da TV Tupi nos anos 1950). Disponível em:< www.youtube.com/watch?v=k18y8GbS7bs>. Acesso em: 12 maio 2015.

JORNAL DA CIDADE, Aracaju, SE, 05 e 06 mar. 1972. p.3.

JORNAL DA CIDADE, Aracaju, SE, 12 e 13 mar. 1972. p.9.

JORNAL DA CIDADE, Aracaju, SE, 15 a 21 de fev. 1971. Tânia Sociedade, p.2.

JORNAL DA CIDADE, Aracaju, SE, 16 maio 1975. Arte & Show. p.9.

JORNAL DA CIDADE, Aracaju, SE, 16 maio 1975. p.1.

JORNAL DA CIDADE, Aracaju, SE, 17 maio 1975. Roteiro, p.9.

JORNAL DA CIDADE, Aracaju, SE, 18 e 19 maio 1975. p.1 e 3.

JORNAL DA CIDADE, Aracaju, SE, 1971, 1972, 1975.

JORNAL DA CIDADE, Aracaju, SE, 20 a 26 set. 1971. p.7.

JORNAL DA CIDADE, Aracaju, SE, 22 fev. 1972. Roteiro, p.3.

JORNAL DA CIDADE, Aracaju, SE, 22 fev. 1972. Roteiro. p.3.

JORNAL DA CIDADE, Aracaju, SE, 23 fev.1972. Roteiro, p.11.

JORNAL DA CIDADE, Aracaju, SE, 25 mar. 1972. Sociedade- Lânia. p. 6 e 7.

JORNAL DA CIDADE, Aracaju, SE, 26 abr. a 02 maio 1971. Gente- Myrtes Informa e Comenta, p.11

JORNAL DA CIDADE, Aracaju, SE, 31 maio a 06 jun. 1971, p.3.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 3. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

KOSSOY, Boris. **Os tempos da fotografia**: O efêmero e o Perpétuo. Cotia, /SP: Ateliê Editorial, 2007.

KOSSOY, Boris. **Realidade e ficções na trama fotográfica**. 4. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

LAMAS, Cristiane Giglio. **Desenho animado: entretenimento, ideologia e cultura de massa**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) Universidade de Sorocaba (UNISO) Sorocaba, 2012. Disponível em: http://comunicacaoecultura.uniso.br/prod_discente/2012/cristiane_giglio_lamas.asp>. Acesso em: 10 set. 2015.

LE GOFF, Jaques. **História e Memória**. 5. ed. Campinas: Editora UNICAMP, 2003.

LEIA E OPINE. Disponível em: <http://www.leiaeopine.com.br/2016/02/02/mudancas-no-mtb-de-jornalista/> Acesso em: 15 jun 2015.

LETRAS. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/cantigas-populares/983990/> Acesso em: 25 jun 2015

LETRAS. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/cantigas-populares/984006/> Acesso em: 25 jun 2016.

LETRAS. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/cantigas-populares/984009/> Acesso em: 26 jun 2015.

LIMA FILHO, João Luiz. **O Rádio em Aracaju**. TCC (Comunicação Social) Faculdade Tiradentes, 1991.

LIMA, Edileuza Aparecida; CASTRO, Rosane Michelli de; ARRUDA, Jeniffer de. **História da Educação Infantil no Brasil e Brincadeira: aspectos da constituição de um campo de estudos entre as décadas de 1990 e 2010**. Universidade Estadual Paulista (UNESP) Marília Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC). 2015. Disponível em:< <http://8cbhe.com.br/media/doc/81fd46bab1a0e01622332dc2cee651c9.pdf>>. Acesso em: 10 set 2015.

LIMA, Josailto; FREIRE, Edivânia; GOES, Cristian *et al.*, **Cinform Municípios**, Junho de 2002 História dos Municípios Vinhedo, SP: Globo Cochrane Gráfica e Editora, 2002.

LIMA, Maria do Socorro. **República, Política e Direito**. Representações do Trabalho Docente e a Trajetória de Carvalho Neto (1918- 1921). Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Sergipe (UFS), 2013.

LINHARES, Ronaldo Linhares. **A experiência do Vídeo Escola em Aracaju**. São Cristóvão: Núcleo de Pós-Graduação em Educação da UFS, 2003.

LINS, Flávio. Uma revista chamada Tupi: os primeiros anos da TV brasileira. **Revista Rumores**. Número 13. v. 8. Jan-Jun 2013. Disponível em: www.revistas.usp.br/Rumores/article/viewFile/58935/61918> Acesso em: 20 jun 2014.

LINS, Jorge. Entrevista concedida à pesquisadora em 2014.

LOPES, Marluce de Souza. Entrevista concedida à pesquisadora em 2014.

LORÊDO, João. **Era uma vez... a televisão**. São Paulo: Alegro, 2000.

MACHADO (S), Sônia Maria. Entrevista concedida à pesquisadora em 2015.

MACHADO, Rinaldo Santos. Entrevista concedida à pesquisadora em 2015.

MAGALHÃES, Terezinha de Jesus Araújo. **Memória, história oral e narrativa: o encontro do possível na multiplicidade de pontos de vista.** Universidade Federal do Piauí (UFPI). 2013. Disponível em:< <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe7/pdf/03-%20FONTES%20E%20METODOS%20EM%20HISTORIA%20DA%20EDUCACAO/MEMORIA%20HISTORIA%20ORAL%20E%20NARRATIVA.pdf>>. Acesso em: 20 set 2015.

MARIA, Lara. **50 anos de televisão: um inventário da Programação Infantil.** Anais do 1º Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho- Rede Alcar. Associação Brasileira de Pesquisadores da História da Mídia. 1 a 5 de junho de 2003. Disponível em:< <https://plone.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/1o-encontro-2003-1>>. Acesso em: 10 jun 2015.

MARQUES, Mônica Luchese. **A ação pedagógica-musical na Educação Infantil: um estudo de caso com uma professora de música.** Dissertação (Mestrado em Música)-. Universidade de Brasília, 2011.

MARTIRES, José Genivaldo. **A representação Feminina na trajetória intelectual da professora Maria Lígia Madureira Pina.** Universidade Federal de Sergipe (UFS). 2015. Disponível em:< <http://8cbhe.com.br/media/doc/93191a6bc81b054d49a7b98f44422049.pdf>>. Acesso em: 20 ago 2015.

MATOS, Sérgio. **História da Televisão Brasileira.** Petrópolis:Vozes, 2002.

MEIHY, José Carlos Sebe B; HOLANDA, Fabíola. **História Oral: como fazer, como pensar.** São Paulo: Editora Contexto, 2011.

MELINS, Murillo. **Aracaju romântica que vi e vivi: anos 40 e 50.** 2 ed. Aracaju: UNIT, 2001.

MELO (R), Ronaldo Moreira de. Entrevista concedida à pesquisadora em 2015.

MELO, Auxiliadora. Entrevista concedida à pesquisadora em 2015.

MELO, Sônia Pinto Albuquerque; FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. **Instituto de Educação Rui Barbosa- IERB: Feminização do magistério em Sergipe (1911 – 1969).** Universidade Federal de Sergipe – UFS 2008. Disponível em:< http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe_2008/pdf/207.pdf>. Acesso em: 06 jun 2015.

MEMÓRIAS DA DITADURA. **Três documentários para entender a ditadura.** Disponível em: www.memoriasdeditadura.org.br/tres-documentarios-para-entender-a-ditadura/ Acesso em: 05 out 2015.

MENDES, Carlos. **A fonte do Itororó.** Disponível em: www.novomilênio.inf.br. Acesso em: 10 set. 2015.

MENDONÇA, José Carlos. Entrevista concedida à pesquisadora em 2015.

MENEZES, Maria do Carmo de Oliveira. Entrevista concedida à pesquisadora em 2015.

MIRANDA, Múcio. Entrevista concedida à pesquisadora em 2015.

MONTALVÃO (L), Larissa. Entrevista concedida à pesquisadora em 2015.

MONTALVÃO, José Alberto Rosa. Entrevista concedida à pesquisadora em 2015.

MONTEIRO, Rísia Rodrigues Silva; CONCEIÇÃO, Joaquim Tavares da Conceição. **Nazaré Carvalho e a Educação Infantil na TV Sergipana (1971- 1976)**. Universidade Federal de Sergipe (UFS), 2015. Disponível em:< <http://8cbhe.com.br/media/doc/f3d7f9abdf70477d3bd8ddcbe8de4f4.pdf>>. Acesso em: 06 jun 2015.

MORAIS, Fernando. **Chatô O rei do Brasil, a vida de Assis Chateaubriand**. São Paulo: Companhia da Letras, 1994.

MORGADO, Fernando. **Como nasceu o indiozinho da Tupi?** Almanaque Fernando Morgado.- Televisado. 2008. p.35. Disponível em: https://books.google.com.br/books/about/Almanaque_Fernando_Morgado_Televisado.html?id=11sjDIBaqqIC&redir_esc=y>. Acesso em: 1 dez 2014.

MUNDO ESTRANHO. **Por que todo mundo usava peruca na Europa nos séculos XVII e XVIII**. Disponível em: <http://mundoestranho.abril.com.br/materia/por-que-todo-mundo-usava-peruca-na-europa-dos-seculos-xvii-e-xviii>. Acesso em: 19 ago 2015.

MUNIZ, Diva de Couto Gotijo. **Gênero e educação:** corpos e comportamentos modelados em formas civilizadas e forjas generalizadas. Universidade de Brasília (UnB). 2002.

MUNIZ, Diva do Couto Gotijo. **Gênero e Educação:** corpos e comportamentos modelados em formas civilizadas e forjas generalizadas. Universidade de Brasília (UNB), 2002. Disponível em: <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema5/0519.pdf>>. Acesso em: 10 jul 2015.

MUSEU DA TV. Disponível em: <http://www.museudatv.com.br/institucional/> Acesso em: 15 jun 2015

NABUCO, Luíza. Entrevista concedida à pesquisadora em 2014.

NASCIMENTO (F), Fabiana Maria Ramos. Entrevista concedida à pesquisadora em 2015.

NASCIMENTO (N), Nicolina Gonzaga de Oliveira Souza. Entrevista concedida à pesquisadora em 2015.

NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do; NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **Os camaristas:** contribuição à história do poder Legislativo de Aracaju (1855-2012). Aracaju: Criação, 2012.

NASCIMENTO, Eugênio Bispo do. Entrevista concedida à pesquisadora em 2015.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **Historiografia Educacional Sergipana:** uma crítica aos estudos de História da Educação. São Cristóvão: Editora UFS, 2003.

NOGUEIRA, Monique Andries. A música no desenvolvimento da criança. **Revista da UFG-** Ano VI, n. 2, de 2003 on line.2004. Disponível em: < <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/viewFile/1276/945>>. Acesso em 05 nov 2015.

NOGUEIRA, Rosemeire Messa de Souza. **A educação Infantil no Brasil (1870-1920)**. Universidade Federal de Grande Dourados (UFGD), 2011. Disponível em:<

<http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe7/pdf/04-%20HISTORIA%20DA%20EDUCACAO%20DAS%20CRIANCAS-%20JOVENS%20E%20ADULTOS%20NO%20BRASIL/A%20EDUCACAO%20INFANTIL%20NO%20BRASIL.pdf>>. Acesso em: 20 nov 2015.

NORONHA, Tânia. **Jornal da Cidade**, Aracaju, SE, 02 e 03 Abr. 1972. Mulher. p.8.

NUNES (M), Maria Lourdes Gonçalves. Entrevista concedida à pesquisadora em 2015.

NUNES (N), Newton. Entrevista concedida à pesquisadora em 2015.

NUNES (S), Saulo Coelho. Entrevista concedida à pesquisadora em 2015

NUNES, Affonso Henriques da Silva Real. **A Educação informal para o consumo infantil e juvenil na televisão e na mídia**. Tese (Doutorado em Educação)- . Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), 2011.

NUNES, Andrea Karla Ferreira. **Curso de TV na escola e os desafios de hoje** – sua materialização em Sergipe. Dissertação (Mestrado em Educação)- . Universidade Federal de Sergipe (UFS). São Cristóvão: Núcleo de Pós-Graduação em Educação da UFS, 2003.

NUNES, Iran de Maria Leitão. **Gênero e mulheres nos Congressos Brasileiros de História da Educação**. Universidade Federal do Maranhão (UFMA). 2013. Disponível em:< <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe7/pdf/07-%20HISTORIA%20DAS%20INSTITUICOES%20E%20PRATICAS%20EDUCATIVAS/GENERO%20E%20MULHERES%20NOS%20CONGRESSOS%20BRASILEIROS%20DE%20HISTORIA.pdf>>. Acesso em: 06 jun. 2015.

NUNES, Maria Auxiliadora Alves. Entrevista concedida à pesquisadora em 2014.

NUNES, Ronaldo Linhares. **A experiência do vídeo escola em Aracaju**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Sergipe (UFS). São Cristóvão, 1997.

OLIVEIRA (M), Maricelma. Entrevista concedida à pesquisadora em 2015.

OLIVEIRA SOBRINHO, José Bonifácio de. **50 Anos de TV no Brasil**. São Paulo: Globo, 2000.

OLIVEIRA, Dianni Pereira de. **Desenhos animados e desenhos infantis: relações de experiência e memória**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), 2012. Disponível em:< http://portais4.ufes.br/posgrad/teses/tese_5980_DISSERTA%C7%C3O%20DIANNI%202012.pdf>. Acesso em: 12 set. 2015.

OLIVEIRA, Flávio Couto e Silva. **A infância na pauta da República: moralidade, civismo e eugenia nas canções escolares em Minas Gerais na 1ª metade do século XX**. 2004. Disponível em:< <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/Individ/Eixo4/118.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2015.

OLIVEIRA, Ligia Maria. Entrevista concedida à pesquisadora em 2015.

OLIVEIRA, Nayra Alves de. **A Faculdade de Educação da Universidade Federal de Sergipe (1967-1971): origens e contribuições**. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Sergipe (UFS). 2011.

OLIVEIRA, Rosângela Silva; BITTENCOURT JÚNIOR, Nilton Ferreira. **A fotografia como fonte de pesquisa em História da Educação:** usos, dimensão visual e material, níveis e técnicas de análise. Universidade Federal do Rio Grande do Norte – (UFRN) e Centro Federal de Educação Tecnológica – (CEFET)- MG .2011. Disponível em:< <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe7/pdf/03-%20FONTES%20E%20METODOS%20EM%20HISTORIA%20DA%20EDUCACAO/A%20FOTOGRAFIA%20COMO%20FONTE%20DE%20PESQUISA%20EM%20HISTORIA%20DA%20EDUCACAO.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2015.

ORIANE, Valéria Pall. **As mulheres e o magistério:** algumas contribuições para história da Educação. Universidade Estadual Paulista – (UNESP) Marília. 2011. Disponível em: <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe7/pdf/05-%20HISTORIA%20DA%20PROFISSAO%20DOCENTE/AS%20MULHERES%20E%20O%20MAGISTERIO.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2015.

OUVIR MUSICA. **Genival Lacerda.** Disponível em: <https://www.ouvirmusica.com.br/genival-lacerda/1816300/> Acesso: 12 jun. 2015

PAIXÃO, Cândida Gomide. **O uso da fotografia como fonte para o estudo da História da infância.** Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).2002. Disponível em:< <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema3/0318.pdf>>. Acesso em: 10 out 2015.

PAULA, Luisa Marques de. **Um intelectual e sua trajetória:** contribuições do estudo sobre Aureliano Pires, seus escritos e suas memórias para a história da Educação de Minas Gerais- (1878- 1936). Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), 2013. Disponível em:< <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe7/pdf/08-%20IMPRESSOS-%20INTELECTUAIS%20E%20HISTORIA%20DA%20EDUCACAO/UM%20INTELECTUAL%20E%20SUA%20TRAJETORIA%20CONTRIBUICOES%20DO%20ESTUDO.pdf>>. Acesso em: 10 out 2015.

PEREIRA, Rita Maria Ribes. TV e criança. O que é infantil nos programas infantis? In: **Debate:** Televisão, gêneros e linguagens. Salto para o futuro. Boletim 10, junho, p.37-44, 2006. Disponível em www.tvescola.mec.gov/tve/salto>. Acesso em: 10 jul 2015.

PERROT, Michelle. **Mulheres Públicas.** São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

PINTO, Mônica Andrea Oliveira Novaes. **Prof. José Sebastião dos Santos:-** Uma história de vida. Folder institucional. Sem data.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. In: **Estudos Históricos.** Rio de Janeiro. v. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

PORTAL COMUNIQUE-SE. Disponível em: <http://portal.comunique-se.com.br>

PORTAL IMPRENSA. Disponível em: www.portalimprensa.com.br

PRADO, Alessandra Elizabeth Ferreira Gonçalves. **O movimento das ideias pedagógicas na educação infantil brasileira e sua apropriação (1964- 1996).** Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). 2015. Disponível em:< <http://8cbhe.com.br/media/doc/8021813d841fc3a1a14382dc776804df.pdf>>. Acesso em: 10 out 2015.

PROGRAMA ENTRE AMIGOS. **Apresentação de Ludwig Oliveira.** Aracaju, -SE. TV Cidade.2013. (16min.49). Disponível em:< <https://www.youtube.com/watch?v=57rVE8IfbLU>> Acesso em: 10 mar 2014.

RABASSI, Liliam Keidinez Bachete da Conceição. **Brincadeiras cantadas: uma intervenção pedagógica para a construção da estrutura rítmica binária.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Maringá (UEM), 2011.

RADIO CULTURA. Fotografia do acervo da Rádio Cultura.

RAMOS, Elda Martins. Entrevista concedida à pesquisadora em 2014.

RANKING BRASIL. Disponível em: www.rankingbrasil.com.br Acesso em 16 jan 2015.

REDE TUPI TV. **A memória do Brasil preservada.** Disponível em: www.redetupitv.blogspot.com. Acesso em: 20 jun 2105.

REDE TUPI TV. Disponível em: <http://redetupitv.blogspot.com.br> Acesso em: 12 fev 2016

REDE TUPI TV. Disponível em: www.redetupitv.blogspot.com. Acesso em: 20 jan 2015.

RELATÓRIO DA FACED/UFS I SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO DE SERGIPE. Arquivo do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de Sergipe (FS), 1969.

RETRO TV. **Gato corajoso e rato minuto.** Disponível em: <http://retrotv.uol.com.br/videos/gato-corajoso-e-rato-minuto> Acesso em: 20 set 2014.

RIBEIRO, Rosa Maria. **Música na Educação Infantil: um mapeamento das práticas pedagógicas musicais na rede municipal de ensino de Belo Horizonte.** Dissertação (Mestrado em Música). Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), 2012.

RODRIGUES, Rísia. Fotografias do acervo de Rísia Rodrigues.

ROMERO, Maria Helena Cicci. **A inserção do rádio educativo na modernidade brasileira: a universidade do ar em questão.** Universidade Federal de Uberlândia – (UFU) 2011. Disponível em:< <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe7/pdf/07-%20HISTORIA%20DAS%20INSTITUICOES%20E%20PRATICAS%20EDUCATIVAS/A%20INSERCAO%20DO%20RADIO%20EDUCATIVO%20NA%20MODERNIDADE.pdf>>. Acessado em: 10 set. 2015.

SÁ, Rozendo Aragão. Entrevista concedida à pesquisadora em 2015.

SÁ, Sebastião. **Linhas de Expressão.** Projeto experimental do curso de Radiojornalismo. Universidade Federal de Sergipe (UFS). 2007.

SAMPAIO, Mário Ferraz. **História do rádio e da televisão no Brasil e no mundo** (memórias de um pioneiro), 2. ed. Campo dos Goytacazes, Rio de Janeiro: FENORTE, 2004.

SANTANA (E), Eliane Passos. Entrevista concedida à autora em 2015.

SANTANA (M), Maria Idene. Entrevista concedida à pesquisadora em 2015.

SANTANA, (M. V) Márcia Virgínia de Oliveira. Entrevista concedida à autora em 2015.

SANTANA, Cleber. Entrevista concedida à autora em 2014.

SANTANA, Josineide Siqueira. “**Entre bordados, cadernos e orações:** a educação de meninas e as práticas no orfanato de São Cristóvão e na Escola da Imaculada Conceição. Dissertação (Mestrado em Educação)- . Universidade Federal de Sergipe (UFS), 2011.

SANTOS (E), Edwilma Araujo dos. Entrevista concedida à pesquisadora em 2015.

SANTOS (J), José Sebastião. Entrevista concedida à pesquisadora em 2015.

SANTOS (J), José. Entrevista Concedida à pesquisadora em 2015.

SANTOS (L), Luiz Carlos. Entrevista concedida à pesquisadora em 2015.

SANTOS (V), Valdeci Almeida. Entrevista concedida à pesquisadora em 2015.

SANTOS, Acival Gomes dos. Entrevista concedida à pesquisadora em 2015.

SANTOS, Ana Carolina Franco dos. **Vila Sésamo:** O contexto político e educacional das duas edições audiovisuais educativas brasileiras. Dissertação (Mestrado em TV Digital: Informação e Conhecimento)- Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC)- Universidade Estadual Paulista “Júlio mesquita Filho (UNESP), 2015. Disponível em: <http://repositorio.unesp.br/handle/11449/77020/browse?value=Santos%2C+Ana+Carolina+Franco+dos+%5BUNESP%5D&type=author>>. Acesso em: 10 ago. 2015.

SANTOS, Betisabel Vilar de Jesus. **Luzes e blecautes em cidades adormecidas:** a campanha nacional de educandários gratuitos no cenário educacional sergipano (1953/1957). São Cristóvão: Editora da UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2003.

SANTOS, Elias Souza. **Educação musical escolar em Sergipe:** uma análise das práticas da disciplina canto orfeônico na Escola Normal de Aracaju (1934-1971). Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de São Paulo, (USP), São Paulo, 2012.

SANTOS, Osmário. **Memórias de políticos de Sergipe no século XX.** Organização de Afonso Nascimento. Aracaju: Gráfica J. Andrade, 2002.

SANTOS, Patrícia Batista dos. **Amai a Pátria-** o ensino da disciplina escolar Moral e Cívica no Atheneu Sergipense. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Federal de Sergipe (UFS), 2012.

SANTOS, Sebastião. Televisão, rádio e educação. **Jornal da Cidade**, Aracaju, /SE, 24 mar. 1975, Especial. p.7.

SANTOS, Vera Maria dos; AMORIM, Simone Silveira. **O lugar do feminino no ensino de primeiras letras nos séculos XVIII e XIX.** Universidade Federal de Sergipe (UFS)/Universidade Tiradentes (UNIT)2011.Disponível em:< <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe7/pdf/05-%20HISTORIA%20DA%20PROFISSAO%20DOCENTE/O%20LUGAR%20DO%20FEMININO%20NO%20ENSINO.pdf>>. Acesso em: 10 set 2015.

SANTOS, Vilder. Entrevista concedida à pesquisadora em 2015.

SERGIPE. Divisão de Inspeção Escolar (DIEP-SEED/SE). **Dossiê escolar de Nazaré Carvalho**, Escola Normal, 1º ano Pedagógico.

SERGIPE. Divisão de Inspeção Escolar (DIESP-SEED/SE). **Dossiê escolar de Nazaré Carvalho**, Colégio Senhor do Bonfim.

SETTI, Ricardo. **Publicidade em flashback. Já é hora de dormir, não espere a mamãe mandar**. Disponível em:< www.veja.abril.com.br/blog/ricardo-setti/tema-livre/ja-e-hora-de-dormir-nao-espere-a-mamae-mandar/>. Acessado em: 25 jun 2015.

SHIAVONI, Jaqueline Esther. **Vinheta**: uma questão de identidade na televisão. Dissertação (Mestrado em Comunicação Midiática). Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita (UNESP). São Paulo. 2008. Disponível:< http://www.athena.biblioteca.unesp.br/exlibris/bd/bba/33004056081P4/2008/schiavoni_je_me_bauru.pdf>. Acesso em: 29 dez 2015.

SILVA (R), Raymundo Luiz da. Entrevista concedida à pesquisadora em 2015.

SILVA (S), Sergival. Entrevista concedida à pesquisa em 2015.

SILVA, Alexandra Cristina da. O **“X” da questão**: TV Xuxa e o desgaste dos programas infantis de auditório. TCC (Bacharelado em Comunicação Social), Universidade Federal de Juiz de Fora (UFRJ). 2007. Disponível em: <http://www.ufjf.br/facom/files/2013/04/AlexandraCristinadaSilva.pdf>>. Acesso em: 10 set 2015.

SILVA, Claudemir Dantes da. **Educação Infantil, família e civilidade**. Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). 2015. Disponível em:< <http://8cbhe.com.br/media/doc/97c23dfb236f090cbb01eb01725ab32c.pdf>>. Acesso em: 10 set 2015.

SILVA, Isa Eleonora Barreto. Entrevista concedida à pesquisadora em 2015.

SILVA, Isa Eleonora Barreto. **História, memória & Cidadania**: Câmara Municipal de Aracaju de 1964 a 2004. Aracaju: edição da autora, 2004.

SILVA, Michelle Pereira; INÁCIO FILHO, Geraldo. **Modernidade e educação feminina**: as construções históricas de uma educação negada. Universidade Federal de Uberlândia – (UFU) 2004. Disponível em:< <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/Individ/Eixo6/497.pdf>>. Acesso em: 15 set 2015.

SOBRAL, Terezinha de Carvalho. Entrevista concedida à pesquisadora em 2015.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO (SBHE). Disponível em: <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe7/pdf/07-%20HISTORIA%20DAS%20INSTITUICOES%20E%20PRATICAS%20EDUCATIVAS/GENERO%20E%20MULHERES%20NOS%20CONGRESSOS%20BRASILEIROS%20DE%20HISTORIA.pdf>

SOCORRO, Chico. **Radinho de pilha, o que aconteceu com ele?** o radinho de pilha foi lançado em 1954 nos Estados Unidos, e veio se popularizar, inclusive no Brasil, nas décadas de 60 e 70. Disponível em:< www.carosouvintes.org.br/radinho-de-pilha-o-que-aconteceu-com-ele/>. Acesso em: 28 jun 2015.

SOUZA, (J) José Renato de. Entrevista concedida à pesquisadora em 2015.

SOUZA, Adriana Maricato de. **Programas educativos de televisão para crianças brasileiras**: critérios de planejamento a partir das análises de Vila Sésamos e Rá Tim Bum.

Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) Universidade de São Paulo (USP), 2000. Disponível em: < <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27149/tde-24062005-181909/pt-br.php>>. Acesso em: 14 jun 2015.

SOUZA, Cristiane de Menezes de. Entrevista concedida à pesquisadora em 2015.

SOUZA, Luani de Liz e; COELHO, Juçara Eller. **Fotografias escolares: uma leitura da *Hexis* corporal da juventude na educação profissional.** Universidade do Estado de Santa Catarina – UDSC/ Instituto Federal de Santa Catarina – (IFSC)-CS. 2013. Disponível em: < <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe7/pdf/07-%20HISTORIA%20DAS%20INSTITUICOES%20E%20PRATICAS%20EDUCATIVAS/FOTOGRAFIAS%20ESCOLARES.pdf>>. Acesso em: 10 set 2015.

SOUZA, Marco Aurélio Cardoso. **As cantigas de roda da Creche Jardim Felicidade – cenário vivo para o ‘exercício do olhar’ – um estudo autoetnográfico.** Dissertação (Mestrado em Música)- Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)- Escola de Música, 2011.

STRANG, Bernadete de Lourdes Streisky. **Intelectuais na imprensa: contrastes, ideologias e significações nas crônicas de educação de Cecília Meireles.** Pontifícia Universidade Católica – (PUC Rio). 2006. Disponível em: < <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe4/individuais-coautorais/eixo06/Bernadete%20de%20Lourdes%20Streisky%20Strang%20-%20Texto.pdf>>. Acesso em: 10 set 2015.

TERRAS SERIGY. **Goiabinha.** Edição de Dida Araújo e Fernando Petrônio. Aracaju, SE.TV Sergipe. 2014. DVD (15min50).

THOMPSON, E. P. **A miséria da Teoria ou um planetário de erros.** Uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TOSTES, Octavio. **A cor do milagre: o advento da TV em cores no Brasil do regime militar.** Dissertação (Mestrado em História). Universidade de São Paulo (USP), 2013. Disponível em: < <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-14112013-110528/pt-br.php>>. Acesso em: 21 out. 2015.

TUDO SOBRE TV. **Anos 50- A História da Televisão no Brasil.** Disponível em: www.tudosobretv.com.br/histortv/tv50.htm Acesso em: 20 jun 2015.

TUDO SOBRE TV. Disponível em: www.tudosobretv.com.br/histortv/tv50.htm

TV ALESE. *Programa Livre Expressão.* Apresentação Rísia Rodrigues. Aracaju, -SE. TV Alese 2010. DVD.30 min.

TV EXCELSIOR. Vinhetas. Disponíveis em: <http://www.bing.com/images/search?q=vinhetas+da+TV+Excelsior&view=detailv2&id=79652492205F5B5AF82DBA65150D9BDC0DFCBD78&selectedindex=5&ccid=%2FaIa%2BAZG&simid=608043172305439194&thid=OIP.Mfda21af8064689d626681be8ccc68df2o0&mode=overlay&first=1> Acesso em: 22 de Out. 2015.

TV SERGIPE. – **35 ANOS - Nossa História.** Direção, Roteiro e Edição de Dida Araújo; Coordenação de produção de Fernando Petrônio; Direção de imagem de Humberto Alves. Aracaju, -SSE. Núcleo de Produções Especiais da TV Sergipe. 2006. DVD (88min).

TV SERGIPE. Fotografias *Print Screen* DVD TV Sergipe, 2006.

TV SERGIPE. Terras Serigy. Fotografia *Print Screen* DVD Terras Serigy, 2014.

VAGALUME. Disponível em: www.vagalume.com.br

VALADARES, Ana Luiza Dortas. Entrevista concedida à pesquisadora em 2015.

VALENÇA, Cristina Almeida. **Educação feminina na escola Normal**: entre normas e práticas. Aracaju. Universidade Federal da Bahia (UFBA) 1900-1932. 2002. Disponível em: <<http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema5/0515.pdf>>. Acesso em: 14 set. 2015.

VALENÇA, Ivan Macêdo. Entrevista concedida à pesquisadora em 2015.

VALENÇA, Ivan Macêdo. Seminário revela números da educação. **Gazeta de Sergipe**, Aracaju, SE. 24 ago. 1969. p.5.

VASCONCELOS, Elito. Entrevista Concedida à pesquisadora em 2016.

VEJA evolução do salário mínimo desde sua criação já 70 anos. 2011. Disponível em: <http://g1.globo.com/economia/noticia/2011/02/veja-evolucao-do-salario-minimo-desde-sua-criacao-ha-70-anos.html>>. Acesso em: 05 nov.2015.

VIEIRA, Glady de França; PAIVA, Marlúcia Menezes de. **O papel da professora-locutora das escolas radiofônicas da arquidiocese de Natal (1958-1960)** Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), 2002. Disponível em: <<http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema2/0211.pdf>>. Acesso em: 14 set. 2015.

VIEIRA, Jeanne. Entrevista concedida à pesquisadora em 2015.

VILELA, Ieda Maria Leal. **Ofenísia Soares Freire**: professora, escritora e jornalista sergipana – uma intelectual da Educação (1941-1966). Universidade Federal de Sergipe (UFS). 2011. Disponível em: http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe6/anais_vi_cbhe/conteudo/res/trab_1354.htm>. Acesso em: 14 set. 2015.

ENTRETENIMENTO R7. Disponível em: www.entretenimento.r7.com/jovem/noticias/

XAVIER, Ricardo Rixa; SACCHI, Rogério. **Almanaque da TV**- 50 anos de memória e informação. Rio de Janeiro: Editora Objetiva. 2000.

YOUTUBE. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=20BZCG-L8M0> acesso em: 15 jan 2015.

YOUTUBE. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=k18y8GbS7bs>